

Astrid Nilsson Sgarbieri 7/16

**INTERAÇÕES HOMEM - MULHER:
LINGUAGEM, COGNIÇÃO SOCIAL E PODER**

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Astrid Karin Elisabeth
Billy Nilsson Sgarbieri

e aprovada pela Comissão Julgadora em
25, 08, 94.

Ingedore G. Villaça Koch
PROFA. DRA. INGEDORE G.V. KOCH

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de Doutor em
Ciências (Linguística) à Comissão Julga-
dora do Departamento de Linguística do
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas, sob
a orientação da Profa. Dra. Ingedore G. *Grünfeldt*
Villaça Koch. †

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

1994

COMISSÃO JULGADORA

Fredson G. Silva

W. B. Abreu

[Signature]

[Signature]

[Signature]

" Também disse Deus: Façamos o
homem à nossa imagem, conforme
a nossa semelhança; ...
Criou Deus, pois o homem
à sua imagem, à imagem de Deus
o criou; homem e mulher os criou..."
Gn.1: 26 e 27

" Disse mais o Senhor Deus:
Não é bom que o homem esteja só:
far-lhe-ei um auxiliadora que seja idônea."
Gn. 2: 18

"Ainda que eu fale a língua dos
homens e dos anjos, se não tiver
amor, serei como o bronze que soa,
ou como o címbalo que retine" ...
1 Cor. 13:1

À minha família:

Vavá, esposo e companheiro que, em silêncio, me apoiou;
Ricardo, filho e amigo, que me incentivou;
Ursula, nora e amiga, que me encorajou;
Karina, minha neta querida, que veio ao mundo e provou
que vale a pena lutar por um ideal.

AGRADECIMENTOS

A DEUS pelo dom da vida.

À Profa. Dra. Ingedore V. Koch, pela orientação constante e pelos conhecimentos transmitidos com paciência, segurança e dedicação, contribuindo de forma decisiva para a conclusão deste trabalho. À Inge, amiga que nas dificuldades me incentivou e comigo das alegrias compartilhou.

Ao Prof. Dr. L.C. Cagliari, pela orientação segura e paciente que permitiu a elaboração do capítulo sobre Prosódia. Ao Cagliari, pela dedicação a este trabalho.

À Profa. Dra. Marisa Lajolo, pelos comentários e correções feitas ao projeto e durante este trabalho. À Marisa, pelo incentivo e amizade durante minha passagem pelo IEL.

À Profa. Dra. M. Bernadette Abaurre, pelas sugestões feitas na qualificação do projeto de tese.

Ao Prof. Dr. J. Wanderley Geraldi, pela sugestões feitas na elaboração desta tese.

À Profa. Dra. Tânia M. Alkmin, pelas discussões sobre sociolinguística.

À Profa. Dra. M.Cecilia P.Sousa e Silva, pelo interesse demonstrado pela minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. T.van Dijk, pelas sugestões para análise dos dados.

Ao Prof. Dr. L.A. Marcuschi e à Profa.Dra. Judith Hoffnagel, pelas sugestões feitas ao projeto inicial.

Ao Prof. Carlos de Aquino Pereira, pelo apoio no processo deste trabalho.

À Mare, que me acompanhou durante as visitas na periferia.

Aos meus informantes que, embora no anonimato, foram os elementos essenciais permitindo que este tese fosse escrita.

Ao CNPq e à PUCCAMP, pelo apoio financeiro.

A todos que, de alguma forma, contrubuíram para que esta tese fosse escrita e defendida.

OBSERVAÇÕES

- Não usamos maiúsculas em início de períodos, turnos e frase.
- Fático: uhm.
- Números são escritos por extenso.
- Nomes próprios aparecem apenas as iniciais.
- Não indicamos as frases exclamativas com ponto de exclamação.
- Sinais podem aparecer combinados. Por exemplo: então:::... (alongamento e pausa).
- Não utilizamos sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto final, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.
- As variações dialetais e pessoais nas gravações foram neutralizadas pela ortografia, uma vez que este trabalho está voltado apenas a descrição fonológica.

RESUMO

Este trabalho visa a apontar, à luz de uma Análise Crítica do Discurso, as manifestações lingüísticas das ideologias dos grupos sociais dominantes, estabelecendo ligações entre o poder e o preconceito, de um lado, e suas representações na cognição social de outro lado. Tomamos como premissa básica o fato de que os preconceitos introjetados, compartilhados e legitimados socialmente se manifestam através do discurso.

Para este estudo foram feitas gravações, em audio, de interações face-a-face entre homens e mulheres e, também, depoimentos feitos separadamente. As gravações foram feitas em bairros da periferia e de classe média, na região de Campinas, com a permissão e conhecimento dos participantes. Os informantes, durante conversa informal, expressaram suas opiniões sobre o tema pesquisado - o fato de a mulher trabalhar fora de casa. Da periferia, utilizamos a conversa entre vinte e seis casais, e os depoimentos de quinze pessoas. Todos os informantes tinham baixo nível de letramento (apenas o primeiro grau). Da classe média, foram analisadas conversas entre vinte casais e seis depoimentos feitos separadamente. Todos os informantes tinham nível universitário.

Tendo como referencial as gravações, analisamos alguns elementos suprasegmentais prosódicos relacionados com os "scripts" sociais preconceituosos, introjetados socialmente e manifestos na linguagem. Com base em marcas lingüísticas, analisamos diferentes formas de manifestação do poder e, também, as estratégias usadas, pelos informantes, para preservação das faces.

A análise dos dados que compõem o corpus desta tese nos leva a concluir que o "script" socialmente construído e dominante na sociedade brasileira, especialmente na periferia, é uma visão preconceituosa do homem quanto ao trabalho da mulher fora de casa. Tal "script" preconceituoso, diretamente ligado ao poder que o homem acredita ter sobre a mulher em relação ao tema desta pesquisa, pode ser observado nas interações face-a-face e nos depoimentos, tanto na periferia como na classe média. As manifestações lingüísticas que permitiram observar tal preconceito foram: entoação ascendente ou tessitura mais alta, usada pelo homem para sinalizar sua postura diante da questão, hesitação e auto-repetição; auto-representação positiva do homem, que se apresenta como favorável ao trabalho da mulher fora de casa, para depois usando um operador argumentativo re-direcionar seu discurso e expressar seu preconceito (fala pública e fala privada); o uso de "disclaimers" para impor condições e/ou expressar concessões para que a mulher trabalhe fora; o "contar histórias" de casais que enfrentaram problemas devido ao fato da mulher trabalhar fora (esta técnica foi utilizada apenas na periferia) ; o uso de expressões modais, pelos homens para explicitar a detenção do poder.

Os homens apresentam justificativas ou desculpas semelhantes para que as mulheres permaneçam em casa. As marcas lingüísticas do poder são mais explícitas na periferia que no bairro de classe média. Concluímos que o "script" social dominante, relativamente ao trabalho da mulher fora de casa, está evoluindo, especialmente na classe média, onde alguns casais dividem as tarefas domésticas para que a mulher, como o homem, também possa se realizar profissionalmente.

INTERAÇÕES HOMEM- MULHER :
LINGUAGEM, COGNIÇÃO SOCIAL E PODER

1. Introdução	1
1.1. Objetivos	3
1.2. Metodologia	4
1.3. Caracterização do corpus	4
1.4. Delimitações	7
1.5. Estrutura da tese	8
2. Fundamentos	
2.1. Linguagem	9
2.2. Gênero	13
2.3. Face	18
2.4. Cognição Social	21
2.5. Poder	25
3. Marcas Lingüísticas	
3.1. Prosódia: sua importância na interação face-a-face	
3.1.1. Pressupostos teóricos	33
3.1.2. Amostra do corpus	47
3.1.3. Análise dos dados	
3.1.3.1. Interações na classe média	64
3.1.3.2. Interações na periferia	68
3.1.3.3. Elementos Prosódicos	73
3.1.3.4. Falas Paralelas	74

3.2. Marcadores Conversacionais e outras Marcas Lingüísticas	
3.2.1. Pressupostos teóricos	78
3.2.2. Análise dos marcadores selecionados:	
até, mesmo, inclusive	86
e, também, não só...mas também, tanto...como, além de, aliás, inclusive	88
desde que, se	91
mas, embora, agora	94
3.2.3. Repetição e Hesitação	108
4. Cognição Social	
4.1. Pressupostos teóricos	115
4.2. Análise dos dados	122
5. O Poder da/na linguagem	
5.1. Pressupostos teóricos	153
5.2. As mulheres e o Capital Simbólico	156
5.3. Análise dos dados	163
6. Conclusão	169
Bibliografia	172

INTERAÇÕES HOMEM-MULHER: LINGUAGEM, COGNIÇÃO SOCIAL E PODER

1. INTRODUÇÃO

Estudos sobre linguagem e sexo - diferenças e técnicas de dominação entre indivíduos de sexos diferentes - têm despertado o interesse de estudiosos no mundo todo, conforme atestam as relações bibliográficas de Thorne e Henley (1975) e, mais recentemente, de Thorne, Kramarae e Henley (1983), esta última ultrapassando duzentas páginas. Podemos afirmar, porém, que as investigações sobre linguagem e sexo só evoluíram nos últimos vinte anos, após o movimento feminista dos anos sessenta. As primeiras incursões no tema datam, no entanto, do começo deste século, com as observações de Jespersen (1922) sobre a linguagem das mulheres ocidentais. São os antropólogos que, nessa época, dão as contribuições mais expressivas sobre a questão, ao descreverem sociedades "exóticas" onde havia línguas distintas para homens e mulheres, não tendo sido, porém, explorado o significado social dessas diferenças (Bodine, 1975).

As investigações feitas nesta área refletiam, até certo ponto, a tendência lingüística, isto é, estudavam as estruturas independentemente de seu contexto de uso. Desta forma, muitos dos trabalhos sobre a relação entre linguagem e sexo preocupavam-se apenas em investigar diferenças na organização de determinadas estruturas da língua.

A variável sexo é incluída nos estudos de sociolinguística no início dos anos 70, com ênfase na produção lexical, estruturas sintáticas e produções fonéticas. Tais trabalhos, porém, estão ligados a estereótipos sobre a fala feminina de um modo geral.

A importância de se levar em consideração o aspecto social na interação homem/mulher tem sido enfatizada recentemente, ressaltando-se heterogeneidades não só em situações transculturais ou interétnicas, mas também dentro de um mesmo grupo social. Ênfase também é dada em tais estudos ao aspecto cultural da comunicação e aos sistemas de valores e de interpretação que determinam o funcionamento da interação verbal.

As pesquisas mais recentes sobre sexo e linguagem vêm sendo realizadas não em termos de variáveis isoladas, ou códigos abstratos, mas sim em contextos de uso real, nos quais são levados em consideração os papéis sociais, a noção de auto-estima, preservação da face e relações de poder.

Privilegiaremos, neste trabalho, não só interações face-a-face entre homem/mulher, onde poderemos observar, dentre outras questões, a negociação do poder, mas também depoimentos feitos separadamente.

Adotamos o ponto de vista de que é através do estudo da linguagem, à luz, de uma Análise Crítica do Discurso, que podemos capturar as ideologias dos grupos sociais, procurando estabelecer ligações entre a relação social, isto é, o poder e o preconceito, de um lado, e suas representações na cognição social e na comunicação, através do discurso, de outro lado. Para tal tomaremos como premissa básica o fato de que os preconceitos (no caso, homem/mulher) são adquiridos, ou melhor, introjetados, compartilhados e legitimados principalmente através do discurso. Preconceito, neste trabalho,

será considerado como uma opinião generalizada, compartilhada, entre os membros de um grupo social, e como forma de opressão usada sobre membros de outros grupos sociais.

1.1. OBJETIVOS

Tendo como referencial as gravações, em áudio, de interações face-a-face entre homens e mulheres, e também depoimentos feitos separadamente, em que os informantes responderam à pergunta de pesquisa "O que você acha da mulher trabalhar fora?", pretendemos com este trabalho, através da Análise Crítica do Discurso:

1. analisar como os scripts (modelos) cognitivos preconceituosos, introjetados socialmente, se manifestam na linguagem;
2. detectar, com base em marcas lingüísticas, as diferentes formas de manifestação do poder;
3. analisar as estratégias usadas para a preservação das faces com relação aos dois aspectos mencionados acima, nas interações e nos depoimentos;
4. analisar alguns elementos supra-segmentais prosódicos que estejam relacionados com os pontos levantados acima.

1.2. METODOLOGIA

Neste trabalho, de natureza qualitativa, o procedimento metodológico será o seguinte:

1. gravações em audio, na periferia de Campinas, de conversas entre homens e mulheres, ambos com baixo nível de escolaridade, bem como depoimentos feitos por eles separadamente;
2. gravações em audio, em bairro de classe média, de conversas entre homens e mulheres, ambos com nível de escolaridade universitária, bem como depoimentos feitos por eles separadamente;
3. transcrição das fitas;
4. análise do "corpus" com base no instrumental teórico.

1.3. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Os dados que compõem o corpus deste trabalho foram gravados em audio na periferia e num bairro de classe média na cidade de Campinas. Os informantes, em ambos os casos, foram escolhidos em função da receptividade para as gravações. Foram feitas um total de aproximadamente doze horas de gravação nos dois bairros. Para este estudo, utilizaremos trechos de aproximadamente duas horas, de gravações feitas na periferia, e três horas, no bairro de classe média.

Na periferia, enfrentamos dificuldades iniciais para efectuar as gravações, pois os informantes tinham dúvida ou até sentiam medo do que fariamos com o material gravado, julgando que poderia ser utilizado contra eles. Para dar prosseguimento às gravações, decidimos concentrar-nos em locais onde conhecêssemos pessoalmente um morador. As pessoas que nos apresentaram e indicaram as casas onde poderíamos coletar dados não participaram da gravações. Em alguns casos tais pessoas, nossas conhecidas, estavam presentes durante as visitas e gravações, porém sem participação.

Tanto as pessoas que facilitaram nossas visitas, como os informantes não tinham conhecimento da finalidade das gravações. Explicávamos, sempre, que nosso interesse era observar se os homens e mulheres falam de forma diferente e se as vozes também são diferentes. Desta forma, conversávamos com os casais sobre assuntos variados e de interesse geral para "quebrar o gelo" e, durante a conversa, perguntávamos: " O que vocês acham da mulher trabalhar fora ? "

Na periferia, conversamos com trinta e cinco casais, porém decidimos utilizar apenas vinte e seis gravações, uma vez que as nove remanescentes sofreram excessiva interferência de barulhos externos (crianças brincando, televisão, trânsito), impedindo uma transcrição clara das fitas. As gravações foram feitas em finais de semana, pois este era o momento em que podíamos conversar com o casal. Durante nossas visitas/conversas pudemos observar a casa onde os informantes moram, sendo que nos chamou a atenção o fato de que, nas famílias nas quais a mulher tem um emprego, os móveis eram de boa qualidade, além de possuírem eletrodomésticos como geladeira, aparelho de televisão. Isto não foi constatado, de um modo geral, nas casas das

famílias onde a mulher ficava cuidando apenas das tarefas do lar. Durante a conversa, em algumas casas onde as mulheres tinham emprego, foi-nos relatado que as tarefas do lar eram compartilhadas pelo casal.

Os casais entrevistados, com duas exceções, pertencem à faixa etária entre vinte e quarenta anos, o que os caracteriza em plena força de trabalho. Todos informantes têm baixo nível de letramento - isto é, apenas o primeiro grau. Ressaltamos que tanto a faixa etária como o nível de escolaridade não são variáveis relevantes para este estudo. É importante ressaltar que na periferia, em todos os casos, havia creche municipal com possibilidade de abrigar as crianças das famílias entrevistadas.

As gravações feitas no bairro de classe média também aconteceram em finais de semana, pelas mesmas razões que na periferia. Entrevistamos vinte e cinco casais, porém serão usadas apenas vinte gravações também pelos mesmos motivos que na periferia. Durante as visitas também falamos de assuntos de interesse geral, mas, para este estudo, como no caso da periferia, usaremos apenas os trechos que tratam do assunto de nossa pesquisa. Ressaltamos que todos os informantes (homem e mulher) têm nível universitário. Durante nossas conversas foi-nos dito que, com exceção de um casal, todos têm ajuda em casa - isto é, empregada, diarista ou babá.

Quanto aos depoimentos feitos por informantes da periferia, foram gravados em lugares públicos como bares ou roda de amigos. No bairro de classe média, as gravações de depoimentos foram feitas em residências e, em dois casos, num posto de gasolina.

1.4. DELIMITAÇÕES

A análise dos dados que compõem o "corpus" deste trabalho apresenta as seguintes delimitações:

1. A análise dos dados observará como as manifestações lingüísticas do poder e do preconceito se relacionam às representações sociais. Não pretendemos nos aprofundar no estudo da sociedade como um todo ou do poder "per se", bem como de teorias sociológicas que dele tratam;

2. A análise das manifestações lingüísticas dos modelos cognitivos e do preconceito, sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso, terá por objeto as respostas dadas à pergunta de pesquisa deste trabalho. Não nos propomos analisar outros tipos de modelos cognitivos, preconceitos ou manifestações de poder que possam estar presentes na sociedade como um todo. Não serão, tampouco, aprofundados aspectos psicológicos que possam surgir na interação.

3. A análise de elementos prosódicos de um recorte feito nas interações terá por objetivo relacioná-los com aspectos da cognição social, do poder e do preconceito. Não nos propomos fazer uma análise detalhada de todos os elementos prosódicos contidos nas gravações, já que a área de concentração deste trabalho é a Análise do Discurso.

1.5 ESTRUTURA DA TESE

Esta tese é composta de cinco capítulos, seguidos da conclusão e bibliografia. Complementa a tese um APÊNDICE com as transcrições das interações e dos depoimentos.

No primeiro capítulo, apresentamos a introdução, objetivos, metodologia, caracterização do corpus e delimitações deste trabalho.

O segundo capítulo encerra os fundamentos teóricos sobre linguagem, gênero, face, cognição social e poder que embasam este trabalho.

O terceiro capítulo constitui a análise de algumas marcas lingüísticas consideradas relevantes para este trabalho. Inicialmente abordamos os pressupostos teóricos de alguns aspectos da Prosódia, para posterior análise de uma amostra do corpus da tese. A seguir, após elencarmos alguns pressupostos teóricos sobre Marcadores Conversacionais, selecionamos e analisamos aqueles que julgamos relevantes para este trabalho. Logo em seguida, no mesmo capítulo, analisamos alguns casos de Hesitação e Repetição que julgamos relevantes nos dados do corpus.

O quarto capítulo constitui a análise de aspectos da Cognição Social. A análise dos dados é precedida da apresentação dos pressupostos teóricos que a fundamentam.

O quinto capítulo constitui a análise de algumas marcas lingüísticas de Poder. Como nos capítulos anteriores, a análise dos dados é precedida dos pressupostos teóricos.

2. FUNDAMENTOS

2.1. LINGUAGEM

O centro de interesse de grande parte das tendências lingüísticas, nas duas últimas décadas, tem sido deslocado da descrição de aspectos formais da língua como sistema para a descrição de como os indivíduos ou grupos fazem uso dessa mesma língua em situações concretas de interações. Torna-se importante, portanto, estudar o que tais pessoas fazem com a língua e também como elas se identificam através do uso dessa mesma língua como membros de um determinado grupo ou num certo contexto social.

A evidência do social na linguagem é colocada de forma explícita a partir das formulações introduzidas por Saussure (1916), o criador do estruturalismo, no início deste século. O autor, porém, ao conceber a língua como um produto acabado que se transmite de geração a geração, como algo pronto para ser adquirido, acaba tratando o social como a-histórico. Desta forma, ao separar a língua da fala, separa, também, o que é social do que é individual, ficando, portanto, o social à margem da atividade lingüística, como algo abstrato, ideal e autônomo. Em nosso trabalho, porém, o social representa parte integrante de uma abordagem crítica do estudo da linguagem - a Análise Crítica do Discurso.

Muitas foram as disciplinas que contribuíram para a elaboração de uma abordagem interdisciplinar do discurso, onde não apenas o estilo

discursivo, formas de endereçamento e aspectos modais são estudados sistematicamente, mas também há grande interesse nos contextos sociais, culturais e históricos em que a língua é usada. Lembramos aqui os trabalhos, nas últimas décadas, de sociolinguístas que ressaltaram a importância de serem valorizados fatores socio-históricos nos estudos das línguas, dentre eles os de Hymes (1964), sobre a etnografia da fala, que afirma estar esta sistematicamente localizada dentro de um contexto sociocultural.

É importante ressaltar que, na década de 70, sociólogos e etnógrafos já se interessam pelo estudo e análise de interações "naturais", tanto em situações formais como informais (Análise da Conversação). Os primeiros estudos nesta área se preocupam, porém, com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974). Estes trabalhos mostram que os textos orais são sistematicamente organizados, porém, deixaram de lado as interações assimétricas e privilegiaram apenas a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores.

Desde a última década tem havido uma preocupação acentuada com a relação linguagem - sociedade, oriunda principalmente do trabalho de Halliday (1978), um dos fundadores da lingüística sistêmica/funcionalista. Ao focar a linguagem como uma semiótica social, o autor propõe uma interpretação crítica do discurso. O autor fundamenta sua proposta nos trabalhos de Firth e Malinowski, que se interessam em investigar como as línguas funcionam em situações sociais - os contextos de situação.

Após aproximadamente duas décadas de pesquisas sobre interações orais e escritas, os estudos na década de 90 têm enfatizando a importância de

se levar em consideração, numa Análise do Discurso, as práticas sociais e as implicações da análise lingüística crítica nas mudanças sociais.

Os trabalhos atuais em Análise do Discurso se inserem numa área bastante diversificada, com uma ampla variedade de abordagens em diferentes disciplinas. Van Dijk (1985) faz um levantamento preciso e detalhado sobre o assunto. Baseando-nos em Fairclough (1992 a,b), podemos afirmar que as pesquisas feitas sobre discurso até o presente podem ser separadas em dois grupos, segundo a natureza das orientações sociais com relação à linguagem. Distinguimos, portanto, entre abordagens não-críticas e críticas.

As abordagens não-críticas descrevem as práticas discursivas, enquanto as abordagens críticas não apenas descrevem, mas também mostram como o discurso é influenciado (formatado), não só pelas relações de poder mas também pelas ideologias. Segundo Fairclough (1992 a,b), os participantes de uma interação não percebem como os efeitos construtivos do discurso influem na identidade e relações sociais e no sistema de conhecimento e crenças. Alguns exemplos de abordagens não-críticas de análise do discurso são, nos Estados Unidos, os trabalhos em análise da conversação e sobre o discurso terapêutico (Labov e Fanshel, 1977); e na Inglaterra, os primeiros trabalhos de Sinclair e Coulthard (1975) sobre o discurso em sala da aula.

As abordagens críticas incluem a "lingüística crítica" de Fowler et al (1979), o trabalho de Fairclough (1989, 1992 a,b), a linha francesa de análise do discurso de Pecheux, os estudos recentes sobre linguagem e gênero (Cameron, 1985, Coates et al., 1988, Tannen, 1990 b,c), os trabalhos

sobre preconceito e discurso, sobre as estruturas do discurso e do poder (van Dijk, 1984, 1985, 1987, 1989, 1992 b) para citar apenas alguns.

A Análise Crítica do Discurso (ACD doravante) é, segundo Fairclough (1992 b), uma abordagem no estudo da linguagem que associa a análise lingüística do texto (oral ou escrito) com uma teoria social do seu funcionamento, levando em consideração processos ideológicos e políticos. O autor critica a análise apenas lingüística por não levar em consideração os aspectos acima mencionados. Muito influenciaram na ACD as teorias sociais de Foucault, Bourdieu, Althusser e a teoria lingüística de Halliday. Para Fairclough, cada instância discursiva tem três camadas ou dimensões, a saber: o texto (oral ou escrito), a interação entre pessoas, envolvendo processos de produção e interpretação do texto, e finalmente ambos como parte de uma ação social. Desta forma, uma Análise Crítica do Discurso, segundo o autor citado, tem também três dimensões: descrição do texto, interpretação da interação e explicação de como as duas primeiras dimensões se inserem na ação social.

A descrição do texto envolve a análise de suas características formais. Um texto para Halliday (1978), é uma unidade semântica, não apenas gramatical, embora os significados se realizem através do sistema gramatical e do léxico.

A interpretação do texto leva em consideração os diferentes tipos de interações que ocorrem em contextos sociais, como por exemplo: entrevistas, palestras, consultas médicas, etc., e os vários tipos de discurso (médico, legal, científico, etc.).

A explicação do texto envolve a relação do discurso com as ações sociais, especificando aspectos políticos e ideológicos. Neste momento, ao colocarmos a interação dentro de uma matriz de ação social, são abordados aspectos como relações de poder, discriminação e preconceito.

2.2. GÊNERO

Neste trabalho, para analisarmos as manifestações linguísticas das relações de poder, de como veiculam discriminação e preconceito nas interações homem/mulher, parece-nos essencial levar em consideração a variável gênero - isto é, a construção social fundamentada no sexo. Como já mencionamos anteriormente, o interesse pelo estudo da relação entre discurso e sexo teve suas raízes em 1922. A princípio, tais estudos levavam em conta principalmente o aspecto antropológico. Segundo Kramer (1975), os primeiros trabalhos etnográficos enfocavam aspectos isolados da fala (ex. pronúncia, pronomes pessoais, etc.) em tribos exóticas.

Estudos relacionados com linguagem e sexo, até recentemente, preocupavam-se em investigar determinadas estruturas da língua. Encontramos nesta linha estudos sobre léxico, mostrando, por exemplo, que para a língua inglesa há um número muito maior de termos (na sua maioria derogatórios) para rotular mulheres do que para rotular homens (Stanley, 1977). Também sobre o assunto, em português, encontramos trabalhos de Leitão (1981) e de Souto Maior (1980). Ainda no Brasil, temos o trabalho de

Coulthard (1991) que examina a possibilidade de homens e mulheres empregarem variedades diferentes de uma mesma língua. Este trabalho aborda aspectos de fonologia, vocabulário, gramática, interação, trazendo também interessante bibliografia comentada.

Embora a variável sexo já tenha sido incluída nas pesquisas sociolingüísticas no início da década de 70, segundo Thorne, Kramarae e Henley (1983) apenas algumas diferenças entre a fala do homem e da mulher puderam ser testadas através de estudos, porém nem todos os estereótipos foram confirmados. Os autores citam como exemplo estudos feitos sobre o estereótipo de que as mulheres falam mais que os homens, o que se provou não ser verdadeiro em grupos mistos. Ficou provado, ao contrário, que em alguns casos, o oposto acontece - os homens falam mais que as mulheres.

Defendemos, aqui, a posição de que o estudo de interações homem/mulher não pode ater-se apenas às sentenças e suas estruturas de forma abstrata: torna-se necessário repensar a língua em situações reais e diversificadas. O interesse por um estudo com tal enfoque prende-se ao conceito de competência comunicativa proposto por Hymes (1972b), no qual são incorporados ao estudo da linguagem os fatores sociais e culturais. O mesmo autor enfatiza a importância de "situações , trocas e eventos" ao estudar interações, que devem ser encaradas como um fluxo de eventos comunicativos.

Ainda pensando a língua num contexto social, ressaltamos aqui os trabalhos de Gumperz (1982 a,b) relacionados com a etnografia da comunicação, que influenciaram não só a Análise da Conversação, mas também a sociolingüística interacional e os estudos pragmáticos de interação

verbal. Tais estudos se caracterizam pela ênfase dada ao aspecto cultural da comunicação e aos sistemas de valores e de interpretação que determinam o funcionamento da interação verbal - vista por ele como uma atividade necessariamente cooperativa.

Embora as pesquisas mais recentes sobre sexo e linguagem estejam sendo realizadas não em termos de variáveis isoladas, ou códigos abstratos, mas sim em contextos de uso real, ainda estão voltadas a aspectos da linguagem como interrupções, perguntas, falsos começos ou tópicos. Como exemplo, temos o trabalho de Fishman (1983), que analisou conversas espontâneas entre casais em suas residências e concluiu que, nessas situações, o controle esteve com os homens, porém que as interações tiveram êxito principalmente em função do trabalho das mulheres. West e Zimmerman (1983) analisaram padrões de interrupção em conversas homem/mulher em contextos naturais e experimentais, provando que os homens fazem um número maior de interrupções do que as mulheres em ambos os contextos.

No Brasil, encontramos os trabalhos de Hoffnagel e Marcuschi (1990) sobre o estilo feminino de interagir. As autoras concluem que não se pode definir um "estilo feminino" como um padrão rígido e organizado de estruturas lingüísticas ou estratégias, mas sim que se trata de uma "tendência feminina" de interagir.

Coates (1986) afirma em seu trabalho que, embora as diferenças de sexo sejam um assunto de interesse em nossa sociedade, não se tem levado em consideração que a maior parte das diferenças existentes são resultantes

de pressões sociais e não biológicas. Para a autora, tais diferenças estão altamente influenciadas por mitos culturais que absorvemos ao longo de nossas vidas.

Julgamos interessante mencionar que o termo "gender" (gênero - γένος ou ΓΕΝΟΣ) teve sua origem na Grécia, sendo sua criação atribuída ao sofista Protágoras (considerado o primeiro a estudar a gramática sistematicamente) com o significado de "classe" ou "tipo" . Como Protágoras denomina suas subclasses de nomes de "masculina", "feminina", e "neutra", a palavra gênero logo passou a significar "classe relacionada a sexo" . Após haver classificado os substantivos exclusivamente de acordo com critérios flexionais, o gramático grego alterou as flexões de alguns substantivos para que o gênero das palavras concordasse com o sexo do/a referente. Isto foi feito para que as classes se tornassem mais consistentes em relação ao sexo. Apesar dos esforços de Protágoras e seus sucessores, gênero permaneceu uma divisão da classe dos substantivos feita de acordo com critérios inflexionais e não biológicos.

Segundo Mattoso Câmara (1970), o termo sexo refere-se às diferenças físicas do mundo real - homem/mulher, e o termo gênero, às categorias gramaticais. Na extensa bibliografia comentada de Thorne et al. (1983), encontramos autores como Rubin (1975) que relatam uma diferença histórica em que sexo se refere a fenômenos biológicos, hormonais e de cromossomos, sendo que gênero se refere a fenômenos socioculturais. Coates (1986) usa o termo gênero para descrever as categorias socialmente construídas e baseadas em sexo. Lembra a autora que, gramaticalmente, a palavra gênero refere-se a classes de palavras (masculino, feminino e

neutro), sendo que o termo sexo, em se tratando de linguagem, foi e continua sendo usado por sociolinguistas que se dedicam a estudos de co-variação.

Neste trabalho, ao pensarmos a língua como um dos meios pelos quais os indivíduos se localizam num espaço social, e que a diferença de gênero na linguagem não existe no vácuo, mas sim como parte de um complexo de diferentes variáveis sociais, usaremos o termo gênero ao nos referirmos aos papéis sociais masculino e feminino representados pelos participantes das interações homem/mulher.

Simone de Beauvoir, em seu livro "The Second Sex", expressa, com propriedade, o aspecto essencial da questão: "Não nascemos mulheres, mas nos tornamos mulheres". Embora a autora use o termo sexo, já aponta para o fato de que este não designa apenas o aspecto biológico. É, porém, a partir do movimento feminista que sexo passa a ser usado no sentido biológico, sendo gênero usado para referir um atributo socialmente construído, abrangendo atitudes e comportamento. Desta forma, gênero, e não sexo no sentido biológico, faz parte de uma variável contínua. Ao nos referirmos à sociedade, segundo Graddoll e Swann (1989), como sendo "sexista", queremos dizer que a divisão homem/mulher representa papel importante dentro da sociedade, podendo trazer consequências sociais, econômicas e políticas. Os homens, as mulheres, os meninos e as meninas são tratados de forma sistematicamente diferente, o que não é passível de ser explicado apenas através de fatores biológicos, mas sim envolve acima de tudo relações sociais.

2.3. FACE

Inserida na macro-visão das relações sociais, encontramos a interação face-a-face, a qual entendemos, neste trabalho, de conformidade com Marcuschi (1986), como uma atividade cooperativa, entre pelo menos dois falantes, que se organiza passo-a-passo, e em tempo simultâneo, exigindo, pois, coordenação de ações. A interação face-a-face é vista, também, como o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais em contextos reais, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato. Neste tipo de interação, a dinamicidade está sempre presente, provocando a modificação, a reinterpretação do dito, permitindo que o contexto seja interativamente gerado durante o processo.

A análise das interações verbais sofreu decisiva influência dos trabalhos de Goffman (1974, 1979 e 1981), especialmente quanto à importância do social na representação do "eu" em tais interações. Para o autor, a auto-estima bem como a representação de papéis sociais, que são negociados de forma dinâmica, estão claramente presentes e em jogo constante numa interação face-a-face. Lembramos que tais interações não acontecem de forma isolada, mas sim em contexto socio-cultural com características específicas. Deve haver, portanto, uma constante adequação ("footing") por parte dos participantes, para que esse tipo de interação seja bem sucedida.

O conceito de "face" teve sua origem na China, sendo usado no 4o. século AC, segundo Ho, 1975 e Hu, 1944 (apud Tracy, 1990). Os chineses

distinguem dois aspectos de face: "mien-tzu", que se refere ao prestígio social, reputação conseguida através da vida, sucesso, ostentação (aumentada com dinheiro e poder, portanto, particular) e "lieu" - que se refere aos valores morais pessoais e ao caráter (em geral, comum a todos). Desta forma, para os chineses, face refere-se à preocupação que as pessoas têm sobre sua reputação pessoal. Atualmente as noções de face e "face-work" prendem-se ao trabalho iniciado por Goffman (1955, 1959), estando relacionadas à representação de si e do outro. Face é vista por Goffman como um fenômeno social que entra em ação quando duas pessoas interagem, criado através de "moves" comunicativos dos participantes. "Facework" se refere às estratégias comunicativas que servem de base para expressar as identidades socialmente situadas que as pessoas se atribuem e também atribuem a outros. É importante ressaltar que Brown & Levinson (1978), baseando-se em Goffman, definem face como a auto-imagem que todo indivíduo tem e que pode ser de dois tipos: negativa - que se refere à privacidade ou territorialidade, ao desejo que as pessoas têm de ser livres de imposições; positiva - ou imagem pública, que se refere ao desejo que as pessoas têm de ser apreciadas e aprovadas por outros. A face e sua preservação estão intimamente ligadas a aspectos pessoais emocionais, que podem ser mantidos, perdidos ou negociados durante a interação, relacionados à representação de si e do outro. A administração de ambas - face positiva e negativa - numa interação pode tornar-se conflitante, culminando com problemas de relacionamento.

Segundo Tracy (1990), as reformulações recentes na noção de face refletem duas abordagens: a) a teoria da polidez, linguisticamente

fundamentada na proposta de Brown e Levinson (1978); e b) um conjunto de abordagens sociopsicológicas. A autora aponta alguns problemas em cada uma das abordagens vista de forma separada e, ao enfatizar que a linguagem é multifuncional, servindo a diferentes propósitos, ressalta a importância de pesquisas sobre face, sua preservação e facework, com um enfoque comunicativo abrangente, isto é, que relacione as manifestações discursivas e os desejos ou metas subjacentes às faces. Será este um dos aspectos deste trabalho, que se propõe analisar as possíveis relações e manifestações de poder, preconceito e preservação da face através da linguagem, nas interações homem/mulher.

Para Tracy e Coupland (1990), compreender um ato comunicativo exige a ligação de dois mundos: o dos atores sociais, com propósitos, preocupações e metas que motivam as ações, e o do discurso, no qual as metas dos atores são expressas e/ou inferidas. Há, portanto, uma interrelação entre metas, discurso e sociedade, cabendo ressaltar que, ao interagirem, os participantes não têm uma meta apenas. Meta, segundo Tracy (1990, 1991), é um conceito abrangente que se refere tanto a meta explícita, como a propósito, intenção e vontade. Segundo a autora, embora os tipos de meta possam variar, os mesmos ocorrem sempre num processo de interação. Para Tracy (1991), a atividade comunicativa é estratégica e direcionada por metas, entre as quais as de preservação da face, as tentativas de encobrir o preconceito e de evidenciar a detenção do poder. Em nosso trabalho acreditamos que, na interação verbal face-a-face, os participantes têm oportunidade de manifestar suas crenças, preconceitos e posições sociais, bem como evidenciar a detenção do poder, com relação ao sexo oposto. As

metas dos participantes da interação poderão, pois, ser observadas e analisadas através da linguagem. Pretendemos, através de manifestações verbais de tais metas nas interações, relacionar cognição social, preconceito e poder.

2.4. COGNIÇÃO SOCIAL

Outro aspecto que enfatizaremos na análise das conversas homem/mulher, e nos depoimentos é o da cognição social. Para tal basear-nos-emos em van Dijk (1984, 1985, 1989, 1990, 1992 a,b,c, 1993 b), para quem a cognição social deve ser vista como a interface entre o discurso e a sociedade, e entre os indivíduos que participam da interação e o grupo social a que pertencem. Cognição social é, pois, "o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo e, em particular, por aqueles que estão envolvidos na compreensão, produção ou representação de "objetos" sociais, tais como situações, interações, grupos e instituições" (van Dijk, 1992c, tradução nossa). Desta forma, as representações sociais arquivadas em nossas mentes (conhecimentos socialmente partilhados, crenças, atitudes e ideologias) representam a interface necessária entre o micronível das interações individuais (neste trabalho as conversas homem/mulher) e as macroestruturas da sociedade. Esta proposta permite estudar as diferentes formas como a língua é usada e cuja reprodução o discurso viabiliza para manifestar, legitimar ou alterar o poder individual e social. Lembramos que, para o autor, a cognição social é um sistema compartilhado de representações sociais, localizado na memória

semântica, que ele denomina de memória social, influenciando na interpretação dos fatos sociais, na interação e no discurso, sendo também passível de mudanças e adaptação.

Uma das tarefas principais da Análise Crítica do Discurso é possibilitar um relacionamento entre o discurso como uma atividade social e as cognições sociais, manifestadas por indivíduos como participantes de grupos, instituições ou outras estruturas sociais. Ressaltamos a importância para nosso trabalho de olharmos para as interações em questão como uma forma de prática social que permite a manifestação de ideologias, preconceitos e poder.

Até recentemente, a microsociologia da interação e a abordagem etnometodológica enfatizavam o papel da interpretação e dos métodos implícitos de atribuir sentido à interação e ao mundo social. Tal proposta não enfatizava, porém, os aspectos observáveis do conhecimento e da compreensão. Era deixada, desta forma, a análise das representações e processos mentais para a psicologia. A expansão da psicologia social do discurso aconteceu nos anos 80 (Potter e Wetherall, 1987 e Robinson, 1985, apud van Dijk, 1990).

Como já mencionamos, pretendemos, neste trabalho, analisar de forma interdisciplinar as estratégias mentais socialmente compartilhadas usadas para monitorar a produção e interpretação do discurso (van Dijk, 1990). Discurso será visto como uma forma de linguagem em uso e como uma forma específica de interação, interpretada como um evento comunicativo numa determinada situação social. Tentaremos com este trabalho mostrar como os

estereótipos, o preconceito e o conhecimento social partilhado se reproduzem na sociedade através do discurso.

A produção e interpretação do discurso, bem como a percepção social se fundamentam nas representações mentais de determinados episódios sobre os quais "trata" o discurso, isto é, modelos de evento ou situação (van Dijk, 1985). Os modelos, segundo o autor, são representações mentais subjacentes de episódios específicos do convívio social. Tais modelos, para van Dijk, representam o conhecimento e opiniões atuais que participantes de uma interação têm sobre um episódio específico. No processo de compreensão e interpretação do discurso, velhos modelos sobre o mesmo episódio podem ser ativados e atualizados, ou mesmo novos modelos podem ser formados. Desta forma, além das experiências pessoais e das opiniões, os modelos abrangem também atitudes e conhecimentos sociais partilhados. Os modelos representam, pois, a interface entre a dimensão pessoal e social do discurso.

Além disso, os participantes de uma interação, segundo van Dijk (1992b.), criam modelos contextuais que abrangem as metas, os planos e outros aspectos do contexto de interação, sendo constantemente atualizados. Tais modelos monitoram o discurso e determinam qual a informação relevante que deverá ser expressa na interação, bem como permitem adequá-la à situação comunicativa.

Os indivíduos, ao interagirem, além dos modelos de situação e de contexto (que são individuais) compartilham de um conhecimento social, que é o tipo de conhecimento mais geral e abstrato sobre a sociedade e o mundo em geral, portanto, partilhado pelos membros da sociedade. Este conhecimento não se refere apenas à língua e seu uso, mas também ao fatos

sociais, representados em "scripts" sobre episódios sociais estereotipados e que são formados por inferência a partir de modelos repetidamente partilhados. Os "scripts" auxiliam na compreensão de novos episódios, através de instanciações parciais em modelos de tais episódios. As opiniões sociais partilhadas de um grupo podem influir na "atitude social" do indivíduos ou do grupo; por exemplo, em nosso caso, o preconceito expresso pelos homens quanto à mulher trabalhar fora.

Ainda segundo van Dijk (1992b.), os modelos, os conhecimentos, as atitudes e ideologias estão constantemente em formação, atualização e mudança, segundo operações mentais que envolvem interpretação, inferência e avaliação. Tal fato diferencia os modelos das regras gramaticais fixas. Lembramos que, para o autor, as ideologias são os quadros que fornecem coerência para as atitudes. As ideologias são formadas a partir de normas gerais, de metas e valores de grupos e culturas.

Há, portanto, segundo a proposta de van Dijk, uma ligação entre discurso e sociedade que é mediada pela cognição social. O discurso torna-se, assim, elemento crucial para aquisição e mudança das cognições sociais. Desta forma, se pensarmos o preconceito como uma construção social, ele poderá ser compreendido com base em cognições sociais, podendo manifestar-se nas interações de forma implícita ou explícita.

Em decorrência, as relações funcionais entre as proposições no discurso podem manifestar-se através de denegações, concessões, etc., que irão contribuir para uma estratégia geral de preservação da face. Procuraremos mostrar que determinados aspectos semânticos e sintáticos da

linguagem usados nas interações permitem depreender diversas formas de cognição social.

2.5. PODER

Na análise dos dados que compõem o corpus deste trabalho, ao enfocarmos a linguagem na interação homem/mulher, estaremos atenta às marcas de detenção do poder, partindo da premissa de que o poder é uma noção complexa que permeia campos variados de estudo e ação. Para van Dijk (1989), o poder em um macro-nível diz respeito ao poder social que se manifesta, dentre outros, como poder econômico, político e cultural. Num micro-nível, ele é o exercício de prerrogativas derivadas dessas estruturas mais altas, que se manifestam na condução local das relações interpessoais. O mesmo autor (1987) lembra que as relações de poder manifestam-se nas relações interpessoais, em atos discursivos dos mais diversos tipos, algumas vezes de forma explícita e outras de modo implícito, pois o discurso não serve apenas para mostrar ou exercer o poder, mas também para dissimulá-lo.

De acordo com a proposta de van Dijk (1988), vemos o preconceito como uma construção social; vemos também a reprodução do poder na sociedade como uma construção, em termos de cognição social, feita pelos grupos dominantes e ligada a uma ideologia que se manifesta através da linguagem. É, portanto, no micro-nível dessa construção que o preconceito, o poder e as ideologias que os mantêm são ativados, manifestos, legitimados e reproduzidos de um lado, e, de outro lado, experimentados e interpretados.

Uma proposta como esta requer, sem dúvida, um arcabouço interdisciplinar, que analise a linguagem levando em consideração que as manifestações de poder são mediadas pela cognição social e por ideologias.

Fairclough (1989) aponta dois aspectos da relação linguagem/poder, isto é, poder no discurso e poder "velado" (hidden power). No primeiro caso, trata-se do lugar onde as relações de poder são realmente exercidas, de modo explícito, como por exemplo nas interações face-a-face, e nas relações transculturais onde os participantes pertencem a diferentes grupos étnicos ou sociais. No segundo caso, o poder "velado" do discurso pode transparecer, por exemplo, nos meios de comunicação. Para ele, o poder, quer se manifeste explicitamente ou de maneira "velada" no discurso, não é propriedade de uma pessoa em específico mas de um grupo social a que ela pertence. O poder pode, assim, ser conquistado, exercido e perdido através das lutas sociais.

O mesmo autor lembra que há relação entre ideologia e poder, pois a natureza dos pressupostos ideológicos que predominam em certas convenções depende das relações de poder que subjazem a tais convenções, as quais representam, também, uma maneira de se legitimarem as relações sociais existentes e as diferenças de poder. Nas sociedades modernas, o poder - quer de forma explícita, quer de forma velada - pode ser visto como um mecanismo de dominação que seus detentores buscam preservar. O exercício desse mesmo poder é manifesto através da ideologia, e a interação face-a-face representa o "corpus" ideal para se observar e analisar suas manifestações, os mecanismos usados para encobri-lo e também as formas de negociação. Pretendemos mostrar, neste trabalho, como a reprodução do

poder se dá através das representações mentais socialmente compartilhadas, que se manifestam na linguagem.

Segundo Fowler (1985), poder é a habilidade que as pessoas e instituições, numa relação assimétrica, têm de controlar o comportamento e de um modo geral a vida de outros. O poder é, dentre outros, uma propriedade de uma relação específica, transitiva e assimétrica entre A e B. Tal poder baseia-se na posse de recursos socialmente valorizados mas desigualmente distribuídos. O autor cita Berger e Luckman (1976), ao afirmar que a linguagem é o mais importante mecanismo no processo de construção social da realidade. A linguagem é vista pelos autores como um instrumento que se presta à consolidação e manipulação das relações de poder e controle.

Ao pensarmos as relações de poder e controle, julgamos interessante lembrar os trabalhos de Labov (1972 a,b) e Trudgill (1974 a,b), que, embora enfoquem, com muita precisão, as variações nas estruturas lingüísticas e as correlacionem com diferenças nas estruturas sociais, não privilegiam questões relativas à formação dessas estruturas e da sociedade de um modo geral. Tais trabalhos não levam em consideração que a língua pode e deve ser vista como um instrumento de manifestação de desigualdade, detenção e reprodução do poder.

Com um enfoque mais abrangente, encontramos os trabalhos de Fowler et al (1979) que enfatizam ser uma das funções da linguagem a de construir e continuamente articular a ideologia e legitimar o poder. Uma análise lingüística das marcas do poder na interação, segundo esta proposta, é a que segue a teoria de Halliday (1978) - "linguagem como semiótica social",

pois aceita que a maior parte das estruturas lingüísticas podem ser explicadas como formas de responder às necessidades da sociedade que usa tal língua.

No Brasil, é importante ressaltar o trabalho de Marcuschi (1989) sobre manifestações de poder em formas assimétricas de interação. Tal trabalho segue as propostas de van Dijk e Fowler, ao analisar uma entrevista entre uma empregada doméstica (analfabeta) da cidade de Recife com uma pesquisadora (universitária). Marcuschi lembra que as relações de poder manifestam-se, nas relações interpessoais, de forma explícita ou implícita, em diferentes tipos de atos discursivos. O autor enfatiza que, entre os fatores básicos da organização do poder pessoal, está a cognição social, pois ela "providencia as bases para a produção e interpretação de discursos e os fundamentos da interação social". No mesmo trabalho, o autor elabora as noções de assimetria e de controle em interações interpessoais. A análise da interação, que faz parte de um projeto sobre Linguagem da Empregada Doméstica evidencia que, em entrevistas assimétricas, as relações de poder são manifestas e podem ser estudadas através das marcas lingüísticas.

Van Dijk (1989), ao tratar das relações entre discurso e poder social, verifica como o poder é posto em prática, exercido, descrito, encoberto ou legitimado através do texto escrito e da interação oral em contextos sociais, ressaltando a importância da ideologia que pode ser explicada através de uma teoria da cognição social. Tal formulação permite construir uma ponte teórica indispensável entre o poder social de classes, grupos, ou instituições em um macro-nível da análise e a manifestação do poder na interação em um micro-nível. Neste trabalho, ater-nos-emos às manifestações de poder em

interações face-a-face e depoimentos, seguindo as propostas do autor (cf. também Fowler, 1985) quanto à noção de poder:

1. poder social é uma propriedade dos relacionamentos entre grupos, classes ou outras formações sociais, ou entre pessoas como participantes da sociedades. O poder individual estará, neste trabalho, ligado ao social;

2. num nível fundamental de análise, as relações de poder social se manifestam e podem ser observadas na interação;

3. o poder social é geralmente indireto, e opera através do controle mental de um grupo, ou de elementos deste, sobre outro grupo e seus participantes. Tal controle pode ser exercido através de diferentes formas discursivas, sendo uma delas a persuasão;

4. o exercício e manifestação do poder dependem do conhecimento partilhado que os participantes da interação têm dos desejos, vontades, preferências, intenções, crenças, valores e normas culturais do grupo dominante, podendo ser manifestas de forma explícita, ou então inferidas na interação;

5. o exercício e manutenção do poder "social" pressupõem um arcabouço ideológico - que consiste de cognições , fundamentalmente ligadas a interesses, preconceitos que são socialmente compartilhados e adquiridos, confirmados ou mudados através do discurso. O exercício do poder, desta forma, se manifesta quando prevalece a opinião ou vontade de A sobre B.

Os diferentes aspectos do poder serão abordados no capítulo no.5 deste trabalho. Apresentamos a seguir algumas posições relacionadas à

diferença de poder entre homem e mulher e suas manifestações na linguagem. O assunto tem sido objeto de estudo especialmente nas últimas décadas.

Segundo Cameron (1985), até o século XIX as mulheres não tinham direitos, porque se lhes atribuía a falta de capacidade de argumentação: não era permitido que as mulheres possuíssem propriedades, não tinham direito a voto, dentre outras coisas. Tal situação de inferioridade era, pois, justificada pela incapacidade de pensamento. A autora menciona que, em 1873, o estudo superior para as mulheres era visto como prejudicial à capacidade reprodutiva, tornando-as estéreis. Até recentemente, as pesquisas feitas sobre mulher, na sociedade, eram de cunho quantitativo, porém, os trabalhos que compõem o livro editado por Coates e Cameron (1988), ao criticar tal abordagem, indicam a pesquisa qualitativa como a mais adequada para o estudo de interações homem/mulher.

Com extensa bibliografia comentada e apresentando conclusões interessantes que, de certa forma, se tornaram paradigmáticas para a análise do poder na linguagem e na comunicação, encontramos os trabalhos compilados por Thorne e Henley (1975) e Thorne, Kramarae e Henley (1983). É importante, também, neste momento, ressaltar os trabalhos mais recentes de West e Zimmerman (1985) sobre o poder na interação homem/mulher e que se manifesta na linguagem.

A detenção do poder, manifesta através do discurso, pode ser encontrada, dentre outros, em trabalhos referentes a instituições como consultórios médicos, escolas (salas de aulas), tribunais, entrevistas de emprego, discurso político, televisão, e empresas.

Para autores como Tannen (1987), a noção de poder e controle é sempre metafórica quando aplicada ao discurso ou a uma interação, sendo que os diferentes tipos de poder estão interrelacionados e se manifestam de diferentes formas. Quando pessoas assumem papéis diferentes, não se pode afirmar que uma detenha o poder e outra não, porém que ambos detém diferentes tipos de poder que são exercidos de diferentes formas. A mesma pessoa pode exercer diferentes tipos de poder, por exemplo o poder do "discurso acadêmico" que difere do poder do "discurso cotidiano". Os trabalhos de Tannen (1986, 1990a) são relevantes para se compreender as interações homem/mulher e de que forma os mal - entendidos afetam essas relações, podendo mesmo culminar com o divórcio.

Em nosso trabalho, ao propormos analisar através da linguagem as formas de manifestação (implícita e explícita) do poder nas interações homem/mulher, acreditamos poder relacioná-lo a preconceito e ideologia, formas de cognição social compartilhada pelos membros do grupos que fazem parte da nossa pesquisa. Pretendemos, também, analisar elementos supra-segmentais prosódicos, que segundo Gumperz (1982 a,b), são organizados cognitivamente e em sequências rítmicas. Tal análise, acreditamos, permitirá perceber quais informações os interlocutores desejam ressaltar. Verificamos, neste trabalho, que os elementos ressaltados pelos falantes refletem e reforçam as relações de poder ou as manifestações do controle. Observados separadamente, os elementos prosódicos podem não sinalizar o poder, a preservação da face ou outros aspectos, porém, se analisados conjuntamente, eles se complementam para indicar relações de dominação, submissão que são características de interações marido/esposa.

Os padrões de dissimilaridades comunicativas podem, segundo Street (1990), refletir diferenças, dentre outras, nas metas, nos papéis e nas manifestações de poder entre os participantes das interações. Ao pensarmos, portanto, que o padrão de dominação/submissão é criado mutuamente pelos participantes, sendo manifesto na linguagem, podemos dizer que a análise de elementos prosódicos permitirá relacionar as marcas lingüísticas de manifestação do poder com o preconceito e a ideologia, conforme propusemos anteriormente.

Pretendemos, pois, mostrar com este trabalho que o estudo da cognição social e do discurso nos permite ligar as microestruturas sociais (no caso, interações homem/mulher) com as macroestruturas da sociedade (preconceito e poder).

3. MARCAS LINGÜÍSTICAS

3.1. PROSÓDIA: SUA IMPORTÂNCIA NA INTERAÇÃO FACE-A-FACE

3.1.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O dito " não é o que você disse; mas como você disse" verifica-se constantemente em nossas vidas. Assim, os elementos acústicos (prosódicos) da comunicação têm função primordial nas interações sociais, posto que auxiliam na interpretação do conteúdo semântico dos enunciados. Tais elementos funcionam, também, como indicadores das características pessoais e das intenções do falante. Segundo Street (1990), os estudos de aspectos não verbais da fala seguem, historicamente, um dos seguintes paradigmas: 1) os cientistas da fala se interessam pela fisiologia da produção dos sons, estudando, dentre outros aspectos, a interrelação entre os músculos, o aparelho fonador, a faringe e o volume respiratório (cf., entre outros, Abercrombie, 1967 e Laver e Trudgill, 1979); 2) pesquisadores na área de "atitudes da linguagem" e "efeitos da mensagem" examinam a correlação atribucional entre os diferentes estilos da fala ou características vocais. Para estes estudos são utilizadas avaliações feitas por ouvintes, quanto às diferenças dos falantes em relação a acento, velocidade da fala, altura melódica, etc. (cf., entre outros, Giles e Powesland, 1975; Scherer, 1979; Street e Hopper, 1982); 3) outros pesquisadores estudam até que ponto as

características pessoais do indivíduo (por exemplo: personalidade, estado emocional, sexo, idade, etc.) se manifestam no comportamento vocal (cf., entre outros, Scherer, 1986; Scherer e Giles, 1979); 4) pesquisadores que seguem uma orientação lingüística, interessando-se pela maneira como a prosódia e os elementos paralingüísticos influem sobre o sentido que os ouvintes atribuem aos enunciados (cf., Crystal, 1969; Cagliari, 1989, 1990a,b, 1991 e 1992). Ressaltamos que nosso trabalho inserir-se-á nestes dois últimos paradigmas, pois pretendemos apontar alguns aspectos prosódicos nas interações gravadas na classe média e na periferia, que estão ligados à postura do homem em relação ao trabalho da mulher fora de casa.

A seguir, citamos alguns estudos mais antigos que, de certa forma, se preocuparam com elementos prosódicos na linguagem oral. Na gramática greco-latina há uma parte dedicada às letras e sua relação com a fala, que tinha como finalidade mostrar como se escreviam as palavras. A fonética surgiu, desta forma, como um instrumental de alfabetização. Nos estudos etimológicos, o que predominava era a ortografia. Dos estudos prosódicos da gramática greco-latina surgiram as teorias literárias sobre poesia, que tinham por objetivo explicar como se estruturavam os padrões poéticos nos diferentes tipos de versos e formas poéticas. Tais teorias permaneceram intactas, mesmo diante de línguas cuja realidade fonética não permitia uma continuidade nos mesmos moldes. Os aspectos prosódicos da fala, que tinham por objetivo explicar como se estruturavam os padrões poéticos nos diferentes tipos de versos e formas poéticas, foram sendo relegados com o passar do tempo. Tais aspectos abrangem os estudos sobre as sílabas, as durações, os tons (grego e latim eram línguas tonais), os acentos (saliências

oriundas de diferentes fontes fonéticas), o ritmo (como medida metrificada seguindo regras específicas no verso) e a ársis e tésis (como ritmo subjetivo da poesia, apoiado nos demais elementos mencionados acima). Podemos dizer, portanto, que a descrição lingüística de fatos prosódicos começou com a descrição de textos poéticos entre os gregos e latinos.

Seguindo os moldes das gramáticas greco-latinas, surgiram as gramáticas antigas que, com algumas exceções, chegaram às modernas gramáticas normativas. O interesse pelos sons da linguagem, ou seja pela prosódia, remonta à primeira gramática escrita "do português em português" por Fernão de Oliveira e publicada em 1536. O autor afirma que letras são figuras de voz divididas em consoantes e vogais, e que as vogais têm em si voz, e as consoantes não, se não juntas com as vogais. As figuras destas letras são chamadas pelos gregos de caracteres e pelos latinos de notas. Fernão de Oliveira, porém, chama tais figuras de sinais, os quais serão tantos quanto as pronúncias, a que os latinos chamam elementos, sendo interpretados pelo autor como fundamentos das vozes e da escrita. Menciona, ainda, o autor que a fonética de uma língua evolui, devendo ser acompanhada, da mesma forma, pela ortografia. Ao enfatizar a importância da fonética, o autor faz detalhada classificação não só das vogais, mas também das consoantes, descrevendo o modo de pronunciá-las (ex: boca mais aberta ou mais fechada). Dentre as definições que apresenta, julgamos interessante apontar aquela dada para aspiração "... um grande espirito arrancado do estomago..." . No final de sua gramática, Fernão de Oliveira define acento como sendo a principal voz ou tom da dicção, o qual acaba de dar sua forma e melodia às dicções de qualquer língua.

João de Barros, na primeira edição de sua *Grammática da Língua Portuguesa*, publicada entre 1539-1540, tenta resolver três problemas, que considerava fundamentais, postos para o português, a saber: a perda da noção de quantidade e necessidade da noção dos graus de abertura vocálica; tentativa de abolição de "qu", substituído por "c" e utilização de "ç" para o som sibilante; distinção de "i" e "u" semi-vogais de "j" e "v". Para o autor (pg.296), "... sílaba é uma das quatro partes de nossa gramática que corresponde à Prosódia, que quer dizer acento e canto: a qual sílaba é o ajuntamento de uma vogal com uma e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem uma só vóz..." . Para o autor toda sílaba tem três acidentes: número de letras, espaço de tempo e acento - que pode ser alto ou baixo. Para ele, os latinos e gregos sentem melhor o tempo das sílabas por causa do verso. Demonstra, também, o autor a consciência já bastante clara da transformação da noção de quantidade em timbre ou qualidade na passagem do latim para o português.

Ainda seguindo o rastro das gramáticas latinas e passando pelas gramáticas antigas, chegamos às modernas Gramáticas Normativas. Dentre elas julgamos interessante citar as *Lições de Português pela Análise Sintática* de Evanildo Bechara (1961), que apenas caracteriza certos tipos de frases como afirmativas e interrogativas através da entoação. O mesmo autor, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (1974,pg.52), define Prosódia como "...a parte da fonética que trata da correta acentuação e entoação dos fonemas..." . Continuando, diz que "... a preocupação maior da prosódia é o conhecimento da sílaba predominante, chamada tônica..." . O autor ao definir alguns outros elementos da prosódia, fala da acentuação como sendo "...o

modo de proferir um som ou grupo de sons com mais relevo do que outros..." e do acento de intensidade que pode manifestar-se em vocábulos isolados (acento vocabular) ou ligado na enunciação da frase (acento frástico). Cita, ainda , o acento de insistência - que tem valor emocional e intelectual, e o acento de intensidade - que pode ser usado não só em palavras isoladas, mas também em frases, chamando-se acento frástico. Ambos são usados com função enfática.

Outros autores, como Cegalla (1976), ao tratar do tópico prosódia, limita-se a classificar as palavras como oxítonas, paroxítonas ou proparoxítonas. Já Rocha Lima (1972), ao definir prosódia como o estudo especial da acentuação, afirma (pg. 24) que "... o acento resulta da íntima associação de certas qualidades físicas dos sons da fala, tais como : a intensidade (maior ou menor força expiratória com que são proferidos); a altura (maior ou menor freqüência com que vibram as cordas vocais); o timbre (ou metal da voz); e a quantidade (maior ou menor duração com que são emitidos)...". Para o autor, o acento característico da língua portuguesa é o de intensidade, que, regular e fixo, assinala sempre determinada sílaba de cada vocábulo, funcionando, portanto, como elemento gramatical próprio do idioma capaz, inclusive, de diferenciar o valor morfológico e significativo de palavras que têm os mesmos fonemas distribuídos na mesma seqüência. Celso Cunha (1972) fala em acento afetivo ou emocional; e acento intelectual ou de insistência que serve para realçar uma sílaba. Tanto o acento afetivo como o intelectual, para o autor, são inesperados, bruscos e violentos, servindo para ressaltar palavras num determinado contexto.

O propósito deste trabalho não é detalhar a história do pensamento gramatical em diferentes épocas. Verificamos, porém, que a descrição da prosódia nas gramáticas normativas tradicionais é bastante deficiente, centrando-se, basicamente, no acento de intensidade.

Os estudos gramaticais relacionados com os elementos prosódicos passaram a fazer parte da Linguística Moderna, onde os trabalhos de descrição prosódica, com algumas exceções, têm-se circunscrito ao domínio da palavra e, com mais freqüência, ao da sílaba. Padrões entoacionais maiores, passaram a ser descritos em função de combinações de sílabas. De um modo geral, os trabalhos feitos nessa linha contribuíram para se descrever melhor fisicamente a fala, para tal fazendo uso de recursos estatísticos e de máquinas. Isto não contribuiu, porém, para se entender a função da prosódia na linguagem oral, uma vez que elementos prosódicos não podiam servir apenas para distinguir, como já foi dito, uma frase afirmativa de uma interrogativa.

Neste trabalho, pensamos a linguagem como a soma de significados e significantes, estes últimos, os sons da linguagem. Tais sons não são letras da escrita ortográfica (nem da transcrição fonética), nem, tampouco, apenas os segmentos fonéticos dos itens lexicais. Os sons da linguagem são todos aqueles elementos fonéticos presentes na fala e que a moldam para carrear os significados. Sendo assim, os aspectos prosódicos da fala não servem para enfeitar a fala, mas fazem parte da própria essência da linguagem. Podemos afirmar que a linguagem oral seria tão absurda sem a prosódia, como seria sem os recursos segmentais. A natureza, a função e os usos da prosódia na linguagem oral estão intimamente ligados à estrutura do

discurso como um todo, isto é, às unidades maiores que a frase. Ressaltamos, porém, que um discurso pode, em circunstâncias especiais, ser reduzido a uma palavra, sendo que neste caso, também, os elementos prosódicos desempenham papel essencial.

Neste trabalho, ao propormos a análise de elementos prosódicos com o objetivo de relacioná-los com aspectos da cognição social, do poder e do preconceito, tentaremos mostrar como tais elementos estão intimamente ligados à estrutura do discurso e, em especial, das interações face-a-face.

A função básica dos elementos prosódicos na linguagem oral, podemos afirmar, é a de realçar ou reduzir certas partes do discurso, permitindo um mapeamento deste, o que facilitará ao ouvinte atribuir diferentes valores a determinados elementos da fala. Existe, portanto, um canal de significados que corre paralelo ao dos itens lexicais isolados, e da significação literal. A prosódia representa a "chave da interpretação" de um discurso ou, até, de uma palavra, pois é através dos elementos prosódicos que o falante transmite ao seu interlocutor como este deve proceder diante do que ouve; isto é, é através dos elementos prosódicos que podemos atribuir certos valores ao que é dito - e isto, é claro, dentro de um contexto. A prosódia visa, pois, a salientar, diminuir ou alterar os valores semânticos dos enunciados e, nesse processo, também relacionar elementos distantes no texto, permitindo ao interlocutor não perder o fio do discurso, a linha argumentativa que pretende imprimir ao texto.

Como falantes de uma determinada língua aprendemos a agir diante, não apenas do significado literal das palavras e das estruturas sintáticas, mas também, do "tom de voz" com que os enunciados são ditos. Se não

houvesse um consenso compartilhado entre os usuários de uma língua quanto ao valor dos elementos prosódicos no discurso, poder-se-ia dizer qualquer enunciado de qualquer maneira, que a comunicação não estaria perturbada ou alterada. É fato notório que determinadas pessoas sentem-se ofendidas pelo " tom de voz ", pelo "sotaque" ou mesmo "pela forma" com que algo é dito. As " atitudes dos falantes" ao interagirem representam um papel essencial na comunicação podendo, em casos extremos, quebrá-la. Desta forma, podemos dizer que a prosódia, (como qualquer outro aspecto da linguagem) depende de convenções sociais.

A semântica esteve, por muito tempo, voltada mais para o léxico: semântica lexical. Com o passar do tempo, os estudos semânticos se abriram para aspectos da linguagem que antes eram considerados como "não-linguísticos" . A incorporação de estudos dos aspectos prosódicos permite compreender e tentar explicar aspectos cognitivos e atitudes socialmente partilhadas pelos participantes de interações.

Ao analisarmos a natureza e função dos elementos prosódicos em interações face-a-face, como é o caso deste trabalho, acreditamos não ser possível afirmar que, num determinado momento, só poderia ocorrer um fato prosódico específico. Isto porque os falantes possuem uma gama variada de elementos à disposição para transmitir os efeitos desejados. Se não houvesse uma equivalência funcional entre os elementos prosódicos (ora salientando, ora diminuindo o valor dos enunciados), a interação face-a-face assemelhar-se-ia à leitura linear de um aluno que está sendo alfabetizado e, portanto, usa um único padrão prosódico. A co-ocorrência de elementos prosódicos para realizar uma mesma função é um dos aspectos importantes

da prosódia. Por vezes, uma função vem preenchida por uma variação entoacional ou pela variação de tessitura, mas para reforçar o efeito de destaque ou de parentetização de algo, usa-se uma pausa de reforço. Isto serve para dizer que, embora a variação melódica fosse suficiente, o falante pode acrescentar outros sinais para facilitar a compreensão ao seu interlocutor. Uma análise mais detalhada mostra ser possível, em alguns casos, estabelecer uma certa hierarquização na escolha de elementos prosódicos para se obter um determinado efeito ou para realizar determinada função. Isto parece estar relacionado ao fato de que alguns elementos prosódicos são mais "marcados" que outros, sendo que seu uso indevido pode causar problemas numa interação. Por exemplo, dizer algo "levantando o tom da voz" pode ser considerado rude, enquanto que a variação na melodia ou na tessitura dificilmente é interpretada como agressão ao interlocutor. Por outro lado, uma duração maior em determinadas palavras ou sílabas pode indicar ironia, por exemplo.

Os elementos prosódicos em interações face-a-face servem, como já dissemos, para carrear significados. Desta forma, sua função precípua está no nível do texto, ou do discurso, servindo para orientar o interlocutor em sua interpretação. Em textos longos, os elementos prosódicos servem para organizar o tempo do discurso, evitando a confusão entre tempos verbais e tempo do discurso (por exemplo: nem todo verbo no presente situa-se no momento da fala).

Ressaltamos que as unidades prosódicas podem ser compreendidas como elementos supra-segmentais que, como unidades maiores que os segmentos fonéticos, adicionam uma dimensão articulatória em outro nível

aos segmentos. Ao propormos uma análise de aspectos prosódicos de trechos de interações gravadas em cada um dos dois bairros da cidade de Campinas, e que compõem o corpus deste trabalho, lembramos que Crystal (1969) já ressaltava que um trabalho abrangente, isto é, interdisciplinar, é fundamental, uma vez que leva em consideração aspectos cognitivos e da personalidade dos interlocutores, relacionando-os com efeitos vocais e reações comportamentais.

Neste trabalho, seguiremos a proposta de Cagliari (1990,a) que, ao apoiar-se em Abercrombie (1967) e Halliday (1970), segue uma tradição fonética, agrupando os elementos supra-segmentais prosódicos em:

- a) elementos da melodia da fala: tom, entoação e tessitura.
- b) elementos da dinâmica da fala: duração, mora, pausa, tempo, acento, ritmo, e ársis/tésis.
- c) elementos da qualidade da voz: volume, registro e qualidade de voz.

Explicitaremos a seguir as principais funções lingüísticas desempenhadas por alguns elementos supra-segmentais prosódicos:

1. Tons

Segundo Halliday (1970), existem línguas tonais em que a variação de altura melódica ocorre a cada sílaba; e línguas entoacionais, em que a variação de altura melódica ocorre a cada " grupo tonal " (uma espécie de "frase"). Nas línguas entoacionais, a variação melódica de sílabas pode caracterizar sílabas tônicas, tendo, então, uma função fonêmica para

distinguir significados lexicalizados. O efeito entoacional que resulta daí liga-se ao fenômeno da arsis/tésis e não da entoação propriamente dita.

2. Entoação

A entoação está sempre presente na fala, mesmo em palavras isoladas. Os padrões entoacionais, soma de tons, caracterizam unidades chamadas grupos tonais segundo Halliday (1970). Tais unidades podem ser divididas em componente pretônico e componente tônico, sendo que a divisão é feita pela localização da sílaba tônica saliente, isto é, a sílaba onde ocorre a maior mudança de nível melódico, quer subindo, quer descendo. Tons ascendentes e descendentes especificam sintaticamente um enunciado (por exemplo - pergunta versus afirmação). Se, porém, juntarmos à função sintática os significados semânticos, podemos relacioná-los com as atitudes do falante (um pedido ou uma ordem). Lembramos que a entoação, além de estar intimamente ligada a fatos sintáticos (não abordados neste trabalho), é o elemento que permite, sem dificuldade, caracterizar as atitudes dos falantes. Podemos dizer, portanto, que os aspectos de coesão discursiva da prosódia podem ser manifestos pelos diferentes padrões entoacionais (por exemplo, ao suspender a voz, o falante pode segurar o seu turno).

3. Tessitura

Tessitura, segundo Abercrombie (1965), Crystal (1969) e Cagliari (1991), tem a função de destacar ou marcar elementos da fala. Neste

trabalho buscaremos a sinalização, ou valor pessoal, dado a determinados elementos que estão marcados pela variação da tessitura, como por exemplo: níveis mais baixos pretendendo imprimir "mais razão ou autoridade" ; níveis mais agudos, "contestação ou exaltação". Quando um dos participantes da interação não deseja ser interrompido em sua fala, a estratégia mais comum utilizada é o uso da mudança de tessitura.

Na estruturação de uma conversa, a tessitura tem uma função do tipo "anafórico", uma vez que ela serve, também, para lembrar ao ouvinte como conectar algo dito antes com o dito depois, como é o caso dos "parênteses" usados para inserir material lingüístico entre elementos do mesmo nível.

Desta forma, tom, entoação e tessitura se servem das variações da altura melódica da fala, exercendo, porém, funções lingüísticas diferentes.

4. Duração e Moras

A duração está sistematizada ao nível da sílaba - recebendo o nome de "moras". As palavras têm todas suas durações já previstas no léxico, que são chamadas de "durações intrínsecas" das sílabas. Estas durações atribuem valores e pesos às sílabas.

A duração das sílabas tem grande valor nos processos de transmissão de mensagem de um modo geral. Ao fazer uso do recurso do alongamento excessivo da pronúncia de determinadas sílabas ou palavras, o falante pode modificar o significado literal das mesmas, intensificando ou atribuindo qualidades extraordinárias, quer positivas quer negativas.

Como acontece com quase todos os elementos supra-segmentais prosódicos, o contexto de uso de fala permite inverter o valor semântico,

dependendo da atitude do falante, ou seja, permite fazer entender o contrário do que o sentido literal queria dizer.

5. Pausa

A pausa possibilita ao falante respirar durante a fala, em momento oportunos. Sua função lingüística, porém, é segmentar a fala, podendo ocorrer depois de frases, palavras e até entre sílabas, por exemplo quando uma palavra é "silabada" (i-m-p-o-s-s-í-v-e-l). A pausa, neste caso, é usada para assinalar algum tipo de mudança do conteúdo semântico.

Ao "silabar" a palavra, o falante pode estar representando um reforço sobre o significado literal do que está sendo dito. Desta forma, o falante exclui outras interpretações possíveis que seu interlocutor possa atribuir ao que foi dito. Além disto, falar "silabado" ou destacando as palavras com pausas pode representar uma atitude do falante que deseja reforçar o valor de sua autoridade ou do que diz. A pausa pode também servir para chamar a atenção para o que está sendo dito e/ou para o que se vai dizer em seguida e, ainda, para ganhar tempo para o planejamento do que se vai dizer.

6. Tempo

A mudança de velocidade da fala (aceleração ou desaceleração) serve para atribuir maior valor a algo que está sendo dito e, também, para preparar um argumento mais importante logo a seguir. O fato de o falante acelerar ou desacelerar a sua fala provoca perda da duração intrínseca das sílabas, as quais passam a ter todas a mesma duração. Esta técnica é, geralmente, usada para alertar o interlocutor a não interpretar literalmente o dito, porém, como

algo dito com humor, sarcasmo ou mesmo alguma outra conotação que se deseje dar e, também, para marcar claramente a opinião e postura do falante.

7. Acento e Ritmo

A função mais tradicional do acento é a fonológica, usada para distinguir significados. A acentuação frasal é realizada pela sílaba tônica saliente e pertence ao domínio da entoação. O destaque vocal, via a manipulação da frequência ou altura melódica, serve para chamar a atenção do ouvinte para determinadas palavras que fazem parte do enunciado. Através destas formas de acentuação podemos salientar o foco de determinadas palavras. Ressaltamos que o acento é um dos elementos que serve como guia de interpretação para a interface entre a linguagem e o contexto, sendo que, na fala, é utilizado com frequência para se chamar a atenção, para enfatizar o que está sendo dito, bem como para introduzir mudanças ou corrigir deformações.

O ritmo básico da fala, segundo Abercrombie (1965, 1967), depende da duração e da intensidade das sílabas e da maneira como são organizados estes elementos em sílabas tônicas e átonas nos enunciados. A fala em ritmo silabado, como já foi dito, é usada para destacar o que está sendo dito, sobretudo para chamar a atenção, por ser considerado de muita importância. Lembramos que, quando o falante usa um ritmo silabado, costuma também dizer o mesmo trecho com um volume mais baixo ou mais alto da voz, usado para destacar um elemento de outros.

8. Ársis, Tésis

Ársis e tésis, segundo Cagliari (1990b), podem ser caracterizadas como o resultado final da presença ou ausência de unidades prosódicas produzindo, na fala corrente, uma série de ondas, com altos e baixos. Podemos chamá-las também de marcas acústicas percebidas como saliências e vales ou reentrâncias na pronúncia.

ANÁLISE DE DADOS

Apresentamos, a seguir, uma amostra do corpus para depois analisarmos dois momentos das gravações feitas, em audio, nos bairros de classe média e na periferia respectivamente. Examinaremos inicialmente dois trechos das interações gravadas no bairro de classe média, onde os casais têm nível universitário de escolaridade. Os dois casais têm filhos menores de dezoito anos e, nos dois casos, apenas o homem tem um emprego, sendo que a mulher se dedica às tarefas do lar.

Mostraremos, a seguir, como alguns elementos supra-segmentais ou prosódicos, em conjunto com os elementos lingüísticos, atuam na estrutura da linguagem oral, permitindo definir, marcar e alterar valores atribuídos pelo falante ao que está sendo dito. Lembramos, porém, que, nas delimitações

deste trabalho, afirmamos não ser o nosso propósito fazer uma análise detalhada de todos os elementos prosódicos contidos nas gravações; limitá-nos-emos, portanto, a analisar alguns dos que julgamos relevantes para este trabalho.

Conforme já consta da caracterização dos informantes e dos dados que compõem o corpus deste trabalho, durante a conversa informal que mantivemos, os casais responderam à pergunta: "O que vocês acham da mulher trabalhar fora?" Os trechos analisados são a resposta dada a essa pergunta.

3.1.2. AMOSTRA DO CORPUS

INTERAÇÕES FACE-A-FACE EM BAIRRO DE CLASSE MÉDIA

casal no.1

0001 eu o que vocês acham da mulher que trabalha fora ? expressar a sua opinião...

M. fala você... ((voz quase inaudível))

H. bom eu sou::: toTÁLmente favoRÁVEL... a mulher que
 0005 trabalha fora::: aliás eu tenho esTImulado ela a VIDA toda para
 trabalhar fora... se ela não trabalha fora:::... é... até HOje foi
 por uma decisão PÚRA... e excluSivamente dela... eu já fiz de

0010 ^{-T→}
 TUDO... porque o que tinha a MEU alcance para que ela
^{←-T-}
 trabalhasse fora... ATÉ a estimei para fazer um curso de
 computador q-u-E-m S-A-b-e I-s-s-o p-o-d-e-R-I-a s-e-r-v-I-R
 n-o f-u-T-U-r-o a-L-G-U-m-a:::... de início né de ponto de
 partida para pra trabalhar fora já que essa é uma uma... área
 que:::... está se desenvolvendo atualmente assim mas eu::: eu...
 acho que em síntese essa é minha opinião eu sou totalmente
 0015 favorÁVEL eu acho que não é só pelo dinheiro ehn...
não não é só pelo dinheiro... única e exclusivamente... mas por
 realização pessoal... porque::: porque eu acho que a mulher que
 trabalha fora se reali:::za mais como pessoa apesar de ELA ^{+T→} achar
 que se realIZA... ^{←-T+}PLENamente com o trabalho de casa... e essa
 0020 é a afirmação DELA...

M. não não eu.. eu.. eu.. não... ((fala baixa e angustiada))

H. eu acho que ela...

M. pode pode intervir pode?... pode?... ((fala angustiada))

H. cada um está pondo a sua opinião...

0025 M. eu não acho...

H. deixo terminar ((risada irônica)) não mas eu acho que...
 eu pode intervir sim... ((interrupção))

M. não eu:::... eu não acho que eu me realize PLÉnamente... mas eu
 acho que EU... é tive uma época que trabalhei FORA e não me
 0030 senti... feliz não me senti... eu não sei se poderia ser CAPAZ...
 mas CÔMpetente para fazer as duas coisas... porque eu sou...
 tenho... mania de perfeição... eu sou eu me angustIO muito
 facilmente quando eu tenho alGUMA coisa pra fazer... e na
 -T→ ←-T-
 0035 minha profissão era dar aula... eu não saía só de casa pra dar
 aulas... eu TINha que PREparar as aulas... eu TINha que trazer
 materiAL pra corrigir... então numa época em que eu estava
 dando aula... eu... eu tinha filhos pequenos e vivia fechando
 PORTA... pra ficar fazendo diário de -T→
 CLasse porque nem
 diário de classe você pode fazer numa classe... porque se você
 0040 bobear pra escrever a matéria que você vai dar naquele dia a
 ←-T-
 classe já tomou conta já.. já.. está aquela bagunça... então você
 tem que ficar num Ritmo né com essa garotada... então EU eu
 +T→ ←-T+
 não sei eu não consigo ser DONa de casa MÃe e trabalhar fora

- H. não mas existe sociólogo trabalhando em tudo...
- M. existe... ((voz baixa))
- H. a sociologia tem te dá uma uma margem assim assim...
- 0065 M. mas não não existe muito não...
- H. existe sim... ((afirmação categórica))
- M. não existe não... existe assistente social que faz trabalho de sociólogo...
- H. é não...
- 0070 M. o economista que...
- H. então não trabalha estritamente como soci^{+T→}ÓLOGO se a área pra ^{←T+}
- M. eu sei...
- H. para trabalhar estritamente como sociólogo...
- M. bom mas...
- 0075 H. não te oferece um CAMPO GRANDE... você presta... ^{+T→} ^{←T+}
- M. agora... agora...
- H. concurso no Banco do Brasil... para trabalhar no Banco do Brasil...
- M. vou ser bancária e não socióloga não...

- 0080 H. ué... você você pode ser sociÓloga dentro do banco também
- M. eu não estudei tanto para ser bancária...
- H. faz uma pós graduação...
- M. essa... essa...
- H. tenta fazer alguma coisa...
- 0085 M. essa... essa questão... é muito...
- H. tenta mas não só é... ficar em casa certo? vai... vai no no computador olha você não está trabalhando no computador? você não está trabalhando estritamente como sociólogo...
- M. mas eu estou...
- 0090 H. eu acho que muita OLHA... a grande maioria das pessoas não trabalham naQUÍlo que gostariam de traabalhar... eu acho que a grande maioria...
- M. certo... ((voz baixa))
- H. das pessoas tem que se ADAPTAR a vida... certo...
- 0095 M. pode até ser... uhm... ((voz baixa))
- H. mas você não... você então cismou que tinha que dar aula... como aula não dá porque não dá pra conciliar as duas coisas o

mundo acabou aí certo? não eu acho não...

M. uhm...

0100 H. acho que o universo é muito maior que isso...

M. é mas olha eu estou vendo o meu caso pessoal entende?...

H. não mas eu estou analisando o seu caso pessoal também...

((risadas irônicas))...

casal no.3

0130 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

H. por favor...

M. você...

H. não primeiro as DAMas... ((tom irônico))

M. bom... eu vou dizer aquilo que eu já disse da outra vez...

0135 H. ahm::: ahm::: já fez a entreVISTA?... eu não sabia... tá vendo?...

o marido é sempre o último a saber... ((riso irônico))

M. da outra vez eu faLEI... e continuo achando a mesma coisa...

que a mulher DEVe... no meu caso pelo menos eu acho... deve

trabalhar fora... né? porque... pra ela ter suas amizades:::... suas

nenhum conflito... de formas a não ter quem CUIDE das crianças
ou... quem faça...aquelas... coisas que... são DÚras::: mas que
0160 na realidade precisam ser feitas... então eu CONCORDO com
ela... eu acho que ela está muito bem::: colocou muito bem::: a
questão... ((abaixa a voz no final))

eu dá algum problema a mulher trabalhar fora de um modo geral?
H. mas aí CAI naquilo exatamente que eu estava falando::: quer
0165 dizer... SE no caso... por exemplo::: A MULHER... é não é
MÃE... não tem Filhos em idade de crescimento::: eu acho que
aí não::: não CRIA... pelo conTRÁRIO eu acho até bom... cada
um vai... traBA:::lha... depois... né... se enCONtram quando
chegarem dos trabalhos::: comentam enfim... têm assunto...
0170 AGORA ah:::.... quando eXiste probleMas vamos dizer em
CAsa...quando a casa não::: não... está atenDIDA... seja questão
de filhos::: seja questão de:::.... enfim tudo com relação às
atividades do LAR::: AÍ::: AÍ::: realmente fica difícil... porque
+T- / -T+ ALGUÉM tem que fazer... +T- / -T+ ALGUÉM precisa fazer... e... então

- 1475 VOCE sair pra trabalhar eu vou por uma mulher dentro de
 casa:.... pra:: pra cuidar das crianças...
 H. ah:: isso aí eu falo em brincadeira:: isso aí eu sempre falei...
falei mas brincando...
 M. é mesmo?...
- 1480 H. eu... eu sempre::... agora eu falo... pra o pessoal se::... se o...
 VOCE arrumar uma pessoa R-E-S-P-O-N-S-Á-V-E-L pra
 olhar as crianças e fazer TODO serviço e... que eu ficar
 SOSSEGado sabendo que as minhas crianças estão bem olhadas
 em casa:....
- 1485 M. então quer dizer que se eu arrumar emprego e arrumar uma
 pessoa pra ficar em casa então eu POSSO ir?... ((fala de
 crianças))
 H. se for PÉssoa que Olhe DIREITO as crianças.... responSÁvel
 +T- -T+
 pode ir ehm... ((abaixa a voz))
- M. então está valendo né?... ((abaixa a voz))
- 1490 H. aí:: aí já virou... virou...

M. aí tá vendo?...

H. já virou porque... porque... a mulher... como é que ela vai
trabalhar [↗]SOSsegada:::... se sabendo que os filhos dela estão
sozinhos em casa lá que... que eles estão aprontando:::... e como
1495 é que eles estão? enTÃO... [↗]SE ela arrumar uma pessoa
[↗]COMpetente para olhar os filhos ela vai trabalhar sossegada...
^{+T→} ^{←T+}
tranqüila AGORA desde que ELA não está... aí SE IMportando
com os filho ela está trabalhando mais pra fugir da
responsabilidade... pra sair de casa... ((risadas))..

casal no.4

eu o que acham da mulher trabalhar fora?

1515 H. não... acho que vai muito da necessidade do casal da família...

eu uhum...

H. ^{-T→} porque::: no meu caso eu trabalho com ferro velho... ^{←T-} trabalhei
^{-T→} vinte anos na GE e fui mandado embora e:::... ^{←T-} estou vendendo
verdura ((baixa a voz e aponta para a pessoa)) ^{-T→} inclusive minha
1520 ^{←T-} freguesa está aqui olha... trabalho com ferro velho... pra poder

sustentar minha família...

eu uhum...

H. agora minha mulher inclusive estava falando de trabalhar:::...

↗
DEsde que seja um serviço ↗ digno....

1525 eu o que seria um serviço digno para o senhor o que o senhor acha?...

H. ah um serviço ↗ digno que eu acho é um trabalho... um trabalho ↗
DIGNo é um trabalho LIMpo entendeu::: né?...

eu uhum...

1530 H. é um trabalho vamos supor que ela sai daqui para trabalhar vamos supor numa... numa FIRma numa fábrica... a partir do momento que ela vai TRABALHAR... que ela fala pra mim que ela vai trabalhar... que o INTUITO DELA SEJA TRABALHAR
+T→
R-E-A-L-M-E-N-T-E... ←T+ T→ ←T-
eu não tenho nada contra...

1535 eu uhum...

H. porque tem:::... tem... isso daí a gente conhece aqui já tem pessoas::: tem mulheres que vão trabalhar e infelizmente viram a cabeça...

- eu viram a cabeça assim como?...
- 1540 H. ah ah ((risadas)) viram a cabeça MÉsmo... tem::: tem conheço
 pessoas aí que::: que se davam que era uma maravilha... de
 repente a mulher começou trabaLHAR:::.... hoje o casal está
 desquiTÁDO... ele está sepaRÁDO tá::: tá::: isso daí tenho prova
 não só aqui no bairro não... não assim como eu falei pra
 1545 senhora eu trabalhei vinte anos na GE... QUÁntos e QUÁntos
 disso daí que eu vi...
- eu uhum...
- H. e outra coisa::: a mulher para trabaLHAR fora tem que saber o
 local que ela vai trabalhar também porque eu trabalhei... esse
 1550 tempo todo aí... e a mulher entrava lá pra trabalhar no
 restaurante:: lá no caso que seria o restaurante... ou então nas
 bobinas lá... a mulher podia ser::: se uma uma SÁnta... T-O-D-
 O M-U-N-D-O achava que ela era isso que ela era aquilo:::....
 entendeu?... então eu acho que a mulher eu sou eu estou de
 1555 acordo que ela trabalhe mas tem que escolher M-U-I-T-O:::
 muito bem o ambiENTE que ela vai trabalhar e ter a cabeça feita

também ter a cabeça no lugar... porque hoje... em dia está
bicho feio.....

eu uhum...

1560 M. EU quero trabalhar fora e ele não ^{+T→ ←T+}deixa então que ele é:: ele
é::: não é que ele é contra né::: só que ele não ^{+T→ ←T+}deixa...

eu como ele não deixa?...

M. ^{+T→ ←T+}não deixa eu trabalhar::: arrumar um serviço pra mim trabalhar
fora... eu vendo roupa:::... tem tudo aquilo lá em cima da cama
1565 ((aponta para a cama))...

H. JÁ ESTÁ TRABALHANDO... uai... ((aumenta o volume da
voz))

M. mas AQUI em casa::: mas::: mas trabalhar... arrumar um
serviço pra fora ele ^{+T→ ←T+}não deixa... agora ^{-T→}por quê eu não sei
1570 ^{←T-}que nem ele falou::: mais... ((ilegível))

eu e que lugar era bom que o senhor acha pra ela trabalhar
fora?...

H. ah:: ... eu não sei não... não tenho nada contra em tal lugar é
aquilo que eu já falei pra senhora depende muito da caBEça

1575 da mulher... essa daqui trabalhava num restaurante né
((fala o nome da vizinha))...

M. trabalhei...

H. GRAÇAS a Deus hoje você tudo::: tudo bem ela tem uma
cunhada dela que trabalhou lá e que hoje é separada é verdade
1580 ou não é?... entendeu?... e quando ela trabalhava lá eu também
trabalhei lá::: acho que o marido dela também trabalhava lá
((ilegível))...

eu e daí então a senhora gostaria de trabalhar fora?...

M. é::: eu gostaria muito né não não é que eu gostaria a gente está
1585 necessitando porque... pô:::... ele está desempregado está
+T→ ←T+
vendendo verdura eu SEI que a gente está precisando
+T→ ←T+ +T→ ←T+
trabalhar.... mas ele não DÉIXA ele não deixa ((ilegível))...

3.1.3. ANÁLISE DOS DADOS

3.1.3.1. Interações na classe média

Casal no. 1

De um modo geral, durante toda a conversa entre este casal, notamos que o homem se coloca de forma assertiva e usa um tom de voz mais alto que a mulher. Esta, além de falar em tom mais baixo, logo no início, em voz quase inaudível, propõe que o homem fale em primeiro lugar.

Logo no início, ao tomar a palavra, (linha 0004), o homem usa a entoação ascendente e também tessitura mais alta para enfatizar sua postura a favor do trabalho da mulher fora de casa. Em seguida (linhas 0005, 0006, 0007, 0008, 0009), o homem usa a mesma técnica anterior, porém é interessante notar como estas palavras se inserem no quadro geral de sua fala, isto é, neste trecho da conversa ele está se justificando e afirmando que estimula o trabalho da mulher fora de casa. No caso da palavra "...PURA..." ao usar a tessitura mais alta e também a entoação ascendente, o homem muda o valor semântico da palavra e seu uso comum e mais frequente. Mais adiante, usando a mesma técnica (linhas 0014, 0015 e 0016), o homem se exime da responsabilidade pelo fato da mulher não trabalhar fora, fazendo este recair totalmente sobre ela.

Notamos que o homem, (final da linha 007 e linha 008), ao enfatizar "TUDO" e logo em seguida usar de uma pausa, retoma a fala, acelerando rapidamente e usando tessitura mais baixa, procurando ressaltar a sua postura

favorável em relação a algo "menos relevante" que é o trabalho da mulher . O abaixar da tessitura serve como um parênteses na fala do homem, técnica esta usada para explicar seu esforço para levar a mulher a trabalhar.

Em seguida,o homem utiliza o operador argumentativo "... ATÉ..." (linha 0009) para justificar sua fala, e depois desacelera, reforçando sua opinião favorável ao trabalho da mulher, que deveria aprender computação. A técnica de desaceleração, associada à entoação ascendente, serve para chamar a atenção sobre o que está sendo dito. Notamos que, antes de continuar sua fala, o homem alonga a vogal final e faz uma pausa mais demorada, o que serve para destacar o que acaba de ser dito.

O mesmo fenômeno ocorre mais adiante (linhas 0015 e 0016), quando o homem explica que o trabalho da mulher não deve ser visto apenas com o "... propósito de ganhar dinheiro ...". Logo a seguir (linha 0018), o homem, usando de alongamento da vogal, enfatiza sua postura. Na mesma linha e nas duas seguintes, coloca-se fora da situação, deixando novamente claro que a responsabilidade pelo fato de a mulher não trabalhar fora recai exclusivamente sobre ela. É interessante notar que está ocorrendo uma conversa entre o casal, não havendo, pois, necessidade de o homem expressar o pensamento da mulher.

Ao conseguir tomar o turno,(linha 0028), a mulher retoma a palavra "... PLEnamente..." usada pelo homem com a mesma entoação, porém para negar a afirmação feita por ele na linha 0019. Na fala da mulher (a partir da linha 0029 até a linha 0032), notamos que a entoação ascendente, bem como a tessitura alta, recaem sobre palavras que, se observadas no contexto geral

da fala, podem representar uma explicação ou mesmo tentativa de se desculpar, com relação ao fato de não trabalhar fora.

Nas linhas 0034, 0038, 0039, 0040 e 0041, é interessante notar o uso, pela mulher, da tessitura baixa associada com a fala mais acelerada para explicar o que fazia, no primeiro caso, e depois para justificar as dificuldades que a impediram de continuar trabalhando.

Casal no.3

Nesta interação, como na análise do casal no.1 feita acima, notamos que o homem coloca suas opiniões de forma categórica, o que não acontece com a mulher. É interessante notar que o homem, nesta gravação, fala por um período de tempo notoriamente mais longo que a mulher, e também, que é ele quem, polidamente, embora em tom acentuadamente irônico, inicia a conversa sugerindo que ela fale em primeiro lugar, o que difere do casal anterior (cf. linhas 0131 e 0133).

A mulher, logo no início (linhas 0134 e 0137), reafirma a opinião expressa anteriormente, quando de uma conversa informal com a pesquisadora sobre o assunto em questão. No início da linha 0138, parecemos que a mulher irá falar de mulheres de um modo geral, mas logo a seguir, ao usar uma tessitura mais baixa, explica que está colocando sua opinião pessoal. O mesmo acontece mais adiante (linha 0139), quando novamente usa de tessitura mais baixa para se justificar. Ressaltamos ser este o único momento em que a mulher expressa sua opinião, sendo que o homem coloca não só sua posição, mas a de ambos durante toda conversa.

Ao iniciar sua fala, (linha 0144 e seguinte), o homem passa a impressão de que realmente concorda com a postura da mulher. Se, porém, observarmos com mais cuidado, logo a seguir ele marca sua opinião pessoal, ao exemplificar e colocar um empecilho para o trabalho da mulher fora de casa, isto é, os filhos. Ao exemplificar (linha 0146), o homem faz uso de tessitura mais baixa, ao dizer tratar-se de um exemplo ou mesmo de uma exceção.

Notamos o uso do operador argumentativo "até" logo após o modalizador "poder" (linha 0147), o que deixa claro ser o homem que dá a permissão para a mulher trabalhar fora, e mesmo assim excepcionalmente. O mesmo operador argumentativo é usado novamente pelo homem, desta vez associado à entoação fática - elevação da voz, (linha 0151), e logo a seguir é usada a tessitura mais baixa para, como porta voz do casal, explicar que se trata de seu caso pessoal, deixando claro também que, na sua opinião, a decisão cabe ao homem.

Ao usar o operador argumentativo "já" (linha 0148), com o valor semântico de contrapor um novo argumento ao argumento anterior, orientando para uma conclusão contrária, o homem utiliza, logo a seguir de entoação fática ao se referir aos filhos. Ainda na mesma linha o homem, ao falar o óbvio, ou mesmo um fato que considera sem importância (passar o dia fora ...), usa da tessitura mais baixa antes de contrapor o argumento mencionado acima. Notamos o mesmo tipo de argumentação realizada pelo homem a partir da linha 0165 até o final da conversa. Ressaltamos, também, que, ao mudar o rumo da argumentação, através do "AGORA" (linha 0170),

o homem deixa claro que o que está bem para os outros não pode ser aplicado ao seu caso.

É interessante ressaltar que, após o uso do operador argumentativo "ENTÃO" (linha 0154), para justificar seu caso pessoal, explica nas linhas seguintes, com tessitura mais baixa, não haver outra alternativa senão a mulher cuidar do lar, pois ele, como marido, tem que trabalhar fora.

Observe-se, também, o uso do pronome pessoal "nós" (linha 0176), com valor exclusivo, na tomada de decisão quanto à questão das empregadas, isto é, coube ao homem essa decisão, uma vez que à mulher coube a obrigação de acomodar as "coisas" duras, mas que precisam ser feitas. Ao dizer "ALGUÉM" (linha 0174), por duas vezes seguidas, usando tessitura mais alta, o marido indetermina quem irá executar as tarefas do lar, no nível do explícito, mas fica implícito que essa obrigação cabe à mulher.

Notamos, também, que o homem se auto corrige (linhas 0178 e 0179), mudando o tempo do verbo do presente para o futuro do pretérito - metáfora temporal através da qual o marido se exime da responsabilidade pelo dito, usando ainda o operador "meio" para abrandar o que diz.

3.1.3.2. Interações na periferia

Nas duas gravações em questão, feitas nas periferia, os homens usam um volume de voz mais alto e também colocam suas opiniões de forma mais categórica do que as mulheres.

Casal no.2

Nesta gravação, o homem, num primeiro momento, (linhas 1465 e 1466), fala em tom baixo, confirmando o que já havia dito anteriormente em separado para pesquisadora. Este é o único momento em que fala desta forma. É interessante notar que ele se coloca a favor do trabalho da mulher fora do lar e, a seguir (linha 1468), além de silabar, levanta a voz para reforçar o que havia dito. Depois, porém (linha 1470), o homem se auto-corrige e afirma ser contra o trabalho da mulher fora de casa, justificando tal postura pelo fato de haver filhos.

A mulher (linhas 1467 e 1469), com voz baixa, contraria a posição do homem, tentando colocar que o dito anteriormente por ele não é verdadeiro. Mais adiante (linha 1470), após um alongamento de vogal e repetição, o homem, em tessitura mais alta, afirma ser contra o trabalho da mulher fora da casa. Logo a seguir, (linhas 1476 e 1477), o homem, usando de tessitura baixa, tenta justificar sua postura negativa como sendo simples brincadeira.

Casal no.4

Nesta gravação, o homem condiciona a saída da mulher de casa para trabalhar, de forma explícita, ao dizer que deve ser um serviço digno (linhas 1524 e 1525) e, mais adiante, (linha 1528) ainda enfatiza que deve ser um serviço "digno e limpo". Em seguida (linhas 1530 a 1534), o homem tenta explicar o que seria um trabalho digno, enfatizando a importância da boa intenção da mulher e para tal, além de usar entoação fática, o faz

silabando, o que serve para dar maior valor ao que está sendo dito. Logo a seguir, usando de tessitura mais baixa, o homem diz não ter nada contra o trabalho, deixando clara sua contradição, ou mesmo sua tentativa de preservar a face.

Na linha 1518, o homem faz uso de tessitura mais baixa e acelera sua fala, para explicar que vende verdura por haver perdido seu emprego. Esta técnica parece ser intencional para não chamar a atenção do interlocutor sobre um fato desagradável.

Nesta interação, fica claro que, para o homem, há uma relação direta entre o fato de a mulher trabalhar fora e problemas que dele poderão advir, podendo culminar com a separação do casal, pois, na sua opinião, cabe à mulher a responsabilidade por estes fatos. O trabalho da mulher está também condicionado à permissão do homem, como está explícito nas linhas 1554 e 1555. Esta opinião é expressa em tessitura mais baixa e com a aceleração da fala, o que pode ser relacionado com a estratégia de preservação da face e aceitação, como um fato normal, de que deve pedir tal permissão.

Quanto à mulher, notamos que sua participação só acontece a partir da linha 1560, sendo o momento mais interessante quando explica que o marido "não deixa" trabalhar fora de casa. As cinco vezes em que a mulher repete a palavra "deixa", sempre o faz usando de tessitura acentuadamente mais alta. Esta técnica é usada pela mulher para deslocar seu discurso em relação ao feito pelo homem. Nesta instância, a mulher está repetindo a fala do homem e, portanto, enfatizando-a. O homem (linha 1566), ao tomar o turno abruptamente, apaga a fala da mulher, usando de silabação e aumento do volume da voz.

O homem, neste momento, (linhas 1540 a 1546), desloca a atenção da conversa, contando "casos" que presenciou, bem como outros que são de conhecimento geral no bairro, e que servem para reforçar sua postura. É somente na linha 1560 que a mulher expressa seu desejo de trabalhar fora para ajudar e diz claramente que é proibida pelo marido.

Uma análise geral dos dados aponta para o fato de que os homens, em ambas as classes, falam mais e em turnos mais longos que as mulheres.

Nos exemplos analisados, parece-nos claro que os homens impõem suas opiniões, vontade e acima de tudo, que usam a prosódia como marca de detenção do poder.

As mulheres falam menos e usam um menor número de elementos prosódicos e, quando o fazem, de um modo geral, é para dar explicações, justificativas ou pedir permissão - isto através de tessitura mais baixa. Em nenhum momento das gravações as mulheres fazem uso da desaceleração.

Os homens do bairro de classe média recorrem, para atingir seus objetivos, a um maior número de elementos prosódicos do que os da periferia. Isto nos parece estar relacionado com o nível de letramento, e também com a habilidade de preservar sua face, tornando a fala mais "polida". Os homens da periferia se expressam de maneira mais direta, apoiando-se sempre em formas explícitas. Mesmo quando contam fatos e exemplificam problemas, fazem-no usando expressões que não deixam pairar dúvida sobre sua opinião.

No quadro abaixo, (p.73) notamos que os homens, tanto no bairro de classe média, como na periferia, fazem uso da tessitura mais alta (que geralmente está associada a uma marca da acentuação de sílabas ou até de

palavras) para dar ênfase ao que está sendo dito, para reforçar uma opinião e até como uma forma de demonstrar a exaltação.

As mulheres, no entanto, usam de tessitura mais alta para explicar e se desculpar, isto no bairro de classe média. Já na periferia, as mulheres usam este elemento prosódico para pedir permissão, ou para destacar a sua fala da do homem.

Quanto à tessitura mais baixa, os homens, no bairro de classe média, fazem uso dela para justificar, explicar, falar o óbvio, ou algo sem importância, além de fazer um parênteses na fala. Os homens da periferia usam a tessitura baixa com a mesma finalidade.

As mulheres, porém, usam a tessitura mais baixa para explicar e pedir permissão, isto tanto na periferia quanto no bairro de classe média.

É interessante notar que apenas os homens, tanto do bairro de classe média como da periferia, usam a desaceleração com valor semelhante, isto é, para destacar, enfatizar, atribuir qualidades especiais ao que está sendo dito e para chamar a atenção sobre o dito. As mulheres, em nenhum momento dos trechos analisados, usam este elemento prosódico com tais finalidades.

3.1.3.3. ELEMENTOS PROSÓDICOS

Bairro de classe média

Homem

Mulher

Tessitura +

Tessitura +

ênfase, reforço de opinião, exaltação justificativa, desculpa

Tessitura -

Tessitura -

parênteses, justificativa, explicação, falar o óbvio, sem importância explicação

Desaceleração

destacar, enfatizar, atribuir qualidades

Periferia

Homem

Mulher

Tessitura +

Tessitura +

ênfase, reforço pedir permissão, ênfase

Tessitura -

Tessitura -

justificativa, explicação, fala o óbvio parênteses permissão, explicação

Desaceleração

ênfase, + valor, chamar a atenção

3.1.3.4. Falas paralelas

O exemplo a seguir, onde o homem e a mulher falam paralelamente, havendo uma sobreposição da fala de ambos, deixa claro que o homem conduz não só a argumentação, mas também apaga a fala da mulher.

H. ... apesar de ELA achar que se

realiza... PLEnamente com o tra-

balho de casa... e essa é a afir-

mação DELA...

eu acho que ela...

cada um está pode a sua opinião

deixo terminar ((risada irônica))

não mas eu acho que...

M. não não eu eu não...

pode pode intervir pode?...

pode?...

eu acho que...

eu pode intervir sim...

M. não eu:.... eu não acho que me

realize PLEnamente.....

H. mas este é um tipo de serviço de serviço que poderia fazer... você durante todos estes anos

se você fosse presidente da república eu ia até ser primeiro damo da república ((risada irônicas))...

não mas existe sociólogo trabalhando em tudo... a sociologia tem... te dá uma uma margem assim assim.... existe sim... ((afirma categoricamente))...

é não...então não trabalha... estritamente como sociÓLOGO se a área prá para trabalhar estritamente como sociólogo te oferece um CAMPO GRANDE você presta...

M. certo mas eu... mas eu estou analisando vem cá... eu fiz ciências sociais... no Brasil ser sociÓloga é uma frustração não só para mim EG é sociólogo e foi presidente da república...

então... então talvez talvez eu poderia até Nisso se eu tivesse investido... sabe se eu tivesse tentado...

existe...((voz baixa))

mas não não existe muito não...

não existe não... existe assistente social que faz trabalho de sociólogo... o economista que...

eu sei... bom mas..

H. concurso no Banco do Brasil...
para trabalhar no Banco do
Brasil...
ué... você você pode ser sociÓ-
loga dentro do banco também...
faz uma pós graduação... tenta
fazer alguma coisa....

... eu acho que a grande maioria
das pessoas tem que se ADAP-
TAR a vida... certo... mas você
não... você então cismou que
tinha que dar aula... como aula
não dá porque não dá prá con-
ciliar as duas coisas o mundo
acabou aí certo?

M. agora... agora...

vou ser bancária e não socióloga
não... eu não estudei tanto para
ser bancária...
essa... essa...essa...essa questão
é muito....

certo... pode até ser... uhum
((voz baixa))

uhum... ((voz quase unaudivel))

Notamos, logo no início, que, ao usar a tessitura mais alta, o homem quando diz "... ELA achar que se realiza... PLEnamente com o trabalho de casa... e essa é a afirmação DELA..." além de verbalizar (...essa é a afirmação...) recorre a elementos prosódicos para se eximir da responsabilidade sobre a opinião expressa. O homem coloca as idéias como se fosse o porta-voz da mulher, pois é a mulher, segundo ele, que acredita se realizar com o trabalho do lar.

Com relação à mulher, notamos que suas tentativas de interromper a fala do homem são infrutíferas, a ponto de pedir "ajuda" ao dizer "...pode pode interromper pode?..." Note-se que a interrupção, ou a fala da mulher só acontece após a intervenção do entrevistador. Ao iniciar sua fala, a mulher retoma a palavra ...PLEnamente... usada pelo homem, com a mesma entoação e tessitura, o que podemos dizer ser uma forma de garantir seu espaço de fala. É interessante ressaltar que a mulher, para tomar o turno não faz uso de elementos prosódicos, apenas se limita a pedir ajuda. Notamos também, neste trecho, que a mulher fala em tom de voz acentuadamente mais baixo. Somente no decorrer da conversa que ela aumenta seu tom de voz, chegando a aproximar-se do tom usado pelo homem.

É interessante notar, também, que ao mesmo tempo que o entrevistador "consegue abrir" um espaço para a fala da mulher, o homem se justifica ao dizer que cada um está colocando sua opinião e antes de passar o turno para mulher ri ironicamente, e ainda tenta continuar sua fala "... não mas eu acho que..." .

3.2. MARCADORES CONVERSACIONAIS E OUTRAS MARCAS LINGÜÍSTICAS

3.2.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Schiffrin (1987) lembra que a linguagem sempre ocorre em algum tipo de **contexto**, que pode incluir: **contextos cognitivos** - nos quais conhecimentos e experiências passadas são armazenadas e posteriormente ativadas; **contextos culturais** - que consistem de conhecimentos partilhados e visões de mundo, e finalmente **contextos sociais** - dos quais os participantes de uma interação se utilizam para construir definições de situações e ações. Ressaltamos aqui a importância do contexto, pois este é parte essencial no processo de interpretação. Isto nos remete a uma visão de linguagem que é potencialmente sensível aos diferentes contextos em que ocorre, vindo a refleti-los, além de auxiliar na sua constituição.

Koch (1992) sintetiza em três as diferentes maneiras como a linguagem humana tem sido concebida no curso da História:

a. linguagem como representação ("espelho") do mundo e do pensamento. Esta concepção é a mais antiga e segundo ela o homem representa para si o mundo através da linguagem. A língua tem, neste caso, a função de representar ou refletir o pensamento e o conhecimento de mundo do homem.

b. linguagem como instrumento ("ferramenta") de comunicação. Esta concepção considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. A principal função da linguagem passa a ser a transmissão de informações.

c. linguagem como forma ("lugar") de ação ou interação. Segundo esta concepção, a linguagem é uma atividade ou forma de ação (ação interindividual, finalisticamente orientada para um propósito); é o lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

A visão de linguagem como ação intersubjetiva, segundo Koch (1992), deriva de dois grandes pólos: de um lado a **Teoria da Enunciação**; e de outro, a **Teoria dos Atos de Fala**.

A **Teoria da Enunciação** teve como precursor o pensador russo Bakhtin (1929), sendo posteriormente desenvolvida na França pelo lingüista Benveniste (1966), ao propor o estudo da subjetividade na língua, do "aparelho formal da enunciação". Para seu trabalho, o autor tomou como principais pontos de partida os sistemas pronominal e verbal do francês, comprovando sua tese da subjetividade na linguagem.

Os trabalhos de Benveniste dão grande impulso à **Teoria da Enunciação**, especialmente na França, onde, segundo Koch (1992), diversos lingüistas passam a estudar diferentes marcas da presença do enunciador nos

enunciados por ele produzidos, como, por exemplo, os indicadores de modalidade, os de atitude do falante, os índices de avaliação, os de distanciamento ou adesão do locutor ao seu discurso. São estudados, portanto, todos os tipos de "modalizadores" ou marcas lingüísticas da enunciação. Entendemos por enunciação, segundo Ducrot (1984), o evento único de produção de um enunciado.

As pesquisas sobre linguagem passam, com o desenvolvimento da Teoria da Enunciação, a incorporar a enunciação ao estudo dos enunciados lingüísticos.

Entendemos, segundo Vogt (1980), que todo enunciado diz algo, mas o diz de um certo modo. Em nosso trabalho, onde analisamos interações homem/mulher, torna-se evidente que as intenções do falante, ao produzir um enunciado, podem ser as mais variadas, uma vez que cada enunciação pode ter uma multiplicidade de significações. Desta maneira, cada enunciado pode ser interpretado de diferentes formas. Assim sendo, compreender uma enunciação é, acima de tudo, apreender as direções ou sentidos, para os quais ela aponta.

Os estudos sobre discurso e, conseqüentemente, sobre argumentação passaram a ser colocados como centrais nas pesquisas sobre a linguagem, após o surgimento da Pragmática.

Ao fazermos este estudo de interações homem/mulher, aceitaremos a definição proposta por Levinson (1983:5) de pragmática como "...o estudo da língua em uso...". O mesmo autor afirma ser a conversação o "... protótipo da língua em uso..." (1983:281). Lembramos aqui, também, que para

Marcuschi (1986:5)

... "a conversação é, em primeiro lugar, a prática social mais comum no dia-a-dia do ser humano; em segundo desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas eficientes de controle social imediato; por fim exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade lingüística dos falantes..."

Van Dijk (1992a.) afirma que uma teoria cognitiva da pragmática terá que elucidar quais as relações existentes entre os vários sistemas cognitivos (conceituais) e as condições de adequação dos atos de fala aos seus contextos de ocorrência. Para o autor, a razão fundamental de uma teoria pragmática da língua é estabelecer relações entre os enunciados e a interação. De forma abrangente, poder-se-ia dizer que as condições sociais relevantes envolvidas nas formulações das regras pragmáticas, como nas relações de autoridade, poder, papel e polidez, operam sobre bases cognitivas. Isto é, elas só são relevantes quando os participantes da interação têm conhecimento dessas regras, podem usá-las e são capazes de relacionar suas interpretações sobre o que está ocorrendo na comunicação às características sociais do contexto em que ocorrem.

Desta forma, a compreensão pragmática, segundo o autor, constitui-se de uma série de processos, através dos quais os usuários da língua,

reciprocamente, atribuem aos seus enunciados forças ilocucionárias, isto é, atos convencionais particulares.

Se pensarmos a frase como uma unidade sintático-semântica, o discurso constituirá uma unidade pragmática, atividade capaz de produzir efeitos, reações, ou, como diz Benveniste (1974), "a língua assumida como exercício pelo indivíduo". Ao dizer algo, o homem se apropria da língua, não apenas com o propósito de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente, instituindo-se como EU e constituindo, ao mesmo tempo, como interlocutor, o OUTRO, que é, por sua vez, constitutivo do próprio EU, através do jogo de representações e de imagens recíprocas que entre eles se estabelece. Lembramos que, numa interação ou diálogo, o destinatário é o "locutor do próximo turno", havendo uma constante troca de papéis entre os participantes do evento e ocorrendo, a todo instante, reajustes. Isto nos leva a afirmar que o sentido é construído na interlocução, no interior da qual os interlocutores se constituem e são constituídos.

Podemos, pois, afirmar que a mera decodificação dos sinais emitidos pelo locutor (enunciados) não é suficiente para que haja uma interação. É necessário que o interlocutor estabeleça relações, e faça uso de conhecimentos prévios, bem como seja conhecedor do contexto social em que a interação se estabelece, para poder compreender o que foi dito em seu conjunto e para interpretá-lo de forma adequada à situação.

A Teoria dos Atos de Fala remonta aos filósofos da Escola Analítica de Oxford, liderados por Austin (1962), seguido por Searle (1969), Strawson (1971) e outros, que entendiam a linguagem como forma de ação sobre o

outro. Segundo esta Teoria "todo dizer é um fazer". Tal visão da linguagem postula a existência de três tipos de atos: 1) ato locucionário (que consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados segundo as regras da língua); 2) ato ilocucionário (que atribui a esse conjunto, proposição ou conteúdo proposicional uma determinada força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc.); 3) ato perlocucionário (que se destina a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencer, assustar, agradar, etc.). É importante lembrar que tais efeitos podem se realizar ou não.

Podemos afirmar que todo ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Se não o fosse, não seria um ato de fala, pois sempre que interagimos através da língua, proferimos um enunciado lingüístico que é dotado de determinada força e que produzirá no interlocutor determinado(s) efeito(s). Tais efeitos podem, até mesmo, não ser aqueles que o falante desejava produzir.

Assim, para que um ato de fala alcance os objetivos desejados pelo locutor, torna-se necessário que o interlocutor capte sua intenção; caso contrário o ato será inócuo (Koch, 1992). Desta forma, para que o ato produzido pelo locutor surta os efeitos desejados e se concretize enquanto ação é essencial que o interlocutor reconheça a força ilocucionária do ato.

A Teoria dos Atos de Fala tem, recentemente, sido alvo de críticas e, portanto, recebido reformulações. Embora Austin tenha "aberto" a perspectiva para a visão de linguagem como ação, a ênfase ainda é colocada quase exclusivamente no locutor o que torna a teoria unilateral. Outra crítica recai sobre o fato de se levarem em conta basicamente enunciados isolados, examinados fora de um contexto real de uso.

Van Dijk (1992) ressalta que, num texto, apesar de se realizarem diversos tipos de atos, há sempre um objetivo principal a ser atingido, para o qual concorrem todos os demais. O autor propõe, então, a noção de macroato, isto é, o ato global que se pretende realizar, e ao qual os demais atos se subordinam. O mesmo autor ressalta que, em seqüências de atos de fala, podemos distinguir um ato principal e outros complementares, como atos preparatórios, atos de justificativa ou pedido, de fundamentação, e outros.

Segundo Koch (1992), o sentido é construído na interação (interlocução), no interior da qual os interlocutores se constituem e são constituídos. Desta forma, a simples decodificação dos sinais emitidos pelo falante (locutor) não é suficiente; cabe ao interlocutor estabelecer, no interior do que é dito, relações dos mais diversos tipos, para ser capaz de compreendê-los em seu conjunto e interpretá-los de maneira adequada no conjunto geral de uma situação.

Lembramos aqui a importância das inferências, uma vez que nenhum texto apresenta de forma clara e explícita toda informação necessária à sua compreensão. Para que haja a produção do sentido, torna-se necessária a recuperação de elementos implícitos, ou conhecimentos compartilhados, através da produção de inferências.

Retomamos aqui a afirmação anterior de que, ao interagirmos, temos sempre objetivos, metas ou propósitos a serem atingidos; existem sempre efeitos que pretendemos causar, comportamentos que desejamos ver desencadeados. Em resumo, pretendemos agir sobre nossos interlocutores de uma forma determinada e, assim, provocar determinadas reações.

Concluimos, então, que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, já que dotamos os nossos enunciados de determinada força argumentativa.

Segundo Ducrot (1972 e 1984), a argumentatividade está inscrita na língua, isto é, a gramática da língua possui mecanismos, ou seja, marcas lingüísticas, que servem para orientar os enunciados para determinadas conclusões. O mesmo autor, criador da Semântica Argumentativa, usa o termo operadores argumentativos para designar os elementos da gramática de uma língua que têm por finalidade indicar a força argumentativa dos enunciados, ou seja, o sentido para o qual apontam. A Semântica Argumentativa proposta por Ducrot tem, dentre outros, o objetivo de estudar a macrossintaxe do discurso através das marcas lingüísticas que podem ser observadas nos enunciados.

Para explicar o funcionamento dos operadores argumentativos, Ducrot utiliza duas noções básicas: a de classe argumentativa e a de escala argumentativa.

- 1) uma classe argumentativa é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para (ou que apontam para) uma mesma conclusão. Neste caso, todos argumentos têm o mesmo peso.
- 2) uma escala argumentativa é constituída de um conjunto de enunciados que apontam para a mesma conclusão, porém, que se apresentam em gradação (escala) de força crescente ou decrescente.

3.2.2. ANÁLISE DOS MARCADORES SELECIONADOS

Nos dados que compõem o corpus deste trabalho, encontramos um grande número de operadores argumentativos que são usados, de diferentes formas, para monitorar as interações. Analisaremos, a seguir, apenas alguns dos operadores usados pelos participantes das interações e dos depoimentos, que julgamos relevantes para esta pesquisa. A análise dos operadores remanescentes poderá ser foco de estudo futuro. Lembramos, também, que, por tratar-se de um trabalho qualitativo, os dados não serão tratados quantitativamente. Tal enfoque poderá, também, ser dado em outro trabalho.

Segundo Koch (1992), dentre os operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão, temos: *até*, *mesmo*, *até mesmo* e *inclusive*. Nas gravações que compõem o corpus deste trabalho, encontramos diferentes exemplos destes operadores. Citaremos apenas alguns que julgamos mais significativos.

Apontamos, primeiramente, alguns exemplos onde o operador *até* é usado para indicar o argumento mais forte no sentido de determinada conclusão: "... normalmente o MARIDO que provê::: o sustento isso é uma... uma decorrência *até* é uma CULTura..." (linha 0547). Em outro exemplo, encontramos novamente o homem dizendo: "... resumindo ela resolveu ser mãe... e eu acho que *até* nós estamos tendo um grande retorno disso..." (linha 1063). Outro exemplo temos quando novamente o homem fala: "... então é importante a mulher trabalhar fora hoje em dia mesmo porque auxilia *até* na::: no aumento da renda..." (linha 1251).

Em outro momento, encontramos o homem, embora face-a-face com a mulher, colocando o parecer dela: "... ela gosta de ficar dentro de casa mesmo... e DEntro de casa... ela *ATÉ* que gerencia bem a casa..." (linha 0471). Neste exemplo nos parece claro que o homem usa o operador de forma irônica para falar sobre o trabalho da mulher. Dentre os depoimentos, encontramos outro exemplo do uso do operador argumentativo de maneira irônica pelo homem, quando expressa sua opinião sobre o desempenho da mulher como professora, ao dizer: "... começou lecionar... EU ACHO *ATÉ* que ela é uma professora do modo antigo ... acho que o ESTAdo está *até* bem servido nessa parte..." (linha 2251). Ressaltamos neste exemplos a associação da elevação na entoação da voz com o uso do operador argumentativo, para expressar ironia.

Em outros momentos das gravações, encontramos o operador *até* sendo utilizado para introduzir uma concessão. Notamos, porém, que logo a seguir o homem impõe uma condição para fazer a concessão, geralmente introduzida pelo operador *mas* dizendo, por exemplo: "... se não tiver criança *até* tudo bem... *mas* se tiver ..." (linha 1429), continuado mais adiante o homem diz: "... se não tiver essa preocupação pode *até* trabalhar *ATÉ* a vida inteira... *mas* deixar a criança com os outros pra trabalhar aí eu NÃO concordo..." (linha 1436 e seguintes). Outro exemplo interessante do uso do operador *até* indicando concessão e logo a seguir a condição que é imposta pelo homem, quando diz: "... ela pode *até* trabalhar fora::: passar o dia fora::: também se encontram à noite... *agora*::: JÁ QUANDO HÁ FI::: LHOS....." (linha 0147 e seguintes). Neste caso temos dois operadores o *até* que tem função concessiva; e o operador *agora*, usado logo a seguir com

função semelhante à de *mas*, permitindo ao falante, no caso o homem, preservar sua face, isto é fazer a fala pública antes da introdução do operador *agora*, expressando, porém, logo após sua opinião pessoal, isto é, a fala privada. O uso do operador *agora*, na fala, com a mesma função de *mas*, serve para opor argumentos contrários.

Na análise dos dados encontramos, também, operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão, isto é, argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa. Dentre eles citamos: *e, também, ainda, nem, não só... mas também, tanto... como, além de..., além disso, a par de...*. A seguir, apontamos alguns exemplos do uso de tais operadores como quando a mulher explica que, na realidade, os homens não aceitam o fato da mulher trabalhar fora dizendo: "... e depois... quando as coisas não ficam como eles pensavam que devia ficar... aí::: aí... daí já dá margem pra discussão... desentendimento.. *e também* a dependência econômica..." (linha 0284 e seguintes). Mais adiante o homem explica que ele e a esposa se dão bem fazendo referência, depois, ao outro casal: "... agora o caso do C. e da V. já é uma situação oposta... *e também* se dão bem..." (linha 0480). Mais adiante, em outra interação, a mulher para explicar os motivos que a levaram a deixar o trabalho temporariamente, diz: "... eu não concordo em pôr as crianças na creche...*e também*::: eu não tinha uma boa empregada..." (linha 0829).

Em nossos exemplos, o uso do operador *também* tanto pelo homem como pela mulher, tem claramente a função de adicionar argumentos a favor de uma conclusão, como podemos observar nos exemplos a seguir: "... já que a mulher ajuda no caso ele *Também* é obrigado a dividir o serviço..."

(linha 0336). Mais adiante em outra interação temos: "... que você ficar ... em casa então significa *também* que você vai ter que renunciar..." (linha 0890). Em outro momento a mulher diz "... mas *também* tem uma coisa... eu acho que vai muito do marido..." (linha 1017). Em outro momento encontramos o homem se expressando da seguinte forma: "... tem pessoa que tem uma atividade profissional dentro de casa e eu *também* acho que é válido..." (linha 1230).

O uso de *não só... mas também*, para somar argumentos, pode ser observado quando o homem diz: "... *não SÓ*...como eu falei inicialmente por uma questão de:: realização né... *mas como também* para ajudar..." (linha 0529 e seguintes). Mais adiante na interação do casal no.19 o homem diz: "... ajuda *não só* em casa *mas* ajuda *também* ela se desenvolver..." (linha 1278).

Nas interações face-a-face gravadas na periferia encontramos, embora em menor número, exemplos de operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão. Citamos alguns exemplos como, quando o homem, ao explicar que a sogra ajuda na criação dos filhos, diz: "... ela *também* olha..." (linha 1669); e mais adiante em outra interação o homem explica que a mulher não pode trabalhar dizendo: "... *também* muitos maridos não gostam por causa de que as mulheres vão trabalhar fora acham que as mulheres vão sair pra outro lado..." (linha 1709 e seguintes). Mais adiante temos um exemplo interessante quando o homem se manifesta favorável ao trabalho da mulher fora de casa dizendo: "... *não só* como marido *mas também* como homem..." (linha 1895).

Já nos depoimentos gravados tanto no bairro de classe média, quanto na periferia, encontramos apenas alguns momentos em que os operadores em questão foram utilizados para somar argumentos, como demonstram os exemplos que se seguem. A mulher justifica sua postura favorável ao trabalho dela fora de casa dizendo "... acho que é bom trabalhar fora ahn... *tanto* do ponto de vista de realização pessoal... *como* pela necessidade..." , e mais adiante continua dizendo: "... *NÃO SÓ* quando se tem filhos pequenos *mas* até quando eles são jovens..." (linhas 2326 e seguintes) . Em outra interação temos o exemplo da mulher que justifica a importância do trabalho fora dizendo: "... *não SÓ* pelo dinheiro... *mas também* pelo dinheiro..." (linha 2411).

Nas gravações encontramos, também, os operadores *além de, além de tudo, aliás e inclusive* usados para somar argumentos, como podemos observar nos seguintes exemplos: "... *aliás* eu tenho esTImulado ela..." (linha 0005) . Em outro exemplo o operador *aliás* é utilizado para introduzir um argumento decisivo, um "golpe final", quando a mulher explica ter vindo de um meio onde não era comum o trabalho da mulher fora do lar: "... eu não ví ninguém trabalhar fora NINguém... *aliás* minha mãe parou de trabalhar... imagine só... porque ela casou tinha que parar de trabalhar imediatamente..." (linha 0556 e seguintes). Na mesma interação, temos o homem dizendo: "... porque *inclusive* porque::: aqui trabalha-se pouco e mal..." (linha 0691). Numa das gravações feita na periferia, temos um exemplo da mulher explicando as desvantagens de permanecer em casa, quando diz: "... fica só encasquetando coisas na cabeça e *além de tudo* fica rabujenta..." (linha 1830).

Observamos, também, nas gravações o uso freqüente dos operadores *desde que* e *se*, introduzindo uma condição, a qual geralmente é a imposta ou colocada pelo homem para que a mulher possa trabalhar fora. Vejamos alguns exemplos: primeiro quando o homem explica que é responsabilidade da mulher cuidar da família: "... ELA tem que montar um esquema... né... pra coisa funcionar... e... e *desde que* ela monte um esquema..." (linha 0251). Mais adiante, em outra gravação, o homem ao responder a pergunta de pesquisa, coloca sua opinião sobre o trabalho da mulher fora do lar dizendo: "... bom então né *desde que* ganhe bem..." (linha 0721). Na periferia, encontramos outro exemplo semelhante quando o homem diz: "... oh eu não sou contra não né *mas desde que* o salário dela seja um salário compatível..." (linha 1589). Mais um exemplo interessante na periferia é quando o homem diz: "... enTÃO... SE ela arrumar uma pessoa COMpetente para olhar os filhos ela vai trabalhar sossegada... AGORA *desde que* ELA não está aí SE IMportando com os filhos ela está trabalhando mais pra fugir da responsabilidade... pra sair de casa..." (linha 1495 e seguintes). Neste exemplo, o homem explicita seu parecer sobre a possibilidade de a mulher querer sair de casa para trabalhar, sem se preocupar com os filhos, estando subjacente a idéia de irresponsabilidade. Mais adiante, em outra interação, encontramos o exemplo do homem que impõe a seguinte condição para a mulher trabalhar fora: "...*DEsde que* seja um serviço digno..." (linha 1524). Em outro exemplo temos: "... *desde que* haja necessidade da mulher trabalhar... *desde que* ela não tenha muito compromisso em casa..." (linha 2063 e seguintes).

Voltando às gravações na classe média, temos o homem, explicitando sua opinião favorável ao trabalho da mulher, mas fazendo uma ressalva: "... *desde que* o homem pense como eu né... porque se o homem pensar..." (linha 1015). Em outra interação o homem explica que, em caso de necessidade para sobreviver, a mulher pode trabalhar, dizendo: "... tem que ajudar no que puder né::: *desde que* possível né nem sempre isso é possível..." (linha 1121), porém com a condição de que se trate de casal sem filhos. Encontramos mais adiante outro exemplo em que o homem impõe, explicitamente, condições: "... eu não sou contra ela trabalhar fora... *desde que* não prejudique né... a... a CAsa... as CRianças..." (linha 1332 e seguintes).

Continuando a análise dos operadores que introduzem uma condição que, como já dissemos, em geral é imposta pelo homem, observamos o uso do *se* nos seguintes exemplos: "... então *se* a mulher tiver condições de conciliar a administração da sua casa e não misturar com um negócio enfim..." (linha 0746 e seguintes). A mulher, na interação seguinte, por ter ouvido a colocação acima, expressa a sua opinião a respeito da fala do homem da seguinte forma: "... eu sou TOralmente a favor e não vejo isto que ele colocou como *se* isto fosse já de antemão ele já comeÇOU colocando que *SE* por causa disso a mulher tem que ficar em casa..." (linha 0806 e seguintes). Neste exemplo a mulher está se referindo à formação evangélica que é comum aos dois e que o homem, no primeiro caso, usa para justificar sua postura contrária à mulher trabalhar fora de casa. Em outra interação, a mulher diz: "... você vai ter que se limitar a:::... a::: ter menos dinheiro então eu acho que *se* você usar esse teu tempo... e trabalhar fora... eu acho... que é

muito produtivo..." (linha 0891 e seguintes). Novamente notamos, neste exemplo, que a mulher é favorável ao trabalho fora de casa.

É interessante observar, em outro exemplo, que o homem faz uso dos operadores *se* e *até* associados a um tom de voz irônico e seguidos de uma condição irrealizável: "... *se* você fosse presidente da República eu ia *até* ser primeiro damo..." (linha 0058).

Nas gravações feitas na periferia, temos o homem colocando as seguintes condições para que a mulher possa trabalhar fora: "... que *se* não tiver filho não tiver essa preocupação pode *até* trabalhar..." (linha 1436). Outro exemplo interessante encontramos na gravação com o casal no.3, quando o homem procura aparentar indiferença: "... eu::: eu... falei que não concordo... *se* quiser trabalhar que trabalhe *mas* eu::: eu:::.... a minha opinião é NÃO..." (linha 1505). Mais adiante, a mulher ao responder a pergunta de pesquisa diz: "... *se* fosse por mim eu trabalharia *mas* ele não aceita..." (linha 1733), ao que o homem responde: "... um dia *se* precisar *se* a necessidade for maior daí eu vou ter que aceitar *mas*..." (linha 1740). Notamos que na fala do homem, logo após a condição, também aparece o operador *mas*, que indica a mudança no rumo da argumentação, isto é, um argumento decisivo em sentido contrário.

No exemplo a seguir, o homem, ao explicar que a mulher não trabalhou fora durante a vida diz: "... não é que eu não deixei ... hoje ela fala pra mim *se* a gente tivesse pensado.... *se* tivesse colocado as crianças numa creche ela teria trabalhado... eu não oponho a mulher trabalhar fora... tendo a cabeça no lugar não tem problema..." (linha 2066 e seguintes). Este exemplo

é interessante, pois deixa clara a postura, contrária ao trabalho, do homem, incorporando, ao mesmo tempo, a fala da mulher no seu texto.

Ducrot e seus seguidores costumam distinguir dois *mas*: um *mas* de "refutação" (cf. em alemão "sondern" e em espanhol "sino") e um *mas* de "argumentação", sobre o qual nos deteremos neste estudo. Este último possibilita a oposição à interpretação argumentativa que um destinatário poderia atribuir à proposição inicial.

Segundo Ducrot (1984), *MAS* é o operador argumentativo por excelência. Os operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias são: *mas* (porém, contudo, todavia, no entanto, etc.), e *embora* (ainda que, posto que, apesar de(que), etc.).

Koch (1984, 1989 e 1992) descreve o esquema de funcionamento de *MAS* e de seus similares da seguinte forma: o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão R; logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária ~R. Ducrot, para ilustrar esse esquema argumentativo, utiliza a metáfora da balança: o locutor coloca no prato A um argumento (ou conjunto de argumentos) com o qual não se engaja, isto é, que pode ser atribuído ao interlocutor, a terceiros, a um determinado grupo social ou ao saber comum de determinada cultura (fala pública); a seguir, coloca no prato B um argumento (ou conjunto de argumentos) contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção. Neste caso, acontece o fenômeno da polifonia, segundo a qual, num mesmo texto, se fazem ouvir "vozes" que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com os quais o locutor se identifica ou não. Existem formas lingüísticas que indicam a presença de outra(s) voz(es),

dentre as quais os operadores argumentativos pertencentes ao grupo do *MAS* e do *EMBORA*, onde o argumento P é sempre atribuído a uma outra voz, à qual se reconhece uma certa legitimidade, passando a ser o argumento possível para conclusão R (mecanismo "liberal", segundo Ducrot e Vogt (1989)), mas ao qual se opõe um argumento próprio Q, mais forte, que deve levar à conclusão oposta.

Segundo Koch (1992), do ponto de vista semântico, os operadores do grupo *MAS* e do grupo *EMBORA* têm funcionamento semelhante: eles opõem argumentos enunciados de perspectivas diferentes, que orientam, portanto, para conclusões contrárias. Guimarães (1981), mostra, porém, que a estratégia argumentativa utilizada pelo locutor, é diferente: no caso do *MAS* é usada a "estratégia do suspense", isto é, faz-se com que o interlocutor pense na conclusão R, para depois introduzir o argumento (ou conjunto de argumentos) que irá levar à conclusão $\sim R$. Ao usar o operador *EMBORA*, o locutor utiliza a estratégia de antecipação, isto é, antecipa-se que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado, "não vale".

Pesquisas na área de Ciências Sociais, e em específico relacionadas à cognição social, ao estudarem as diferentes estratégias de compreensão do discurso e de manifestações do preconceito e racismo, tanto na linguagem oral quanto na escrita, apontam para o uso do operador argumentativo *mas* com a função descrita acima. Van Dijk é um dos pesquisadores que, recentemente, mais se tem destacado realizando estudos interdisciplinares sobre as diferentes formas de reprodução do racismo através do discurso e dos meios de comunicação em geral. Segundo o autor, uma das estratégias discursivas mais utilizadas para simular a negação do racismo é o uso de

marcadores de atenuação, como podemos observar neste exemplo típico: "Eu não tenho nada contra os pretos, *mas* ...". Em nosso trabalho, embora não tratemos de racismo, abordamos aspectos do preconceito do homem em relação ao trabalho da mulher, e vimos que, muitas vezes, se manifestam verbalmente de maneira semelhante ao exemplo citado acima.

Segundo van Dijk (1983, 1992b,c,d e 1993a,b), é através da conversação que podemos observar como os falantes usam a estratégia dupla de auto-representação (positiva e negativa). O autor ressalta que as relações funcionais entre proposições no discurso podem ter uma função estratégica importante. Podem ser etapas no discurso global, como o emprego dos marcadores de atenuação ou atenuadores (disclaimers) que são negações aparentes como por exemplo "*não tenho nada contra, mas*" , ou concessões aparentes como por exemplo "*o trabalho é bom, mas...*" Tais estratégias, segundo o autor, contribuem para a estratégia geral positiva de auto-representação de um grupo dominante ou de um falante e, ao mesmo tempo, preparam estrategicamente um "move" que irá funcionar de forma negativa, em oposição ao que foi dito.

É interessante ressaltar que esta negação pode ser chamada de aparente, pois não é embasada em evidências de que o falante realmente não tem nada contra. Pelo contrário, a negação serve como uma técnica de preservação da face, introduzindo uma afirmação geralmente negativa, seguida do operador *mas*, que pode vir prosodicamente marcado através, por exemplo, de entoação ascendente ou tessitura mais alta.

Antes de analisarmos exemplos ilustrativos, ressaltamos que, para este estudo, nos baseamos na noção de face desenvolvida por Goffman (1967) e

expandida por Brown e Levinson (1978). Segundo Goffman, todo indivíduo tem uma auto-imagem pública (face) que deseja preservar e ver preservada. Partindo dessa noção de face e do caráter intrinsecamente ameaçador da interação verbal, Brown e Levinson (1978:61-80) desenvolveram o princípio da face positiva e da face negativa, bem como um mecanismo de estratégias que funcione para a compensação das ameaças potenciais. Goffman (1979), ao questionar o trabalho linear de Sacks et al.(1974), afirma que uma interação é construída passo-a-passo, pelos participantes, através de atitudes reflexivas. Durante a construção, os participantes estão constantemente se alinhando ou reestruturando a fala. É através desta técnica, denominada "footing" pelo autor, que os participantes de uma interação preservam suas faces. A reestruturação e o alinhamento são também formas usadas para negociação entre interlocutores.

Toda pessoa teria, portanto, uma face negativa (o território pessoal a ser defendido, sua liberdade e seus desejos de não imposição) e uma face positiva (o desejo de aprovação e reconhecimento social de sua personalidade e vontade). Marcuschi (1989) lembra que todas as pessoas usam a racionalidade para a seleção de estratégias que visam à preservação das faces, uma vez que os participantes de uma interação desejam preservar mutuamente as faces de potenciais ameaças . Os interlocutores fazem, portanto, uso de diferentes estratégias tanto prosódicas como lingüísticas para obter os resultados desejados.

Nas gravações, em alguns momentos, o marcador *agora* é usado em lugar de, e com a função de *mas*. Lembramos, porém, que tal fato é típico da oralidade. *Mas*, na linguagem falada tem sido objeto de estudo por

diferentes pesquisadores, dentre os quais citamos Schiffrin (1987) e Marcuschi (1989). Risso (1993), em um trabalho utilizando dados do Projeto NURC, analisa o marcador *agora* como dêitico temporal (que não é o foco de nosso estudo) e como articulador da estruturação tópica. Como articulador, *agora* pode demarcar a mudança de centração, que dá origem a um tópico novo; ou então o estabelecimento de uma relação coesiva entre proposições integradas em um mesmo conjunto de referentes que forma um dado tópico. Schiffrin, em seu trabalho sobre marcadores discursivos, afirma que *agora*, dentre outros, tem a propriedade de fazer avançar o discurso para uma nova situação, com força de contraposição, reordenação de enfoque, desacordo, relativamente a uma situação já posta. Neste caso, o falante tem seu foco fixado naquilo que ele próprio está para dizer, que será, uma opinião pessoal ou a fala privada a que nos referimos anteriormente.

Nas gravações que compõem o corpus deste trabalho, encontramos grande número de exemplos em que o homem contrapõe à fala pública a fala privada, quando, num primeiro momento, se manifesta favorável ao trabalho da mulher fora de casa, mas logo a seguir, usando o operador argumentativo *mas* ou *agora*, expressa sua opinião pessoal, que é contrária e que é reforçada com justificativas variadas. Examinaremos, a seguir, exemplos que ilustram o uso desses operadores em diferentes situações.

Na interação do casal no. 2 do bairro de classe média, notamos que a mulher aponta algumas dificuldades encontradas para trabalhar fora, para, a seguir, afirmar: "... *mas* não largaria ... não deixaria de trabalhar nunca..." (linha 0114). O homem, na mesma interação, explica, inicialmente, que a mulher deve trabalhar fora e justifica: "... ela inclusive evolui ... do ponto de

vista profissional... *mas* eu acho que... é que uma certa fase a mulher tem que ficar inclusive... mais em casa que no trabalho..." (linha 0117 e seguintes). Neste caso, notamos que o homem usa o operador para se justificar e colocar sua opinião pessoal que não está em consonância com a opinião geral (fala pública x fala privada).

Na interação do casal no.5, no mesmo bairro, a mulher ao dizer: "... e dePOis os homens dizem que aceitam:::... *mas* quando eles chegam em casa eles querem ter o almoço..." (linha 0284), explicita que os homens, na realidade, cobram o trabalho da mulher em casa. A mesma mulher usa o marcador *agora* com função de *mas*, para fazer uma ressalva quanto a jornada de trabalho, ao dizer: "... a mulher deve trabalhar fora ... *agora*... uma jornada de dez horas de trabalho eu acho que é prejudicial..." (linha 0278 e seguintes).

Julgamos interessante mencionar que a interação no.6, no bairro de classe média, acontece entre um casal em que a mulher trabalha fora e o homem permanece em casa. A mulher explica que, num caso como o deles, a mulher dedica parte do tempo ao serviço fora de casa e parte ao do lar, ao que o marido diz: "... *mas* hoje em dia as que acostumam trabalhando fora... no caso::: dificilmente elas voltam a trabalhar NORmalmente em casa... mesmo SE parar de trabalhar fora elas não conseguem ficar dentro de casa..." (linha 0329 e seguintes).

Na interação entre os casais no.7 e no. 8, o homem, ao responder a pergunta de pesquisa, expressa sua opinião que é contrária ao trabalho da mulher, dizendo: "... minha opinião particular talvez até... por formação... eu não sei... *mas* eu acho que a mulher... ela DEVE distribuir com o marido as

atribuições da vida..." e continua explicando sua postura desfavorável ao trabalho da mulher fora de casa: "... o marido tem as atribuições dele... que é suprir... o lar das necessidades BÁSICAS... como... uhm:::... trazendo o dinheiro pra roupa... alimentação coisas assim dessa natureza... e a mulher... e a mulher tem as atividades dela DENTRO da casa..." (linhas 0359 a 0366). Mais adiante, o homem enfatiza problemas advindos do trabalho da mulher fora do lar e depois faz uma ressalva, dizendo não ser contra tal situação, mas reafirmando, imediatamente, a sua posição: "... *ao passo que* a mulher trabalhando fora... tem uma série de coisas dentro de casa que FICAM por fazer por MELHOR que a empregada faça... não adiante não é a mesma coisa... em termos de criação de filhos..... *embora*... eu não... não seja CONTRA que a mulher trabalhe fora essa é minha opinião..." (linha 0382 e seguintes).

Em outro momento, observamos o uso de *agora* precedido de uma hesitação e um alongamento da vogal anterior, o que aponta para mudança na direção da argumentação que é explicitada logo adiante: "... eu quero dizer é o seguinte o traBALHo ele é muito importante:::... *agora* o trabalho no caso da mulher é... é... o trabalho fora é... é... bom *porém* na medida que ele seja um TRABALHO..." (linha 0650 e seguintes). Outro exemplo interessante aparece mais adiante na mesma interação: "... *AGORA* dependendo::: dependendo das circunstâncias *agora* se ELA sair de casa pra::: para digamos assim para ter só um emprego..." (linha 0686 e seguintes).

Na interação do casal no.10, logo no início, o homem justifica sua postura ao se colocar como evangélico: " a minha opinião é o seguinte... nós::: nós temos uma formação evanGÉlica ahm... ahm... o papel da mulher

no lar... na criação das crianças é muito importante *mas... mas...* parece que na sociedade de hoje é muito importante a mulher ter um espaço..." (linha 0723 e seguintes). Logo adiante, na mesma interação, a mulher explica que não trabalharia fora dizendo: "... é saio um pouquinho... *mas* eu tenho um trabalho::: acontece... que eu estou aqui dentro... e pra mim... eu não sou... CONTRA... também assim trabalhar fora *mas...* EU não trabalharia fora... nem com as crianças na idade que estão... *mas* também eu acho que quem consegue conciliar... se você consegue viver... isso sem atrapalhar sem::: sem se sentir... é... culpada de estar saindo então tudo bem..." (linha 0763 e seguintes). É interessante notarmos que a mulher, ao explicar sua postura, em primeiro lugar diz que tem um trabalho (faz flores em casa) e a seguir faz a fala pública, dizendo não ser contra o trabalho da mulher fora de casa, para já a seguir usar novamente o operador argumentativo *mas* para dizer que ela não trabalharia, e logo a seguir mais uma vez usar o mesmo operador para introduzir a fala pública, fazendo a ressalva de que, para quem consegue conciliar o trabalho e o lar, então tudo bem.

Na interação entre o casal no.11, é interessante notar que o homem usa o operador para se expressar favoravelmente ao trabalho da mulher fora de casa, quando diz: "... bem eu vejo::: vejo... eu creio que há muitos debates sobre isso *mas* eu não vejo problema nenhum porque pra mim é... é tão importante quanto o trabalho do homem..." (linha 0792 e seguintes). Na mesma interação, a mulher explica que os filhos não representaram empecilho para que decidisse retornar ao trabalho, dizendo: "... *mas* em momento algum foi as crianças que me deixou em dúvida..... *mas* foi o meu comodismo..." (linha 0838 e seguintes).

O homem, na interação do casal no.12, se expressa favorável ao trabalho da mulher fora de casa, quando diz: "... a mulher trabalhar fora é importante é lógico que tem sempre aquelas pessoas machistas ... *mas* aqui em casa não... não tem nada disso... porque a união faz a força..." (linha 0909 e seguintes). Este pode ser visto como um contra-exemplo ao preconceito ou a postura machista.

Na interação do casal no.14, o homem, durante toda gravação, se expressa favorável ao trabalho da mulher em benefício dela mesma, quando, em diferentes momentos, diz: "... a minha grande vontade é que ela... fizesse um doutorado *mas* ela optou por ser mãe... / *mas* isso é o que eu tenho como vontade... / *mas* a minha vontade não se impõem... / *mas* eu continuo acalentando a idéia... não de trabalhar como fonte de remuneração *mas* com o intuito de ampliar os horizontes..." (linha 1051 e seguintes).

Na interação entre o casal no.15 temos a fala da mulher que, usando tanto o operador *mas* como *agora* com igual função expressa sua opinião à respeito da pergunta de pesquisa, dizendo: "... eu não gostaria de trabalhar não... *agora* se eu tivesse condições de abrir uma lojinha em CAasa.. *mas* fica meio difícil né porque levar na escola... *mas* em casa né *até* que daria..." (linha 1145 e seguintes). O homem, nessa mesma gravação, expressa sua opinião da seguinte maneira: : "... *então*::: eu acho né que se o casal necessita::: *agora* desde que possível né nem sempre é possível... eu acho que um casal quando não tem filhos isso fica facilitado... *então*:::.... eu acho que nessas situações mesmo havendo necessidades eu acho que a família fala mais alto..." (linha 1119 e seguintes).

Na última interação no bairro de classe média, a mulher afirma que trabalhava antes do casamento, tendo se dedicado apenas ao lar depois, dizendo: "... *mas* aí eu parei de trabalhar porque também mais por causa dele..." (linha 1368).

Passamos agora a analisar os operadores argumentativos nas interações gravadas na periferia. Na interação do casal no.1, o homem usa o operador *mas* com a função mencionada anteriormente, isto é, opondo argumentos enunciados de perspectivas diferentes, orientando para uma conclusão contrária. Ao observarmos esta interação, e outras que analisaremos a seguir, fica clara a "estratégia de suspense", pois logo no início somos levados a pensar que a conclusão será "R", porém, na realidade a conclusão é ~R. Neste caso, o argumento p é representado pela fala pública, como podemos observar: "... eu não SOU machista não:: não *mas* acho que a mulher não deve trabalhar fora não...". Mais adiante na interação encontramos a repetição da fala anterior: "... então *mas* né como eu falei eu não sou machista né *mas*::: mas eu sou contra...", e continuando a fala o homem diz: "... a situação que vive hoje a mulher tem que trabalhar mesmo *mas* no fim acaba criando um problema..." (linha 1417 e seguintes).

Na interação do casal no.2, o homem explicita condições para o trabalho da mulher fora e depois deixa clara sua postura contrária ao usar o operador *agora*, e o faz com entoação elevada da voz, o que torna mais evidente a mudança na argumentação: "... enTÃO... SE ela arrumar uma pessoa COMpetente para olhar os filhos ela vai trabalhar sossegada... tranqüila AGORA desde que ELA não está... aí SE IMportando com os filhos

ela está trabalhando pra fugir da responsabilidade pra sair de casa..." (linha 1495 e seguintes).

Já na interação do casal no.3 a mulher, diz de sua vontade de trabalhar fora, mas depois, usando o operador argumentativo, contrapõe a fala do marido, dizendo: "... eu gostaria de trabalhar sim acho que não há nada de mal em trabalhar assim *mas* ele não quer ele não aceita..." (linha 1501 e seguintes). Logo a seguir o homem, em resposta à fala da mulher diz: "... se quiser trabalhar que trabalhe *mas* eu:: eu::... a minha opinião é NÃO *mas* eu acho que... que... se ela quiser ela é dona dela também...". É interessante notar como, no início, o homem se apresenta como neutro, fazendo a fala pública, mas depois do operador muda a argumentação, fazendo a fala privada. Logo a seguir usa novamente o mesmo operador e volta à fala pública.

Na interação do casal no.4, o marido também usa o operador *mas*, para contrapor a opinião pessoal, a sua própria ressalva, dizendo: ".. eu estou de acordo que ela trabalhe *mas* tem que escolher M-U-I-T-O:: muito bem o ambiENTE..." (linha 1554 e seguintes). Logo a seguir a mulher diz que o marido só permite que ela trabalhe dentro de casa dizendo: "... *mas* AQUI em casa:: *mas*:: *mas* trabalhar arrumar um serviço pra fora ele não deixa..." (linha 1568).

Na interação no.6, é interessante notarmos o uso do operador, quando o homem diz: "... ah:: ciúme que a mulher vai trabalhar na casa do patrão... aí sabe a patroa sai fica o patrão lá:: a pessoa aí né... tem desconfiança aí né? ou não é? *mas* é obrigado:: obrigado trabalhar pra ajudar tratar dos fi::lhos

né?..." (linha 1613 e seguintes). Neste exemplo fica claro que a aceitação do fato se dá por absoluta necessidade.

Na interação no.11, a mulher, novamente, explicita a proibição do marido quando responde a pergunta de pesquisa dizendo: "... ah eu acho uma boa... se fosse por mim eu trabalharia *mas* ele não aceita... não deixa...". Ao que o homem diz: "... se a necessidade for maior daí eu vou ter que aceitar *mas* por enquanto não..." (linha 1733 e seguintes).

É interessante notar, na interação do casal no.14, que a mulher se coloca contrária ao trabalho dizendo: "... *mas* muitas mulheres não é porque a situação está difícil ou porque o filho está dando muito trabalho entendeu?... tem muitos que fogem disso né... *agora* eu por exemplo não penso assim..." (linha 1785 e seguintes).

Na interação no.20, a fala do homem parece conduzir para a situação da mulher permanecer em casa, o que não acontece, pois, através do *mas*, o homem introduz o argumento decisivo em sentido contrário, dizendo: "... em casa dá uns probleminhas sabe como é que é *mas* a gente contorna e vai vivendo..." (linha 2049).

Quanto aos depoimentos, encontramos, o homem no no.1, usando o operador *mas* para se justificar, para colocar sua opinião pessoal, etc. Transcrevemos a seguir alguns trechos que exemplificam o uso deste operador: "... eu não aceitava que a mulher trabalhasse fora... *mas*::: tanto é verdade que ahm no... caso eu assumi... ela é professora e queria começar a lecionar *mas*::: com a vinda DOS FILHOS a coisa mudou... então:::..... eu trabalhava e ela ficava em casa.. / ...hoje ela trabalha... / ...*mas* vamos supor o lar e a casa como fica?... e o marido e uma rotina como fica?... é

interessante... que *embora* eu aceito hoje... /...*mas* na verdade mesmo muito poucos homens HOJE aceitariam uma situação assim... / ...*mas* mesmo assim ESTÁ na cabeça dela a conscientização de que O LAR AS CRIANÇAS É RESPONSABILIDADE DELA... puramente DELA e eu CObro isso... ela PODE pedir dinheiro pra pagar isso... pra pagar aquilo... isso é uma parte minha... *mas* DO lar... é responsabilidade DELA..." (linha 2180 e seguintes).

No depoimento no.2 da classe média, a esposa do informante cuja fala está parcialmente transcrita acima, coloca a sua visão do marido com relação ao seu trabalho fora de casa da seguinte forma: "... ele reCLama e daí depois passa um tempo ele esquece ... quer dizer isso vai ser sempre assim... *mas* mesmo ELE .. tem uma valorização muito maior da parte dele com relação a MINHA pessoa..." (linha 2284 e seguintes). Mais adiante ela continua dizendo: "... quando as crianças eram pequenas eu ficava em casa *mas* eu acho que se eu fosse continuar naquele ritmo eu podia ATÉ enlouquecer..." (linha 2295 e seguintes).

O uso feito pelo informante no.4, exemplifica a teoria explicitada anteriormente, isto é, a expressão do preconceito: "... eu não tenho nada contra a mulher trabalhar fora... *MAS* eu não gosto de assumir as tarefas da mulher no lar..." (linha 2320 e seguintes). Este exemplo será um dos analisados no próximo capítulo quanto ao aspecto da cognição social.

Nos depoimentos gravados na periferia, encontramos alguns momentos que merecem destaque. O informante no.1 explicita que, para a mulher casada, o trabalho fora do lar traz problemas: "... tem umas que já trabalham de solteira né... *mas* acho que depois de casada... talvez não seja

assim necessidade de trabalhar... enjoou de ficar em casa..." (linha 2356 e seguintes).

A informante no. 2 da periferia expressa da seguinte forma seu desejo de trabalhar fora, que está em oposição a opinião do marido: "... na minha opinião eu gostaria de trabalhar fora... eu parei de trabalhar pra casar e depois nunca mais voltei... porque meu marido não gosta... não aceita::: sabe de jeito nenhum::: *mas* se dependesse de mim eu gostaria de trabalhar..." (linha 2366 e seguintes).

Na gravação do informante no.3 da periferia, encontramos um exemplo interessante do uso do operador: "... é importante ela trabalhar *mas* uma vez que ela exerça uma profissão SÓ..." (linha 2381), e continua mais adiante dizendo: "... eu DOU direito da mulher trabalhar fora e ser digna e ser respeitada... *mas* nas seguintes condições..." (linha 2394 e seguintes).

Os informantes no.6 e no.7 da periferia deixam clara e também justificam a postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa, sendo que logo a seguir expressam a aceitação da situação, dizendo: "... a gente é machista... a gente fala não... não... não vai trabalhar *mas* chega uma hora você é obrigado..."(linha 2431). Apontamos mais um exemplo semelhante ao anterior: "... a gente não... não gosta *mas* o problema é a necessidade... " (linha 2441).

Encontramos, marcados pelo operador, nos relatos das mulheres alguns exemplos em que o trabalho delas foi aceito pelo homem, dos quais transcrevemos a seguir alguns trechos: "... no comecinho deu problema... *mas* agora é o contrário..." (linha 2465 e seguintes). Mais adiante

encontramos outro exemplo: "... meu marido não queria... *mas* agora:: agora já está:: está liberado..." (linha 2520 e seguintes).

3.2.3. REPETICÃO E HESITAÇÃO

Nos dados que compõem o corpus deste trabalho encontramos momentos em que tanto o homem quanto a mulher fazem uso de repetições ou hesitam na hora de expressarem seus pensamentos. A repetição, segundo Koch (1993b.), tem sido avaliada de forma negativa, especialmente em culturas ocidentais. Todavia, ela constitui uma constante, especialmente na conversação, pois trata-se de uma forma básica de estruturação do discurso. Na interação face-a-face, os participantes não só repetem suas próprias palavras no interior de um evento de fala, como também fazem eco constante às palavras, ao ritmo ou a enunciados completos dos interlocutores: são as auto- e hetero-repetições que têm função relevante na conversação. A autora concorda com Johnston (1987), ao afirmar que a repetição serve para criar a presença retórica, isto é, o "foregrounding" lingüístico de uma idéia, que pode servir para torná-la persuasiva, mesmo sem suporte lógico. Neste caso, trata-se de um mecanismo que, dentre outras funções, facilita o trabalho de formulação ou o ajuste. A repetição, na maioria dos dados de nossa pesquisa, tem função retórica ou argumentativa.

Ainda segundo Koch, pesquisas recentes apontam motivações cognitivas e interacionais da repetição na conversação, tanto em termos de processamento (produção), quanto no que diz respeito a estratégias de

persuasão e mecanismos que permitem tornar o texto mais coeso, acessível e coerente.

A formulação de um texto por parte do locutor pode acontecer, segundo Koch (1992), de maneira fluente ou disfluente. A formulação fluente é aquela em que o falante constrói o seu enunciado sem maiores "tropeços" podendo fazer uso de inserções, repetições ou paráfrases. Já na formulação disfluente, o locutor enfrenta "dificuldades" de processamento textual. Às vezes, os problemas são detectados após a enunciação de um segmento, dando origem às atividades de reconstrução; ou então o locutor procura resolver as dificuldades paralelamente ao próprio processamento, ocorrendo o fenômeno da hesitação. Tal fenômeno pode ser observado em interações face-a-face, através de falsos começos, alongamento de vogais, pausas preenchidas ou não, repetições de sílabas iniciais ou vocábulos e expressões, etc. O uso desses recursos tem, por objetivo garantir ao locutor o tempo necessário para o planejamento mais adequado de sua fala.

Os participantes de nossa pesquisa, por vezes, se utilizam de repetições e hesitações ao mesmo tempo. Isto mostra que necessitam de tempo para organizar a fala. Os homens, freqüentemente, recorrem à hesitação antes de fazer a fala pública, tentando passar uma imagem positiva, para, em seguida, fazer a fala privada - a expressão real do pensamento. Apontamos, a seguir, alguns exemplos de repetições e hesitações retiradas das gravações feitas nos dois bairros.

No **bairro de classe média**, observamos o homem, se auto-repetindo para organizar seu pensamento, e também para passar a impressão de que é favorável ao trabalho da mulher fora do lar, porém, mais adiante acaba por

deixar clara sua restrição quanto a esse fato. É interessante notar que esta fala é em resposta à pergunta de pesquisa, e que no início, o homem tenta, de várias formas, preservar sua face, o que o leva a produzir uma série de hesitações e repetições: "... bom... bom... eu... eu acho que é tudo::: tudo uma questão de::: de::: necessidade... primeiramente viu dona A. eu acho que::: se o casal necessita né::: e... que a vida hoje é muito difícil né::: pra gente::: sobreviver nesse mundo né::: então::: eu acho né que se o casal necessita::: eu::: eu::: vejo que::: tem que ir... tem que trabalhar::: tem que ajudar no que é possível né::: eu acho que um casal quando não tem filhos isso fica facilitado tá::: agora quando tem filhos principalmente pequenos..." (linha 1116 e seguintes).

Na **periferia**, encontramos o exemplo do homem que, em resposta à colocação clara da mulher de que ele é contrário ao seu trabalho fora de casa, diz o seguinte: "... não não é que eu não aceite não é bem assim que não aceite... eu::: eu:::.... falei que não concordo... se quiser trabalhar que trabalhe mas eu::: eu::: é:::.... na minha opinião é NÃO..." (linha 1504 e seguintes). No início da fala do homem notamos sua hesitação, o que parece refletir certa perda de controle da situação, pois sentiu sua face "arranhada" quando a mulher explicita que ele é contrário ao seu trabalho fora de casa. Logo a seguir, porém, o homem deixa clara sua opinião contrária - "NÃO".

No **bairro de classe média**, temos a mulher afirmando sua realização com o trabalho fora de casa: "... bom... eu trabalho e gosto de trabalhar fora... acho que... acho que é importante acho que não ficaria em casa de maneira nenhuma... você sabe... " (linha 0105 e seguintes).

Na **periferia** temos a mulher argumentando com o marido, e explicando que, embora este não coloque obstáculos ao seu trabalho fora, também não colabora: "... não falou::: não falou mas... mas não ajuda... né? dá no pé... mas acha futebol pra jogar..." (linha 1920) .

Nos **depoimentos**, encontramos, na **periferia**, outro exemplo em que o homem, em resposta à pergunta de pesquisa, não só hesita, como também usa o mecanismo de repetição para preservar sua face, antes de expressar sua opinião: "... ah... bom... eu sou::: sou... ah... eu SOU:::.... contra... " (linha 2348). Podemos dizer que este depoimento parece um verdadeiro "desabafo" por parte do homem.

Quanto à mulher, no mesmo bairro, temos o exemplo da informante no.8 que, ao responder à pergunta feita quanto ao fato de criar problemas com relação ao trabalho fora de casa, diz: "... não::: quer dizer... no começo deu... no comecinho... deu problema... ah... porque ele achava que a gente ia sempre reclamar que estava cansada e as crianças iam ficar jogadas... aquelas coisas que homem pensa... que a gente não ia dar conta... ia chegar de noite a mulher ia falar ah::: estou cansada:::.... né... sabe né... e que isso acontece né..." (linha 2465 e seguintes). Além das hesitações e repetições, no início da fala, a mulher se auto-corrige para explicar a postura do marido, e também usa o marcador conversacional *né* buscando cumplicidade com o interlocutor.

No **bairro de classe média**, encontramos o exemplo do homem que, ao responder à pergunta de pesquisa, tenta organizar seu pensamento, através de repetição e hesitação, no depoimento do informante no. 1: "... bom... na minha... minha opinião ela não começa a partir do momento que... que a

MULher que trabalha fora ela começa bem desde antes do INÍcio não é?... é... como eu vejo a mulher como eu estava dizendo pra você minha formação é uma formação machista... eu quando eu me casei... por exemplo... eu:: eu... não aceitava que a mulher trabalhasse fora né?..." (linha 2175 e seguintes). A fala do homem se organiza logo a seguir, quando justifica porque não aceitava o trabalho da mulher fora de casa.

No mesmo bairro temos a esposa do homem acima colocando sua opinião de seguinte forma: "... bom o que eu acho né?... ehm... eu acho importante:: eu acho impoRTANTÍssimo.." (linha 2270). É interessante ressaltar que a mulher marca sua postura também através da entoação enfática.

Em síntese:

Uma análise geral dos dados que compõem o corpus deste trabalho nos permite afirmar que, dentre os operadores usados, o operador argumentativo *mas* é o de maior frequência, sobretudo na fala dos homens. Tal fato aponta para o uso de técnicas de preservação da face do falante que, na fala pública, procura manter as aparências que estão em consonância com a opinião geral, com aquilo que se esperaria dele - no caso desta pesquisa, que o homem seja favorável ao trabalho da mulher fora de casa. Porém, de um modo geral, logo a seguir, o homem após usar o operador argumentativo *mas*, introduz sua opinião pessoal.

Ressaltamos, também, que esta mesma estratégia de concessão aparente é utilizada em alguns momentos, especialmente pelos homens, para expressar ironia quanto ao desempenho da mulher, quer no trabalho do lar, quer fora dele como profissional. A mesma estratégia é, também, usada para

indicar a concessão feita pelo homem para que a mulher trabalhe fora. Nestes casos, logo a seguir aparecem os operadores *mas* ou *agora*, ambos com a mesma função, isto é para introduzir um argumento contrário, ou seja para introduzir a opinião pessoal do homem, sua fala privada.

Encontramos nos dados alguns exemplos do uso de *agora*, operador típico da oralidade, com função de *mas*, para contrapor a fala pública à fala privada.

O operador argumentativo *até*, indicando o argumento mais forte de uma escala orientada no sentido de determinada conclusão, aparece em diversos momentos das interações nos dois bairros e, também, dos depoimentos.

Os operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão são usados em diferentes situações, porém sem destaque específico.

Notamos nas gravações, também, o uso freqüente de operadores como *desde que* e *se* introduzindo as diferentes condições impostas pelo homem para que a mulher possa trabalhar fora.

As repetições e hesitações aparecem com freqüência: estas, com a função de ganhar tempo para o planejamento da fala e/ou para selecionar estratégias de preservação da face; aquela, ora acoplada à hesitação, ora com função retórica (reforço da argumentação, por exemplo).

Em resumo, os dados analisados nos levam a concluir que os informantes da periferia expressam de forma mais explícita e, às vezes, até agressiva sua postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa. Já no bairro de classe média, os homens, usando de diferentes estratégias, têm um

cuidado maior em preservar sua face para expressar a mesma postura que os participantes da periferia. Em ambos os bairros são usadas "desculpas" ou "justificativas" semelhantes para que a mulher permaneça em casa. Este último aspecto será analisado no próximo capítulo.

Quanto às mulheres, de um modo geral, parece-nos claro que, em sua maioria, desejam trabalhar fora. As justificativas para que isto não aconteça são semelhantes nos dois bairros.

Embora encontremos, nas gravações face-a-face e nos depoimentos tanto no bairro de classe média como na periferia, diferentes exemplos do uso dos operadores mencionados acima, bem como de alguns outros, selecionamos apenas os que nos pareceram relevantes para este estudo. Nos próximos capítulos retomaremos o uso de alguns dos operadores vistos aqui, mas desta vez enfocando o preconceito, o poder e a cognição social.

4. COGNIÇÃO SOCIAL

4.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O conceito de comunicação, no passado, era o de um processo linear de transmissão de informação entre um comunicador, com um propósito único (por exemplo a persuasão) e um recipiente passivo. Podemos dizer, porém, que essa visão linear e unilateral é alterada com o desenvolvimento dos estudos que levam em consideração os contextos sociais, que são constitutivos da linguagem (especialmente a linguagem verbal), cuja produção é mediada, evidentemente, por processos de ordem cognitiva. Tal fato aponta para a necessidade de estudos interdisciplinares que abrangem a Psicologia da Cognição, Ciência da Computação, Neurociência, Filosofia da Linguagem e Lingüística - que juntas integram o campo da Ciência da Cognição. Esta, por sua vez, surge do interesse crescente em compreender e descrever os mecanismos e processos cognitivos envolvidos na estruturação da mente humana. As pesquisas nessa área apontam para o fato de que as impressões que transmitimos e que formamos sobre os outros estão intimamente ligadas ao que é expresso através da linguagem verbal e não verbal. Isto é, numa atividade interativa, *o que e como* algo é dito representa o reflexo desse jogo de imagens, metas, crenças, opiniões, enfim do meio no qual os participantes vivem.

Segundo van Dijk (1990), o discurso deve ser compreendido como uma forma específica de linguagem em uso, e também de interação social.

Desta forma, como já mencionamos no início deste trabalho, a linguagem não deve ser vista e/ou estudada apenas ao nível das estruturas lingüísticas, embora estas representem parte integrante e essencial do discurso. Acreditamos poder afirmar que o sentido de um discurso está vinculado à cognição social, o que nos leva a incluir no conceito de discurso não apenas aspectos verbais e não verbais observáveis, mas também as representações cognitivas e as estratégias envolvidas na produção e compreensão do discurso.

Van Dijk (1990) define o discurso como a interface entre a cognição social e a interação, situada nos processos de reprodução social. Desta forma, as interações monitoradas cognitivamente estão ligadas a outras dimensões sociais importantes, como a estrutura social e o domínio do grupo. Tais ligações representam um papel essencial para uma explicação adequada do funcionamento de preconceitos e ideologias, bem como sua reprodução na sociedade. Em nossa pesquisa, é possível observar as manifestações lingüísticas do preconceito que alguns dos informantes expressam com relação ao trabalho da mulher fora de casa.

Segundo Koch (1993a), a necessidade de explicar as relações entre linguagem e interação social, os processos de ordem cognitiva que intervêm nas atividades de produção e recepção da linguagem em situações reais de interlocução, tais com estrutura de metas, construtos situacionais, monitoramento cognitivo da interlocução, etc., e também os papéis interacionais, determinando, por exemplo, estratégias de processamento, de preservação das faces, de representação positiva do "self", etc., vêm conduzindo a um grande desenvolvimento da Psicologia Social, que se

estende, também, ao campo da Teoria da Comunicação. O recente interesse dos psicólogos sociais em modelos de processamento da informação, isto é, no estudo da cognição social, fez crescer o interesse em questões de comunicação e de linguagem, possibilitando um intercâmbio entre pesquisas nos dois campos, através do uso de metodologias e modelos teóricos comuns.

A **cognição social** é, segundo van Dijk (1992), o sistema de estratégias e estruturas mentais partilhadas pelos membros de um grupo, e, em particular, por aquelas que estão envolvidas na compreensão, produção ou representação de "objetos" sociais. Existem tipos de cognição mais pessoais e "ad hoc" sobre eventos específicos - os modelos de situação - e outros tipos de representações sociais mais abstratos, socialmente partilhados ou grupalmente embasados - os "scripts".

Ainda segundo van Dijk, **modelos de situação** são representações mentais subjetivas de episódios específicos do convívio social que representam os conhecimentos e opiniões correntes de atores sociais ou usuários da linguagem sobre tais episódios. Numa interação, velhos modelos sobre o mesmo episódio são ativados e atualizados e/ou novos modelos são construídos. Planejar um discurso significa construir um modelo de atividades futuras. Os modelos constituem a interface cognitiva crucial entre as dimensões pessoais e sociais do discurso.

Modelos de contexto são modelos formados pelos participantes de um discurso sobre a situação comunicativa em curso e que são continuamente atualizados durante a interação. Contêm representações dos próprios participantes, das ações e atos de fala que realizam, de suas metas,

planos, da situação em si (circunstâncias de tempo, lugar, etc.), ou outras propriedades relativas ao contexto. Tais modelos monitoram o discurso; eles determinam qual a informação relevante a ser expressa no discurso e também como adequá-lo à situação comunicativa; por outro lado, são decisivos para a compreensão.

Conhecimento social é o conhecimento mais geral e abstrato sobre o mundo, partilhado pelos membros da sociedade. Tal conhecimento não diz respeito apenas à língua, ao discurso ou à comunicação, mas refere-se, também, ao conhecimento social representado em "scripts" sobre episódios sociais estereotípicos, que se forma por inferenciação a partir de modelos partilhados. Os scripts são usados para compreender novos episódios através de instanciações parciais de modelos já existentes de tais episódios.

Atitudes são opiniões sociais de natureza avaliativa, partilhadas por um grupo social a respeito de pessoas, raças, ações e acontecimentos, que são ativadas, aplicadas e, mais raramente, modificadas durante a produção ou compreensão do discurso.

Ideologias são os quadros que organizam e fornecem coerência para as atitudes. Normas gerais, valores e metas de grupos e culturas fazem parte dos elementos a partir dos quais os quadros ideológicos são construídos.

Estratégias são operações mentais que possibilitam a permanente formação, atualização e modificação dos modelos, atitudes e ideologias, tais como: os processos básicos de busca, recuperação e (re) ativação da memória, bem como o trabalho mental mais complexo envolvido na interpretação, inferenciação, categorização e avaliação. Trata-se de operações "táticas", "on-line", tentativas, embora rápidas, orientadas para um propósito

específico, dependentes de contexto, paralelas (isto é, operando simultaneamente em vários níveis) e que utilizam simultaneamente diferentes tipos de informação.

Assim, para explicarmos adequadamente a produção, a compreensão e o funcionamento social dos discursos, torna-se essencial levarmos em conta, além de fatores lingüísticos propriamente ditos, outros fatores de ordem social, cognitiva e interacional. Desta forma, nas interações podemos observar a influência de tais fatores nas manifestações de preconceitos e ideologias.

A comunicação do preconceito, por exemplo, é um processo que envolve atitudes sociais de participantes de um grupo em relação a outro, o que, no caso deste trabalho, consiste na opinião do homem em relação ao trabalho da mulher fora de casa e de seu lugar subalterno na relação conjugal. De um modo geral, o preconceito pode se manifestar como crenças e opiniões, atitudes negativas, em relação a um grupo ou pessoa. Preconceito não deve ser visto apenas como um "estado mental", pois envolve a (trans) formação de atitudes, e também se manifesta através de estratégias de processamento de informação grupal ou individual. Assim sendo, a representação ou manifestação do preconceito é uma forma específica de processamento social da informação. De um lado, temos os modelos e esquemas preconceituosos armazenados na memória e, de outro, as estratégias tendenciosas ("bias") que subjazem à manifestação e interpretação do discurso, em nosso caso, aquelas do homem sobre o trabalho da mulher fora do lar, e a opinião desta sobre o mesmo fato. Preconceito deve ser visto,

não apenas como "o que" as pessoas pensam, mas também, "como" elas agem e pensam.

Segundo van Dijk (1987), as atitudes preconceituosas não são apenas manifestações ou opiniões pessoais ou individuais, mas têm uma dimensão social que ultrapassa a percepção individual e requer uma análise em termos de grupo, cognição e dimensão social. O preconceito é adquirido, compartilhado e legitimado através de diferentes manifestações discursivas entre os membros de um grupo social. Isto pressupõe que o preconceito é adquirido e alterado em situações sociais, como uma função das estruturas do domínio social.

As manifestações concretas do preconceito em atos individuais são controladas pelos "modelos" . Lembramos, aqui, o trabalho de van Dijk (1989), sobre modelos, em que distingue aqueles que, de um lado, são armazenados na memória individual, episódica, de natureza "ad hoc", e se referem a nossa experiência pessoal, e, de outro lado, os modelos que estão localizados em nossa memória semântica e que são introjetados socialmente. Há uma interrelação entre os "scripts" sociais e modelos individuais. É num processo "on line" de orientar e organizar os diferentes tipos de informação, que os modelos individuais vão auxiliar no processo de análise e compreensão de situações sociais, os quais podem ser manifestos através do bloqueio da expressão negativa sobre um determinado fato, transformando a fala num ato socialmente aceito, como por exemplo, "*não tenho nada contra, mas...*". Lembramos que os modelos localizados em nossa memória social incluem crenças, opiniões gerais, atitudes, normas e valores de um

grupo. No caso específico deste trabalho, vão revelar a postura negativa do homem em relação ao trabalho da mulher.

Partimos da hipótese de que o "script" generalizado e dominante na sociedade brasileira é uma visão preconceituosa do homem quanto ao trabalho da mulher fora de casa, e para tal analisaremos alguns trechos das gravações do corpus, que servem para ilustrar e confirmar a existência desse modelo preconceituoso.

A informação transmitida numa conversação é construída simultânea e ciclicamente pelos participantes, através da ativação de modelos sociais (generalizados) e episódicos (pessoais) que se localizam em nossa memória semântica e episódica. Os participantes das interações face-a-face e dos depoimentos gravados para esta pesquisa, ao construírem suas falas, utilizam, em geral, diferentes estratégias para manifestar ou encobrir o modelo preconceituoso em relação ao trabalho da mulher fora de casa.

Segundo Goffman (1967), numa interação, os participantes se representam uns diante dos outros de determinada maneira, ao que o autor denomina de **processos de figuração**. É, principalmente, na interação face-a-face, que podemos observar que cada indivíduo tem duas faces - uma externa ou "positiva" - o modo como deseja ser visto pelos outros - que gostaria de ver preservada; e outra interna ou "negativa"- seu território íntimo, que não gostaria de ver invadido. Numa interação, os interlocutores estão constantemente preocupados em "resguardar" a sua face e em " não arranhar" a face do outro. A isto, Goffman chama de preservação das faces. No caso deste trabalho, encontramos exemplos em que os falantes estão atentos ao propósito específico de preservação das faces positiva e negativa -

e, para tal aderem, como já discutimos anteriormente, à fala pública. Logo a seguir, porém, dão vazão à fala privada, expressando sua opinião pessoal.

Segundo van Dijk (1992d), uma das estratégias discursivas, ou "moves" usados pelos falantes para a auto-representação (representação positiva do "self") na conversação é a denegação do preconceito, o que pode ser feito através de "disclaimers". A negação do preconceito está intimamente ligada a essa representação positiva, ou seja, preservação da face. Ser visto com intolerante ou preconceituoso pode ser ameaçador à face, por estar em desacordo com as expectativas gerais da sociedade. A negação do preconceito é geralmente considerada como parte da estratégia de auto-defesa.

4.2. ANÁLISE DOS DADOS

Elencamos, a seguir, alguns momentos em que o homem usa "*disclaimers*" para se apresentar de forma positiva em relação à pergunta de pesquisa, ou seja ao trabalho da mulher fora de casa, mas logo a seguir revela sua verdadeira opinião, colocando uma série de condições para que a mesma trabalhe fora.

No bairro de classe média, na interação do casal no.2, o homem se manifesta favoravelmente ao trabalho da mulher fora de casa, mas, rapidamente coloca sua opinião: "... mas eu acho que... é que numa certa fase a mulher tem que ficar inclusive... mais em casa que no trabalho é o esquema que a gente fez..." (linha 0124).

Ainda no bairro de classe média, na interação do casal no.20, o homem assim se manifesta: "... eu não sou contra ela trabalhar fora... desde que não prejudique né a... a... a CASA... as CRIanças..." (linha 1332 e seguintes).

No mesmo bairro, o informante no.4 faz o seguinte depoimento: "... eu não tenho nada contra a mulher que trabalha fora... MAS eu não gosto de assumir as tarefas do lar... portanto eu acho que... SE o casal tiver condições de::: de ter uma BOA empreGAda e... e... de a mulher de certa forma ser substituída nas tarefas domésticas então tudo bem..." (linha 2320 e seguintes). Neste exemplo, além de o homem usar o operador argumentativo "mas", estabelece condições para que a mulher possa se ausentar do lar.

Na periferia, encontramos os seguintes exemplos, em interações face-a-face:

Casal no.1: o homem, neste momento, ao responder a pergunta de pesquisa diz: "... ah::: aí:::.... é:::.... eu eu não sei se eu sou contra ou a favor... ah::: sei lá se é bom ou não... eu acho que não é bom não... não nunca... / ... eu::: eu não SOU machista não::: mas acho que a mulher não deve trabalhar fora não... PRINCipalmente se ela tiver criança... / ... então... mas né como eu falei eu não sou machista né mas:::.... mas eu sou contra PRINCIPALMENTE se tiver criança se::: se::: não tiver criança tudo bem mas se tiver...." (linha 1396 e seguintes).

Casal no.2: o homem, logo no início se expressa da seguinte forma: "... ah eu::: né como eu respondi aquela hora né?... eu não sou contra não eu acho que::: quer dizer eu::: eu SOU SOU CONTRa a mulher que DEIXA os filhos em CASA sem TER uma pessoa::: RESponsável pra cuidar..." (linha

1465 e seguintes). Notamos, neste caso, que o homem tenta preservar sua face, mas só o consegue por alguns segundos, para depois, em aparente explosão, falar o que realmente pensa.

Casal no.3: o homem, em resposta à mulher que diz que gostaria de trabalhar, porém que ele não aceita, responde: "... não não é que eu não aceite não é bem assim que não aceita eu::: eu:::.... falei que não concordo... se quiser trabalhar que trabalhe mas eu::: eu:::.... a minha opinião é NÃO mas eu acho que... que... se ela quiser é dona dela também..." (linha 1504 e seguintes). É interessante observar nesta fala do homem os dois momentos, o primeiro em que se coloca como favorável, explicitando, depois, sua postura contrária, para, a seguir, novamente retomar a postura de favorável, mas jogando a opção do trabalho para a esposa.

Casal no.5: o homem responde, da seguinte forma, a pergunta de pesquisa: "... oh eu eu não sou contra não né mas desde que o salário dela seja um salário compatível né?... porque hoje né::: as mulheres né::: ganham um salarinho tão pequeno que em casa não dá pra nada... / ... mas aí com um salário compatível tudo bem aí eu não sou contra a mulher trabalhar:::.... mas desde que o trabalho seja compatível tudo bem eu não sou contra a mulher trabalhar fora... ah::: mas um salarinho daqueles não compensa..." (linha 1589 e seguintes). Notamos nesta interação que o homem, num primeiro momento, condiciona o trabalho da mulher ao salário, e depois ao emprego que deve ser " compatível " para depois dizer que é favorável. Ressaltamos que, nesta conversa, a mulher explicita que o marido sempre foi contra seu trabalho fora de casa.

Casal no.22: o homem diz o seguinte: "... ah eu não vejo nada de errado a mulher trabalhar... isso desde que haja necessidade da mulher trabalhar eu acho que ela deve trabalhar sim... não é porque eu acho que o homem... o homem vai falar::: assim não::: eu não preciso... o que eu ganho é suficiente pra mulher... eu acho que é errado a mulher não precisa trabalhar... eu acho errado... desde que ela não tenha muito compromisso em casa que nem lá em casa não... lá em casa não tem condições dá problema..... mas se precisar eu até não sou contra... não..." (linha 2061 e seguintes). Este exemplo é interessante pois o homem se coloca, no geral, como favorável, para depois explicar seu caso pessoal que não permite que a mulher trabalhe, para no final dizer que, se houver necessidade, ele "até" não é contra. Ressaltamos que a mulher, neste caso, não trabalha fora.

Observamos que os "disclaimers" são usados, com mais frequência, pelos homens, na periferia do que no bairro de classe média, mas em ambos os casos revelam a postura contrária do homem ao trabalho da esposa fora do lar.

A **inversão sintática**, que produz um efeito semântico, é outra técnica usada pelo homem para expressar sua postura contrária ao trabalho da mulher. Encontramos apenas um caso, nas interações e nos depoimentos, que exemplificam esta estratégia, sendo que o mesmo acontece na periferia em depoimento feito pelo homem, informante no.11, a partir da linha 2494, que transcrevemos na íntegra:

H. "... a mulher que trabalha fora eu acho que é então para ajudar o marido... às vezes o marido ganha pouco então né?... vou dar uma força pra você...

eu acho que é uma coisa comum mesmo... eu acho que isso aí está
comum aqui em todo lugar né?
eu sua mulher trabalha fora?..
H. NÃO... MULher minha não trabalha não... trabalha fora não... nunca
trabalhou graças a Deus até hoje... nunca::: nunca trabalhou..."

Neste exemplo, fica clara a intenção do homem em explicitar, através da inversão e depois de repetição, que sua mulher nunca trabalhou fora, estando subjacente a idéia de posse ou poder por parte do homem em relação à mulher. Isto acontece depois de haver preservado sua face e ter dito não fazer objeção ao trabalho da mulher.

Outra técnica usada pelos informantes para a reprodução do preconceito é a de **contar histórias** ou fatos que aconteceram com outras pessoas. Lembramos aqui o trabalho de van Dijk (1991, 1993a,b), sobre histórias e a reprodução do racismo, onde o autor afirma que se a função primeira ou primária de histórias é divertir ou entreter os ouvintes, em casos específicos as mesmas podem ser contadas com propósitos psicológicos, sociais e culturais. Segundo o trabalho de van Dijk e Kintsch (1983), do ponto de vista cognitivo, as histórias são expressão de modelos de situação (episódicos), isto é, elas expressam como quem as conta vê e interpreta determinados fatos. Os autores lembram que, ao nível pragmático, podemos contar histórias ou fatos não para entreter, mas com o propósito específico de informar e persuadir, para argumentar através de exemplos. Neste caso, o propósito da história pode ser criticar ou atacar pessoas ou situações que são responsáveis por um fato indesejável.

No caso da nossa pesquisa, as histórias servem para ilustrar situações problemáticas, com orientação negativa sobre o trabalho da mulher fora de casa, como vemos nos exemplos a seguir:

Casal no.5, do bairro de classe média: o homem responde da seguinte forma a pergunta de pesquisa: "... bom::: eu acho normal a mulher trabalhar fora... né? vejo com naturalidade isso... ainda ontem... eu ouvi pela rádio que as mulheres agora são... bombeiras também... em S.P.... elas estão entrando nos últimos redutos masculinos... e... já formaram até uma brigada... que é nova... e só existe em S.P. então:::.... lá... já conversaram com o que elas chamam... de bombeiros masculinos...né?... e... e já combinaram que::: por exemplo... pra pra operação de salvar vidas... que precisa agir com psicologia e tal... que elas vão enfrentar... e que elas vão deixar os homens mais::: mais... pro trabalho mais bruto e tal... então eu vejo com naturalidade... eu acho que é uma questão de adaptação né?... e com relação à família é... eu enTendo que a mulher... ELA tem que montar um esquema... né... pra coisa funcionar... " (linha 0239 e seguintes). É interessante notar que, neste exemplo, o homem fala do bom "arranjo" feito entre bombeiros/bombeiras, mas logo a seguir explicita que cabe à mulher (esposa) montar o esquema em seu próprio lar.

Ainda no bairro de classe média, na conversa entre o casal no.9, temos um exemplo da mulher contando, a partir da linha 0594, uma longa história de uma "charge" que foi publicada numa revista feminina, sobre a importância do trabalho da mulher dentro de casa. Acreditamos que a mulher usa a técnica de contar a história para reforçar a imagem que deseja passar,

sobre a importância de sua permanência e valorização de seu trabalho dentro de casa.

Outra história contada por mulher encontramos na interação do casal no.13, porém, desta vez a favor do trabalho fora de casa: " ... porque eu estava vendo... uma pes... pesquisa outro dia na televisão... mas... uma entrevista com adolescentes... que eles eram perguntados sobre o que que eles achavam da mãe trabalhar fora... eles achavam... os que tinham mãe trabalhando fora... eles achavam uma maravilha... os que a mãe não trabalhava... se sentiam assim:::.... ai mas é tão chato... porque a minha mãe fica pegando muito no meu pé... porque então... a criança é diferente o que que eu sinto hoje em dia é a criança que se sente diferente é aquela criança... cuja mãe não trabalha fora... porque ela se sente fora do contexto... ao... ao contrário do que era vinte e tantos anos atrás... isso em relação à criança... em relação à mulher... eu acho que... a mulher... eu tenho duas irmãs que não trabalham fora também... e eu acho que elas se sentem meio... meio assim... marginalizadas..." (linha 0935 e seguintes). A mulher continua contando sobre as irmãs e comparando com a sua vida pessoal. Notamos, neste caso, que além de comparar a postura das crianças em relação ao trabalho da mãe fora de casa, ela compara a postura da mulher em relação a este fato, no passado e no presente, enfatizando que recentemente tal trabalho é valorizado.

Na periferia, temos exemplos mais significativos e explícitos que ilustram o arcabouço teórico mencionado acima, isto é, a técnica de contar histórias. Na interação face-a-face do casal no.4, a partir da linha no.1530, o homem diz:

"... é um trabalho vamos supor que ela sai daqui para trabalhar vamos supor numa... numa FIRma numa fábrica... a partir do momento que ela vai TRABALHAR... que ela fala pra mim que ela vai trabalhar... que o INTUITO DELA SEJA TRABALHAR R-E-A-L-M-E-N-T-E... eu não tenho nada contra... porque tem:::... tem... isso daí a gente conhece aqui já tem pessoas::: tem mulheres que vão trabalhar e infelizmente viram a cabeça... ah ah viram a cabeça MESmo... tem::: tem conheço pessoas aí que::: que se davam que era uma maravilha... de repente a mulher começou trabaLHAR:::... hoje o casal está desquiTADO... ele está sepaRADO tá::: tá::: isso daí tenho prova não só aqui no bairro não... não assim como eu falei pra senhora eu trabalhei vinte anos na GE... QUAntos e QUAntos disso daí que eu vi... e outra coisa::: a mulher que trabaLHA fora tem que saber o local que ela vai trabalhar porque eu trabalhei... esse tempo todo aí... e a mulher entrava lá pra trabalhar no restaurante::: lá no caso que seria o restaurante... ou então nas bobinas lá... a mulher podia ser::: se uma uma SANta... T-O-D-O M-U-N-D-O achava que ela era isso que ela era aquilo:::... entendeu?... então eu acho que a mulher eu sou eu estou de acordo que ela trabalhe mas tem que escolher M-U-I-T-O::: muito bem o ambiENTE que ela vai trabalhar e ter a cabeça feita também ter a cabeça no lugar... por que hoje... em dia está bicho feio... / ... aquilo que eu já falei pra senhora depende muito da caBEça da mulher... essa daqui trabalhava num restaurante... né... GRAÇAS a Deus hoje você tudo::: tudo bem ela tem uma cunhada dela que trabalhou né e que hoje é separada é verdade ou não é?... entendeu?... " (linha 1530 e seguintes).

Neste trecho notamos que o homem não apenas relata fatos como, também, explicita os problemas advindos do trabalho da mulher fora de casa.

Ele deixa claro que o "script" generalizado no meio em que vive é de um modelo preconceituoso quanto ao trabalho da mulher fora de casa.

Ainda na periferia, na interação do casal no. 9, o homem, ao responder a pergunta de pesquisa, diz: "... ah... é bom né... ajuda estão muito caras as coisas lá fora né? a gente paga aluguel também muitos maridos não gostam por causa de que as mulheres vão trabalhar fora acham que as mulheres vão sair pro outro lado né? então... mas acho que a mulher respeitando o marido..." (linha 1708 e seguintes). Ressaltamos que também neste caso a mulher não trabalha fora de casa.

No mesmo bairro, na conversa entre o casal no. 13, temos o homem dizendo: "... isto porque a gente tem notado assim::: que nem eu e ela a gente tem... oito anos de casado... né... oito anos::: nesses oito anos a gente tira uma base em vista de outros casais... a gente se baseia em outros casais... se baseia né... assim temperamento::: a gente analisa assim... as pessoas e a maior parte dos colegas da época que nós casamos né... até hoje aqueles que as mulheres trabalharam foram os que tiveram mais problemas na família... em parte de separação né... todos os casais que a gente tem analisado a maior parte... é acabaram separando... descontrola... / ...a gente vê hoje em dia... aí na falta de confiança das pessoas de uma na outra... até entre o casal hoje em dia já não tem mais aquela confiança que tinha antigamente...." (linha 1798 e seguintes). Notamos neste exemplo que, ao expressar sua opinião o homem inclui a mulher usando, repetidas vezes, "*a gente*" de forma inclusiva. E isto para expressar a opinião negativa de ambos sobre o que acontece quando a mulher trabalha fora de casa.

Na interação no. 18, o homem justifica o fato de a mulher não trabalhar fora, contando a história da mãe e da sogra que reclamavam nos finais de semana devido ao trabalho fora de casa. Ele afirma, que devido à falta de instrução, o trabalho da mulher seria o mesmo em casa e fora, não havendo, portanto, vantagem alguma se ela saísse para trabalhar. A mulher, porém, na conversa, expressa seu desejo de contribuir, com seu trabalho, para aumentar o orçamento da casa.

Ainda na periferia, na interação entre o casal no.19, a mulher ao responder a pergunta de pesquisa diz: "... ah::: eu acho muito bom porque a mulher ela::: ela se torna independente... acho que a mulher já sofreu muito porque ela era dependente do homem... né? acho que ela já sofreu muito por causa disso... agora ela não sofre mais... se bem que tem muita separação... muito rolo... se bem que a mulher hoje em dia não aguenta mais o desafio do homem... então vai trabalhar se quiser aprender direito... ela sabe viver... estou cansada de ver essas mulheres sozinhas criando os filhos e passando uns maus momentos..." (linha 2004 e seguintes). Neste caso além de colocar sua opinião pessoal, a mulher ilustra tal opinião com uma história.

Na interação no.23, no mesmo bairro, notamos que o homem, no início, tenta se apresentar como favorável ao trabalho da mulher fora de casa, mas depois busca apoiar sua postura contrária, contando o seguinte: "... porque tem marido que não gosta que a mulher trabalha fora... tem uma série de coisas:::... problema de mulher chegar tarde em casa e o marido às vezes desconfia da mulher e aquelas coisas::: né? que abrange o mundo de hoje..." (linha 2082 e seguintes). Logo a seguir, a mulher diz que não trabalha fora porque o marido não permite, o que novamente comprova a teoria de que a

história é usada para reforçar uma opinião pessoal que, neste caso, é contrária ao trabalho da mulher fora de casa.

Outra estratégia usada pelo homem para se apresentar de forma positiva em relação ao trabalho da mulher fora de casa é o "*displacement*", que, no caso do nosso corpus, vem sob a forma de distanciamento ou generalização. Exemplo desta estratégia pode ser observado na interação do casal no. 3, do bairro de classe média, quando o homem explica os problemas advindos do trabalho da mulher fora de casa: "... AGORA ah:::... quando existe probleMas vamos dizer em CAsa... quando a casa não:: não:::... está atenDIDA... seja questão de filhos:::... seja questão de:::... enfim tudo com relação às atividades do LAR::: AÍ::: AÍ::: realmente fica difícil... porque ALGUÉM tem que fazer ALGUÉM precisa fazer... e... então nesse caso precisa entrar uma terceira pessoa... uma empreGAda ou outro... como... NÓS... no caso... já abolimos há muito tempo... essa questão da::: da... da empreGAda::: serviÇAL::: assim... então... pra nós fica assim meio:::... ficARIA... meio complicado ela trabalhar fora... "FULL-TIME..." (linha 0170 e seguintes).

Encontramos, nas interações, homens justificando a postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa devido à "*formação*" que, no bairro de classe média, pode ser a religiosa, cultural, a estrutura familiar, e na periferia a família e/ou a "postura" ou "formação" machista. Encontramos, também, exemplos de mulheres usando a mesma explicação que os homens, quer reforçando a opinião dos homens, quer expressando a própria opinião.

No bairro de classe média, na interação do casal no.7, o homem diz: "... minha opinião particular... talvez até... por formação... eu não sei... mas

eu acho que a mulher... ela DEVE distribuir com o marido as atribuições da vida vamos dizer assim... o marido tem as atribuições dele... que é... suprir o lar das necessidades BÁSICAS..." (linha 0359 e seguintes).

Em outra interação, na mesma classe, do casal no.9, o homem diz: "... inclusive assim... digamos por uma questão... ligada é que normalmente o MARIDO que provê::: o sustento isso é um... uma decorrência até é uma CULTura..." (linha 0546 e seguintes).

A mulher, logo a seguir, reforça a fala do marido para contar uma história de família, dizendo que o trabalho da mulher fora de casa é um fato relacionado à cultura brasileira (linha 0555 e seguintes).

O homem, nesta mesma interação (casal no.9), em outro momento, enfatiza a importância do trabalho para ele, chegando a afirmar: "...é através do trabalho que ele pode... atingir... o que Deus deu de potencial pra ele né..." (linha 0638). Logo mais adiante, na mesma interação, o homem, após uma longa explicação sobre a diferença que acredita existir entre trabalho e emprego, questiona a postura da mulher que trabalha fora de casa, no caso de secretárias, ao dizer: "... trabalhei numa empresa que MUITAS secretárias tinham::: ah como é que se diz... assim como é que se diz::: assim tinham preocupação por terem consciência com determinadas coisas e SIMPLESmente não AJUDAVAM quem estava tentando consertar a empresa::: FAZIAM um trabalho de ESPIÃ de passar as informações... de roubar documentos de tirar xerox de COISAS PROIBIDAS esse tipo de coisa né:::..." (linha 0712 e seguintes). Notamos, neste último trecho, que o homem explicita sua postura preconceituosa, chegando a dizer que a mulher não é confiável. Se compararmos os dois trechos, notamos que o trabalho

para o homem aproxima-se do divino, enquanto que para mulher é quase um crime.

Continuando a análise das justificativas apresentadas pelo homem na classe média, temos "a formação evangélica" que é explicitada na interação do casal no.10, quando ele responde a pergunta de pesquisa. Na interação seguinte (casal no.11), tal postura é questionada pela mulher, que, citando uma passagem bíblica, reforça sua postura a favor do trabalho da mulher fora de casa.

Ainda observando as justificativas ou explicações apresentadas pelo homem para que a mulher permaneça em casa, temos na interação do casal no.15, o seguinte exemplo: "... então:::... eu acho que nessas situações mesmo havendo necessidade eu acho que a família fala mais alto tá? eu... sou dessa opinião aí nessa situação::: eu... eu sou de que o homem... tem que se virar::: e::: dar um jeito e se virar sozinho... pra que a mulher possa cuidar dos filhos... e tudo mais... porque eu acho que isso é mais importante do que qualquer::: qualquer outra coisa..." (linha 1134 e seguintes). Neste exemplo, portanto, como em muitos outros, a família é a justificativa para que a mulher permaneça em casa.

Ainda analisando as interações gravadas na classe média, temos a seguinte opinião do homem na interação no.20: "... então eu não sou contra ela trabalhar... desde que não prejudique né a... a... a CAsa... as CRianças porque ela sempre trabalhou fora até quando nós casamos e teve o primeiro filho que... ela parou de trabalhar::: né mais aí depois a situação financeira melhorou graças a Deus aí ela... ficou tomando conta das crianças ela gostava mais de ficar em casa..." (linha 1332 e seguintes). Neste momento, o homem

apresenta duas justificativas para que a mulher não trabalhe fora - a casa e as crianças, por um lado, e a melhoria financeira, por outro. Mais adiante, o homem diz que, se a mulher tivesse um emprego numa estatal desde cedo, poderia ter continuado a trabalhar e feito carreira, mas como isto não aconteceu ela tem que ficar em casa - o que não deixa de ser mais uma "desculpa" apresentada pelo homem. A mulher, nesta interação, deixa clara sua vontade de trabalhar fora, uma vez que tem curso universitário e que trabalhou no passado.

Ressaltamos que o exemplo acima é apenas um dos vários, em que o homem, no bairro de classe média, justifica a permanência da mulher em casa devido aos filhos ou ao cuidado que ela deve dispensar à casa.

Na periferia, como já mencionamos, a postura mais comum é a negação da formação machista, usada pelo homem para se apresentar como sendo favorável ao trabalho da mulher fora do lar e, logo a seguir, a explicitação dos argumentos favoráveis a esta postura. Os exemplos mais relevantes já foram mencionados acima, quando analisamos o uso de "disclaimers", portanto não os repetiremos: (interações dos casais nos. 1, 2, 3, 5 e 22).

Na interação do casal no.8, da periferia, a mulher, embora trabalhe fora, ao responder se tal fato cria problemas explica: "... dá:: dá porque ELE é desses homens muito caretas que acham que a mulher que trabalha fora é sem vergonha... simplesmente que vai trabalhar fora porque é sem vergonha..." (linha 1650 e seguintes). O marido, logo a seguir, apresenta sua versão dos problemas: "...é claro que dá sabe qual é o problema:: ela é muito autoritária... / ... ela tem que respeitar..." (linha 1675 e seguintes). A

conversa deste casal termina em discussão com uso de palavras de baixo calão.

Outra justificativa usada pelo homem para que a mulher não trabalhe fora, e que aparece apenas na periferia, é o ciúme, como podemos observar na interação do casal no.9, já analisada na estratégia de contar histórias.

Na interação do casal no. 10, na periferia, o homem explica que a mulher não pode trabalhar fora devido à criança e depois diz: "... ela vai ser empregada e sofrer essa humilhação... / não é uma necessidade ela tem tudo o que precisa dentro de casa..." (linha 1738 e seguintes). A mulher, nesta interação, afirma que gostaria de trabalhar e até deixa claro que, para tanto, poderia contar com a ajuda da mãe, ao que o marido replica que não concorda.

Nas gravações, tanto na periferia quanto no bairro de classe média, a justificativa mais citada para que a mulher fique em casa são os filhos, como podemos observar dentre outras nas interações no. 2, 3, 5, 8, 9, 10, 12, 14, 15, 19, no bairro de classe média, e no. 1, 2, 3, 4, 5, na periferia. Não transcrevemos exemplos, pois os mesmos já são apresentados em outros momentos da análise.

Nos depoimentos gravados no bairro de classe média, o informante no.1 explica que, embora seja machista e sinta ciúme, aceita o trabalho da mulher fora de casa, mas afirma que não dá certo: "... eu não estou jogando aí os::: os filhos porque eles têm vida própria... / mas vamos supor o lar e a casa como fica?... e o marido uma rotina como fica?... embora eu aceito hoje mas veja como é interessante.../ ... então no período de seis a meia noite eu fico sozinho em casa... então::: veja... qual é a minha rotina?... televisão:::

geladeira::: né comer::: comer... pipoca e esse... essa solidão que se sente pelo fato de estar::: dentro de casa e ela estar fora... não É qualquer... pessoa que aceita não... / ... vou ter que ficar ali esperANDO... vendo a televisão... vou dormir mais um pouQUInho você entendeu?... mas na verdade mesmo muito poucos homens HOJE aceitariam uma situação assim... desse isolamento.... / ... o lado machista... o lado italiano... o lado de família não admite que NENHUma outra pessoa ahn... olhe os filhos em função de tranqüilidade..." (linha 2210 e seguintes). O homem continua explicando e elencando justificativas para que a mulher não trabalhe, enfatizando sempre a responsabilidade da mulher na criação dos filhos e nas obrigações do lar.

O depoimento no. 2 é da esposa do informante acima, que diz haver atritos, porque o homem é egoísta, achando que a mulher tem que ficar à disposição dele e isto acomoda mais o homem. Esta informante trabalha como professora e estuda à noite.

É na periferia que encontramos exemplos interessantes de justificativas para a mulher não trabalhar fora, como no depoimento do informante no. 1, quando diz: "... porque eu não sei... sei lá eu acho que desde que ela casa ela quer casa né? ela quer casa mesmo:::.... não sei bem se ela quer emprego não:::.... " (linha 2350 e seguintes). Neste exemplo, o homem coloca em dúvida se a mulher realmente sai só para trabalhar, ou se há outras intenções por parte dela, e para tal recorre à voz da sabedoria popular ao afirmar que quando a mulher casa, ela quer casa. A sabedoria popular, à qual o marido adere, é parte da cognição social.

A informante no.2, no mesmo bairro, explica a opinião do marido da seguinte forma: "... porque ele acha assim né... que toda mulher que trabalha

fora é cantada sabe assim arruma outro homem... essa é a opinião dele né? então ele acha que a mulher tem que ficar dentro de casa a OBRIGAÇÃO dela é ficar dentro de casa tem que trabalhar em casa... cuidar de filho... isso prá ele é importante..." (linha 2371 e seguintes).

O informante no. 3 se expressa da seguinte forma: "... dois sentidos... ela tem que ter uma profissão só pra ela trabalhar fora... não arrumar uma profissão extra... e respeitar o horário pelo menos da casa... e... o respeito pela família toda... ela é::: é importante ela trabalhar mas uma vez que ela exerça uma profissão SÓ não::: misturar a dela com as extra... extra... / ... PRINCipalmente... princípio de horário... é::: é... um sufrágio muito forte muito grande... para o casal... a mulher começa trabalhar um mês... no outro mês muda o horário.../ ...então ela mudou de profissão..." (linha 2378 e seguintes). Notamos neste depoimento a dificuldade que o homem sente para não explicitar o que são os "extras" que a mulher faz ou poderia vir a fazer ao sair para trabalhar.

A informante no.5 explicita a opinião do marido dizendo: "... porque esse negócio assim de paquera e tal.. né? ... e quem tem que sustentar a mulher é o homem e tal..." (linha 2419 e seguintes). A mulher explica que trabalha fora e que, no começo, enfrentou muitos problemas desse tipo.

Em depoimento à parte, o informante no. 6, que é o marido da mulher acima, responde a pergunta de pesquisa da seguinte forma: "... APESAR de que pelo conceito da gente... do homem pela posição que a gente é machista... a gente fala não... não... não vai trabalhar..." (linha 2429 e seguintes). O homem deixa claro que, embora contra a sua vontade, teve que aceitar o fato da mulher trabalhar fora.

O informante no.7 se coloca de maneira semelhante ao no.6, ao dizer: "... ah... a gente... pelo menos aqui no Brasil... a gente não gosta que a mulher trabalhe fora... porque::: geralmente de berço... a gente já vem doutrinado... a bem dizer pra ser machão... a gente no começo... a gente não... não... gosta mas o problema é a necessidade... a necessidade obriga a gente aceitar... / ... é uma coisa que a gente quase::: que a gente pensa... eu levei ela pra casa... eu casei com ela... eu tenho direito eu sou dono dela..." (linha 2438 e seguintes). Os trechos destacados refletem o tipo de cognição social do grupo a que pertence. Mais adiante, em depoimento, o homem afirma que teve que aceitar o fato da mulher trabalhar fora por estar desempregado. Fica patente que foi com dificuldade que aceitou tal fato.

É interessante observarmos a condição imposta pelo informante no.10, da periferia, para que a mulher possa trabalhar fora:

H. "... o que que eu acho da mulher trabalhar fora?... bom... né ela não costurando pra fora... né?

eu. o que? como costurar pra fora?...

H. deixa pra lá... depois eu explico... mas::: mas::: a mulher trabalhando::: precisando::: sabe hoje não é igual como antigamente que você saia de casa e falava pra mulher cuida da casa::: que eu faço a outra parte::: então hoje você é obrigado a se sujeitar... você não pode ser machista... porque machista demais hoje::: ganha chifre..."(linha 2481 e seguintes). Logo a seguir o homem diz, usando a estratégia da inversão sintática, que "**mulher sua**" não trabalha fora, só em casa.

Lembramos aqui o trabalho de Pretti (1991) sobre a linguagem dos idosos, onde o autor explica a origem da expressão "costurar pra fora". No início do século, as jovens eram educadas para o casamento ou para seguirem a vocação religiosa, porém, especialmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, moças que, por questões financeiras, trabalhavam em ateliers eram abordadas pelos homens, quando se dirigiam ou regressavam do trabalho. É interessante lembrar que, nessa época, as mulheres, consideradas de boas famílias, não andavam desacompanhadas, mas as "costureiras" se dirigiam sós e a pé para o trabalho. Surgiu, desta forma, a expressão "costurar pra fora" com o sentido de mulher cuja conduta moral era considerada duvidosa.

A informante no.12, em seu depoimento, explica porque o marido não permite que ela trabalhe fora dizendo: "... viji::: viji::: mais do que eu falo para o meu marido deixar eu trabalhar fora viji:::... porque ele é assim... meio machista né? ele acha que a mulher que trabalha fora já vai colocar chifre no homem... já vai achar outro homem lá fora... mas eu não acho que daria problema::: não... isso depende da consciência de cada um..." (linha 2513 e seguintes). É interessante observarmos como, nestes dois últimos exemplos, tanto o homem quanto a mulher explicitam de maneira até rude a razão pela qual a mulher não deve trabalhar fora. Lembramos que, na classe média, tanto nos depoimentos, quanto nas interações, isto não acontece: são usados subterfúgios como os filhos, as necessidades da casa, a dificuldade de conseguir boa empregada, etc..

Nas gravações face-a-face feitas no bairro de classe média, encontramos exemplos de casais que, de alguma forma, **esquemmatizaram** a

situação para que a mulher pudesse trabalhar fora, sendo que, em alguns casos, o homem explicita sua postura favorável com relação ao trabalho da mulher. Apresentaremos, a seguir, todos os exemplos do corpus que ilustram esta situação.

Na interação entre o casal no.4, o homem se expressa da seguinte forma: "... é... eu acho que deve trabalhar fora... eu porque do jeito que a gente está vivendo hoje... se a mulher não ajudar em casa... não tem mais jeito... é difícil o homem sustentar uma casa sozinho... e vale tentar sempre melhorar... os problemas existem... é lógico... e por exemplo fica difícil né?... contornar..." (linha 0181 e seguintes). Nesta interação, o casal explica os problemas advindos do trabalho da mulher fora de casa, no passado e no presente, sendo que a mulher, no final da conversa, diz que os filhos mais velhos até estimulam o trabalho dela fora de casa.

A conversa do casal no.6 é interessante, pois a mulher trabalha fora e o homem fica em casa. Ele explica no início que as mulheres lutaram anos para conseguir chegar ao ponto em que estão com relação ao trabalho fora do lar, acreditando que não devem desistir, mas sim continuar a luta que começaram. A mulher, por sua vez, deixa clara sua postura dizendo: "... a gente viu a necessidade de não ficar mais em casa... no bordado e sim... procurar um emprego fora... e com isso você ganha... um salário... ajuda na casa e a gente já foi... preparada pra isso... por isso que nós fazemos isso... quer dizer::: hoje é difícil achar uma mulher que gosta de ficar em casa... a maioria trabalha fora... e Gosta de trabalhar fora..." (linha 0314 e seguintes). Continuando, ela fala sobre a divisão do trabalho fora e dentro do lar, sendo que o homem coloca sua opinião sobre o assunto: "... hoje o homem... não

está mais como antigamente ele era... hoje ele chega em casa... ele ajuda lavar louça... ele ajuda passar roupa... ele ajuda trocar uma criança... ele dá banho nos filhos... ele é obriGAdo a fazer isso aí pra ajudar a mulher... já que a mulher... ajuda ele... no caso... ele TAMBém... é obriGAdo a dividir o serviço dentro de casa... não é mais aquela... porque... que tinha antigamente... que ele era o... pachá:... que ele chegava e sentava na boa e queria tudo na boca..." (linha 0333 e seguintes). No final da conversa, a mulher novamente afirma que o marido tem que ajudar e que há uma divisão de tarefas.

No início da conversa entre o casal no.11, o homem explicita a importância do trabalho da mulher: "... eu creio que há muitos debates sobre isso mas eu não vejo problema nenhum porque pra mim é... é tão importante quanto o trabalho do homem... o trabalho da mulher... eu trabalho com quatro mulheres diretamente ligadas a mim... e são super importantes...e todas elas também têm família..." (linha 0792 e seguintes). A mulher, nessa mesma interação, menciona o apoio recebido do marido para que retornasse ao trabalho, dizendo: "... e fiquei três anos parada em casa e quando eu tive agora a oportunidade de retornar isso tem um mês e meio ELE foi o que MAis me incentivou..." (linha 0832 e seguintes). E, mais adiante, explica: "...e as responsabilidades são compartilhadas..." (linha 0861). Durante toda a conversa, fica clara a união do casal para resolver a questão do trabalho da mulher fora de casa .

Ainda no bairro de classe média, na interação entre o casal no.12, o marido diz: "... pra mim não tem problema não... eu acho interessante... a mulher trabalhar fora ah... ah... principalmente porque... a mulher fica mais animada..." (linha 0869 e seguintes). Mais adiante, na conversa, a mulher

explica que não tem trabalhado fora nos últimos anos, porém pretende retornar, e enfatiza que, para os filhos, também é bom o trabalho da mãe fora de casa, pois eles aprendem a se virar melhor e amadurecem mais rápido. Ao que o marido completa: "... sim ahn::: é isso ahn... mesmo a mulher trabalhar fora é importante é lógico que tem sempre aquelas pessoas machistas e tal... mas aqui em casa não... não tem nada disso... porque a união faz a força... né...?..." (linha 0909 e seguintes).

Na conversa entre o casal no.13, fica clara a postura favorável em relação ao trabalho da mulher fora de casa, tanto do homem como da mulher. No início, a mulher explicita que tal postura é um reflexo dos tempos, e o homem, mais adiante, reforça a posição favorável, acrescentando alguns detalhes e vantagens advindos do trabalho da mulher fora de casa.

Ainda na classe média, no final da conversa do casal no.16, o homem diz: "... não problema não dá::: mas::: a rotina... de toda hora acaba levando ela a se esgotar com mais frequência e esse tipo de coisa... coisa que não ocorria quando ela trabalhava fora em S.P. esse é o ponto fundamental..." (linha 1209 e seguintes). O homem deixa clara a importância do trabalho da mulher fora de casa, embora, no momento, ela não esteja trabalhando.

No final da interação entre o casal no.18, da classe média, a mulher explica que não tem dado problemas com seu trabalho fora de casa, pois conseguiram, ela e o marido, esquematizar uma rotina.

No final da interação entre o casal no.16, da periferia, o homem afirma que tão logo consigam montar um esquema para a criança, a mulher voltará a trabalhar, pois isto ajuda financeiramente.

Na periferia, encontramos o casal no.17, onde a mulher que trabalha fora afirma que antigamente tal fato criava problemas, mas que agora eles desapareceram, pois conseguiram organizar a vida do lar.

Transcrevemos abaixo a interação entre o casal no.20, na periferia, pois é um dos poucos casos em que, nesse bairro, parece haver um consenso quanto ao trabalho da mulher fora de casa:

H. "... a mulher é muito bom ajudar o marido... né? porque o salário é uma mixaria... né? é pouco mesmo então eu acho que a mulher tem que dar uma mãozinha pro marido..."

M. "... eu acho que o trabalho faz bem... principalmente pra mulher desenvolver bastante a mente que faz a gente esquecer de muitas coisas de muitos problemas::: eu acho que a melhor coisa é o trabalho... / ... sabe na hora que eu saio pra trabalhar::: parece que eu ganhei na loteria..."

H. "... ah::: em casa dá uns probleminhas sabe como é que é mas a gente contorna e vai vivendo..."

Novamente aqui é evidenciado o esforço para solucionar problemas advindos do trabalho da mulher fora de casa.

Ainda na periferia, o casal no.25 enfatiza a importância do trabalho da mulher fora de casa, quando o homem diz: "... creio que ela tem mais realização trabalhando fora ela se sente bem mais útil à sociedade e fica mais alegre..." (linha 2114). Logo a seguir a esposa diz: "... a gente trabalhando fora a gente vai pôr em prática aquilo que a gente::: aquilo que aprendeu..." (linha 2123 e seguintes).

Como podemos observar, na classe média, dos 23 casais entrevistados, 8 esquematizaram a vida em função do trabalho da mulher fora de casa, enquanto na periferia, apenas 4 dos 26 casais entrevistados seguiram os mesmos passos.

Encontramos, ainda, nos nossos dados, exemplos de situações em que os participantes comparam seus próprios comportamentos, ou de outras pessoas, no passado e no presente, apontando sempre para uma certa forma de evolução.

Na interação do casal no.4, na classe média, a mulher enfatiza que as mulheres sempre trabalharam: "... é... é... é... quanto a esse problema da mulher trabalhar fora é uma coisa que sempre me interessou muito... esse assunto... né? / ela sempre traBAlhou fora principalmente antigamente era muito mais::: né? ela trabalhava muito mais... porque ela tinha que plantar... ela tinha que colher... ela tinha que tecer... ela tinha que fiar... ela tinha que fazer... o tecido... ela tinha que costurar a roupa... né? ela não tinha o benefício que HOJE que para a mulher é um privilégio... nós estamos num momento que eu acho... que num momento ótimo... tanto para mulher como para o homem... / porque um homem dependia de uma mulher e uma mulher dependia de um homem... um não vivia... assim sem o outro... HOJE os dois... um pode viver sem o outro né?... nós... chegamos num ponto em que os dois vivem juntos porque querem... não porque precisam... / a mulher SEMPRE trabalhou fora... / só que agora é de uma maneira diferente.../ ela podia levar lá pra dormir... agora você não vai pro escritório e põe a criança pra dormir... / hoje ela TEM outras formas... com quem deixar..." (linha 0187 e seguintes). Notamos a ênfase dada ao fato de que mulher sempre

trabalhou simultaneamente fora de casa e em casa, mas que hoje há condições mais adequadas para os filhos serem cuidados. Isto é importante, pois a maioria dos casais justifica o fato de a mulher não sair para trabalhar em função dos cuidados que se fazem necessários para com a família e os filhos.

Na interação do casal no.6, o homem, diz: "... hoje em dia é uma coisa normal..." (linha 0304), ao que a mulher coloca: "... a mulher trabalha fora porque... foi uma conquista que ela teve e com:::... o tempo foi evoluindo... quer dizer a gente viu a necessidade de não ficar mais em casa... no bordado e sim procurar um emprego fora... e com isso você ganha um salário... ajuda na casa e a gente já foi preparada pra isso..."(linha 0312 e seguintes). No final da interação, o homem coloca que a postura antiga era diferente do que se pensa hoje em dia: "... antigamente que ele era o pachá:::... que ele chegava e sentava na boa e queria tudo na boca... " (linha 0338 e seguintes). Se observarmos esta interação, notamos que o casal vê a evolução dos tempos e consegue se adaptar a isso, uma vez que ambos trabalham fora e desta forma dividem tarefas do lar. Isto é, as atitudes com relação ao trabalho da mulher vêm, pouco a pouco, se modificando.

A interação entre o casal no.13 exemplifica, com propriedade, que ambos acreditam e sentem ter havido uma evolução quanto à postura do homem e da sociedade em relação ao trabalho da mulher fora de casa. Logo no início, a mulher diz: "... ahm... eu acho que mudou muito... nos últimos::: eu sinto na pele isso porque quando eu casei... né... a família do... do M. é de S.... né então... eu lembro quando::: nós casamos... nós há::: é::: vinte e seis anos né né... bem?... vinte e seis anos quando a gente casou... a família é lá

de S. né?... um pouco conservaDORA então eles já... já... não era muito comum... a mulher trabalhar e eu trabalhava... porque eu trabalho desde menina.../ então eu percebia que era assim... ahn... diferente... porque nenhuma cunhada dele... e:::... nenhuma tia dele... ninguém trabalhava na família dele né... de mulher... / porque eu trabalhava e deixava uma filha... eu acho que de lá pra cá isto muDOU assim mas MUDOU radicalmente... porque eu estava vendo uma pesquisa..." (linha 0915 e seguintes). A mulher continua contando e ilustra a posição favorável atualmente com relação ao trabalho da mulher fora de casa. No final desta conversa, o homem se posiciona apontando vantagens quanto ao fato da mulher trabalhar fora, colocando ser necessário que ele "tenha a mente mais aberta".

Na interação do casal no.16, a mulher explicita estar havendo, há tempo, uma busca por um espaço, por liberdade financeira e realização profissional, por parte da mulher, mas que ainda existem dificuldades para tal mudança ou evolução.

O homem, na interação no.19, diz o seguinte: "...olha tenho duas::: ehm:::... minha forma de pensar... anteriormente era uma... agora é outra... eu achava que a mulher DEVERIA ficar em casa em função das crianças que eram pequenas... e::: e na formação das crianças isso ajudaria bastante... HOJE... eu sinto que a mulher trabalhar fora ehn... ajuda não só em casa mas ajuda também ela se desenvolver..." (linha 1271 e seguintes). Neste exemplo é o próprio homem que sente a mudança dos tempos.

Na interação do casal no.14 da periferia, o homem, ao dizer que há diferença entre a postura no passado e no presente em relação ao trabalho da mulher fora de casa, o faz de forma irônica, enfatizando que tal fato traz

problemas: "... na era antiga né sim o homem achava que era o machão e a mulher não devia trabalhar... mas na era de hoje não... é normal a mulher não quer ser igual aos homens?... então é que vá trabalhar é tudo igual... é aí que está o problema..." (linha 1847 e seguintes). Lembramos que, neste caso, a mulher não trabalha fora.

Quanto aos depoimentos da classe média, temos o informante no.1 dizendo: "... eu não aceitava que a mulher trabalhasse fora né.../ HOJE eu aceito... / hoje a minha opinião é de que o homem que prende a mulher é assim um meio assassino..." (linha 2180 e seguintes).

O informante no.7 da periferia diz: "... a vivência que a gente vem... dos passados da gente... dos pais... / ... o que na realidade é completamente diferente... a gente acaba... acaba concordando que a gente precisa da ajuda..." (linha 2446 e seguintes). O homem deixa claro no final de seu depoimento, que devido à questão financeira, teve que aceitar o fato da mulher trabalhar fora.

O informante no.10 diz: "... precisando... sabe hoje não é igual como antigamente que você saia de casa e falava pra mulher cuida da casa... que eu faço a outra parte... então hoje você é obrigado a se sujeitar... você não PODE ser machista... porque machista demais hoje... ganha chifre..." (linha 2485 e seguintes). É interessante observar este depoimento, pois o homem parece encaminhar seu argumento para uma postura favorável ao trabalho da mulher fora de casa, porém termina dizendo enfaticamente que sua mulher não trabalha fora. Neste depoimento observamos, também, que o homem vê o relacionamento do casal como algo separado - cada um tem sua obrigação - e não de maneira conjunta, um auxiliando o outro.

Para concluir a análise geral dos dados, sob o aspecto da cognição social, lembramos o trabalho de van Dijk (1988), em que o autor afirma ser a conversação, de um modo geral, uma forma "natural" que permite aos falantes expressarem suas opiniões. Em tais situações, através de um envolvimento com a entrevistadora, podem ser expressas, de forma espontânea, as opiniões pessoais e de grupo, podendo ser levantadas questões através de argumentos ou outras "evidências", como, por exemplo, o contar histórias sobre experiências pessoais, o que irá fazer com que suas opiniões pareçam mais convincentes. Esta técnica, em entrevistas espontâneas (não perguntas diretas só sobre o assunto que está sendo pesquisado), como é o caso do nosso trabalho, pode ser interpretada, em termos cognitivos, como a ativação e atualização de modelos como parte da opinião geral.

O preconceito do homem, com relação ao trabalho da mulher fora de casa é explicitamente negado num momento da conversa, para ser pressuposto ou explicitado logo a seguir.

Os participantes de nossa pesquisa usaram, dentre outras estratégias, os "disclaimers", inversão sintática, "displacements" e contaram histórias para preservarem sua face e justificarem a postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa.

No bairro de classe média e na periferia, os homens apresentaram como justificativas para que a mulher não saia para trabalhar a necessidade ou obrigação de cuidar do lar e da educação dos filhos. Na classe média, também foi citada a questão cultural, e a formação evangélica do casal, a qual acabou por provocar o sentimento de culpa na mulher. Na periferia, o

homem explicita que a mulher, ao sair para trabalhar fora, irá "virar a cabeça" ou mesmo lhe colocar "chifre". Podemos dizer, portanto, que as estratégias usadas para manifestar o "script" ou modelo preconceituoso são, em alguns momentos, diferentes nas duas classes. Notamos, também, que na classe média o homem preserva mais a face, ao passo que na periferia ele expressa mais abertamente seu pensamento.

Ressaltamos que, embora as justificativas sejam diferentes, o resultado é o mesmo - a mulher que fica em casa, o faz, por submissão, obediência ou atitude cristã.

Em ambas as classes, a difícil situação financeira da família e/ou a crise do país são as justificativas usadas para que a mulher saia, ou tenha "permissão" para trabalhar fora. A mulher irá, desta forma, ajudar o marido a compor o orçamento do lar.

Na classe média encontramos casais que mencionam a realização profissional da mulher, pois ela é preparada para trabalhar fora de casa, o que não acontece na periferia, pois é dito que a mulher não tem preparo, tendo, portanto, que ser doméstica - o que é visto, pelo homem, como humilhação ou a repetição do que ela faz dentro do lar.

Notamos que os homens da classe média, fazendo uso da fala pública e de um discurso elaborado, preservam a face apresentando-se como favoráveis ao trabalho da mulher fora de casa. Isto porque uma postura explicitamente contrária poderia ser avaliada de forma negativa pelo grupo social a que pertencem, podendo ser taxados de retrógados.

Já na periferia, os homens, de um modo geral, falam abertamente sobre a postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa.

Na classe média, 08 casais esquematizaram a situação para que a mulher possa trabalhar fora, sendo que na periferia encontramos apenas 03 casais que resolvem esta questão de forma semelhante aos da classe média. Isto nos leva a afirmar que o "script" dominante na sociedade brasileira, pelo menos na classe menos favorecida, continua sendo o de que cabe ao homem sustentar a família e à mulher ficar em casa, para cuidar da casa e dos filhos. Os dados apontam para uma evolução de tal "script" mais rapidamente na classe média que na periferia.

Retomamos aqui a posição de van Dijk (1992a,b,c,d, 1993a,b), ao enfatizar a importância de se analisar a cognição social como a interface entre o discurso e a sociedade e entre a fala dos indivíduos (fala privada) e dos grupos sociais (fala pública) a que pertencem. Desta forma, discurso e sociedade são mediados pela cognição social, sendo que o discurso é essencial para aquisição e mudança desta mesma cognição social, pois: a) o discurso é produzido / interpretado por indivíduos, porém eles só agem segundo os conhecimentos e crenças que compartilham socialmente ; b) o discurso só pode "afetar" as estruturas sociais através das "mentes" sociais dos participantes do discurso e vice-versa.; c) as estruturas sociais só podem "afetar" as estruturas do discurso através da cognição social.

Como vimos, a cognição social não pode ser vista com algo estático, mas sim evoluindo e mudando com a sociedade e os membros que a representam, influenciando e sendo influenciada por ela. Isto podemos observar em nossos dados, quando alguns participantes das gravações feitas na classe média, de certa forma, já esquematizaram e "resolveram" a questão da mulher trabalhar fora, o que, por outro lado, nem sempre descarta o modelo

preconceituoso socialmente introjetado pelos antepassados, pela cultura, etc. Na periferia, porém, tal evolução não pode ser observada de forma categórica.

No próximo capítulo, iremos analisar como o poder é manifesto e exercido nos dois grupos de informantes e como o mesmo está intimamente ligado à cognição social.

5. O PODER DA/NA LINGUAGEM

5.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os seres humanos constituem uma inteligente espécie de criador e usuário de "ferramentas". Podemos dizer que uma das mais importantes dessas "ferramentas" do ser humano é a linguagem específica que têm desenvolvido e também adaptado para uso em interações do cotidiano. No decorrer dos anos, as línguas evoluíram como instrumentos convencionais de comunicação e, com o mesmo grau de importância, como um instrumento para influenciar e controlar seus usuários através do poder. Retomamos a afirmação, feita anteriormente, de que as línguas não são usadas num vácuo social e político, porém, em cada sociedade, há rituais que regulam o seu uso e que estão intimamente relacionadas com as estruturas de poder da sociedade - opressivas para as mulheres e controladas pelos homens. Vemos a língua como um dos meios pelo qual nos localizamos num espaço social. Desta forma, ao falarmos, uma das coisas que fazemos é nos identificarmos como membros de um grupo social e também como homens ou mulheres.

Ao pensarmos as mais importantes correntes de estudo da linguagem em uso, podemos afirmar que estas ocorreram nas áreas da pragmática (Leech, 1983; Levinson, 1983) e da sociolinguística (Fasold, 1984, 1990; Labov, 1966; Trudgill, 1974b), que são as duas disciplinas que se preocupam principalmente com as relações entre a língua e seus usuários. Ao mesmo tempo, ressaltamos o desenvolvimento ocorrido em áreas afins, como a

filosofia da linguagem (Austin, 1962; Grice, 1975), análise da conversação (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974), etnografia da fala (Gumperz e Hymes, 1972), análise do discurso (Potter e Wetherell, 1987; van Dijk, 1985), psicologia social (Giles e Robinson, 1990) e ciência da comunicação (Berger e Chaffe, 1987; Knapp e Miller, 1985). Estes trabalhos estão voltados, principalmente, para variáveis lingüísticas, embora algumas variáveis não lingüísticas ou não verbais, como as cinésicas (postura, gestos, "gaze") e proxêmica (distância interpessoal, toque e orientação) estão bastante em evidência em estudos mais recentes.

No capítulo anterior, que trata da cognição social, partimos da hipótese de que o "script" generalizado e dominante na sociedade brasileira, em relação ao tema desta pesquisa, é um modelo preconceituoso do homem quanto ao trabalho da mulher fora de casa. Segundo van Dijk (1988), o preconceito deve ser visto como uma construção social, e a reprodução do poder na sociedade como uma construção, em termos de cognição social, feita pelos grupos dominantes e ligada a uma ideologia que se manifesta através da linguagem. Ressaltamos não ser possível afirmar que, através da linguagem, se detém o poder, porém, está subjacente a ela, a noção de superioridade que permite com que o poder se apresente como natural e justo. É, desta forma, no micro-nível dessa construção, que o preconceito, o poder e as ideologias que os mantêm são ativados, manifestos, legitimados e reproduzidos de um lado, e, de outro lado, experimentados e interpretados.

As ideologias, segundo Fairclough (1989), estão intimamente ligadas à linguagem e também ao poder, pois a natureza dos pressupostos ideológicos que predominam em certas convenções depende das relações de poder que

subjazem a tais convenções, as quais representam também uma maneira de se legitimizar as relações sociais existentes e as diferenças de poder. O autor, neste trabalho, aponta dois aspectos da relação linguagem/poder, isto é, poder no discurso e poder "velado" (*hidden power*). No primeiro caso, trata-se do lugar onde as relações de poder são realmente exercidas, de modo explícito, como por exemplo em interações face-a-face, e nas relações transculturais em que os participantes pertencem a diferentes grupos étnicos ou sociais. O poder "velado" do discurso pode ser observado, por exemplo, nos meios de comunicação. Ainda, segundo Fairclough, o poder, quer se manifestando explicitamente ou de maneira "velada" no discurso, não é propriedade de uma pessoa em específico, mas do grupo social a que ela pertence - que, no caso da pesquisa que estamos realizando, está centrada no homem e sua relação com o trabalho da mulher fora de casa. No trabalho que estamos desenvolvendo - a análise das manifestações lingüísticas do poder nas interações - levamos em conta aspectos como relações matrimoniais e classes sociais. Não analisamos as marcas lingüísticas de forma abstrata, mas procuramos observar o que realmente importa na relação de poder, isto é, o resultado, e como este afeta as pessoas, como, por exemplo, o fato de algumas mulheres não trabalharem fora de casa e desejarem fazê-lo. Neste caso, o exercício do poder se manifesta através do prevalecimento da opinião e/ou desejo do homem de que a mulher permaneça em casa. O efeito do poder, desta forma, parece estar relacionado com a intenção e desejo de um dos participantes (o homem) em detrimento do outro (a mulher). Sendo assim, a idéia central do conceito de poder está ligada a "conseguir" o que se deseja, isto é, a mulher não trabalhar fora de casa.

Acreditamos que, nas sociedades modernas, o exercício do poder é, cada vez mais, conseguido através da ideologia - pelo funcionamento ideológico da linguagem.

5.2. AS MULHERES E O CAPITAL SIMBÓLICO

As origens de diferenças em estilos de interação homem/mulher, segundo Eckert (1993), remontam aos papéis tradicionais que relegam as mulheres ao âmbito doméstico e os homens ao mundo econômico do mercado de trabalho.

Com o passar do tempo, entretanto, a evolução natural da sociedade tem influenciado tais papéis sociais e também as normas de interação. Podemos, entretanto, ainda em nossos dias, observar marcas de divisão dos papéis tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher, que são mantidos para complicar e frustrar as mudanças sociais. A domesticação do trabalho feminino, segundo Sacks (1974), envolve uma divisão de papéis nitidamente marcada, onde os homens estão engajados no mercado de trabalho público e as mulheres restritas à esfera privada e doméstica.

O homem, ao competir para obter os bens e o poder no mercado de trabalho em nome da família, passa a controlar a ambos (bens e poder) no âmbito familiar. Assim sendo, embora a mulher seja responsável pela manutenção da unidade doméstica, ela não tem controle direto sobre este "capital". Podemos dizer, em contrapartida que, enquanto o valor pessoal do homem baseia-se na acumulação de bens, status e poder no mercado de trabalho, o valor da mulher está fundamentado em sua habilidade de manter

a ordem e o controle domésticos. Sob esta ótica, desprovidas de poder, as mulheres só conseguem "aceitação" através do uso indireto do poder do homem ou através do desenvolvimento da influência no âmbito pessoal.

Segundo Bourdieu (1977), a influência das mulheres depende essencialmente da acumulação de capital simbólico, através da criação e elaboração de uma auto-imagem digna de autoridade. Não podemos dizer, porém, que o homem não depende da acumulação de capital simbólico, mas podemos dizer que o capital simbólico da mulher se torna parte do capital simbólico do homem e, desta forma, parte do capital econômico do lar. Os homens podem justificar e definir seu "status" através de seus desempenhos, posses ou posições institucionais, enquanto que as mulheres justificam suas posições em função de relações que mantêm com os homens. Diferente dos homens, as mulheres buscam a perfeição nas funções de esposa, mãe e amiga.

Enquanto o mercado de trabalho estabelece o valor do "capital" dos homens, o valor simbólico do capital das mulheres é avaliado segundo normas de comportamento da comunidade a que pertencem. Tais valores estão intimamente ligados a modelos preconceituosos e a "scripts" sociais como a valorização da mulher baseada em prendas domésticas.

Concordamos com Coates (1986) quando afirma que, de um modo geral, se as mulheres conseguem ter sucesso num determinado campo profissional (por exemplo, a profissão de secretária), o mesmo passa a perder "status". Acreditamos que, de um modo geral, as mulheres se re-definem segundo padrões masculinos dominantes. A mudança de uma imagem negativa para positiva é um processo lento, porém, a grande maioria das

mulheres na sociedade não vê sua própria posição como inferior, e as que assim a vêm lutam, ou estão lutando, para mudar.

Vemos o discurso, em nossa sociedade, como a dimensão comunicativa essencial para o exercício e reprodução, manutenção e legitimação do poder. De alguma forma, é através do discurso que as pessoas "aprendem" como adquirir, manter e/ou aceitar o poder. O discurso serve, também, para desenvolver e comunicar o arcabouço ideológico da cognição social que legitima o poder.

Concordamos com Graddol e Swann (1989) ao afirmarem que, em nossa cultura, estatisticamente, há um maior número de homens em posição de poder - quer seja econômico ou político. Ainda segundo os autores, tal fato está ligado a um processo social amplamente divulgado, por exemplo, as mulheres, no mercado de trabalho, altamente meritocrático, enfrentam maiores dificuldades para preencher as qualificações necessárias a fim de atingirem posições elevadas, de controle e as quais detêm o poder.

Dentre trabalhos citados na literatura, lembramos o desenvolvido por Maltz e Borker (1982), que relaciona a fala da mulher a aspectos culturais. Os autores sugerem que o homem e a mulher provêm de duas "subculturas sociolinguísticas", e que as regras de interação são aprendidas entre os cinco e os quinze anos de idade - período em que a maior parte das interações acontece entre grupos separados de meninos e meninas.

Para Coates (1986), a diferença na fala do homem e da mulher reflete dois status da mulher no grupo: primeiro, oprimido, enfatizando a idéia de que mulheres e homens pertencem a diferentes subculturas e, portanto, a diferença lingüística é interpretada como refletindo tais diferenças; e,

segundo, a abordagem de domínio, que vê as mulheres como um grupo oprimido e interpreta as diferenças lingüísticas como um reflexo do domínio masculino e subordinação feminina.

Segundo a autora, aprender a falar é aprender a ser membro de uma cultura em particular, sendo que a ordem social é reproduzida através da fala. Encontramos na literatura trabalhos que consideram a fala da mulher como co-operativa e a do homem como competitiva. Tal fato é relacionado ao que mencionamos anteriormente, isto é, a época em que as crianças (menino/menina) passam pelo período de socialização.

Segundo Coates e Cameron (1988), no século XIX, as mulheres não tinham direito de votar ou possuir propriedades, pois eram consideradas incapazes, especialmente quanto à argumentação. Até 1873 acreditava-se que o estudo superior para a mulher poderia prejudicar sua capacidade reprodutiva.

No Brasil, segundo Bittar (1989), por via de influência religiosa e política recebida de Portugal, o sistema familiar seguiu o modelo tradicional, revestindo-se de cunho patriarcal: antes do Código Civil, a direção da sociedade cabia ao marido, com inúmeras restrições quanto à posição da mulher casada que, envolvida em afazeres domésticos, não tinha condição de realizar, por si, quaisquer negócios jurídicos, para os quais, ao revés, dependia de autorização do marido. As Ordenações submetiam, ademais, a mulher ao poder marital.

Com o Decreto no.181, de 24 de janeiro de 1890, foi instituído o casamento civil, estratificando-se certas regras que, no computo geral, consagravam a posição de ascendência do marido na família, de quem era

chefe, administrador e representante legal, com os direitos de fixar o domicílio, manter e educar os filhos, **autorizar** a mulher a exercer profissões e outras disposições discriminatórias.

Em sua estruturação original, o Código impôs à mulher casada a condição de relativamente incapaz. Em conformidade com esse regime, a mulher casada sofreu limitações, que foram sendo abrandadas com o passar do tempo, como: direito aos rendimentos do trabalho próprio, para formação de patrimônio pessoal (bens reservados); a liberdade na administração dos afazeres do lar e nas despesas quanto à economia doméstica.

Este sistema perdurou intacto por longo tempo, e, quanto às linhas básicas, ainda persiste entre nós, tendo sofrido alterações de maior vulto, em face da evolução processada na matéria, quanto ao reconhecimento de filhos havidos fora do matrimônio e quanto à posição de desigualdade da mulher casada diante do homem.

As primeiras medidas de ordem corretiva especificamente quanto a direitos da mulher casada - e dentro da diretriz de igualdade com o marido, cristalizadas nas Declarações Universais - surgiram com a edição do Estatuto da Mulher Casada (Lei no. 4121 de 27-8-1962), cujas disposições mais significativas foram as de: revogação da regra de incapacidade relativa (passando a mulher a ser plenamente capaz no mundo jurídico); liberdade para a prática de atos não vedados (permitindo-lhe atuar na administração do patrimônio); modificação no contexto da chefia do lar (em que foi alçada a colaboradora do marido); exercício livre de profissão ou de atividade (possibilitando-lhe o desenvolvimento de suas aptidões negociais).

Na diretriz evolutiva em termos de direitos da mulher, o Projeto do Código Civil, que se acha no Congresso Nacional, prescreve que o casamento estabelece "comunhão plena de vida, com base na igualdade dos cônjuges", e institui a "família legítima" (art. 1697). Mas mantém com o marido a chefia do lar conjugal (art.1758); provê a escolha do domicílio por ambos (art. 1760); define a mulher como consorte, companheira, colaboradora do marido nos encargos (art. 1761); atribui o pátrio poder aos pais (art.1844), aos quais compete a educação dos filhos (art. 1848). Como se verifica, avança quanto à idéia de igualdade entre os cônjuges, mas conserva a noção de chefia e outros pontos de preeminência do marido, preso à noção de necessidade de um líder para o núcleo familiar.

Com a instituição da Carta Constitucional de 1988 (art.226), a família é declarada como base da sociedade, havendo a paridade entre os cônjuges; a igualdade entre os filhos de qualquer origem, e a aceitação da união estável para certos efeitos familiares. Outro avanço em relação aos direitos da mulher é a lei nº 6515 de 1977, que institui o divórcio no Brasil, modifica o regime para o casamento que era da comunhão universal de bens, passando, depois da lei para à comunhão parcial de bens. Tal fato retira ainda mais o poder do homem sobre a mulher.

É interessante lembrar que Poyton (1989), em seu trabalho sobre linguagem e gênero, menciona pesquisas feitas sobre formas de endereçamento na língua inglesa, mostrando que, para o homem casado ou solteiro, usa-se "Mr.". Para a mulher, entretanto, usa-se "Miss" quando solteira e "Mrs." (seguido do sobrenome do marido) quando casada. Recentemente foi criado o termo "Ms." que é usado quando não se sabe ao

certo o estado civil da mulher adulta. É marcado desta forma o estado civil da mulher, mas não o do homem. Lembramos que, no Brasil, o termo Sr. é usado para o homem adulto (casado ou solteiro); e para mulher solteira Srta., sendo que para a casada usa-se Sra. (seguido do sobrenome do marido). Segundo a lei que institui o Divórcio, a mulher pode deixar de usar o nome do marido "independente de culpa" após o divórcio. Notamos, nesta colocação, de forma explícita, a manifestação do preconceito quanto à situação social e postura da mulher.

Colocamos aqui também o aspecto do letramento da mulher. Mesmo em nossos dias, em regiões menos desenvolvidas e especialmente entre famílias carentes, opta-se pela escolarização do menino em detrimento da menina. Tal fato está ligado ao "script" social que vê o homem como "cabeça do casal" e, portanto, como o provedor do sustento familiar, e, desta forma, necessitando ser escolarizado para exercer "tais funções". A falta de instrução, e até o fato de ser iletrada, obriga a mulher, nas camadas sociais menos favorecidas (em regiões como a periferia em nosso caso) a trabalhar como doméstica. Este trabalho é visto como inferior e desvalorizado, chegando a ser criticado e até considerado, pelo homem, como uma oportunidade para a mulher despertar a desconfiança ou ciúme do marido. Isto pode ser observado explicitamente nos dados gravados na periferia - interação entre o casal no. 6, onde o homem diz que, com a ausência da patroa, a empregada fica a sós com o patrão, o que gera a desconfiança do marido. Podemos, também, observar a manifestação implícita de tal postura, por parte do homem, em várias interações gravadas na periferia, quando fala que a mulher vai "costurar pra fora", que ela é "cantada", que ela precisa

"saber" escolher o lugar onde trabalha e ter a cabeça no lugar. Encontramos, também, justificativas como salário baixo, as tarefas domésticas e as crianças dentre outras.

A justificativa para a mulher não letrada permanecer em casa e, portanto, ser doméstica não aparece nas gravações feitas na classe média pois todas informantes têm nível universitário.

O exercício do poder pode ser observado mais claramente na periferia, quando prevalece, de forma explícita, a opinião do homem em detrimento da vontade da mulher.

Num discurso ou numa interação face-a-face, acreditamos poder detectar apenas algumas facetas da manifestação do poder. No capítulo anterior trabalhamos, dentre outros, com "disclaimers", concessões aparentes que são algumas das estratégias de auto preservação positiva e que preparam estrategicamente a apresentação negativa.

5.3. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados que compõem o corpus deste trabalho aponta para diferenças na forma de expressar o poder pelo homem da classe média e o da periferia. Tal manifestação de detenção do poder é, de um modo geral, expressa através da "permissão" dada pelo homem para que a mulher trabalhe fora.

A permissão dada pelo homem para que a mulher trabalhe fora é explicitada por expressões modais como: poder, dar o direito de, deixar. Koch (1984) lembra que, ao produzirmos um discurso, manifestamos nossa

intenções e/ou atitudes através de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que se atualizam por meio de operadores modais. Dentre eles citamos os performativos explícitos e os auxiliares modais. Em nosso trabalho, encontramos exemplos em que o homem, fazendo uso de um discurso autoritário, explicita sua postura dizendo que "dá o direito", que "deixa" ou que a mulher "pode" trabalhar fora - fato que só acontece com a permissão do marido. Lembramos que o recurso às modalidades permite ao homem marcar sua distância e superioridade em relação à mulher, deixando clara a intenção de que ela fique em casa, em função de obediência e do exercício do poder do marido sobre ela.

Na classe média, na interação entre o casal no.3, o homem, ao falar sobre o assunto em questão, diz: " ... ela **pode** até trabalhar fora..." (linha 0147). Exemplo semelhante encontramos na interação entre o casal no.20, quando o homem diz: "... se ela resolver trabalhar eu **concordo** ..." (linha 1339) e mais adiante: "... futuramente ela vai **poder** voltar trabalhar..." (linha 1345). Neste exemplos notamos que, embora, face-a-face com a esposa, o homem explicita que dará permissão para que ela trabalhe fora, cabendo a ele, portanto, tal atitude.

Nos depoimentos gravados na mesma classe, temos o informante no.1, deixando clara sua postura de detentor do poder dizendo: " ... eu só **admiti** que ela trabalhasse..." (linha 2256). Logo a seguir o informante coloca sua condição para realização do fato.

Nos exemplos acima fica claro que o homem considera caber a ele a função de dar a permissão para que a mulher trabalhe fora.

Na periferia encontramos um número maior de exemplos que ilustram a explicitação da detenção do poder, por parte do homem, com relação ao assunto em questão.

Na interação entre o casal no.1 o homem assim se expressa sobre o trabalho da mulher fora de casa: "... mulher não deve trabalhar fora... / ... se não tiver filho pode até trabalhar... / ... precisando eu ATÉ concordo..." (linhas 1417,1436 e 1456) . Notamos que, no início dessa interação, o homem deixa clara sua postura contrária e depois explicita que sob certas condições concorda e até permite que a mulher trabalhe fora.

É interessante notar que, nas interações na periferia, em alguns casos é a mulher que verbaliza a não concordância, ou permissão do marido para seu trabalho. Na interação entre o casal no.2 encontramos exemplos a partir da linha 1467:

M. você é é contra sim...

H. N-Ã-O S-O-U C-O-N-T-R-A...

M. é você fala que a mulher não pode trabalhar fora...

H. quer dizer eu::: eu SOU SOU CONTRA a mulher que DEIXA os filhos em CASA sem TER uma pesso:::a RESponsável pra cuidar...

Neste exemplo, o homem, além de explicitar sua postura contrária, também justifica a mesma dizendo que cabe à mulher a responsabilidade de cuidar dos filhos.

Apresentamos, a seguir, exemplos em que a mulher expressa a opinião do homem:

- casal no.4: "...EU quero trabalhar fora e ele não deixa..." (linha 1560),

"... arrumar um serviço pra fora ele não **deixa**... ele não **DEIXA** ..." (linha 1569).

- casal no. 5: "... quando eu queria trabalhar você não **deixou**..." (linha 1603).
- casal no. 7: "... ele não **deixa** ele não **deixa**..." (linha 1637).
- casal no.11: "... se fosse por mim eu trabalharia mas ele não **aceita**... ele não **deixa** ..." (linha 1733).
- casal no. 23: "... ele não **deixa**..." (linha 2091).

De um modo geral, nestes exemplos, as mulheres, ao explicitarem a não permissão do marido para que trabalhem fora, justificam tal postura explicando que têm crianças menores que exigem cuidado, ou que precisam se dedicar aos afazeres do lar.

Nos depoimentos da periferia, temos os seguintes exemplos de mulheres relatando a postura dos maridos:

- informante no.2: "... eu parei de trabalhar porque meu marido não gosta... não **aceita**::: sabe de jeito nenhum..." (linha 2364).
- informante no.12: "... mais do que eu falo para o meu marido deixar eu trabalhar fora... porque ele é assim... meio machista..." (linha 2513).

Fica claro nos dois casos acima que o homem detém o poder sobre a decisão da mulher trabalhar fora.

Quanto aos homens, temos exemplos onde os mesmos explicitam a postura contrária ao trabalho da mulher fora de casa nas seguintes interações:

- casal no. 11: "... um dia se a necessidade for maior daí eu vou ter que

aceitar..." (linha 1740).

- casal no. 22: "... se ela necessitar mesmo trabalhar... tudo bem... eu **deixo** ela trabalhar..." (linha 2077)
- casal no. 24: "... eu **deixo** ela trabalhar fora se ela tiver condições..." (linha 2097).

Notamos, assim, que, em surgindo a necessidade, o homem, independente de sua vontade, terá que aceitar ou deixar a mulher trabalhar fora.

Nos depoimentos dos homens encontramos os seguintes exemplos:

- informante no.3: "... eu **DOU direito** da mulher trabalhar fora e ser digna..." (linha 2394).
- informante no. 6: "... a própria situação força você **deixar** a mulher trabalhar fora..." (linha 2432).
- informante no.7: "... a necessidade obriga a gente a **aceitar**..." (linha 2442).

Verificamos, neste exemplos, em primeiro lugar que o homem acredita caber a ele dar o direito à mulher para trabalhar fora; e em segundo lugar que o homem só aceita o trabalho da mulher quando é forçado por circunstâncias alheias à sua vontade, mas, mesmo assim, cabe a ele "deixar"ou não que ela saia de casa.

Retomamos aqui parte da análise feita no capítulo anterior quando o informante no.7 afirma: "... a gente pensa... eu levei ela pra casa... eu casei com ela... eu tenho direito eu sou dono dela..." (linha 2448). Este exemplo deixa clara a influência do Direito Romano no Brasil, prevalecendo a idéia do

"usucapião". Lembramos que tal influência podia ser observada quando a mulher, muitas vezes, era excluída da herança do marido ou do casal.

Acreditamos, como já foi dito anteriormente, que o "script" social dominante, especialmente na periferia, é do homem que detém o poder e se julga no direito de exercê-lo, a ponto de "deixar" ou "dar o direito" à mulher para fazer algo. Na periferia, a manifestação deste poder é mais explicitada do que na classe média, onde o poder se manifesta de forma "velada" em alguns casos. Em outros exemplos, notamos o que podemos chamar de uma evolução no "script" social, pois os casais, como já mencionamos no capítulo anterior encontraram soluções alternativas para que a mulher, como o homem, também tenha oportunidade de realizar-se profissionalmente. Tal evolução pode acontecer concomitantemente com um avanço no Código Civil Brasileiro quanto aos direitos da mulher.

É interessante observar a relação existente entre as leis, que no passado impunham limitações à mulher casada, como a condição de "relativamente incapaz", e a manifestação lingüística de detenção do poder por parte do homem em relação à esposa. Atualmente, embora a mulher não dependa mais de autorização do marido, por ser considerada igual a ele, ainda encontramos exemplos de homens que estão presos às noções ou leis antigas. Os exemplos analisados acima ilustram a noção de "posse" que ainda pode ser observada em manifestações lingüísticas entre alguns homens.

6 . CONCLUSÃO

A análise dos dados que compõem o corpus desta tese nos leva a concluir que o "script" socialmente construído e dominante na sociedade brasileira, especialmente na periferia, é uma visão preconceituosa do homem quanto ao trabalho da mulher fora de casa. Tal "script" preconceituoso, diretamente ligado ao poder que o homem acredita ter sobre a mulher em relação ao trabalho desta fora de casa, se manifesta na linguagem, podendo ser observado nas interações face-a-face e nos depoimentos, tanto na periferia como na classe média. Lembramos, a seguir, algumas das estratégias usadas, pelos informantes, para expressar ou encobrir o preconceito e o poder :

- prosódia - quando o homem usa a entoação ascendente ou tessitura mais alta, sinaliza sua postura diante da questão; quando hesita ou se auto-repete, inicialmente, organizando seu pensamento e depois explicita sua opinião, quando fala em turnos mais longos que a mulher,

- auto representação positiva - quando o homem se apresenta como favorável ao trabalho da mulher fora de casa e, em seguida, após usar um operador argumentativo, re-direciona seu discurso e expressa seu preconceito apontando problemas advindos da ausência da mulher do lar,

- uso de "disclaimers" para impor condições e/ou expressar concessões feitas para que a mulher trabalhe fora;

- o "contar história" de casais que enfrentaram problemas, culminando com a separação ou o divórcio devido ao trabalho da mulher fora de casa. Esta técnica pode ser observada na periferia;

- o uso de expressões modais, pelos homens, especialmente na periferia, para explicitar a detenção do poder - ("dou direito, deixo, pode, concordo"). Na classe média observamos que o homem usa técnicas discursivas mais elaboradas, como a explicação de que "alguém" precisa cuidar dos filhos e do lar, pois cabe ao marido prover o sustento da família.

As "desculpas" ou justificativas apresentadas pelos homens para que as mulheres permaneçam em casa foram, de um modo geral, as seguintes: a educação dos filhos menores, considerada responsabilidade delas, e as tarefas domésticas. Na periferia, os homens explicitam o ciúme e o fato de poderem ser traídos pela esposa quando a mesma trabalha fora.

As marcas lingüísticas do poder nas interações e nos depoimentos são mais explícitas na periferia, onde o homem chega a dizer que cabe a ele "dar o direito ou permissão" para que a mulher trabalhe fora. Já no bairro de classe média, os homens usam diferentes técnicas para preservarem a face e, desta forma, o poder é manifesto de forma "velada".

Podemos concluir que a noção de poder está diretamente relacionada com o "script" social dominante, o qual está reproduzido no Código Civil

Brasileiro. Tal modelo aponta o homem como cabeça do casal, responsável pelo sustento do lar e a mulher como responsável pela educação dos filhos e pelas tarefas domésticas.

Este trabalho nos permite comprovar a hipótese de que há uma relação direta entre o discurso, a cognição social e o poder. O homem, ao se outorgar o direito de dar ou não permissão para que a mulher trabalhe fora, revela estar em consonância, mesmo de forma não consciente, com a cognição social, ou seja com o "script" social dominante - que é transmitido de geração em geração. Pode-se verificar, porém, que está ocorrendo uma evolução de tal "script", diretamente relacionada com um avanço no Código Civil, quanto aos direitos da mulher, que pode ser observada, especialmente, nas interações da classe média, quer pela necessidade que o homem sente de utilizar estratégias de preservação da face, tentando aproximar-se mais do novo padrão que se vem firmando na sociedade moderna, esta também em constante evolução, quer pela forma de sua manifestação lingüística. Já na periferia, a manifestação lingüística do poder e preconceito quanto ao fato de a mulher trabalhar fora pode ser observada, nas interações e nos depoimentos de forma bastante explícita. A evolução do "script" pode ser observada entre os casais que explicitam dividir as tarefas domésticas para que a mulher, como o homem, também possa se realizar profissionalmente.

BIBLIOGRAFIA

- ABERCROMBIE, D. 1965 - Studies in Phonetics and Linguistics. Oxford University Press.
- ABERCROMBIE, D. 1967 - Elements of General Phonetics. Edinburgh: University of Edinburgh Press.
- AUSTIN, J.L. 1962 - How to do Things with Words. Cambridge. Harvard University Press .
- BAKHTIN, M. 1929 - (Original russo) Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução brasileira. São Paulo: Hucitec, 2a. ed., 1981.
- BARROS, J. de - 1539-1540 - 1a. vez editada em Lisboa por Luiz Rodrigues. Gramática da Língua Portuguesa - Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha. Reprodução Facsimilada, Leitura, Introdução e Anotação por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa 1971. Publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BECHARA, E. 1961 - Lições de Português pela Análise Sintática. Rio, 2a.ed., Ed. Fundo de Cultura, LPAS.
- BECHARA, E. 1928 - Moderna Gramática Portuguesa: Cursos de 1o. e 2o. graus. São Paulo. 19a. edição. Companhia Editora Nacional. 1974.
- BENVENISTE, E. 1966 - (Original francês) Problemas de Linguística Geral. Tradução brasileira: Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.
- BENVENISTE, E. 1974 - Problème de Linguistique Générale II, Gillimard, Paris.
- BERGER, C.R., e Chaffee, S.H. (eds.) 1987 - Handbook of Communication Science. Newbury Park, CA: Sage.
- BITTAR, C.A. 1988 (org.) - O Direito da Família e a Constituição de 1988. São Paulo: Ed. Saraiva.
- BODINE, A. -1975 - Sex differentiation in language. in Thorne, B. e Henley, N. (eds.). Language and Sex Difference and Dominance. Rowley, M.A. Newbury House. pp.130-151.
- BOURDIEU, P. 1977 - Outline of a Theory of Practice. Cambridge: Cambridge University Press.

- BROWN, P. e LEVINSON, S. 1978 - Universals in Language Usage: Politeness Phenomena. in: Goody, E.D. (ed.) Questions and Politeness - Strategies in Social Interaction. Cambridge, Cambridge University Press, pp.56-316.
- CAGLIARI, L.C. 1989 - Prosódia e Discurso (mimeo).
- CAGLIARI, L.C. 1990a - Prosódia: Algumas Funções dos Supra-Segmentos. (mimeo).
- CAGLIARI, L.C. 1990b - The Linguistic Functions of Prosody. (mimeo).
- CAGLIARI, L.C. 1991 - A Fonética do Português Falado I. (Estudo Preliminar da Fala de Porto Alegre) (mimeo).
- CAGLIARI, L.C. 1992 - Da Importância da Prosódia na Descrição de Fatos Gramaticais. in: Ilari, R. (org.) Gramática do Português Falado - vol. II: Níveis de Análise Lingüística. Campinas: Ed. da UNICAMP, pp.41-77.
- CÂMARA Jr., J. M. 1970 - Estrutura da Língua Portuguesa. Petrópolis. Editora Vozes Ltda.
- CAMERON, D. 1985 - Feminism and Linguistic Theory. Macmillan. London.
- CEGALLA, D.P. 1976 - Novíssima Gramática de Língua Portuguesa. São Paulo, 15a.ed. revisada e atualizada. Companhia Editora Nacional.
- COATES, J. 1986 - Women, Men and Language. New York: Longman.
- COATES, J. e Cameron, D. (eds.) 1988 - Women in their Speech Communities. New Perspectives on Language and Sex. New York: Longman.
- COULTHARD, M. 1991 - Linguagem e Sexo. São Paulo: Ática.
- CRYSTAL, D. 1969 - Prosodic Systems and Intonation in English. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNHA, C. 1972 - Gramática do Português Contemporâneo. Belo Horizonte, 3a. ed., Editora Bernardo Álvares S.A.
- DUCROT, O. 1972 - (Original francês) Princípios de Semântica Lingüística. Tradução brasileira: São Paulo: Cultrix, 1976.
- DUCROT, O. 1984 - (Original francês) O dizer e o dito. Tradução brasileira: Campinas: Pontes, 1987.

- DUCROT, C. e VOGT, C. 1989 - De Magis a más: uma hipótese semântica. in: Carlos Vogt - Linguagem, Pragmática e Ideologia. São Paulo: Ed. Hucitec, pp.103-128.
- ECKERT, P. 1993 - Cooperative Competition in Adolescent "Girl Talk". in: Deborah Tannen (ed.) Gender and Conversational Interaction. Oxford: Oxford University Press.
- FAIRCLOUGH, N. 1989 - Language and Power. London: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. (ed.) 1992 a - Critical Language Awareness. London: Longman.
- FAIRCLOUGH, N. 1992 b - Discourse and Social Change. Cambridge: - Oxford and Blackwell Publishers. Polity Press.
- FASOLD, R. 1984 - The Sociolinguistics of Society. Oxford, UK: Basil Blackwell.
- FASOLD, R. 1990 - The Sociolinguistics of Language. Oxford, UK: Basil Blackwell.
- FISHMAN, P. 1983 - Interaction: The Work Women Do. in: Thorne, B. Kramarae, C. e Henley, N. (eds.) Language, Gender and Society. Rowley, M.A. Newbury House. pg. 89-103.
- FOWLER, R., HODGE, B., KRESS, G. e TREW, T. 1979 - Language and control. London: Routledge & Kegan Paul.
- FOWLER, R. 1985 - Power. in: van Dijk, T.A. (ed.) Handbook of Discourse Analysis, vol.4. pp.61-82, London: Academic Press.
- GILES, H. e POWESLAND, P.F. 1975 - Speech Style and Social Evaluation. London: Academic Press.
- GILES, H. e Robinson, W.P. (eds.) 1990 - Handbook of Language and Social Psychology. Chichester, UK: Wiley.
- GOFFMAN, E. 1955 - On Face-work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction. Psychiatry, 18. pp.213-231.
- GOFFMAN, E. 1959 - The Presentation of Self in Everyday Life. Garden City, NY: Doubleday.
- GOFFMAN, E. 1967 - Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior. Garden City, New York: Anchor Books.

- GOFFMAN, E. 1974 - Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience. New York: Harper and Row.
- GOFFMAN, E. 1979 - Footing. Semiotica, 25: pp. 1-29.
- GOFFMAN, E. 1981 - Forms of Talk. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- GRADDOLL, D. e SWANN, J. 1989 - Gender voices. Oxford: Basil Blackwell.
- GRICE, H.P. 1975 - Logic and Conversation. In P.Cole & I.L.Morgan (eds.) Syntax and Semantics. vol.3: Speech Acts (pp.41-58). New York: Academic Press.
- GUIMARÃES, E.R.J. 1981 - Estratégia de relação e estruturação do texto. In Sobre a Estruturação do Discurso. IEL, Unicamp.
- GUMPERZ, J. 1982 a - Discourse Strategies. Cambridge: Cambridge University Press.
- GUMPERZ, J. e GUMPERZ, J.A. 1982 b - Language and social identity. in Gumperz, J. (ed.) Language and social identity. Cambridge: Cambridge University Press, pp.1-2.
- GUMPERZ, J.J., & Hymes, D. 1972 - (eds.) Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication. New York: Holt.
- HALLIDAY, M.A.K. 1970 - A Course in Spoken English: Intonation. Oxford: Oxford University Press.
- HALLIDAY, M.A.K. 1978 - Language as a Social Semiotic - The Social Interpretation of Language and Meaning. London: Edward Arnold.
- HOFFNAGEL, J. e MARCUSCHI, E. 1990. "Eu só queria falar uma coisa viu? O estilo feminino na interação verbal. (mimeo).
- HYMES, D. 1964 (ed.) - Language in Culture and Society. New York. Harper & Row.
- HYMES, D. 1972a - Models of the Interaction of Language and Social Life. in: Gumperz, J. e Hymes, D. (ed.) Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication. New York: Holt, Reinhart and Winston, pp.35-71.
- HYMES, D. 1972b - Toward Ethnographies of Communication: The Analysis of Communicative Events. in: P. Giglioli (ed.), Language and Social

- Context. Penguin, pp.21-43 (excerpts from Hymes, D. (1966) Introduction: Toward Ethnographies of Communication. American Anthropologist, 66(6):12-25.
- JEFFERSON, G. 1972 - Side Sequences. in: D. Sudnow (ed.). Studies in Social Interaction. New York: Free Press, pp.294-338.
- JESPERSEN, O. (1922) 1950 - Language. Its Nature, Development and Origin. Londres: George Allen e Unwin Ltd. pp.237-254.
- JOHNSTON, B. 1987 - An Introduction. Text, vol.7(3): pp.05-214.
- KNAPP, M.L., e Miller, G.R. (eds.) 1985 - Handbook of Interpersonal Communication. Beverly Hills, CA: Sage.
- KOCH, I.G.V. 1984 - Argumentação e Linguagem. Cortez Editora.
- KOCH, I.G.V. 1989 - A Coesão Textual. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I.G.V. 1992 - A Inter-ação pela Linguagem. São Paulo: Contexto.
- KOCH, I.G.V. 1993a. - A Língua(gem) no Contexto Social. Letras. vol. 12, no. 1 e 2, dezembro, 61-71.
- KOCH, I.G.V. 1993b. - A Repetição como Mecanismo Estruturador do Texto Falado (mimeo).
- KOCH, I.G.V. e TRAVAGLIA, L.C. 1989 - Texto e Coerência. São Paulo: Cortez.
- KRAMER, C. 1975 - Women's Speech: Separate but Unequal? in B. Thorne e N. Henley (eds.) Language, and Sex: Difference and Dominance. Rowley, Mass.: Newbury House, pp.43-56.
- LABOV, W. 1966 - The Social Stratification of Speech in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, W. 1972a - Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Philadelphia Press.
- LABOV, W. 1972b - Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- LABOV, W. e Fanshel, D. 1977 - Therapeutic Discourse: Psychotherapy as Conversation. New York: Academic Press.
- LAVER, J. e Trudgill, P. 1979 - Phonetic and Linguistic Markers in Speech. in: K.R. Scherer and H. Giles (eds.) Social Markers in Speech. pp.1-32. Cambridge: Cambridge University Press.

- LEECH, G.N. 1983 - Principles of Pragmatics. London: Longman.
- LEITÃO, E.V. 1981 - A Mulher na Linguagem do Povo. Rio de Janeiro: Achine.
- LEVINSON, S.C. 1983 - Pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIMA, Rocha. 1972 - Gramática Normativa de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 15a.ed. (refundida). Livraria José Olympio Editora.
- MALTZ, D.N., & Borker, R.A. 1982. A Cultural Approach to Male-female Mis-communication. In J.J.Gumperz (ed.), Language and Social Identity, pp.195-216. Cambridge,UK: Cambridge University Press.
- MARCUSCHI, L.A. 1986 - Análise da Conversação. Editora Ática.
- MARCUSCHI, L.A. 1989 - Marcadores Conversacionais do Português Brasileiro: Formas, Posição e Funções. in: Ataliba T. de Castilho (org.) Português Culto Falado no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, pp.281-321.
- NG, S.H. e BRADAC, J.J. 1993 - Power in Language. Verbal Communication and Social Influence. Newbury Park, London: Sage.
- OLIVEIRA, Fernão de. 1933 - Grammatica da Lingoagem Portuguesa. 3a. edição feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo de Sá Nogueira. Edição de José Fernandes Jr. Tipografia Beleza. Lisboa.
- PÊCHEUX, M. 1982 - Language, Semantics and Ideology. London: Macmillan.
- POTTER, J. e Wetherell, M. 1987 - Discourse and Social Psychology: Beyond Attitudes and Behaviour. London: Sage Publications.
- POYTON, C. 1989. Language and Gender: Making the Difference. Oxford: Oxford University Press.
- PRETTI, D. 1991 - A Linguagem dos Idosos. São Paulo: Ed. Contexto.
- RISSO, M.S. 1993 - "Agora, o que eu acho é o seguinte": Um aspecto da articulação do discurso no Português culto falado. in Ataliba T. de Castilho (org.). Gramática do Português Falado, vol. III: As Abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP, pp.31-60.

- ROBINSON, W.P. 1985 - Social Psychology and Discourse. in T.A. van Dijk (ed.) Handbook of Discourse Analysis. vol.1. pp107-144. London Academic Press.
- RUBIN, G. 1975 - The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex. in Rayna, R. Reiter (ed.) Toward an Antropology of Women. New York: Monthly Review Press, pp. 157-210.
- SACKS, K. 1974 - Engels revisited: Women, the Organization of Production and Private Property. in: Michelle Zimbalist Rosaldo e Louise Lamphere (eds.) Woman, Culture, and Society. Stanford, CA.: Stanford University Press, pp.207-222.
- SACKS, K., SCHEGLOFF, E. e JEFFERSON, G. 1974 - A Simplest Systematics of the Organization of Turn Taking for Conversation. Language 50:4, pp. 696-735.
- SAUSSURE, F. 1916 - Cours de Linguistique Générale. Ed.by Charles Bally and Albert Sechehaye. Paris: Payot. 1955.
- SCHERER, K.R. 1979 - Voice and Speech Correlates of Percieved Social Influence in Simulated Juries. in: H. Giles e R. St.Clair (eds.) Language and Social Psychology. pp. 88-12. Oxford: Blackwell.
- SCHERER, K.R. 1986 - Vocal Affect Expression: A Review and Model for Future Research. Psychological Bulletin, 99, pp. 143-165.
- SCHERER, K.R. e Giles, H. (eds.) 1979 - Social Markers in Speech. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHIFFRIN, D. 1987 - Discourse Markers. Cambridge: Cambridge University Press.
- SEARLE, J.R. 1969 - Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press.
- SINCLAIR, J. e COULTHARD, M. 1975 - Towards an Analysis of Discourse: the English Used by Teachers and Pupils. Oxford: Oxford University Press.
- SOUTO MAIOR, M. 1980 - Dicionário do Palavrão e Termos Afins. 2a. ed. Recife: Guararapes.
- STANLEY, J.P. 1977 - Paradigmatic Women: the Prostitute. in: Shores, D.L. e Hines, C.P. (eds.) Papers in Language Variation. Alabama: University of Alabama Press. pp. 303-321.

- STRAWSON, P.F. 1971- Logic - Linguistic Papers. Mathuen Co.Ltd.Londres.
- STREET, R.L. Jr., 1990 - The communicative functions of Paralanguage and Prosody. in: Giles, H. e Robinson, P. (eds.) Handbook of Language and Social Psychology. England: W.P.John Wiley & Sons Lt. pp.121-140.
- STREET, R.L. Jr. e Hopper, R. 1982 - A Model of Speech Style Evaluation. in: E.B. Ryan e H. Giles (eds.) Attitudes Toward Language Variation: Social and Applied Contexts. pp. 175-188. London: Edward Arnold.
- TANNEN, D. 1986 - That's not what I meant. How Convesational Style Makes or Breakes Your Relations with Other. New York: Ballantine.
- TANNEN, D. 1987 - Remarks on Discourse and Power. in Kedar, L.(ed.) Power Through Discourse. Norwood: Ablex Publishing Corporation. pp.3-11.
- TANNEN, D. 1990a - You just don't Understand. Women and Men in Conversation. New York: Ballantine Books.
- TANNEN, D. 1990b - Gender Differences in Conversational Coherence: Physical Alignment and Topical Cohesion. in Bruce Dorval (ed.) Conversational Coherence and Its Development. pp. 167-206. Norwood: Ablex.
- TANNEN, D. 1990c - Gender Differences in Topical Coherence: Creating Involvement in Best Friend's Talk. Discourse Processes. 13:1.
- THORNE, B. e HENLEY, N. 1975 - Difference and Dominance: an Overview of Language, Gender and Society. in :Thorne, B. e Henley, N. (eds.) . Language and Sex: Difference and Dominance. Rowley, Mass.: Newbury House, pp.5-42.
- THORNE, B., KRAMARAE, C. e HENLEY, N. (eds.) 1983 - Language, Gender and Society. Rowley, Mass.: Newbury House.
- TRACY, K., COUPLAND, N. 1990 - Multiple Goals in Discourse: an Overview of Issues. Journal of Language and Social Psychology. vol.9. nos.1-2. pp.1-13.
- TRACY, K. 1990 - The Many Faces of Facework. in Giles, H. e Robinson, P. (eds.) Handbook of Language and Social Psychology. England: John Wiley & Sons Ltd., pp.209-226.

- TRACY, K. 1991 - Linking Communication Goals with Discourse. in Tracy, K. (ed.) Understanding Face to Face Interaction: Issues Linking Goals to Discourse. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates. N.Jersey, pp.1-21.
- TRUDGILL, P. 1974a - The Social Differentiation of English in Norwich. Cambridge: Cambridge University Press.
- TRUDGILL, P. 1974b - Sociolinguistic. An Introduction to Language and Society. New York: Penguin Books.
- van DIJK, T.A. 1977 - Text and Context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse. London: Longman.
- van DIJK, T.A. 1983 - Cognitive and Conversational Strategies in the Expression of Ethnic Prejudice. Text 3(4), pp.375-404.
- van DIJK, T.A. e KINTCH, W. 1983 - Strategies of Discourse Comprehension. New York: Academic Press.
- van DIJK, T.A. 1984 - Prejudice and Discourse. An Analysis of Ethnic Prejudice in Cognition and Conversation. Amsterdam: Benjamins.
- van DIJK, T.A. 1985 (ed.) - Handbook of Discourse Analysis, 4 vols. London: Academic Press.
- van DIJK, T.A. 1987 - Communicating Racism: Ethnic Prejudice in Thought and Talk. Newbury Park, CA.: Sage.
- van DIJK, T.A. 1988 - Structures and Strategies of Discourse and Prejudice.
- van DIJK, T.A. e WODAK, R. 1988. Introduction - Text, no.8 (1-2) pp.1-4.
- van DIJK, T.A. 1989 - Structures of Discourse and Structures of Power. in: J. A. Anderson (ed.) Communication Yearbook, 12. Newbury Park, CA: Sage, pp.18-59.
- van DIJK, T.A. 1990 - Social Cognition and Discourse. in: Giles, H. Robinson, W.P. (eds.) Handbook of Language and Social Psychology. England: John Wiley & Sons Lt., pp.163-167.
- van DIJK, T.A. 1991 - Stories and Racism (mimeo).
- van DIJK, T.A. - 1992 - Cognição, Discurso e Interação. São Paulo: Contexto.

- van DIJK, T.A. 1992a - Discourse, Power and Access. Paper contributed to Carmem Rosa Caldas (ed.) Critical Discourse Analysis (in preparation).
- van DIJK, T.A. 1992b - Discourse and Cognition in Society. Paper to be published in David Crowley & David Mitchell, Communication Theory Today. Oxford: Blackwell.
- van DIJK, T.A. 1992c - Discourse and the Denial of Racism. Discourse and Society, 3, pp. 87-118.
- van DIJK, T.A. 1993a. - Elite Discourse and Racism. Newbury Park, CA.: Sage.
- van DIJK, T.A. 1993b. - Discourse Structures and Ideological Structures. Paper for the International AILA Congress. Amsterdam (mimeo).
- VOGT, C. 1980 - Linguagem, Pragmática e Ideologia. São Paulo: Ed. Hucitec.
- WEST, C. e Zimmerman, D. 1983 - Small insults: a study of interruptions in cross-sex conversations between unacquainted persons. in Thorne, B., Kramarae, C. e Henley, N. (eds.) Language, gender and society. Rowley, Mass. Newbury House. pp. 102-118.
- WEST, C. e Zimmerman, D. 1985 - Gender, Language and Discourse. in: T.A. van Dijk (ed.) Handbook of Discourse Analysis. vol.4: Discourse Analysis in Society. London: Academic Press, pp.103-124.

ASTRID NILSSON SGARBIERI

INTERAÇÕES HOMEM - MULHER : LINGUAGEM,
COGNIÇÃO SOCIAL E PODER

Apêndice

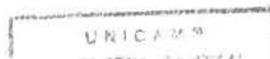
Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Astrid Karin Elisabeth
Billy Nilsson Sgarbieri
e aprovada pela Comissão Julgadora em
25 / 08 / 94.

Ingedore G. V. Koch
PROFA. DRA. INGEDORE G. V. KOCH

Tese apresentada como exigência parcial
para obtenção do título de Doutor em
Ciências (Linguística) à Comissão Julga-
dora do Departamento de Linguística do
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas, sob
a orientação da Profa. Dra. Ingedore G.
Villaça Koch.

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

1994



INTERAÇÕES HOMEM - MULHER : LINGUAGEM,
COGNIÇÃO SOCIAL E PODER

Sumário

Interações face-a-face em bairro de classe média

- casal no. 1	1
- casal no. 2	5
- casal no. 3	6
- casal no. 4	9
- casal no. 5	11
- casal no. 6	14
- casais no. 7 e 8	16
- casal no. 9	22
- casal no. 10	32
- casal no. 11	35
- casal no. 12	38
- casal no. 13	40
- casal no. 14	46
- casal no. 15	49
- casal no. 16	51
- casal no. 17	53
- casal no. 18	55
- casal no. 19	56
- casal no. 20	59

Interações face-a-face na periferia

- casal no. 1	62
- casal no. 2	65

- casal no. 3	66
- casal no. 4	67
- casal no. 5	70
- casal no. 6	71
- casal no. 7	72
- casal no. 8	73
- casal no. 9	76
- casal no. 10	77
- casal no. 11	77
- casal no. 12	78
- casal no. 13	80
- casal no. 14	82
- casal no. 15	83
- casal no. 16	85
- casal no. 17	87
- casal no. 18	88
- casal no. 19	90
- casal no. 20	91
- casal no. 21	92
- casal no. 22	92
- casal no. 23	93
- casal no. 24	94
- casal no. 25	95
- casal no. 26	96

Depoimentos - Bairro de classe média

- informante no. 1	98
- informante no. 2	102
- informante no. 3	104
- informante no. 4	105
- informante no. 5	105
- informante no. 6	105

Depoimentos na Periferia

- informante no. 1	106
- informante no. 2	107
- informante no. 3	108
- informante no. 4	109
- informante no. 5	109
- informante no. 6	110
- informante no. 7	111
- informante no. 8	112
- informante no. 9	113
- informante no. 10	113
- informante no. 11	114
- informante no. 12	114
- informante no. 13	115
- informante no. 14	115
- informante no. 16	116

INTERAÇÕES FACE-A-FACE EM BAIRRO DE CLASSE MÉDIA

casal no.1

- 0001 eu o que vocês acham da mulher que trabalha fora ? expressar a sua opinião...
- M. fala você... ((voz quase inaudível))
- H. bom eu sou::: toTALmente favoRÁVEL... a mulher que
- 0005 trabalha fora::: aliás eu tenho esTImulado ela a VIDA toda para trabalhar fora... se ela não trabalha fora:::.... é... até HOje foi por uma decisão PURA... e excluSivamente dela... eu já fiz de TUDO... porque o que tinha a MEU alcance para que ela trabalhasse fora... ATÉ a estimulei para fazer um curso de
- 0010 computador q-u-E-m S-A-b-e l-s-s-o p-o-d-e-R-I-a s-e-r-v-I-R n-o f-u-T-U-R-o a-L-G-U-m-a:::.... de início né de ponto de partida para pra trabalhar fora já que essa é uma uma... área que:::.... está se desenvolvendo atualmente assim mas eu::: eu... acho que em síntese essa é minha opinião eu sou totalmente
- 0015 favoRÁVEL eu acho que não é só pelo dinheiro ehn... não não é só pelo dinheiro... única e exclusivamente... mas por realização pessoal... porque::: porque eu acho que a mulher que trabalha fora se reali:::za mais como pessoa apesar de ELA achar que se realIZA... PLÉnamente com o trabalho de casa... e essa
- 0020 é a afirmação DELA...
- M. não não eu.. eu.. eu.. não... ((fala baixa e angustiada))

- H. eu acho que ela...
- M. pode pode intervir pode?... pode?... ((fala angustiada))
- H. cada um está pondo a sua opinião...
- 0025 M. eu não acho...
- H. deixo terminar ((risada irônica)) não mas eu acho que...
eu pode intervir sim... ((interrupção))
- M. não eu:.... eu não acho que eu me realize PLEnamente... mas eu
acho que EU... é tive uma época que trabalhei FORA e não me
0030 senti... feliz não me senti... eu não sei se poderia ser CAPAZ...
mas COMpetente para fazer as duas coisas... porque eu sou...
tenho... mania de perfeição... eu sou eu me angUSTIO muito
facilmente quando eu tenho aLGUMA coisa pra fazer... e na
minha profissão era dar aula... eu não saía só de casa pra dar
0035 aulas... eu TINha que PREparar as aulas... eu TINha que trazer
materiAL pra corrigir... então numa época em que eu estava
dando aula... eu... eu tinha filhos pequenos e vivia fechando
PORTA... pra ficar fazendo diário de CLasse porque nem
diário de classe você pode fazer numa classe... porque se você
0040 bobear pra escrever a matéria que você vai dar naquele dia a
classe já tomou conta já.. já.. está aquela bagunça... então você
tem que ficar num Ritmo né com essa garotada... então EU eu
não sei eu não consigo ser DONa de casa MÃe e trabalhar fora
ao mesmo tempo... a menos que fosse aquele tipo de serviço...

- 0045 que eu FOsse só pra sair de casa... que eu não tivesse que dar muito de mim... agora por exemplo eu tinha que preparar... eu dava aulas de história de geografia de de... de assim como se diz a história em VÁrias épocas... era era muita muita... mão de obra... preparar aula muita coisa pra ler então realmente eu...
- 0050 eu particularmente não...
- H. ((interrompendo)) mas este é um TIPO de serVIÇO...
- M. certo mas eu...
- H. de serviço que poderia fazer...
- M. mas eu estou analisando vem cá...
- 0055 H. você durante todos estes anos...
- M. eu fiz ciências sociais... no Brasil ser sociÓloga é uma frustração não só para mim EG é sociólogo e foi presidente da República...
- H. se você fosse presidente da República eu ia até ser primeiro damo da República... ((risadas irônicas))
- 0060 M. então... então talvez talvez eu poderia até Nisso se eu tivesse invesTIdo... sabe se eu tivesse tenTAdo...
- H. não mas existe sociólogo trabalhando em tudo...
- M. existe... ((voz baixa))
- H. a sociologia tem te dá uma uma margem assim assim...
- 0065 M. mas não não existe muito não...
- H. existe sim... ((afirmação categórica))
- M. não existe não... existe assistente social que faz trabalho de sociólogo...

- H. é não...
- 0070 M. o economista que...
- H. então não trabalha estritamente como sociÓLOGO se a área pra
- M. eu sei...
- H. para trabalhar estritamente como sociólogo...
- M. bom mas...
- 0075 H. não te oferece um CAMPO GRANDE... você presta...
- M. agora... agora...
- H. concurso no Banco do Brasil... para trabalhar no Banco do Brasil...
- M. vou ser bancária e não socióloga não...
- 0080 H. ué... você você pode ser sociÓloga dentro do banco também
- M. eu não estudei tanto para ser bancária...
- H. faz uma pós graduação...
- M. essa... essa...
- H. tenta fazer alguma coisa...
- 0085 M. essa... essa questão... é muito...
- H. tenta mas não só é... ficar em casa certo? vai... vai no no computador olha você não está trabalhando no computador? você não está trabalhando estritamente como sociólogo...
- M. mas eu estou...
- 0090 H. eu acho que muita OLHA... a grande maioria das pessoas não trabalham naQUIlo que gostariam de trabalhar... eu acho que a grande maioria...

- M. certo... ((voz baixa))
- H. das pessoas tem que se ADAPTAR a vida... certo...
- 0095 M. pode até ser... uhm... ((voz baixa))
- H. mas você não... você então cismou que tinha que dar aula...
como aula não dá porque não dá pra conciliar as duas coisas o
mundo acabou aí certo? não eu acho não...
- M. uhm...
- 0100 H. acho que o universo é muito maior que isso...
- M. é mas olha eu estou vendo o meu caso pessoal entende?...
- H. não mas eu estou analisando o seu caso pessoal também...
((risadas irônicas))...

casal no.2

- eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- 0105 M. bom... eu trabalho e gosto de trabalhar fora... acho que... acho
que é importante acho que não ficaria em casa de maneira
nenhuma... você sabe... estou mudando estou numa fase de
vida mudando... e vou continuar trabalhando e acho que até
mais né?... só que com alguma liberdade... eu acho que... o que
- 0110 a gente conquistou e tal... um espaço e tudo... bem e a gente
adquiriu mais... atividades extras... porque eu tenho primeiro...
segundo... terceiro... quarto e quinto turno no dia né? a casa... o

trabalho... compras... e mais o trabalho em casa e outros compromissos sociais... gerados do trabalho mas não largaria...
0115 não deixaria de trabalhar nunca... não...

H. é eu::: eu... eu penso mais ou menos assim... eu acho que... que... a mulher deve trabalhar porque ela... ela inclusive... evolui e tem uma série de... de... coisas que acontecem paralelamente... por exemplo quando a gente estava noivo a gente combinou uma coisa... profissionalmente um não ia atrapalhar o outro... então eu... eu faço cursos::: seminários::: ela também... quer dizer ninguém pergunta pro outro se pode comunica... eu vou... né isso aí... do ponto de vista

0120 profissional... mas eu acho que... é que numa certa fase a mulher tem que ficar inclusive... mais em casa que no trabalho
0125 é o esquema que a gente fez... quer dizer... ela trabalhava meio período quando as crianças tinham seis... sete anos depois... mudou... então eu acho que é um esquema não é extremo... eu acho que tem que dividir um certo espaço né?...

casal no.3

0130 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

H. por favor...

M. você...

- H. não primeiro as DAMas... ((tom irônico))
- M. bom... eu vou dizer aquilo que eu já disse da outra vez...
- 0135 H. ahm:: ahm:: já fez a entreVISTA?... eu não sabia... tá vendo?...
o marido é sempre o último a saber... ((riso irônico))
- M. da outra vez eu faLEI... e continuo achando a mesma coisa...
que a mulher DEVe... no meu caso pelo menos eu acho... deve
trabalhar fora... né? porque... pra ela ter suas amizades::... suas
0140 conversas... fora de casa mas que::... também::... também tem
que TER os seus afazeres domésticos... eu::...eu particularmente
GOsto muito dessas coisas de casa... de cozi::nha... de:: de
tricô... então um MEio peRÍodo... assim... é que acho ideal...
- H. ah... eu::...eu concordo com ela... é... eu concordo com ela... eu
0145 acho que:: a... digamos assim a...a mulher que:: dePEnde né?...
um casal sem filhos... por exemplo... AÍ se a mulher trabalhar
fora não é tão problemático... ela pode até trabalhar fora::
passar o dia fora:: também se encontram à noite... agora:: JÁ
QUANDO HÁ FI::LHOS... quando há toda essa implicaÇÃO
0150 então... aí é mais complicado... muitas vezes as empreGADAS
não:: não dão CONta da coisa... né? ou ATÉ como no nosso
caso nós já DESISTIMOS de empregadas... de uma maneira
geral...faxinEiras:: coziNHEIras:: ah:: ah qualquer tipo babás...
já desistimos... ENTÃO... nesse caso não TEM outro jeito...
0155 porque o marido... no caso eu... eu vou ter... que trabalhar

fora:: não há outro jeito... então aí a::... a... mulher deve...
procurar:: acomodar as coisas... para não criar digamos
nenhum conflito... de formas a não ter quem cuide das crianças
ou... quem faça...aquelas... coisas que... são duras:: mas que
0160 na realidade precisam ser feitas... então eu concordo com
ela... eu acho que ela está muito bem:: colocou muito bem:: a
questão... ((abaixa a voz no final))
eu dá algum problema a mulher trabalhar fora de um modo geral?
H. mas aí cai naquilo exatamente que eu estava falando:: quer
0165 dizer... se no caso... por exemplo:: a mulher... é não é
Mãe... não tem filhos em idade de crescimento:: eu acho que
aí não:: não cria... pelo contrário eu acho até bom... cada
um vai... trabalha... depois... né... se encontram quando
chegarem dos trabalhos:: comentam enfim... têm assunto...
0170 agora ah::... quando existem problemas vamos dizer em
casa...quando a casa não:: não... está atendida... seja questão
de filhos:: seja questão de::... enfim tudo com relação às
atividades do lar:: aí:: aí:: realmente fica difícil... porque
alguém tem que fazer... alguém precisa fazer... e... então
0175 nesse caso precisa entrar uma terceira pessoa... uma empregada
ou outro... como... nós... no caso... já abolimos há muito
tempo... essa questão da::...da... da empregada:: servicial::
assim... então... pra nós fica assim meio::... ficaria... meio
complicado ela trabalhar fora... "full-time"...

casal no.4

- 0180 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- H. é... eu acho que deve trabalhar fora... eu porque do jeito que a gente está vivendo hoje... se a mulher não ajudar em casa... não tem mais jeito... é difícil o homem sustentar uma casa sozinho... e vale tentar sempre melhorar... os problemas existem... é
- 0185 lógico... e por exemplo fica difícil né?... contornar com quem deixar os filhos::: arrumar a casa... tudo...né...
- M. é... é... é quanto a esse problema da mulher trabalhar fora é uma coisa que sempre me interessou muito... esse assunto... né? então... por exemplo... mulher trabalhar fora... ela sempre
- 0190 traBAlhou fora principalmente antigamente era muito mais::: né? ela trabalhava muito mais... porque ela tinha que plantar... ela tinha que colher... ela tinha que tecer... ela tinha que fiar... ela tinha que fazer... o tecido... ela tinha que costurar a roupa... né? ela não tinha o benefício que HOJE que para a mulher é
- 0195 um privilégio... nós estamos num momento que eu acho... que num momento ótimo... tanto para mulher como para o homem... apesar de ser difícil tudo... mas o grau de dificuldade eu acho na minha opinião não é nem um terço do que era antigamente...né? porque um homem dependia de uma mulher e uma mulher
- 0200 dependia de um homem... um não vivia...assim sem o outro... HOJE os dois... um pode viver sem o outro né?... nós...

- chegamos num ponto em que os dois vivem juntos porque
querem... não porque precisam...por questão de sobrevivência...
- eu em casa não dá nenhum problema?...
- 0205 M. não::: LÓGICO que dá aí então é isso que eu estou falando né?
trabalhar fora não é de hoje... como geralmente as mulheres
falam... ahm HOJE a mulher trabalha não a MULHER SEMPRE
trabalhou fora... é isso que eu acho que tem que ser... sempre
ressaltado... só que agora é de uma maneira diferente... né?...
- 0210 H. não... os compromissos são outros... né? se ela vai pra lavoura
pode levar o filho::: podia levar...
- M. não... não... não ela levava porque não tinha...
- H. podia levar lá pra dormir... agora você não vai pro escritório e
põe a criança pra dormir...
- 0215 M. não::: não ela levava porque não tinha outro jeito... hoje ela não
leva porque ela TEM outras formas... com quem deixar... é
assim... e também a... a sociedade não aceita a criança do jeito
que aceitava antigamente... hoje já não é uma coisa natural...
antigamente uma criança no meio de adultos... antigamente ela
convivia... a criança... adulto... idoso convivia tudo... hoje em
0220 dia não... é tudo muito separado... então aí que dá o problema...
mas quando a mulher está com nenê... isso é muito... muito...
problemático... não... é pelo que eu vejo... a minha vivência
pelo que eu passei... pelo que eu vejo... das minhas amigas...

0225 minhas parentes... né? minhas irmãs... primas... essas coisas não
é bom pro nenê... nem pra mãe... porque ela tem um vínculo...
ela precisa de né... um depende do outro... e... é aquilo não é
porque o nenê nasceu que já tá... acabou tudo... e... tem que
amamentar tem que ter cuidados com a saúde... porque se pegar
0230 doença colocar no berçário se colocar a criança no berçário é
muito mais fácil pega doença... resfriado... tudo... não vai daí...
daí a mãe tem que parar o serviço pra cuidar da criança... então
em caso nenhum é fácil a mulher trabalhar em caso nenhum...
DEPOIS é tudo uma maravilha... é até melhor... é até estimula...
0235 mas maior... tanto o filho maior estimula a mãe... tem orgulho
do que a mãe faz... né... como a mulher já está livre... pra
fazer... o serviço((continua contando uma história da família))...

casal no. 5

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

H. bom... eu acho normal a mulher trabalhar fora...né? vejo com
0240 naturalidade isso... ainda ontem... eu ouvi pela rádio que as
mulheres agora são... bombeiras também... em S. P. ... elas
estão entrando nos últimos redutos masculinos... e... já
formaram até uma brigada...que é nova... e só existe em S.P.
então... lá.. já conversaram com o que elas chamam... de...
0245 bombeiros masculinos... né?... e... e já combinaram que... por
exemplo... pra... pra operação de salvar vidas... que precisa agir

- com psicologia e tal... que elas vão enfrentar... e que elas vão deixar os homens mais::: mais... pro trabalho mais bruto e tal... então eu vejo com naturalidade... eu acho que é uma questão de adaptação né?... e com relação a família é... eu ENTENDO que a
- 0250 mulher... ELA tem que montar um esquema...né... pra coisa funcionar... e... e desde que ela monte um esquema junto com o marido... se for casada... né? e se for sozinha aí é mais difícil... mas de qualquer forma ela tem que montar um esquema... pra
- 0255 coisa funcionar... não vejo nenhum problema... eu pra coisa funcionar como?...
- H. a pra criação dos filhos... por exemplo... com relação a filhos na escola né... se for em época de amamentação... a dificuldade é maior... aí existem problemas que... que ELA... vai ter que
- 0260 enfrentar... no trabalho... né?... mas eu vejo assim::: com... com naturalidade... não... nunca me assustei com a concorrência feminina... EXISTe... cada dia é maior... em todos os campos... no meu campo... que é engenharia... EXISTe tamBÉM a concorrência da mulher né?... que vai trabalhar fora... e a gente
- 0265 vê com naturalidade isso... sem problema nenhum... eu sua mulher trabalha fora... é óbvio?...
- H. uhm...
- eu e daí... fica tudo bem?...
- H. não... não tem problema a gente tem que... como eu estava

0270 dizendo... tem que montar um esquema e... não pode ser muito egoÍSTA... né? e querer ter a mulher do lado o tempo inteiro... e tem que aceitar a situação... a gente afinal não trabalha por deleite né?... porque certamente se a gente não precisasse nós estaríamos desfrutando o sol de... né da... como é que chama lá

0275 aquele país?... uma ilha na J. né?... ((risadas)) a gente né.. ficava lá numa boa... porque realmente é um SACO... né... trabalhar:::.... ter que trabalhar... é isso aí...

M. uai... eu acho né::: que a mulher deve trabalhar fora... pra se realizar porque SÓ o lar... a maioria pelo menos das minhas

0280 amigas com quem eu me relaciono pensam assim... agora... uma jornada de dez horas de trabalho eu acho que é prejudicial em relação a família... porque você ficando dez ou doze horas fora você PERde... o controle da família... da casa... do estudo das crianças... e dePOis os homens dizem que aceitam:::.... mas

0285 quando eles chegam em casa eles querem ter o almoço... o jantar... a roupa passada... tudo muito bem organizado... e depois... quando as coisas não ficam como eles pensavam que devia ficar... aí::: aí... daí já dá margem pra discussão... desentendimentos... e também a dependência econômica é muito

0290 importante... porque não só a dependência econômica... mas por exemplo ajudar construir alguma coisa juntos ou::: se no caso de uma separação da mulher ficar sozinha ela tem uma profissão e o seu dinheiro e pode tocar a vida sozinha... que geralmente não

0295 H. é sozinha porque a mulher geralmente ela fica... com os filhos...
é eu não tenho muito a acrescentar... acho que é uma realidade...
em todos países... aqui::: no B.... eu acho que a mulher está
disputando o mercado de trabalho... em percentuais... cada vez
maiores né?... crescentes... em todos os ramos de atividades...
em todos os campos... eu acho que tem mais é que trabalhar
0300 mesmo porque a mulher... que não trabalha ela é muito vazia...
ela fica muito dependente... do homem em tudo e... e acaba até
sendo prejudicial... ao próprio casamento...

casal no.6

eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

0305 H. hoje em dia é uma coisa normal... pela imposição que o governo
está pondo... hoje as coisas aí... a mulher PRATICAMENTE... é
obrigada a trabalhar... mas antes de TUDO ela tem que... que
aproveitar... ela tem que aproveitar essa situação do país e... ir
em frente... não adianta... querer modificar hoje as coisas... elas
lutaram durante dez anos ou mais... pra chegar a esse ponto...
0310 agora vão desistir?... então agora... tem que continuar na batalha
que começaram...

M. bom... eu Acho... que a mulher trabalha fora porque... foi uma
conquista que ela teve e com:::... o tempo foi evoluindo... quer

0315 dizer a gente viu a necessidade de não ficar mais em casa... no bordado e sim... procurar um emprego fora... e com isso você ganha... um salário... ajuda na casa e a gente já foi... preparada pra isso... por isso que nós fazemos isso... quer dizer... hoje é difícil achar uma mulher que gosta de ficar em casa... a maioria trabalha fora... e GOSTA de trabalhar fora... isso é o que eu penso...

0320 H. as que acostumam trabalhar fora... nunca mais voltam pra dentro de casa pra ser dona de casa mais não... ah... não volta mais não... quem acostuma trabalhar não aguenta mais...

0325 M. não... a gente... tem a atividade paralela... a da casa... e a do serviço... algUMAs... se dedicam mais ao serviço... e menos à casa... e por isso é que a gente tem sempre alguém que ajuda em casa... e outras... ah... dividem meio a meio... metade no serviço e metade em casa...

0330 H. mas hoje em dia as que costumam trabalhando fora... no caso... dificilmente elas voltam a trabalhar NORmalmente em casa... mesmo SE parar de trabalhar fora elas não conseguem ficar dentro de casa mais... hoje o homem... não está mais como antigamente ele era... hoje ele chega em casa... ele ajuda lavar louça... ele ajuda passar roupa... ele ajuda trocar uma criança... 0335 ele dá banho nos filhos... ele é obriGAdo a fazer isso aí pra ajudar a mulher... já que a mulher... ajuda ele... no caso... ele TAMBém... é obriGAdo a dividir o serviço dentro de casa... não

0340 é mais aquela... porque... que tinha antigamente... que ele era
o... pachá:::... que ele chegava e sentava na boa e queria tudo na
boca...

M. eu acho assim::: como a sociedade... foi ficando mais difícil as
coisas::: a vida foi ficando mais difícil... mais cara... o que::: que
aconteceu?... a gente foi retirando por exemplo... a empregada
que você tinha... hoje você já não conta... você tem uma
0345 máquina que substitui... mas... o marido tem que ajudar... então
a gente divide as tarefas... como a gente trabalha fora é tudo
dividido...

casais no.7 e no.8 ((entrevistados juntos))

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

H.1 sem querer você já... já... provocou... uma encrenca... que vem
0350 sendo discutida há muito tempo...

eu ah é?... aliás hoje eu vi na televisão à tarde a S.P. sobre este
assunto eu falei tomara que ninguém tenha ouvido ((risadas
gerais)) e o que vocês acham da... da mulher trabalhar fora em
relação à casa... ao lar... à vida etc... o que vocês acham da
0355 mulher trabalhar fora de um modo geral?...

H.1 bom... eu particularmente acho que a mulher NÃO deveria
trabalhar fora...

eu uhm...

0360 H.1 minha opinião particular... talvez até... por formação... eu não sei... mas eu acho que a mulher... ela DEVE distribuir com o marido as atribuições da vida vamos dizer assim...

eu uhum...

H.1 o marido tem as atribuições dele... que é... suprir... o lar das necessidades BÁSICAS...

0365 eu uhum...

H.1 como... uhum::: trazendo o dinheiro pra roupa... alimentação... coisas assim dessa natureza... e a mulher... e a mulher tem as atividades dela... DENTRO da casa... que é talvez... até mais desgastante do que a do homem::: na verdade a casa é uma

0370 empresa...

eu é...

H.1 com TODOS os seus problemas... tem que... é::: ter suprimento...tem que ter... gerenciamento de pessoal... porque tem os filhos... tem a empregada... tem o jardineiro... ahm então

0375 uma casa na verdade é uma microempresa... e ela...

eu uhum...

H.1 demanda todo esse trabalho... que a mulher... se ficar dentro de casa... ela tem um trabalho... tanto ou mais do que o marido fora... em termos de volume de trabalho... sem contar... que é

0380 um trabalho desgastante... um trabalho estafante... um trabalho que... por ser rotineiro::: é... é... acho que desgasta bem mais...

- ao passo que a mulher trabalhando fora ... tem uma série... de coisas dentro de casa que FICAM por fazer por MELHOR que a empregada faça... não adianta não é a mesma coisa né?...
- 0385 em termos de criação de filhos... é tudo isso...
- eu uhum...
- H.1 embora... eu não... não seja CONTRA que a mulher trabalhe fora essa é minha opinião e a mulher que eu...
- M.2 se for contra eu dou-lhe uma.. ((ilegível risadas))
- 0390 H.1 essa é a minha opinião...
- eu e você o que que acha?...
- M.1 eu...eu não tenho o que falar... porque eu como eu não trabalho fora... pra mim fica difícil avaliar né?... eu não sei... eu acho... que o meu trabalho em casa... é um trabalho importante
- 0395 também... porque é aquilo que ele comentou... existe uma série de coisas... que cabe à mãe... e tudo então... eu realmente... não sei... isso eu não posso opinar porque como eu nunca assim trabalhei fora::: pra mim fica::: fica... difícil...
- H.1 é você tem uma peQUENA experiência de trabalhar fora...
- 0400 M.1 bem eu particularMENTE eu não gostei.. não gosto... eu gosto... de ser dona de casa... de ser mãe... então pra mim... eu acho que a MINHA casa é importante eu realmente o pouco que eu trabalhei fora... pra mim não me agradou...
- eu uhum...
- 0405 M.1 agora isso também é algo muito pessoal fica difícil avaliar...

- eu uhum...
- M.2 é eu já ((risadas)) eu sempre trabalhei... fora né?... mesmo antes de casar... então pra mim...
- eu uhum...
- 0410 M.2 isso daí nunca dá problema... A NÃO SER... quando não tem empregada né?...
- eu uhum...
- M.2 aí o problema é SÉrio...
- eu uhum...
- 0415 M.2 mas eu viajo... eu fico fora... né ((risadas))
- eu uhum...
- M.2 fico até... mês... fora de casa a serviço...
- eu uhum...
- M.2 e pra mim isso daí nunca...
- 0420 H.1 o problema é para o marido dela... ((risadas e ilegível))
- M.2 não... é que eu tinha... uma empregada... ela sempre morou comigo...
- eu sei...
- M.2 nove anos e ela que criou meus filhos então eu não tinha
- 0425 problema nenhum... mas a partir do momento que ELA saiu... aí eu comecei ter problemas mas... são contornáveis... eu acho que você ajuda::: no salário... da casa eu acho que é importante EU não gosto de ficar em casa trabalhando eu acho que é uma coisa...

- 0430 eu e você o que você acha?...
- H.2 ((risadas)) bom eu tenho que::: bom como eu casei com a V. já ((risadas)) ela já trabalhava fora eu não sei... como é que seria a mulher... dentro de casa... o que eu imagino é que teria... seria complicado é que primeiro porque o universo... dela se reduz...
- 0435 eu uhum...
- H.2 e::: e então em termos de conversa por exemplo se você não tiver cuidado... a conversa fica muito unilateral...
- eu sei...
- H.2 você está falando sobre seu serviço e ela...
- 0440 eu você disse universo...
- H.2 universo de relacionamento... ((ilegível))
- eu ah::: uhm...
- H.2 então ((ilegível)) você chega em casa no mesmo horário falando do trabalho ((risadas)) mas é... se você pensa se você
- 0445 para pra pensar... nesse... nesse nível... é complicado não é?...
- eu uhum...
- H.2 você tem... ahm... ahm... cuidar das... das... o que eu estava falando?... eu me perdi...
- M.2 você estava falando que a mulher que trabalha fora você acha
- 0450 que ela acompanha mais o marido...
- H.2 é é então você tem... tem mais... mais coisas... pra conversar coisas diferentes... num... não ficaria assim um negócio rotineiro

- porque o que eu vejo por exemplo com a mulher em casa o tempo todo é que ela começa falar... só de criança empregada e casa e::: e... de repente... você está em dois universos diferentes né?...
- 0455
- M.1 NÃO... eu discordo...
- H.2 também do outro lado porque também tem o seguinte eu gosto mais de ficar em casa do que a V. ((risadas)) se ELA aí... resolvesse... trabalhar ((risadas)) e deixasse eu em casa eu ia ler o dia inteiro... ((risadas))
- 0460
- H.1 na verdade eu acho... que cada situação... é uma situação... existem pessoas que::: se adaptam a trabalhar fora... e gostam de trabalhar fora... e... e... se sentem bem e dirigem bem a coisa fora... outras pessoas gostam de ser caseiras... é o caso da M. a M. SEMPRE trabalhou em casa as poucas experiências que ela teve fora... realmente ela não se adaptou não gostou... e DENTro de casa ela trabalha MUITO mais... do que ela... ela trabalharia fora...
- 0465
- 0470 eu uhum...
- H.1 em termos de atividade... mas ela não se sente bem... ela gosta de ficar dentro de casa mesmo... e DENTro de casa... ela ATÉ que gerencia bem a casa...
- eu sei...
- 0475 H.1 ela gerencia bem a casa... os cachorros...
- M.2 ATÉ a minha às vezes...

H.1 a casa do vizinho de vez em quando... ela se dá bem com isso...
e fora não... e felizmente nós nos conhecemos assim caSAMos
eu... participo dessa idéia também e::: e::: nós nos DAMos bem
0480 agora o caso do C. e da V. já é uma situação oposta... e também
se dão bem...

eu uhum...

H.1 se conheceram assim também... eu acho que as duas situações
são válidas... simplesmente... depende... do ponto de vista de
0485 cada um...

casal no.9

eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

H. eu acho o seguinte... que... a mulher ela::: ah... parte das::: das
realizações dela como::: como... como esposa e como mãe...
ela... ela::: por uma questão de que::: é imPORTante ela se
0490 afirmar... é numa série é... de outras atividades deveria fazer
um esforço... numa CERta fase da vida dela... isto pode ser no
início... pode ser na metade pode ser no final... dependendo das
circunstâncias de cada um da história de cada um... mas em que
ela devia fazer um esFORço... para um belo dia... sentir o que
0495 que é... a obrigação de ela ser profissional e fazer as coisas...
com CERteza ABSOluta... porque é muito fácil dizer assim... não
sei... talvez... é eu acho que dá... agora... o proFISSIONAL é aquele
que você pergunta::: mas vem cá... ((risada irônica)) você

- tem certeza? e ele fala tenho... por causa disto... disto e disto e
- 0500 a mulher enqua::nto não sentir esse gostinho de ser profissional um dia... eu acho que está faltando uma coisa muito importante pra vida dela ((risada)) bom... eu acho que falei assim... rapidamente... curto e grosso não sei se dá pra você falar se deixei oportunidade pra você falar...
- 0505 M. não eu acho que não é só mulher eu acho que é uma questão de complementação como ser humano eu acho...
- H. não mas ela perguntou sobre a mulher trabalhar fora...
- M. é eu::: eu... no meu caso como mulher eu posso dar testemunho a opção por não trabalhar fora... foi decorrente de duas coisas...
- 0510 primeiro por que eu tinha condições de não fazer isso:::... coisa né...? que nem todo mundo tem né?... porque ele ganhava um salário que::: de acordo com o que a gente imaginava... o que fosse a vida da gente... em termos de opção... e tudo mais era MAIS do que suficiente::: segundo... por idealismo mesmo
- 0515 porque eu acho que num:::... num... num... numa cidade que você não conhece ninguém... não tem família... você fazer a opção por ter filhos... ahm::: e você fazer::: dependendo de terceiros pra cuidar dos seus filhos de uma forma integral... não batia... assim... com a minha cabeça assim... ((conta uma
- 0520 longa história sobre a opção do seu trabalho voluntário para poder regular o horário e também devido a problemas de saúde de um dos filhos que a impediu de trabalhar fora))

- eu M. você queria falar mais alguma coisa?...
- 0525 H. é::: o::: o::: a questão toda também é a seguinte né?... na... na vida assim da pessoa... ela tem assim tempo eu entendo né suficiente assim pra... pra... exercitar uma série de atividades... como dona de casa como mãe... e no trabalho fora existem... ehm::: digamos assim muitas potencialidades que ela ... ahm... pode... e... digamos assim desenvolver não SÓ... como eu falei
- 0530 inicialmente por uma questão de::: realização né... mas como também para ajudar a comunidade as pessoas né... como se diz né... o mundo né... o mundo o mundo exterior né... o que na verdade... né principalmente isso... num país... com essa elite INcompetente que ehm... existe no B. né?...que porque na
- 0535 verdade eu entendo que o problema do país é porque não é bem gerenciado... então eu acho... que quem tem ehm... cultura... né é... chance TODA elite tem não faz por que não quer então quem tem... como é é que se diz...
- M. a visão de fazer...
- 0540 H. a visão... é o "will" é o que o americano chama de "will" é a vontade... que AQUI eles chamam de vontade política... é mas é mais do que isso então quem tem... na verdade é... essa... capacidade de entender o problema... e partir para ajudar... eu acho que né... esse trabalho fora... pode ser uma coisa é... como
- 0545 se diz... né muito... importante... para a sociedade... na medida

que a mulher... inclusive assim... digamos por uma questão...
ligada que normalmente o MARIDO que provê::: o sustento
isso é um... uma... uma decorrência até é uma CULTURA... que
no caso do B. eu acho que ela até pode fazer um trabalho muito
0550 bom fora numa série de atividades... eu acho que isso aí... é
muito importante... em termos assim globais... ago:::ra existem
dificuldades mas eu acho que as dificuldades são parte assim
inclusive... desta... ehm... vontade de se realizar e fazer algo
bom...

0555 M. eu acho que é uma questão cultural também... eu por exemplo
eu vejo assim eu vim de uma família por exemplo que eu não vi
ninguém trabalhar fora NINGUÉM... aliás era realmente::: minha
mãe parou de trabalhar porque ela trabalhava no B.B. porque...
imagine só... porque casou tinha que parar de trabalhar
0560 imediatamente então::: né::: eu cresci vamos dizer assim vendo
as mulheres... assim muito... apegadas à casa::: e por isso talvez
eu tenha tido essa visão... ((conta uma longa história sobre a
geração da mãe que nunca trabalhou fora))

H. na cultura do brasileiro o BOM é mesmo uma BOQuinha na
0565 esTAtal pra mamar o RESTo da vida... o sonho do brasileiro...

M. ((conta uma longa história sobre a mãe dos colegas de escola
dos filhos)) eu acho que basicamente o que... o que... eu queria
dizer é que hoje eu acho que a importância da... da... da opção e
da... da escolha acho que da mulher pra trabalhar ainda no

- 0570 B. aqui eu acho que tem duas correntes... ou realmente é por
necessidade e aí a pessoa TEM que se virar... ou é CULTURAL
que é o que eu falei no começo porque... a minha geração por
exemplo a MAioria das pessoas... parentes que a gente né...
conversava... porque eu e a minha irmã somos as duas que
0575 estamos fora do R. então... não tem família pra escorar....
e achavam um abSURdo a gente ficar em casa... como vocês
agüentam ficar em casa?... ((conta uma história das amigas))
porque eu... eu perdi essa chance há uns cinco... seis anos que
saiu na C. ((revista feminina)) eu não sei se você chegou a
0580 acompanhar isso... eu achei espeTAcular... era uma pessoa que
trabalhou um::: uma mulher que trabalhou a vida inteira... por
necessidade... ahn... tinha cinco filhos... então o filho ficava
com a sogra não sei o quê e um dia ela resolveu dar um basta
naquilo tudo então ela falou que realmente ela não agüentava
0585 mais porque... porque na verdade aqui no B.... a mulher que
trabalha fora tem dois empregos... tem o emprego da casa... e o
de fora... porque volta pra casa... por mais que o marido ahm...
vamos dizer assim... tenha boa vontade de ajudar... ainda existe
toda uma parte CULTural que a pessoa... que o homem é mais
0590 dependente dessas coisas... de pessoas de casa do que...
H. eu queria colocar uma coisa aqui...
M. fala...
H. ((risadas)) tem a ver com o assunto...

M. deixa eu primeiro falar minha "charge" e aí aparecia ela resolveu
0595 escrever uns quadrinhos pra C.((revista)) e infelizmente deve ter
sido a linha feminista da C.((revista)) que breco... acho que
ela escreveu...uns dois ou três meses e parou e ela faz assim...
uma menina... que assim como se fosse a filha dela indo pra
0600 escola e na escola três amigas perguntam pra ela o que... que...
no que que sua mãe trabalha? e ela fala assim minha mãe fica
em casa e aí uma fala assim minha mãe é dentista aí à medida
que a... amiga vai falando ela vai ficando pequENI:::na né... e as
amigas maiores... minha mãe é dentista minha mãe é não sei o
quê e aí ela chega em casa a mãe está deste tamanho grande e
0605 ela pequena ((mostra com a mão)) e ela começa...mãe você não
faz nada como você consegue ficar em casa não trabalhar fora
então a menina vai crescendo e a mãe vai ficando pequenininha
e aí a mãe fica::: aparece num quadro... a mãe pensando:::....
pensando::: aí no dia seguinte quando a mãe:::.... é... a menina
0610 acorda e vai pra escola a mãe põe um cartaz DESTA
TAMANHO ((mostra com as mãos)) na cozinha dizendo qual a
profissão dela... nutriCionista... adminIstradora ((risadas do
marido)) de empresas e não sei o quê ah... econoMISTA ah...
psicóloga OLHA::: eu guardei isto porque eu achei porque... que
0615 naquela época eu não me lembro quem foi da turma dela
((aponta para a filha)) de escola que menina falou pra mãe
assim eu acho um horror assim que você fique em casa eu acho

um absurdo você não trabalhar fora::: e eu disse que se um
filho meu falar um negócio desses eu acho que EU VIRO ELE
0620 PRO OUTRO LADO::: ainda assim::: com esse tom de
desprezo.... aí eu guardei eu não sei onde coloquei...

eu é precisa recuperar isso...

M. porque olha ISSO assim eu achei ÓTIMO porque é muito fácil
assim você falar que a pessoa que você queria isso e pode você
0625 transportar assim pra qualquer nível social né?... porque por
mais que uma mãe não tenha NOÇÃO do que está fazendo ao
nível de colocar um nome assim como profissão ela age de uma
forma que eu acho que é... é imprescindível para qualquer ser
humano desenvolver... mesmo que seja só um pouquinho... nos
0630 dois primeiros anos né que seja sei lá que seja a importância é
realmente muito grande eu achei eu acho::: uma PENA que
acabou....

eu o que você queria falar?...

H. não o ponto que eu acho importantÍSSIMO é o seguinte o:::....
0635 o:::.... o para o homem é... é... existe até uma música de um
cantor brasileiro e muito boa mas e muito inspirada PARA O
HOMEM o trabalho é... é muito importante é... é... talvez... a
coisa mais importante... é que o homem é::: faz né... é... é...
através do trabalho que ele pode... atingir... o que Deus deu de
0640 potencial pra ele né e::: é o trabalho permite... que ele atinja

outros potenciais né::: à medida que ele tem condições de fazer de fazê-los:::.... agora::: é o seguinte::: é... assim como... como é... é... o trabalho para o homem ele é muito importante e... quando eu falo traBALHo e não o emPREgo por exemplo se ele tem um EMprego ele está condenado se ele tem um TRAbalho ele ESTÁ FEITO o ideal é quando...

0645

M. faz as duas coisas...

H. não é... que é o ideal é::: é::: bom quando tem as duas coisas... é::: é::: bom que só o trabalho é não é um emprego é ótimo né o que eu quero dizer é o seguinte o traBALHo ele é muito importante:::.... agora o trabalho no caso da mulher é... é... o trabalho fora é... é... bom porém à medida em que ele seja um TRABALHO e PERmita que ela REALmente utilize o trabalho pra evoluir porque se for emprego é melhor ficar em casa e num processo de emburreCImento do que ir pra fora pra trazer dinheiro pra casa simplesmente tendo um emprego como EU TENHO CERTEZA que a GRANde maioria dos FUNCionários públicos fazem::: eles não têm um traBALHo eles têm um EMprego e isso eu acho que no caso do homem já é uma tragédia e no caso::: caso da mulher é:::.... é... um problema tremendo porque::: porque na verdade o marido já tem o seu traBALHo e::: e::: o seu emprego... então já traz o...o a parte do sustento e aí ela sai... e paga o preço de ter que trabalhar fora... porque trabalhar fora tem um preço um preço na sensibilidade e

0650

0655

0660

- 0665 um monte de coisas... e além de tudo ela ainda vai pra ficar engabelando lá pra ficar enrolando porque ela pode enrolar todo mundo... mas a si a si ela não enrola e pra consciência dela ela não enrola e aquilo:::.... olha DEVE SER imagina se é que dá pra imaginar o processo deve ser uma LOUCURA e... e... não
- 0670 é só no funcionalismo PÚBLICO não:::.... tem muita empresa aí que... que... é assim apesar que esse processo é mais sério na empresa pública porque ninguém controla nada... na empresa pública... bom não precisa dizer muito:::.... o serviço público acabou com o IMPÉRIO SOVIÉTICO não precisa falar mais
- 0675 nada sobre o malefício do funcionalismo público do serviço público...
- M. e às vezes a consciência da pessoa é:::.... é vamos dizer assim ahn... mascarada assim por essa necessidade CULTURAL que se instalou eu acho que se instalou na geração dos anos sessenta
- 0680 que a mulher TINHA que sair pra trabalhar fora...
- H. então BEM ENTENDIDO se ela sair pra TRABALHAR numa CERTA fa:::se podendo a par de outras coisas que ela já realizou então se for pra::: né::: ótimo... AGORA se sair pra...
- M. que completa ela né... porque de repente ache que sendo mãe
- 0685 não é...
- H. não é isso que eu digo:::.... AGORA dependendo::: dependendo das circunstâncias agora se ELA sair de casa pra::: para digamos

- assim... para ter só seu emprego P-E-L-A-M-O-R-D-E-D-E-U-S
aí o custo pra... pra família pra ela aí... aí deve ser coisa
0690 medonha e... tá eu achõ... cheio no país desses problemas... está
cheio porque inclusive porque::: aqui trabalha-se pouco e mal
ESSA é a razão de um país com esta... esta... esta tão falada
potencialidade não tem potencialidade coisa nenhuma porque
essa TAL de potencialidade não aparece... está aí então na
0695 verdade essa potencialidade é aparente ela não é real porque se
ela fosse real ela já estaria explodindo em matéria de BONS
resultados...
- M. ela continua sendo só uma potencialidade...
- H. e vai continuar SEMpre porque a incompeTÊNCIA do...
0700 brasileiro está aí demonstrada pela história do país que prova o
que... que eu estou falando né?... então::: eu quero dizer o
seguinte... se sair pra trabalhar BASTANTE e BEM... ótimo se
sair pra ter EMPREGO e trazer dinheiro pra casa através dessa
engabelação É MELHOR ENFIAR A CABEÇA dentro de um
0705 balde porque o preço é tremendo em TUDO em TUDO
((ilegível)) ah é... aí vai pro shopping center gasta... gasta.. né e
fica achando que traBALha... mas não trabalha nada então
TRABALHO sim eu quiz dizer emprego SÓ não..
- M. aliás eu acho que isso é em qualquer situação se você não usa
0710 seu emprego pra você crescer como ser humano...
- H. aí fica a minha dúvida onde é o limiar... eu::: por exemplo

trabalhei numa empresa que MUITAS secretárias tinham::: ah
como é que se diz... assim como é que se diz::: assim tinham
preocupação por terem consciência com determinadas coisas e
0715 SIMPLESmente não AJUDAVAM quem estava tentando
consertar a empresa:: FAZIAM um trabalho de ESPIÃ de
passar informações... de roubar documentos de tirar xerox de
COISAS PROIBIDAS esse tipo de coisa né:: A G O R A a
GRANDE MAIORIA está aí levando vantagem...

casal no. 10

0720 eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

H. bom então né desde que ganhe bem né?...

eu uhum...

H. a minha opinião é o seguinte... nós::: nós temos uma formação
evanGÉlica...

0725 eu uhum...

H. ahm... ahm... o papel da mulher no lar... na criação das crianças
é muito importante mas... mas... parece que na sociedade de
hoje é muito importante a mulher ter... um espaço... ter uma...
uma possibilidade de expressar o seu... o seu conhecimento... a
0730 sua formação... e também faz acho que parte porque... depois de
algum tempo... ela começa a perguntar... o que eu fiz da minha
vida... ficando só cuidando de casa ?...

eu uhum...

H. então depois de uma certa idade que os filhos têm::: assim...
0735 acho que já cresceram já começam a andar por si só ((ilegível))
é.. é três contam muito... nós tivemos um degrau grande né... o
primeiro tem... sete anos de diferença... então depois que as
crianças já estão andando... já existe uma certa estrutura... que
pode contar com uma... com um apoio que ajuda tocar as coisas
0740 da casa né... muitas pessoas...

eu apoio no caso como?...

H. apoio uma... uma... uma empregada de confiança... assim que
trabalhe bem... que... digamos assim... que você não precisa
ficar correndo atrás e dando assim sempre assim as mesmas
0745 ordens né... e que entenda assim como você quer o trabalho... o
que hoje parece um pouco difícil... então se a mulher tiver
condições de conciliar::: a administração da sua casa e não
misturar com um negócio enfim... eu acho que no início do
casamento com filhos pequenos é muito problemático...
0750 depois::: eu acho que é bastante gratificante... a mulher poder
desenvolver uma atividade... que a construa::: que a ajude a
desenvolver... traz mais assunto... ela se desliga um pouco do
marido porque eu acho que nessa fase da idade com filhos com
dez... doze anos... o marido está muito ocupado né::: com o
0755 trabalho::: correria ((ilegível)) então ela se sente sozinha... se
sente sozinha... ela se ocupa com outra atividade... e ela também

traz retorno com a conversa ((ilegível)) como eu tenho uma artista em casa a senhora sabe né...

M. isto não é o trabalhar fora... eu trabalho...

0760 H. trabalho fora digamos...

M. trabalho de casa... que é::... é diferente...

H. mas você sai ((ilegível)) um pouquinho...

M. é saio um pouquinho... mas eu tenho um trabalho::: mas acontece... que eu estou aqui dentro... e pra mim... eu não sou...

0765 CONTRA... também assim trabalhar fora mas... EU não trabalharia fora... nem com as crianças na idade que estão...

eu uhum...

M. mas também eu acho que quem consegue conciliar... se você consegue viver... isso sem atrapalhar sem::: sem atrapalhar a vida dentro de casa... e sem... se sentir... é... culpada de estar saindo então tudo bem... no meu caso eu... eu... me sentiria culpada de sair mesmo... com eles deste tamanho porque eu estou aqui trabalhando... mas eu estou de olho em tudo... e exatamente eu acho que... que... porque eu me criei assim e criei

0775 as crianças... achando que eu jamais sairia...

eu uhum...

M. então::: é o... é o padrão da família... entendeu?...

H. deixo explicar porque essa observação porque a gente deu...

0780 ELA deu a perceber NOTOriamente que as crianças estão reclamando um pouquinho mais de atenção...

- M. mesmo dentro de casa...
- H. mesmo dentro de casa porque ((ilegível)) eles percebem a mãe mais ocupada e tudo mais... e tem as tarefinhas... mas eles estão sentindo... que a mãe está dando menos atenção...
- 0785 M. é... o G. me cobra... ele chega pra mim e fala assim... outro dia chegou pra mim e disse... mãe eu gostava mais quando você não trabalhava... eu falei por que... por que?...quando você não trabalhava você ficava mais tempo comigo você não ficava tão brava comigo...porque::: porque...o moleque aprontava menos e
- 0790 tal...

casal no. 11

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. bem eu não vejo::: vejo... eu creio que há muitos debates sobre isso mas eu não vejo problema nenhum porque pra mim é... é tão importante quanto o trabalho do homem... o trabalho da
- 0795 mulher::: eu trabalho com quatro mulheres diretamente ligadas a mim... e são super importantes... e todas elas também têm família... duas delas têm filhos também... e... ficam em casa e da minha parte... eu posso dizer que é SUpEr importante assim como ser::: sei... sei também como a E. é importante onde ela
- 0800 trabalha... é importante para a vida pessoal... tanto para a vida pessoal... e econômica também...

- eu uhum...
- 0805 M. eu... por exemplo... eu também tenho formação evangélica né porque o J. colocou hoje de manhã inclusive eu até saí de perto porque... eu acho que isso não afeta o fato de ter formação evangélica porque eu TENHO... e sou TOTALmente a favor e não vejo isto que ele colocou como se isto fosse já de antemão ele já comeÇOU colocando que SE por causa disso... a mulher tem que ficar em casa... já fosse ahm... uma doutrina... um::: um princípio... da palavra de Deus que a mulher deva ficar em casa cuidar do lar cuidar da...
- eu uhum...
- 0815 M. das crianças... e eu não vejo isto porque o único texto que fala sobre isso que é o faMOso Provérbios trinta e hum... a mulher administrava e ela ficava fora... ela ia administrar as terras... ela ia administrar os::: os empregados ela... isso não implica ela ficar em casa cuidando dos filhos... provavelmente quem ficava eram criadas eram empregadas que cuidavam::: eram babás...
- eu uhum...
- 0820 M. que cuidavam dos filhos entendeu?.. então isso talvez tenha sido criado por uma cultUra... uma cultUra... por um sistEma...
- eu uhum...
- 0825 M. que foi se criando... devido talvez a... a dificuldade econÔmica de a mulher ter que ficar em casa por falta de empregada... por falta... de infra-estrutura né... criada pra que...

eu uhum...

0830 M. que a mulher possa sair de casa... e eu fiquei esses três anos fora... sem trabalhar né... eu optei parar de trabalhar porque eu não tenho família perto que me ajudasse... eu não concordo em por as crianças na creche... e também::: e eu não tinha uma boa empregada uma boa pessoa com quem eu conFIAsse os meus filhos e foi por ESSA razão que eu pedi a conta do... meu trabalho né... pedi demissão... e fiquei três anos parada em casa e quando eu tive agora a oportunidade de retornar isso tem um 0835 mês e meio ELE foi o que MAis me incentivou...

eu uhum...

0840 M. para que eu voltasse e... mas o que me eu fiquei assim::: em dúvida mas em momento algum foi as crianças que me deixou em dúvida... ou a casa... não foi esse o fator mas foi o meu ahm::: ahm::: o meu comodismo... já a rotina que eu tinha criado já de acordar tarde... de ter o tempo pra mim... de fazer o que eu quiser... de poder ir no Shopping a hora que eu quiser... e o medo de perder tudo isso e entrar naquela ROTIna::: de escritório... de ficar... o dia inteiro... das sete às cinco trancada... 0845 entendeu? é é foi isso mais que me deixou em dúvida... do que o medo de deixar a minha casa... deixar os meus afazeres doMÉsticos de deixar a janta dele de lavar a louça... a roupa limpa... porque eu acho que não é isso a minha função... eu tenho muito mais capacidade do que simplesmente fazer isso...

- 0850 ainda mais que eu estava sendo valorizada tanto ehm... ehm... ia ser MUito vantajoso então eu... eu achei melhor VOltar e... e... hoje eu fico lá e... e... quando as pessoas me perguntam como que ficou com quem estão as crianças e eu digo:: eu estou ótima nem penso nelas... às vezes passo o dia inteiro... e eu também
- 0855 não penso porque estão confiadas numa boa pessoa... bem cuidadas mas é muito bom para os dois... entendeu ele fica o tempo TODO fora trabalhando e eu também trabalho....
- eu uhum...
- H. eu venho pra hora do almoço né... eu passo a hora do almoço
- 0860 eu fico aqui na hora do almoço eu venho pra casa ((ilegível))..
- M. e as responsabilidades são compartilhadas né... ele fica com as crianças enquanto eu tenho que sair mais cedo e se eu chego mais tarde ele também fica e... se ele tem que chegar mais tarde eu estou em casa ... eu não vejo a responsabilidade da mulher...
- 0865 ter que cuidar do lar...
- eu uhum...
- M. e a responsabilidade do homem ter que sustentar...

casal no. 12

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. pra mim não tem problema não... eu acho interessante... a
- 0870 mulher trabalhar fora ahn... ahn... principalmente porque:: a mulher fica mais animada... porque em casa... ela fica ahn...

muito viciada com o serviço do dia a dia... e acaba entrando...
num assim num::: ... marasmo ahh... lutando bastante... no dia
a dia do casal... principalmente né...

0875 eu uhum...

H. então eu acho bom... trabalhar fora... a minha esposa sempre
trabalhou fora...

eu uhum...

0880 H. só nos... nos últimos... últimos dois anos que ela vem não
TRAbalha praticamente fora... trabalha aqui em CAsa...
ajudando em casa com as crianças e tal... mas inclusive está
pensando já em... em retornar ao trabalho...

0885 M. é... é eu... eu acho o seguinte::: isso daí depende de cada
pessoa... né... eu acho que tem mulheres que se não tem uma
necessidade financeira de trabalhar e se sentem bem com as
tarefas do lar e têm... eh.. disposição e disponibilidade de
procurar outras... outras atividades que lhe preencham... e que

0890 que lhe satisfaçam... eu acho que é válido... agora::: eu acho que
uma grande maioria... hoje ATÉ em função da crise... eu acho
que você ficar.. em casa então significa também que você vai ter
que renunciar... uma série de coisas... você vai ter que se limitar
a::: ... a::: ter menos dinheiro então eu acho que se você usar
esse teu tempo... e trabalhar fora eu acho... que é muito
produtivo... eu acho incluSIve que pros::: os filhos pro:::

0895 relacionamento com os filhos... isso é MUItO importante...

- porque eles passam a ver a mãe como uma pessoa...
participante... porque a mãe dentro de casa... ela tem uma
conotação de aquela que está para servir... disponível o tempo
todo... então isso faz com que as crianças a... a cada... ehn...
0900 acaba prejudicando... o relacionamento entre a mãe e as
crianças... porque eles acabam exigindo demais... ficando
meio folgados e eu acho que isso não é bom... ao passo que se
eles não têm a mãe para cobrir esse espaço eles se tornam mais
independentes... então eu acho que trabalhar fora é muito
0905 importante pra mulher... é muito produtivo não só... só pra...
pra... mulher como pro... pras crianças também... porque eles
aprendem a se virar melhor... eles crescem mais rápido...
eu uhum eu também concordo...
H. sim ahm... é isso ahm... mesmo a mulher trabalha fora é
0910 importante é lógico que tem sempre aquelas pessoas machistas
tal... mas aqui em casa não... não tem nada disso...
eu ok...
H. porque a união faz a força...né?...

casal no. 13

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 0915 M. ahm... eu acho que mudou muito... nos... últimos... eu sinto na
pele isso porque quando eu casei... né... a família do... do M. é
de S... né então... eu lembro quando... nós casamos... nós

- há:: é:: vinte e seis anos né né...bem?...vinte e seis anos quando a gente casou... a família é lá de S. né?... um pouco:::...
- 0920 conservaDORA então eles já... já... não era muito comum... a mulher trabalhar e eu trabalhava... porque eu trabalho desde menina aí... eu entrei na universidade... em setenta:: e tal... e quando eu casei eu não trabalhava ainda na universidade...então eu já percebia que... que eu era um pouco assim... ahn...
- 0925 diferente... diferente porque nenhuma cunhada dele... e::: nenhuma tia dele... ninguém trabalhava na família dele né... de mulher...
- eu uhm...
- M. bom até aí tudo bem... aí... aí QUANDO... quando eu tive minha
- 0930 filha foi que... ficou mais assim...né... mas elas falavam... você VAI deixar sua filha e continuar traba... VOCÊ VAI continuar trabalhando?... minhas cunhadas falavam então... eu senti que eu era assim... estranha... porque eu trabalhava e deixava uma filha... eu acho que de lá pra cá isto MUDOU assim mas
- 0935 MUDOU radicalmente... porque eu estava vendo... umas pes... pesquisas outro dia na televisão... mas... uma entrevista com adolescentes... que eles eram perguntados sobre o que que eles achavam da mãe trabalhar fora...
- eu uhum...
- 0940 M. eles achavam... os que TINHAM mãe trabalhando fora... eles achavam uma maravilha... os que a mãe não trabalhava... se

sentiam assim::... ai mas é tão chato... porque a minha mãe fica pegando muito no meu pé.. porque então... a criança é diferente o que que eu sinto hoje em dia é a criança que se sente diferente

0945 é aquela criança... cuja mãe não trabalha fora... porque ela se sente fora do contexto ao... ao contrário do que era vinte e tantos anos atrás... isso em relação à criança... em relação à mulher.... eu acho que... a mulher... eu tenho duas irmãs que não trabalham fora também... e eu acho que elas se sentem

0950 meio... meio assim... marginalizadas...

eu e elas não trabalham porque?...

M. não trabalham... uma não chegou... é... casou:: antes de se formar...ela estudava na U. mas... ahn casou antes de se formar... e já começou a ter filhos e tal... e a outra é que não fez

0955 curso superior e não... não...

eu uhum...

M. não gostava de estudar... e tal... esta que nem... nem começou a L. né... que nem começou fazer curso superior eu acho que ela não sente assim... tanta falta de trabalhar fora mas a outra

0960 nunca trabalhou mas ela se sente meio... meio por fora assim... vamos dizer...

eu uhum...

M. porque a mãe do:: do:: dos amigos dos filhos dela... trabalham então eu percebo que ela se sente assim meio:: ... ela gostaria de traba... de ter uma atividade fora de casa... então eu acho que

0965

inverteram os papéis... o que era exceção há vinte... vinte...
trinta anos...

eu uhum...

0970 M. ahm já não é... é... o quotidiano de hoje... então hoje eu acho
que mulher que não trabalha... que passou a ser exceção...

eu uhum...

M. o que que você acha pai?...

0975 H. bom eu acho que... é mais ou menos isso... eu... eu só tenho
algumas coisas a acrescentar... o seguinte eu como:: vamos
dizer... como:: o... o homem da casa ou o:: o... MAsculino da
casa... eu acho que a mulher trabalhando fora... tem... no meu
ponto de:: de:: de ver... várias vantagens... uma delas é o
relacionamento dos dois... porque eu acho que os DOIS...
trabalhando fora... eles vão ter um tempo de pensar... e:: nos
0980 dois... na individualidade dos dois... no momento em que eles
estão juntos eu... eu:: não tenho tempo durante o dia... de
pensar nas coisas da minha mulher e ela não tem tempo também
de pensar nas minhas coisas então quer dizer conseqüentemente
nós vamos pensar em nós quando?... quando estivermos
0985 juntos... e eu acho que a mulher que não trabalha... então no
caso o homem... porque tem muito homem que não trabalha
mais... e a mulher só que trabalha... então eu acho que... por
exemplo... a mulher que fica muito em casa... dona de casa ela
tem o DIA inteiro pra pensar... no casal então não sei... eu acho

- 0990 que quando chega os dois se encontram ela não tem mais nada que... que... trocar idéia... que falar e que nada... eu acho que o pensamento... já foi pra outro lado...
- eu sei...
- H. eu... eu... acho que a OUtra vantagem... é que a mulher... que o
- 0995 homem não... por que o homem já é trabalhador nato... sempre foi... desde a criação do mundo... agora a mulher não eu acho que a mulher QUE trabalha então ela... ela tem a... a::: a::: mente mais aBErta a::: a::: tem outro modo de pensar sobre a vida dos dois então eu acho que a mulher que trabalha é uma vantagem
- 1000 muito grande...
- eu uhum...
- H. mesmo... considerando-se a parte financeira que NOSSA...
- eu uhum e daí não dá nenhum problema?...
- H. porque... porque o mundo dá muitas voltas... eu por exemplo
- 1005 antes... quando a gente casou... eu ganhava MUito mais que a minha mulher... hoje ao contrário ela ganha muito mais que eu ((risada)) eu sei... eu não sei quanto quanto ela ganha mas sei que ela ganha mais que eu então oh... oh... vamos dizer... a... a situação do país política... econômica...
- 1010 eu uhum...
- H. tudo foi mudando né?... então sei lá ...eu acho...
- eu uhum...
- H. eu acho que pra mulher trabalhar... eu acho que pra Ela... deve

- 1015 ter sido uma vantagem muito grande... não é isso?... e pro
homem também... desde que o homem pense como eu né...
porque se o homem pensar...
- M. mas também tem uma coisa eu acho que vai muito do... do
marido...
- 1020 H. porque como eu falei eu sou... sou... o masculino... da casa...
porque... se precisar cuidar da casa eu cuido... se precisar varrer
eu varro... se precisar carpir eu carpo... se precisar arrumar a
cozinha eu arrumo... só não cozinho porque as minhas idéias de
cozinhar são muito diferentes...((risadas)) eu começo inventar
coisas... ela acha que não dá certo mas fora disso eu acho não
1025 tem... problema...
- eu fala...
- M. não... é... só... eu acho que depende muito... também... isso da
mulher gostar de trabalhar fora e se sentir bem trabalhando fora
dependendo do suporte que ela tem em casa do tipo de marido
1030 que ela tem em casa... eu tenho um marido de cabeça aberta...
de cabeça boa... que sempre me incentivou... eu... eu... cresci
um pouco na minha carreira aí... né... então ele me incentivava...
eu fui viajar... e fazer curso e tal... eu acho que depende muito
disso... também acho que a gente não pode generalizar eu acho
1035 que não é toda mulher que tem essa facilidade né...
- eu uhum...
- M. de ter um suporte bom em casa... uma pessoa com uma cabeça...

um homem com uma cabeça que entenda... que ela tem que ter individualidade dela... se ela se propõe a trabalhar...

1040 eu claro...

M. ela tem que ter individualidade...

casal no. 14

eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

H. eu sempre fui... muito favorável que a mulher trabalhasse fora tanto que quando nos casamos... ela é... estava fazendo
1045 faculdade... e continuou a fazer faculdade... e daí nasceu o R. e criou um problema... por que a gente não tinha com quem deixá-lo então eu tive a idéia... de sugerir que ela levasse o R. às... às aulas... desde que os professores concordassem e ela se responsabilizasse para que ele ficasse quietinho... e aí deu certo
1050 e ela conseguiu terminar o curso superior em Ciências Sociais... e depois a minha a... grande... vontade é... é que ela seguisse ela fizesse pós graduação e fazer um mestrado... um doutorado mas ela optou por ser mãe... mas isso é o que eu tenho como vontade...

1055 eu uhum...

H. mas a minha vontade não... não se impõem nós somos um casal assim muito aberto e franco então... ahm... entre o que eu quero... e o que ela quer desde que seja ela o agente então

- 1060 prevalece o que ela quer... apesar de eu ainda acalentar este
sonho de que cedo ou tarde ela volte a ehm:: L. você não quer
dar a sua opinião?...
- M. eu?...
- H. resumindo ela resolveu ser mãe... e eu acho que até nós estamos
tendo um grande retorno disso mas... logo logo acho que ela
1065 pode né?...
- M. é... eu::: ahm... por enquanto eu acho que eu::: acho que a
mulher tem que cuidar dos filhos né... pra ter uma educação
melhor ter um futuro melhor... eu acho que se você dá educação
em casa a hora que vai pra fora a criança está mais adaptada...
1070 ahm::: tem um tempo que vai... você tem que::: que::: educar
mesmo... eu acho que isso é o mais importante então como eu
não preciso trabalhar fora é eu acho que se há necessidade... daí
sim...
- eu uhum...
- 1075 M. mas ahm::: como eu não preciso então eu optei de cuidar das
crianças de educar... e eu acredito que os meus filhos são
melhores... do que as cri... do que filhos de mães que trabalham
fora...
- eu uhum...
- 1080 H. mas a gente sempre com:::... comenta sobre isso né... e eu pelo
menos eu tenho a impressão... que nossas crianças são muito

- mais tolerantes... muito mais pacientes... têm uma educação que até agora me preocupa no sentido contrário como... existe aí uma agressividade assim muito... já exPREssa né... elas pelo
- 1085 fato de ter o convívio... contínuo com a mãe e... eles não assumem o comportamento de um tipo de criança que nós batizamos como filho de novo rico né... ..
- eu uhum...
- H. é aquele indivíduo... que só tem os seus direitos e procura
- 1090 exercê-los a qualquer custo não é isso ?...
- M. sem os deveres...
- H. é sem os deveres... e principalmente... sem o respeito né... a liberdade ao espaço dos outros... eu acho que nesse sentido eu... eu tenho uma realização muito grande como pai mas eu
- 1095 continuo acalentando a idéia de que... ehm... eu acho importante né que cedo ou tarde.. ter vontade não de trabalhar como fonte de remuneração... mas com o intuito de ampliar os horizontes... do ponto de vista intelectual é esse o grande retorno né... que eu gostaria de ver por isso que eu acho que vai chegar a hora de ela
- 1100 poder retornar isso né?...
- eu mas assim de um modo geral não dá problema nenhum da mulher trabalhar fora?...
- H. ahm não... de jeito nenhum... é por opção mesmo co... como eu te disse... é opção dela... que eu respeito e eu... eu até vejo

- 1105 um... um... lucro ahm... importante do ponto de vista da
manutenção da casa né... porque eu... eu aprendi desde cedo
já com o convívio com a minha mãe e aqui em casa é a mesma
coisa o fiel da balança é... realmente a mulher é uma coisa
interessante... quem sustenta a casa é ela... tanto que quando
1110 ela está... de... mau humor... por alguma razão o ambiente em
casa fica péssimo... então a gente faz de tudo pra levantar o
astral da dona E. pra voltarmos às boas...

casal no.15

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. quer responder mãe ou quer que eu responda primeiro?...
- 1115 M. não responda primeiro você...
- H. bom... bom... eu... eu acho que é tudo... tudo uma questão
de... de... necessidade... primeiramente viu dona A. eu acho
que... se o casal necessita né... e... que a vida hoje é muito difícil
né... pra gente... sobreviver nesse mundo né... então... eu acho
1120 né que se o... casal necessita... eu... eu... vejo que... tem que ir...
tem que trabalhar... tem que ajudar no que puder né... agora...
desde que possível né nem sempre isso é possível né... eu acho
que um casal quando não tem filhos isso fica facilitado tá...
agora quando tem filhos principalmente pequenos...
- 1125 eu uhum...
- H. nesse mundo que a gente vive hoje que é difícil... num mundo

de desconfianças né::: você deixar::: teus filhos pequenos na
mão de um terceiro que às vezes você num... você num::: num
tem AQUELA confiança né::: é difícil...

1130 eu uhum...

H. arrumar uma pessoa de confiança então eu acho que isso...
difículta e bastante...

eu uhum...

H. então:::... eu acho que nessas situações mesmo havendo
1135 necessidades eu acho que a família fala mais alto tá ? eu... sou
dessa opinião aí nessa situação::: eu... eu sou de que o homem...
tem que se virar::: e::: dar um jeito e se virar sozinho... pra que a
mulher possa cuidar dos filhos...

eu uhum...

1140 H. e tudo mais... porque eu acho que isso é mais importante do que
qualquer::: qualquer outra coisa...

eu uhum e daí fala você o que você acha?...

M. a eu::: acho::: a eu na minha::: eu mesmo não gostaria de
trabalhar::: fora::: fora assim... largar minhas crianças... com
1145 outras pessoas... eu não gostaria não... agora se eu tivesse
condições... de abrir...uma lojinha em CAsa... assim como eu
estava querendo assim esses tempos aí eu::: em casa eu
gostaria né ?...

eu sei...

1150 M. mas::: fica meio difícil né assim porque levar na escola... e

buscar e ter horário pra tudo né...

eu uhum...

M. mas em casa né até que... daria e também se a pessoa precisa
mesmo... trabalhar eu acho que... que... o marido tem que
1155 concordar eu acho que a mulher tem os mesmos direitos...

eu uhum...

M. né... eu acho que não tem nada de mal... um respeitando o outro
né?...

eu uhum...

1160 M. eu acho que é isso...

casal no. 16

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

M. bem o que eu acho... é que a mulher tem procurado... um
espaço... há longo tempo né?...

eu uhum...

1165 M. pra ela ter a sua liberdade financeira... e conseguir através dos
seus esforços... se realizar profissionalmente... mas que é
muito difícil ainda aqui no B. eu sinto isso por experiência
própria...

eu ah é?...

1170 M. porque eu sou... artista plástica e trabalhava em S. P....
mudei pra cá... as dificuldades de empregadas e escola que

- está uma fortuna pra você deixar...
- eu uhum...
- M. aqui em Campinas eu nem sei se existe escola em período
1175 integral...
- eu sei...
- M. então já dificulta muito...
- eu uhum...
- M. pra você ter que largar as crianças... pra ir... em busca do seu
1180 serviço...
- eu uhum...
- M. então eu procuro... me realizar um pouco fazendo meus
trabalhos em casa né::: mas mesmo assim não está fácil de eu
conseguir meu espaço... e também pra mim lecionar... em busca
1185 de colégios... e... estaduais o que eles me pagam...
- eu não vale a pena...
- M. não vale a pena então eu dou mais lucro ficando aqui em casa...
que eu vou economizar combustível roupa calçado e dou
assistência maior em casa...
- 1190 eu claro...
- M. então eu acho que::: que::: é muito importante a mulher... ir
conquistando esse espaço mas nós também temos que ter...
vamos dizer um apoio né::: desde... as pessoas do poder::: e
assim por diante... a minha opinião é essa...
- 1195 eu e o que que o senhor acha?...

- H. ah eu acho... bem... legal a mulher que trabalha fora
PRincipalmente pra ter alguma ocupação... além da rotina diária
de casa...
- eu uhum...
- 1200 H. eu dou o exemplo dela ((aponta para a esposa)) né por causa
que quando a gente morava em S. P. né ela trabalhava fora né
e... ela tinha o espaço dela... né em relação a saLÁRIO... e a
ocupar um tempo além daquele do dia a dia de cuidar de filhos
e tal... e aqui em C. a gente está há cinco anos aqui... e ela nunca
1205 trabalhou fora...
- eu sei...
- H. então vira mexe ela reclama... né de não trabalhar... e tal...
- eu mas em casa não dá nenhum problema nada?...
- H. não problema não dá... mas... a rotina... de toda hora acaba
1210 levando ela... a se esgotar com mais freqüência e esse tipo de
coisa... coisa que não ocorria quando ela trabalhava fora em
S. P. esse é o ponto fundamental...

casal no. 17

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- M. eu não trabalhei fora depois que casei por opção... né... larguei
1215 o emprego... eu acho que a mulher e quando tem filhos
pequenos... é muito difícil ela trabalhar os filhos... perdem

muito... mas eu acho que a partir do momento que as crianças já cresceram já estão sozinhos a mulher deveria porque faz falta... ((a voz da mulher mantém-se baixa o tempo todo))

1220 eu uhm e o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. ahn eu acho que:::... em primeiro lugar eu sou adepto do trabalho né::: é a coisa que eu mais faço... e procuro... conseguir fazer cada vez mais na minha vida...

eu uhum...

1225 H. e acho que... todo mundo deve trabalhar... trabalhar fora ou trabalhar dentro seria dentro de casa né... isso é simplesmente um detalhe bobo que as pessoas se atêm a ele mas que não tem nada a ver com nada e... se uma pessoa tem uma atividade de cuidar do lar... eu acho que é uma SENHORA atividade... de::: de:::... de suas atividades de seu dia a dia e coisas do tipo... tem pessoa que tem uma atividade profissional dentro de casa e eu também acho que é valido e tem pessoas que trabalham no escritório e tem pessoas que trabalham na RUA tem pessoas que trabalham de todo jeito... pra mim... eu acho o importante é estar trabalhando... né... cada vez mais...

1230

eu uhum...

H. quanto ao resto é tudo detalhe... se homem... ou se é mulher se está em casa ou se está fora... se está em casa é doméstica ou é profissional e se está fora e é profissional...

1240 eu e daí não dá problema?...

H. não tem problema eu acho que só tem que... a pessoa tem que gostar de trabalhar em primeiro lugar...

casal no. 18

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

1245 H. o fato de a mulher trabalhar fora tem uma série de vantagens porque ela começa a::: a::: valorizar o trabalho e tem uma atividade fora... tem contato com outras pessoas... e inclusive consegue desenvolver seu potencial e não fica limitada simplesmente às tarefas... caSEiras que hoje na verdade... são tarefas que não têm muito valor... são pouco valorizadas... ah::: 1250 nem pelo marido e nem pelo::: pelo::: ((risadas)) pessoal de um modo geral então é importante a mulher trabalhar fora hoje em dia mesmo porque auxilia até na::: no aumento da renda familiar...

1255 M. eu::: eu::: acho que... que a gente::: sai um pouco fora dessa rotina caseira de::: ahn::: arrumar casa cuidar de criança... a gente precisa evoluir... a gente precisa... ter outros amigos ... ter... sei lá conversar outras coisas entrar em contato com o povo eu adoro o que eu faço... que eu sou dentista... e adoro trabalhar com crianças... então eu acho que se eu ficasse 1260 assim sem::: trabalhar ficasse só dentro de casa ia ser uma::: uma loucura...

- eu e aí não dá nenhum problema assim dentro de casa?...
- M. não... não tem dado a gente consegue... esquematizar... o...
problema de criança não tenho empregada mas consigo...
1265 consigo... ah... fazer tudo levo as crianças em ginástica... e faço
almoço... e faço de tudo aqui consigo por tudo em ordem aqui
ahm... trabalhando e chego... lá sei lá seis e meia sete horas e dá
certo numa boa...

casal no. 19

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 1270 M. pode falar você primeiro...
- H. olha tenho duas... ehm... minha forma de pensar...
anteriormente era uma... agora é outra... eu achava que a mulher
DEVERIA ficar em casa em função das crianças que eram
pequenas... e... e na formação das crianças isso ajudaria
1275 bastante...
- eu uhum...
- H. HOJE as crianças já estão maiores e eu sinto que a mulher
trabalhar fora ehn... ajuda não só em casa mas ajuda também ela
se desenvolver COISAS que às vezes o homem... está sempre
1280 no dia a dia tomando contato e ela só estando dentro de casa ela
fica às vezes... sem esse contato ela... ela... não... talvez ela...
ela... ela vai ela perde muito com isso então a minha opinião eu

- acho que a mulher ela... ela TEM:.... não é que ela tem... se
houver um interesse da parte dela... ahm... de trabalhar eu acho
1285 que é bom... porque a mulher tem uma... ehn...
eu e antigamente você pensava de outra forma?...
- H. não EU mesmo pensava de outra forma... eu pensava de outra...
forma... eu acho que a mulher ehn... mas hoje eu volto: a
afirmar... que a mulher realmente ela tem mais... ela consegue
1290 desenvolver mais porque as muDANças são muito rápidas hoje
as mudanças são muito rápidas então a mulher estando em
casa... ela passa... ela ela passa a não acompanhar então tem
muita coisa que... que... há dez anos atrás era de uma forma e no
meio desses dez anos já mudou várias vezes...
- 1295 eu uhum...
- H. então o que acontece então ela perde... esse... ela perdeu isso
ai: e eu acho que é uma perda muito grande pra mulher eu
entendo dessa forma...
- eu e o que que você acha?...
- 1300 M. eu eu justamente ao contrário eu sou caseira eu achava que
devia trabalhar e foi uma luta pra eu ficar dentro de casa e
depois com o tempo eu fui achando que meu papel era muito
importante dentro de casa com as crianças... porque eu achava
indispensável a minha presença... agora estou sentindo que eu
1305 POSSO sair pra trabalhar agora eu acho que é importante pra
mim... no momento... eu estou até fazendo um curso porque eu

- pretendo assim::: trabalhar::: mesmo né... mas eu acho ahm...
que tem uma fase certa pra mulher trabalhar fora...
- eu uhum...
- 1310 M. tem uma fase porque as crianças precisam da mãe... e::: e
mesmo o lado prático da coisa a mulher trabalha fora com
criança pequena... se acontece ALGUMA coisa é a mulher que
tem que::: que::: deixar a carreira deixar alguma coisa pra segura
as barras dentro de casa eu acho que o homem NUNCA deixa
1315 isso então eu acho que tem uma fase certa pra isso acontecer
sabe?...
- eu uhum...
- M. ahm...mas eu acho importante ela ela pensar NELA trabalhar
fora POR ELA... pra satisfação pessoal DELA ((ilegível)) pra
1320 gostar do que está fazendo e... eu estou sentindo agora...
isso está acontecendo comigo AGORA porque EU optei assim
também... sabe eu acho muito importante que a mulher opte
pelo seu tempo... o tempo que ela acha que é melhor pra ela sair
de casa...
- 1325 eu uhum...
- M. não em função de... de... marido ou de filho... vou sair porque
meu marido quer que eu saia... ou porque meus filhos me
mandam trabalhar não pelo::: por uhm eu quero sair por mim
eu quero trabalhar por mim porque que vai ser bom pra mim é
1330 assim que eu penso agora...((continua contando uma história))...

casal no. 20

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

1335 H. quem fala primeiro? eu vou primeiro né bom então vai eu não sou contra ela trabalhar fora... desde que não prejudique né a... a... a Casa... as CRIanças porque ela sempre trabalhou fora até quando nós casamos e teve o primeiro filho que... ela parou de trabalhar... né mais aí depois a situação financeira melhorou graças a Deus aí ela... ficou tomando conta das crianças ela gostava mais de ficar em casa... e tal... mas amanhã ou depois daqui... três quatro anos se... ela... resolver trabalhar de novo eu concordo que ela vá trabalhar porque ficar em casa CANsa né é um pouco ESTAFANTE a rotina caseira e tal e mesmo montar um comércio alguma coisa eu vou procurar montar pra ela uma loja... um comércio...

eu uhum...

1345 H. então eu acho né... que futuramente ela vai voltar a trabalhar...

M. É É?... ((ironicamente)) eu já acho uma delícia trabalhar fora prefiro mais trabalhar fora do que ficar em casa...

eu uhum...

1350 M. mas devido a morar... longe devido a não ter uma pessoa que assuma um horário pra olhar as crianças eu não posso voltar... mas sempre trabalhei e acho mais gostoso... porque você CONversa você tem pessoas pra você conversar assuntos diferentes e em casa não tem no fim a gente acaba sendo amiga

- da empregada por CARÊNCIA... de pessoas pra gente conversar
1355 não é?...
- eu uhum...
- M. e as crianças também CANSam... porque eles vão crescendo eles
já não ligam mais não precisam MUITO mais da gente não é?
eles já têm os programas deles não precisam mais da gente o dia
1360 inteiro ELE assim ACHA que eu devo trabalhar mas quando eu
falo que eu vou trabalhar ((risadas)) ele também não gosta
muito... então é assim é um moderno hoje em dia meio machista
não é?...
- eu uhum...
- 1365 M. um moderninho assim meio... na fachada né? até que eu
trabalhava antes... e desde que eu casei ele queria que eu parasse
de trabalhar nós tivemos problemas... você pare... não eu falei
não eu vou continuar não tenho compromisso ainda... mas aí
eu parei de trabalhar porque também mais por causa dele...
- 1370 porque com as crianças até dava um jeito na escola porque
minha mãe que olhava assim um pouquinho porque o marido
forçou a barra e tal... certo eu parei... porque melhora também
a situação... a pessoa quer viajar mais e se tem um
compromisso... tal... tal... mas aí também eu outro dia pensei
1375 até em voltar a trabalhar mas também já tive um problema eu
acho que eu vou ter que ser do LAR eu estudei bastante mas não
consigo fazer nada viu?...

- eu e o que que o senhor acha disso?...
- 1380 H. não... simplesmente ela estudou muito e não aproveitou o curso que ela fez se ela tivesse... um emPREgo bom... por exemplo... ela nunca tinha parado de trabalhar... como ela tinha um emprego mais ou menos e tal... na época... e a situação minha MELHOROU MUITO e tal...
- M. é não precisou mais de mim...
- 1385 eu tudo bem...
- H. então se ela tivesse um emprego aí num B. do B... numa... Estatal... numa U.... já com CARGO desde cedo né começando com quatorze dezesseis dezessete anos como uma carreira então ela PODERIA continuar a carreira tal né:..... os filhos
- 1390 daria um jeito né... mas nunca... nunca teve um emprego assim que valesse a pena sacrificar as crianças procurar morar perto... a empregada moraria na casa... essas coisas toda...
- eu o que que você estudou?...
- M. fiz Pedagogia na PUC((conta uma estória da experiência dela))...

INTERAÇÕES FACE A FACE NA PERIFERIA

casal no.1

- 1395 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- H. ah::: aí::... é: ... eu eu não sei se eu sou contra ou a favor...
- eu porque o senhor acha que não sabe?...
- H. ah:: sei lá se é bom ou não.. eu acho que não é bom não...
- eu não?...
- 1400 H. não nunca...
- M. eu acho bom porque a situação está muito pior né... o homem não consegue erguer uma casa assim trazer tudo dentro de casa assim está caro né?...
- eu uhum...
- 1405 M. está muito caro então:: nós temos que ajudar o marido embora eu não trabalhei nunca né?...
- eu a senhora gostaria de trabalhar?...
- M. NESSA idade não... né?...
- eu mas antes?...
- 1410 M. antes:::... também não dava porque e as crianças com quem que eu deixava...
- eu sei...
- M. há trinta anos atrás?...
- eu uhum... e o senhor?...
- 1415 M. hoje:::... hoje é bom ajudar o marido por causa DA situação viu?

eu e o que o senhor acha?...

H. eu... eu não SOU machista não... não mas acho que a mulher não deve trabalhar fora não...

eu não?...

1420 H. PRINCipalmente se ela tiver criança...

eu uhum...

M. porque:.....

eu fala pode falar...

M. não por que hoje tem homens que ganham bem mas tem uns

1425 que não ganham bem...

eu uhum...

H. então... mas né como eu falei eu não sou machista né mas... mas eu sou contra PRINCIPALMENTE se tiver criança se... se... não tiver criança até tudo bem mas se tiver eu acho que o

1430 que as crianças perdem DE EDUCAÇÃO com a mãe eu acho que pode deixar com quem quiser não vai ter nunca.... às vezes por mais que cuide por mais que olhe por mais que faça num:.... no fim não é que nem a mãe que mãe sei lá... o pai está em casa e aprende as coisas co... com as pessoas de

1435 casa não no caso de ela ir trabalhar quanto a isso eu acho que se não tiver filho não tiver essa preocupação pode até trabalhar ATÉ a vida inteira mas deixar a criança com os outros pra trabalhar fora aí eu NÃO concordo....

- 1440 M. os nossos estão... agüentando bem né trazer tudo dentro de casa né esse aqui mesmo trouxe tudo o que eu tenho hoje foi tudo ele mas tem alguns aí... que não dá né?...
- eu tem que ajudar ?...
- H. a sim claro claro eu também até concordo mas se for tem... tem que ajudar né...
- 1445 M. a minha filha trabalha porque ele não ganha o suficiente tem que ajudar é...
- H. se pode mas se ele....
- M. não dá não dá...
- H. você por mais que deixe a criança numa creche ou mesmo do
- 1450 jeito que fique no caso dela que fica com a avó as:: ... as:: ... o modo de criar a coisa não é...
- M. é diferente...
- H. e::: e a criança depois vai ter um conflito...em casa é uma coisa lá na creche ou sei lá onde ela está é outra então acaba criando
- 1455 um conflito eu acho que esse negócio de:: de a mulher trabalhar fora tudo bem precisando trabalhar eu ATÉ concordo a situação hoje::: a situação que vive hoje a mulher tem que trabalhar mesmo mas no fim acaba criando um problema com a educação dos filhos acaba criando um problema
- 1460 eu mas só com a educação do filhos?...
- M. é...
- H. quanto ao resto::: quanto ao resto não sou contra pode

trabalhar eu acho até que é bom... ajuda...

casal no.2

eu o que que você acha da mulher ir trabalhar fora?...

1465 H. ah eu::: ((ilegível)) né como que eu respondi aquela hora né?...
eu não sou contra não eu acho que:::...

M. você é é contra sim... ((voz baixa))

H. N-Ã-O S-O-U C-O-N-T-R-A...((levanta a voz))

M. é você fala que a mulher não pode trabalhar fora...((voz baixa))

1470 H. quer dizer eu::: eu SOU SOU CONtra a mulher que DEixa os
filhos em CASA sem TER uma pesso:::a RESponsável pra
cuidar...

M. quantas vezes... eu falei de trabalhar... e você falou assim se
VOCÊ sair pra trabalhar eu vou por uma mulher dentro de
1475 casa:::... pra::: pra cuidar das crianças...

H. ah::: isso aí eu falo em brincadeira::: isso aí eu sempre falei...
falei mas brincando...

M. é mesmo?...

H. eu... eu sempre:::... agora eu falo... pra o pessoal se:::... se o...
1480 VOCÊ arrumAR uma pessoa R-E-S-P-O-N-S-Á-V-E-L pra
olhar as crianças e fazer TODO serviço e... que eu ficar
SOSSEgado sabendo que as minhas crianças estão bem olhadas
em casa:::...

- M. então quer dizer que se eu arrumar emprego e arrumar uma
1485 pessoa pra ficar em casa então eu POSSO ir?... ((fala de
crianças))
- H. se for PEessoa que Olhe DIREITO as crianças.... responSÁvel
pode ir ehm... ((abaixa a voz))
- M. então está valendo né?... ((abaixa a voz))
- 1490 H. aí::: aí já virou... virou...
- M. aí tá vendo?...
- H. já virou porque... porque... a mulher... como é que ela vai
trabalhar SOSsegada:::... se sabendo que os filhos dela estão
sozinhos em casa lá que... que eles estão aprontando:::... e como
1495 é que eles estão? enTÃO... SE ela arrumar uma pessoa
COMpetente para olhar os filhos ela vai trabalhar sossegada...
tranqüila AGORA desde que ELA não está.. aí SE IMportando
com os filho ela está trabalhando mais pra fugir da
responsabilidade... pra sair de casa... ((risadas))...

casal no.3

- 1500 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- M. eu :::se dependesse de mim eu gostaria de trabalhar sim acho
que não há nada de mal em trabalhar assim mas ele não quer...
ele não aceita:::... então... tudo bem... ((abaixa a voz))
- H. não não é que eu não aceite não é bem assim que não aceita

1505 eu::: eu::... falei que não concordo... se quiser trabalhar que
trabalhe mas eu:: eu::: ... a minha opinião é NÃO mas eu acho
que... que... se ela quiser ela é dona dela também...
eu mas daí não dá problema?...
H. depende né.. tudo vai depender do que vai acontecer dali pra
1510 frente ninguém sabe o que vai acontecer.... problema pode dar
depende do que acontecer... ninguém sabe o que vai acontecer
de hoje pra frente... é depende::: depende do dia de amanhã...
eu depende...

casal no.4

eu o que acham da mulher trabalhar fora?..
1515 H. não... acho que vai muito da necessidade do casal da família...
eu uhum...
H. porque::: no meu caso eu trabalho com ferro velho... trabalhei
vinte anos na GE e fui mandado embora e:::... estou vendendo
verdura ((baixa a voz e aponta para a pessoa)) inclusive minha
1520 freguesa está aqui olha... trabalho com ferro velho... pra poder
sustentar minha família...
eu uhum...
H. agora minha mulher inclusive estava falando de trabalhar:::..
DEsde que seja um serviço digno....
1525 eu o que seria um serviço digno para o senhor o que o senhor

- acha?...
- H. ah um serviço digno que eu acho é um trabalho... um trabalho Digno é um trabalho LIMpo entendeu... né?...
- eu uhum...
- 1530 H. é um trabalho vamos supor que ela sai daqui para trabalhar vamos supor numa... numa FIRma numa fábrica... a partir do momento que ela vai TRABALHAR... que ela fala pra mim que ela vai trabalhar... que o INTUITO DELA SEJA TRABALHAR R-E-A-L-M-E-N-T-E... eu não tenho nada contra...
- 1535 eu uhum...
- H. porque tem... tem... isso daí a gente conhece aqui já tem pessoas... tem mulheres que vão trabalhar e infelizmente viram a cabeça...
- eu viram a cabeça assim como?...
- 1540 H. ah ah ((risadas)) viram a cabeça MESmo... tem... tem conheço pessoas aí que... que se davam que era uma maravilha... de repente a mulher começou trabaLHAR... hoje o casaí está desquiTADO... ele está sepaRADO tá... tá... isso daí tenho prova não só aqui no bairro não... não assim como eu falei pra
- 1545 senhora eu trabalhei vinte anos na GE... QUAntos e QUAntos disso daí que eu vi...
- eu uhum...
- H. e outra coisa... a mulher para trabaLHAR fora tem que saber o local que ela vai trabalhar também porque eu trabalhei... esse

- 1550 tempo todo aí... e a mulher entrava lá pra trabalhar no
 restaurante:: lá no caso que seria o restaurante... ou então nas
 bobinas lá... a mulher podia ser::: se uma uma SANTA... T-O-D-
 O M-U-N-D-O achava que ela era isso que ela era aquilo:::....
 entendeu?... então eu acho que a mulher eu sou eu estou de
- 1555 acordo que ela trabalhe mas tem que escolher M-U-I-T-O:::
 muito bem o ambiENTE que ela vai trabalhar e ter a cabeça feita
 também ter a cabeça no lugar... porque hoje... em dia está
 bicho feio.....
- eu uhum...
- 1560 M. EU quero trabalhar fora e ele não deixa então que ele é:: ele
 é::: não é que ele é contra né::: só que ele não deixa...
- eu como ele não deixa?...
- M. não deixa eu trabalhar::: arrumar um serviço pra mim trabalhar
 fora... eu vendo roupa:::.... tem tudo aquilo lá em cima da cama
- 1565 ((aponta para a cama))...
- H. JÁ ESTÁ TRABALHANDO... uai... ((aumenta o volume da
 voz))
- M. mas AQUI em casa::: mas::: mas trabalhar... arrumar um
 serviço pra fora ele não deixa.... agora por quê eu não sei
- 1570 que nem ele falou::: mais... ((ilegível))
- eu e que lugar era bom que o senhor acha pra ela trabalhar
 fora?...

H. ah:: ... eu não sei não... não tenho nada contra em tal lugar é
1575 aquilo que eu já falei pra senhora depende muito da caBEça
da mulher... essa daqui trabalhava num restaurante né
((fala o nome da vizinha))...

M. trabalhei...

H. GRAÇAS a Deus hoje você tudo::: tudo bem ela tem uma
1580 cunhada dela que trabalhou lá e que hoje é separada é verdade
ou não é?... entendeu?... e quando ela trabalhava lá eu também
trabalhei lá::: acho que o marido dela também trabalhava lá
_ ((ilegível))...

eu e daí então a senhora gostaria de trabalhar fora?...

M. é::: eu gostaria muito né não não é que eu gostaria a gente está
1585 necessitando porque... pô:::.... ele está desempregado está
vendendo verdura eu SEI que a gente está precisando
trabalhar.... mas ele não DEIXA ele não deixa ((ilegível))...

casal no.5

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. oh eu eu não sou contra não né mas desde que o salário dela
1590 seja um salário compatível né?... porque hoje né::: as mulheres
né::: ganham um salarinho tão pequeno que em casa não dá pra
nada...

M. ((risadas)) você toda vida foi CONTRA a mulher trabalhar...

- H. não mas eu acho...
- 1595 M. ah::: ah::: tá T O D A vida foi contra...
- S. eu acho bonito... acho bonito eu gosto... ((sogra da mulher que estava presente))
- M. desde que o salário dela seja compatível... ((ilegível))
- H. chega lá é um salarinho deste tamanhinho ((mostra com os
1600 dedos)) mas aí com um salário compatível tudo bem aí eu não sou contra a mulher trabalhar::: mas desde que o trabalho seja compatível tudo bem eu não sou contra a mulher trabalhar fora
- M. é mas quando eu queria trabalhar você não deixou::: não deixou nem eu ir lá ver o salário que... que ia ter::: já::: já disse
1605 que não precisava ir...
- H. ah::: mas um salarinho daqueles não compensa...
- M. mas eu nem sabia quanto ia ser o salário... ((risadas))
- H. ah::: mulher assim não dá... assim não dá mesmo...((o casal começa brigar))

casal no.6

- 1610 eu. o que vocês acham de mulher trabalhar fora?...
- H. ah::: eu tenho ::: tenho ciúmes...
- eu. ciúmes do quê?...
- H. ah::: ciúme que a mulher vai trabalhar na casa de patrão aí... sabe a patroa sai fica o patrão lá::: a pessoa aí né... tem

- 1615 desconfiança aí né? é ou não é? mas é obrigado... obrigado
trabalhar pra ajudar tratar dos filhos né? porque o custo de
vida está ruim... né?...
- M. está fazendo um jogo... né?...
- H. isso aí vem um pouco do homem deixar a mulher trabalhar vem
1620 um pouco de ciúme... né? e o que manda né.. é o ciúme... né...
((risadas))

casal no.7

- eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- H. eu acho bom sim... quando que a mulher trabalhando fora ela
ajuda dentro de casa... certo? ajuda o marido quando chega a
1625 tarde um cata de um lado outro cata de outro... certo? aí termina
de fazer a batalha de casa... deixa tudo pronto a janta pronta e
tal... as coisas tudo arrumado dentro de casa certo? pra quando
for no outro dia cedo pegar o homem vai trabalhar quando
chega a tarde a vida continua... mesma luta...
- 1630 M. eu queria trabalhar fora... MAS de carteira registrada que
ganhasse um salário que pelo menos mais ou menos que desse
pra fazer pelo menos alguma coisa de ajudar dentro de casa ...
porque pra trabalhar e ganhar micharia que muitos deles
trabalham aí sem registro sem nada no fim das contas leva um
1635 pé na bunda da patroa e não ganha nada...

- H. ela foi trabalhar...
- M. ele não deixa ele não deixa não deixa...
- H. ela::: ela foi trabalhar na M. I. ((restaurante)) aí::: ela começou
dormir os talheres começaram cair...
- 1640 M. ele tirou... fez eu tirar os meninos da creche e falou que os
meninos estavam morrendo de fome... você acha que::: que...
pode... criança na creche tem hora certa de comer::: não tem?
em casa fica mastigando a toda hora...
((o casal discute falando palavrões))

casal no. 8

- 1645 eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- M. eu acho muito bom...
- eu você trabalha fora?...
- M. eu trabalho...
- eu dá algum tipo de problema?...
- 1650 M. dá::: dá porque ELE ((apontando para o marido)) é desses
homens muito caretas que acham que a mulher que trabalha fora
é sem vergonha... simplesmente que vai trabalhar fora porque é
sem vergonha...
- eu então dá problema...
- 1655 M. dá problema porque tem muitos homens que têm a cabeça limpa

- e acham que não tem nada de mais a mulher trabalhar fora:: até ajuda:: porque eu ajudo bastante:: eu tenho quatro filhos:: né? desde a roupa:: sapato::... tudo quem compra sou eu...
- H. ah eu acho importante a mulher trabalhar né...((tom irônico))
- 1660 eu uhum...
- H. porque a mulher trabalhar ela está ajudando o marido né?...
- eu sua mulher trabalha fora?...
- H. trabalha...
- eu e é uma boa que ela trabalhar fora não dá nenhum problema?...
- 1665 H. é o problema que dá aqui é o seguinte a respeito aí das crianças né? porque as crianças ficam muito sozinhas né? porque ... ela trabalha:: eu trabalho:: as crianças ficam pra lá e pra cá...
- eu quem olha? a mãe dela que olha?...
- H. ela também olha dá uma força mas não respeita que nem o pai
- 1670 eu pode falar...
- M. ((ilegível)) ele xingou a noite toda daqueles palavrões imundos... ((falam palavrões e discutem))
- eu é verdade? e daí dá problema ela trabalhar fora?...
- 1675 H. é claro que dá ((ilegível)) sabe qual é o problema:: ela é muito autoritária... você entendeu como é o negócio:: ela acha que ela tem que ser ela e acabou e aí e aí sim... dá problema:: e não é nada disso... ela tem que respeitar...((discussão e palavrões))

- M. eu sou ciente que eu estava na casa da minha comadre só que
1680 ele não::: para ele acha que eu estava no mato...
- H. sabe qual é o problema? o que é dela é dela...
- M. exatamente... e é ...
- H. e o que é meu é pra todos::: então
- eu uhum...
- 1685 H. a senhora entendeu o que eu quero dizer? então eu tenho que
fazer isso::: fazer aquilo::: e aquilo e aquilo... então tem que
fazer em conjunto e não tem união...
- M. não tem por causa dele...
- H. entendeu como é que é?...
- 1690 M. não tem união por causa dele por causa dele porque ele tem a
mente poluída ele tem a mente suja:: POLUÍDA:::... então com
ele... não tem... diálogo... não tem nada... N Ã O T E M
ABSOLUTAMENTE NADA...
- H. a senhora viu como é que é o negócio?...
- 1695 M. ele é muito imbecil... ..
- H. ela trata as pessoas bem e a gente ela trata com casca e tudo:::
como que eu fosse empregado dela... você é obrigado a fazer
isso::: aquilo e não tem nada disso...
- eu a vida é complicada não?...
- 1700 H. é sim eu acho... agora eu não tenho medo de nada eu tenho
meu salário e vivo muito bem... agora tem que ser o que eu

quero::: se não for não tem jeito:::... entendeu?... eu penso
conigo assim...

1705 M. você vai gostar? você vai entender uma coisa dessas? você vai
ficar do lado dele? ah tenha a santa paciência:: ah.. ah... me
poupe::: me poupe... ((a briga continua...))

casal no.9

eu o que acham da mulher trabalhar fora?...

1710 H. ah... é bom né... ajuda ((ilegível)) estão muito caras as coisas lá
fora né? a gente paga aluguel também muitos maridos não
gostam por causa de que as mulheres vão trabalhar fora acham
que as mulheres vão sair pro outro lado né? então... mas acho
que a mulher respeitando o marido eu acho que é bom trabalhar
sim dá uma força pro marido...

eu sua mulher trabalha fora?...

1715 H. não...

eu você gostaria de trabalhar fora?...

M. eu gostaria mas não dá...

1720 H. não porque tem as crianças pequenas pra olhar ... tendo criança
assim acho que não é bom não fica legal né... dá muito
trabalho...

casal no. 10

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. normal eu acho que depende da necessidade de cada um... né...
se o casal acha que não há necessidade de trabalhar os dois
entram num acordo acham que não precisa trabalhar tudo bem
1725 se ela acha que mesmo não necessitando ela quer trabalhar pra
fora ela ter uma vida dela tudo bem eu acho que isso é depende
de cada um do pensamento de cada cabeça...
- eu e a senhora o que acha?...
- M. mesma coisa... né?...
- 1730 eu a senhora trabalha pra fora?...
- M. não... já trabalhei...

casal no.11

- eu e o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- M. ah eu acho uma boa... se fosse por mim eu trabalharia mas ele
não aceita... não deixa...
- 1735 H. eu acho... que se ela vai deixar a criança em casa... pra outros
cuidarem ela tem que ficar na casa dela e cuidar da casa dela e
da criança dela não deixar a criança e ir trabalhar para os
outros... ela vai ser empregada e sofrer essa humilhação não é
não é ... uma necessidade ela tem tudo o que precisa dentro de

- 1740 casa por enquanto... um dia se precisar se a necessidade for...
maior daí eu vou ter que aceitar mas por enquanto não... ainda
tem condições de ficar em casa cuidar da filha e da casa dela...
- eu não tem nenhum preconceito da mulher trabalhar fora?...
- M. ah::: eu acho que é uma boa a mulher pelo menos sair de casa
- 1745 um pouquinho também ficar aí só também em casa...
- H. você tem filho e casa pra cuidar...
- M. pra isso tem creche...
- H. não senhora você não vai deixar sua filha...
- M. tem a mãe da gente... também pra olhar pra ajudar também...
- 1750 H. eu não não concordo...

casal no.12

- eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...
- M. ah eu não concordo...
- eu uhum...
- M. pelo menos a minha opinião é isso...
- 1755 eu a senhora não concorda como?...
- M. ah... pelas obrigações que tem a educação dos filhos também
acho que a mãe que tem que estar em primeiro lugar do que o
esposo porque o esposo... a função dele é sair pra trabalhar
mesmo... né?...

- 1760 eu vocês têm filhos?...
- M. nós não ::: por enquanto não...
- eu você trabalha fora?...
- M. eu trabalhava... agora eu parei com a intenção de arrumar um filho::: né?...
- 1765 eu e o que você acha?...
- H. ah eu estou de acordo com ela::: né? tudo o que ela disse aí eu estou com ela né... sei lá uma mulher em casa tem as obrigações dela em casa fazer serviço em casa e trabalhar fora eu acho que não é fácil não::: assim que inclusive para os filhos não tem como dar educação::: não tem né?... assim não tem convivência quase com os filhos... porque chega de tarde logo vai dormir... quer dizer que sai de manhã:::.... e não tem nem tempo::: de conversar com os filhos...
- M. e o filho precisa da::: da::: da mãe... né? principalmente pra dar
- 1775 educação necessária pra:::.. pra... aconselhamento::: né... principalmente né muito diálogo com o filho né e então a mãe né se a mãe não tiver o tempo disponível para o filho::: quem vai ter? o pai ele TEM que sair pra trabalhar...
- H. inclusive o ensino de escola...
- 1780 M. ele é o chefe principal da família né?...
- H. a pessoa precisa... a criança precisa né? não só na escola e estudo tanto em casa a mãe pode ensinando né? dar uma

orientação né? então trabalhando né vai ficar mais difícil...

- M. agora é lógico que numa situação de hoje né a mulher ela acha
1785 que tem de sair pra trabalhar se a situação está difícil mas muitas
mulheres não é porque a situação está difícil ou porque o filho
está dando muito trabalho entendeu?... tem muitos que fogem
disso né... agora eu por exemplo não penso assim né...

casal no.13

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 1790 H. eu acho que desde que nós temos condições pra ela ficar a
nossa criança ser criada com ela pra nós é melhor...
- eu uhum...
- H. eu acho dessa forma...
- eu o que você acha?...
- 1795 M. ah... eu acho que a mulher não deve trabalhar fora não...
- eu você já trabalhou alguma vez?...
- M. já... mas quando solteira... de casada não...
- H. isto porque a gente tem notado assim::: que nem eu e ela a gente
tem ... oito anos de casado... né... oito anos::: nesses oito anos a
1800 gente tira uma base em vista de outros casais...
- eu uhum...
- H. a gente se baseia em outros casais...
- eu como?...

- 1805 H. se baseia né.... assim temperamento::: a gente analisa assim... as
 pessoas e a maior parte dos colegas da época que nós casamos
 né... até hoje aqueles que as mulheres trabalharam foram os que
 tiveram mais problemas na família...
 eu por que que tiveram problemas?...
- 1810 H. em parte de separação né::: todos casais que a gente tem
 analisado a maior parte...
 eu e daí?...
- H. é acabaram separando... descontrola...
 eu e geralmente descontrola por quê?...
- H. é vai da cabeça de cada um...
 1815 eu uhum...
- H. vai da cabeça de cada um porque a gente vê hoje em dia... aí na
 falta de confiança das pessoas de uma e da outra...
 eu uhum...
- H. até entre o casal hoje em dia já não tem mais aquela confiança
 1820 que tinha antigamente...
 eu uhum é isso mesmo...
- H. já casa e já casa com umas liberdades achando que deve ter
 ((risadas de pessoas que estavam por perto)) e não é assim e
 depois que vai é::: é que a gente vai eu acho assim...
 1825 eu uhum...

casal no.14

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- M. a mulher tem que trabalhar fora... a mulher que fica em casa o dia inteiro só enche o saco do marido...
- eu uhum...
- 1830 M. fica só encasquetando coisas na cabeça e além de tudo fica rabujenta...
- eu você trabalha fora::: e o que acha?...
- M. ah eu acho que se a gente puder é bom trabalhar fora...
- eu uhum...
- 1835 M. um pouco...
- eu mas a senhora não trabalha fora?...
- M. não eu não trabalho::: já trabalhei em muitas coisas...
- eu e o que o senhor acha?...
- H. ah eu a mesma coisa... eu acho que precisando é muito bom...
- 1840 M. mesmo que não precisa é bom...
- H. tem gente que gosta de trabalhar...
- eu uhum...
- H. porque como não é o meu caso::: ela aqui nunca trabalhou... não precisou... e porque a família era muito... grande::: bastante
- 1845 filhos então...
- eu tinha que cuidar dos filhos...
- H. tinha que cuidar dos filhos ah.... na era antiga né sim o homem

achava que era o machão e a mulher não devia trabalhar::: mas na era de hoje não::: é normal a mulher não quer ser igual aos homens?.. então é que vá trabalhar é tudo igual ... é aí que está o problema... ((comentário))

casal no.15

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- M. eu concordo::: concordo muito com isso porque eu sempre trabalhei...
- 1855 eu uhum...
- M. agora fazem onze anos que eu não trabalho e eu sinto muita falta de não trabalhar só não trabalho mesmo porque tenho assim as crianças muito pequenas...
- eu uhum...
- 1860 M. agora mesmo eu estou com dois períodos assim de escola::: né? eu concordo bem com isso porque ajuda bem no orçamento do lar né? e também mulher pra trabalhar também eu acho que ... o marido... eu penso assim que se a gente trabalha o marido também pode ajudar a gente... assim no lar...
- 1865 eu o que o senhor acha?...
- H. ah eu?...
- eu é...

- H. também concordo::: né... eu acho::: acho que deve trabalhar também fora pra também ajudar o marido...
- 1870 eu de um modo geral assim não dá nenhum problema?...
- H. ah eu acho que não dá problema não...
- M. eu penso assim:::... porque... porque depende... assim também da mulher...
- eu uhum...
- 1875 M. tem mulher que trabalha pra fora e traz problema assim né deixa o serviço de casa não sabe assim ter controle no serviço de casa e então daí mistura tudo...
- eu uhum...
- M. e às vezes traz problemas sabe assim que a mulher quer passar
1880 assim... na frente do marido porque ela trabalha, né?...
- eu uhum...
- M. ter mais autoridade tudo mais... mas do contrário que nem aqui eu... eu quando eu trabalhava sempre obedeci sempre fui submissa sempre obedeci::: agora tem mulher que não::: que vai
1885 trabalhar pra fora e tem outras que não concordo e tem homens que a mulher vai trabalhar e ele fica cruzando os braços...
- eu e o senhor concorda?...
- H. é eu concordo é às vezes dá problema mesmo::: depende das pessoas da mulher dá problema em casa... né por causa do
1890 serviço de casa... às vezes deixa o serviço sem fazer porque está trabalhando fora::: né? aí começa né... com problema...

casal no.16

- eu** o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H.** eu particularmente acho uma boa... né?...
- eu** é?...
- 1895 **H.** como marido e:::... não só como marido mas também como homem né? eu acho uma boa porque a mulher... conquista o espaço dela né?...
- eu** uhum...
- H.** ela sai da dependência do marido... entendeu? e outra também a
- 1900 **H.** mulher dentro de casa sempre fazendo a mesma coisa nunca está bem humorada sempre tem algum probleminha porque ela está sempre saturada daquele servicinho que está sempre fazendo dentro de casa... agora::: se ela sai pra fora pra trabalhar não...
- eu** sua mulher trabalha fora?...
- 1905 **H.** não... não trabalha fora::: né porque::: porque não tem condições... por causa da::: da criança né? por causa da nossa filha... a gente não::: a gente até agora a gente não achou um esquema pra::: pra::: poder::: a minha mulher trabalhar fora e a minha filha ficar numa boa... né?...
- 1910 **eu** e o que você acha?...
- M.** eu acho bom... mas que tenha a cooperação... também do homem.... né? porque ::: a gente trabalhar a semana inteira e daí chega o final de semana ter todo serviço pra fazer e isso e aquilo

- e daí chegar na cara da gente e falar assim... você não quis trabalhar pra fora... agora agüente as conseqüências... eu acho bom...dar uma areja:::...da na cabe...ça... aí também tem que ter a cooperação...né...
- 1915
- eu uhum...
- H. apesar que eu nunca falei isso ehm::: nunca falei isso...
- 1920 M. não falou::: não falou mas... mas não ajuda...né? dá no pé... mas acha futebol pra jogar...
- H. e outra... também eu não exijo nada... eu não faço nada... sabe se::: eu se eu chego em casa e alguma coisa está sem fazer::: eu não sou daqueles caras que fica apurrinhando... pegando no pé... eu não... se tem alguma coisa pra fazer porque::: algum motivo teve pra ela não fazer... então::: eu não exijo nada... não faço nada... até nessa parte eu sei que eu não sou chato... muita coisa eu sou chato... mas nessa parte assim de ficar forçando a mulher a fazer certas coisas do serviço dela porque eu acho que
- 1925
- 1930 cada um tem sua responsabilidade então::: não precisa de eu ter que::: falar as responsabilidades da... da minha mulher... ela sabe... pô::: não há necessidade de falar...
- eu você acha isso também ?...
- M. é porque eu já trabalhei fora...
- 1935 eu e deixou de trabalhar por quê?...
- M. porque ela nasceu...
- eu e gostaria de voltar a trabalhar...

- M. a sim eu pretendo voltar trabalhar...
- H. assim que a gente arrumar... achar... montar::: um esquema pra
- 1940 A.M. ela vai voltar trabalhar sim...oh porque é uma boa e
outra porque ajuda...

casal no.17

- eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora... dá problema?...
- M. dava::: antigamente dava problema... agora não dá mais...
- eu por que dava problema?...
- 1945 M. porque ele era cabeça dura achava que eu saia pra trabalhar pra
fora::: e::: eu ia fazer coisas outras coisas entende:::.... agora a
cabeça dele mudou::: agora ele não liga agora ele mudou... já
falei... fala o que você pensa....
- H. falar o quê?...
- 1950 M. agora ele ele não liga de eu trabalhar pra fora... agora posso
trabalhar ele acha até bom...
- H. ah... esses lados aí::: né::: né::: me::: meio assim né? e outra...
era::: né um pouco também por começo de casamento aquele
ciumi:::inho de marido aquele ciuminho fal:::so sabe::: né?
- 1955 ciumi:::inho... agora::: agora não ela trabalha pra fora e eu faço
meu serviço e ela quando pode ajuda em casa e quando eu não
posso comprar ela tem seu próprio dinheiro pra comprar as

coisas que ela quer... porque essa daí ((aponta para esposa))
ela gosta de inovar sempre gosta bastante de novidade... mas
1960 tem muito homem que não deixa a mulher trabalhar pra
fora...creio que seja porque ele é o homem da casa e a mulher
tem que fazer serviço dentro de casa... Aí vem o machismo...

casal no. 18

eu o que vocês acham da mulher trabalhar fora?...

H. bom::: bom eu... eu analiso o seguinte... depende das condições
1965 da mulher e da necessidade da família... no meu modo de
pensar::: porque se a mulher ela se ela não tem estudo então eu
acho que às vezes a pessoa no caso daquele caso que eu disse eu
sempre falo eu tinha duas pessoas que eu gostava::: que era
minha sogra e minha irmã... então elas trabalhavam... minha
1970 irmã trabalhava em fábrica e minha sogra trabalhava em casa de
família...chegava no sábado que era dia delas descansarem elas
reclamavam elas tinham que lavar roupa... limpar a casa... então
elas xingavam enquanto elas estivessem fazendo o serviço...
então praticamente elas passavam o sábado o dia inteiro e
1975 depois o domingo é que tinham um lazerzinho... então eu
comecei... achava que isso aí sempre botei isso na cabeça e
depois que eu casei... eu achei que não adiantava... primeiro...

- 1980 porque a minha mulher não tinha estudo nenhum e ia ser doméstica e pra ser doméstica ela ia fazer tudo aquilo que ela faz na casa da patroa no decorrer da semana e ia fazer no fim da semana e ia ficar xingando... aturar::: esse tipo de coisa então eu acho que apertado por apertado... não vai trabalhar pra fora...
- M. ((risadas)) eu acho que a mulher tem tem que trabalhar pra fora ela tem necessidade de ela sair fora pra trabalhar... tem
- 1985 necessidade... eu acho que ajuda que ajuda no orçamento... ajuda porque é caso específico... está certo... esse aí ((aponta para o marido)) ficou duas vezes desempregado nós não passamos necessidade... se eu falar que passamos necessidade eu minto mas pô eu segurava a barra se eu estivesse trabalhando
- 1990 fora... na cabeça eu pensava... ele está desempregado mas eu estou empregada o pouco que eu ganhava já dava pra::: né? mas esse cabeça dura aí::: não não::: não::: e não...
- H. será que todas essas doenças que ela tem se ela trabalhasse pra fora ela teria...? ela não teria...? eu creio que teria a mesma
- 1995 coisa... então por exemplo essas coisas que ela tem aí é nada não é de cabeça é tudo físico então se... se ela estivesse trabalhando ou não estivesse trabalhando::: ela teria igual... por que é tudo físico... então não é cabeça não::: se fosse cabeça então podia dizer é porque ela não trabalha fica pensando muito
- 2000 dentro de casa porque não trabalha então ela está com problema... mas eu creio que não.... esses problemas aí não tem nada a ver uma coisa com a outra...

casal no.19

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 2005 M. ah::: eu acho muito bom porque a mulher ela:: ela se torna independente... acho que a mulher já sofreu muito porque ela era dependente do homem... né? acho que ela já sofreu muito por causa disso... agora ela não sofre mais... se bem que tem muita separação... muito rolo... se bem que a mulher hoje em dia não aguenta mais o desafio do homem... então vai trabalhar
- 2010 se quiser aprender direito...ela sabe viver... estou cansada de ver essas mulheres sozinhas criando os filhos e passando maus momentos...
- H. eu acho que é uma boa::: né? no caso ajuda mais em casa...
- 2015 M. sem contar a ajuda né? que a gente dá... eu acho também que o serviço doméstico ele enjoa... né? todo dia cedo aquilo... todo dia aquilo... ver pessoas e coisas diferentes...
- eu você trabalha fora?...
- M. eu trabalhava...
- 2020 H. pra mim em hipótese nenhuma... pra mim tanto faz sou livre... automaticamente livre... tanto faz ...
- M. eu também acho bom a mulher trabalhar fora...
- eu a senhora trabalha fora?...
- M. não::: eu já trabalhei muito...
- H. eu::: no meu ponto de VISTA::: não seguro ninguém.... se a

- 2025 mulher é independente o homem principalmente::: ele é muito
mais ainda...o homem sempre é homem... ele está em toda
parte::: ele joga em qualquer campo... agora a mulher NÃO
joga... o que o homem joga::: ela não joga e pronto...
CONCORDA? eu entro em qualquer campo e sei... agora ela
- 2030 não sabe... quer ver só? tem mulher mecânica... tem? tem
mulher motorista... tem? viu só?...
- M. tem mecânica sim... não existe área que não existe mulher...
- H. tem mulher marceneira::: lustradora::: tem? muito bem::: eu
sou.... tem mulher abastecedora? tem:::? tem:::?...
- 2035 M. tem::: tem sim... no posto tem... é geral::: é geral até no exército
tem::: é geral... a marinha pega mulher a aeronáutica pega
mulher... o exército pega mulher... o bombeiro pegou mulher...

casal no.20

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. a mulher é muito bom ajudar o marido... né? porque o salário é
- 2040 uma mixaria... né? é pouco mesmo então eu acho que a mulher
tem que dar uma mãozinha pro marido...
- M. eu acho que o trabalho faz bem... principalmente pra mulher
desenvolver bastante a mente que faz a gente esquecer de muitas
coisas de muitos problemas::: eu acho que a melhor coisa é o

- 2045 trabalho...
- eu a senhora trabalha fora?...
- M. trabalho... eu::: porque pra mim::: eu::: me sinto... sabe na hora que eu saio pra trabalhar::: parece que eu ganhei na loteria...
- H. ah::: em casa dá uns probleminhas sabe como é que é mas a gente contorna e vai vivendo...
- 2050

casal no.21

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. bom... na atual conjuntura como é que está... salário baixo é preciso... é preciso trabalhar...
- eu. sua esposa trabalha?...
- 2055 H. ela trabalhou::: no momento ela está parada porque não achou um local de trabalho...
- M. na realidade eu nunca trabalhei fora porque nunca precisou bastante de eu ir trabalhar fora... mas se tivesse que trabalhar... né?...

casal no.22

- 2060 eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. ah eu não vejo nada de errado a mulher trabalhar...
- M. tem tanta mulher que trabalha...

- 2065 H. isso desde que haja necessidade da mulher trabalhar eu acho que ela deve trabalhar sim... não é porque eu acho que o homem o homem vai falar... assim não... eu não preciso... o que eu ganho é suficiente pra mulher... eu acho que é errado a mulher não precisa trabalhar... eu acho errado... desde que ela não tenha muito compromisso em casa que nem lá em casa não... lá em casa não tem condições dá problema... mas... graças a Deus a gente está controlando e... não precisou mas se precisar trabalhar eu até não sou contra... não...
- 2070 M. porque hoje em dia quem não precisa?...
- 2075 H. se precisar... se precisar às vezes eu vejo... muita mulher trabalhando tem muitas pessoas que não gostam mesmo... mas eu já acho errado... as pessoas devem fazer o que elas sentem melhor... o que ela gosta e o que ela vê que está fazendo bem pra ela... se ela necessita mesmo trabalhar... tudo bem... eu deixo ela trabalhar...

casal no.23

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 2080 H. de um modo geral é conveniente a mulher trabalhar fora por que ela ajuda sempre o marido... né? só que aí varia um pouco... né? porque tem marido que não gosta que a mulher trabalhe fora... tem uma série de coisas... problema de mulher

- 2085 chegar tarde em casa e o marido às vezes desconfia da mulher e aquelas coisas::: né? que abrange o mundo de hoje... mas se tratando de ela ajudar a família em si... é bom a mulher trabalhar eu acho... na minha opinião a mulher ajuda o marido dentro de casa...
- M. eu sou da mesma opinião dele...
- 2090 eu você trabalha fora?...
- M. não... ele não deixa::: eu já trabalhei quando de solteira mas no momento não trabalho... não tenho com quem deixar... ela ((aponta para a criança)) né? então pra mim fica difícil... na vila em que a gente mora não tem nem condições de deixar a
- 2095 criança ir pra escola sozinha::: não dá...

casal no. 24

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. eu deixo ela trabalhar fora... se ela tiver condições de... por exemplo se a mulher é casada ela tem com quem deixar as crianças então eu acho que é possível ela trabalhar::: nós...
- 2100 minha esposa nunca trabalhou pra fora... não é que eu não deixei::: não quis que ela trabalhasse mas é em função das crianças::: nós temos três filhos::: hoje ela fala pra mim se a gente tivesse pensado um pouquinho mais::: antes... se tivesse colocado as crianças numa creche ela teria trabalhado... eu não

- 2105 *oponho à mulher trabalhar fora... tendo a cabeça no lugar não tem problema...*
- M. eu::: eu eu acho que a mulher tem os mesmos direitos que os homens... nós temos que brigar pelo nosso espaço pra atingir o nosso objetivo::: que esse negócio da mulher ficar de braços cruzados não dá... eu ajudo quando posso...
- 2110

casal no.25

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- H. eu acho uma coisa boa porque eu creio que a vida da mulher ficar o dia inteiro em casa prejudica ela em vários sentidos::: creio que ela tem mais realização trabalhando fora ela se sente bem mais útil à sociedade e fica mais alegre até:::.... eu creio porque o ambiente dela vai variando bastante... eu creio que é ruim... eu me coloco no lugar se eu tivesse que ficar o dia inteiro em casa seria difícil pra mim::: por outro lado tem um prejuízo que é na questão da educação dos filhos.... mas eu creio que isso pode ser ajeitado... pode ser contornado de alguma maneira... mas eu acho mais benéfico do que maléfico...
- 2115
- 2120
- M. eu creio que em princípio a gente trabalhando fora a gente vai pôr em prática aquilo que a gente quis::: aquilo que a gente aprendeu a gente não estuda à toa...
- 2125

- eu. o que você estudou?...
- M. eu fiz auxiliar de enfermagem e pretendo continuar estudando e eu trabalho no C. S. C. E... então a gente se sente melhor... se sente realizada fazendo aquilo que a gente gosta... não que o
- 2130 serviço de casa seja ruim mas eu acho que assim a gente não fica muito tapada... porque a mulher se ela fica muito dentro de casa ela não se desenvolve... não aprende não muda o mundinho dela...

casal no.26

- eu o que acham da mulher trabalhar fora?...
- 2135 H. ah eu acho que a mulher que trabalha fora simplesmente eu acho que ela é assim uma pessoa que está procurando ajudar e se desenvolver como todo ser humano tem direito... né? acho que tanto o homem como a mulher tem o direito de se desenvolver e de se filtrar dentro da sociedade da mesma
- 2140 forma... eu acho que::: que é positivo.... a minha esposa não trabalha porque tem as crianças todas pequenas... né? mas ah::: ah::: ah::: ah eu... eu acredito que se ela arrumar um serviço fora teria calibre disponível... não teria problema nenhum... eu deixo... eu deixo ela trabalhar...
- 2145 M. da outra vez que eu estava trabalhando eu parei porque as crianças::: também né::: e por causa do almoço dele...((risadas))

H. é:: porque nesse caso...

M. se eu saio não dá...

H. é nesses casos também tem o caso que ela vinha... ela vinha por
2150 exemplo eu chegava e como eu trabalhava pertinho tudo::: mas
assim eu não tinha assim né um serviço sempre fixo... né? ela
não tinha se estabelecido assim numa empresa não era assim
uma registrada doméstica registrada que seja... porque pode por
que qualquer tipo de serviço da mulher fora que ajude em casa
2155 ou que ela tenha seu direito porque mulher geralmente...
reclama... oh::: oh::: se eu estivesse trabalhando com esse
dinheirinho aqui não ia te perturbar você fica me xingando eu
não recebo... tudo bem eu acho que elas têm o direito... quanto
a mulher que trabalha fora eu acho que é um negócio muito
2160 bonito e desde que não atrapalhe em nada... eu acho que desde
que a mulher trabalha fora é igual um homem::: né...? e se eu
acho que se sabe::: por exemplo o homem se quiser ser safado e
sem vergonha... porque às vezes muitos julgam isso daí::: o
homem se quiser ser... ser sem vergonha trabalhando ou não
2165 trabalhando fora ele é::: e a mulher é a mesma coisa::: é ou não
é? eu faço objeção nisso daí porque por exemplo ela é::: é::: é
agora a gente está numa fase... ainda vamos criar as crianças e
deixa daqui uns dias taí::: aí::: aí quando que eles tiverem já::: já
automaticamente ela vai e com o tempo as crianças vão se

2170 amadurecendo um pouco mais ficando mocinhos:: ah:: ah:: ah
vão ser donos de si um pouco mais.... vão se virar sozinhos aí
ela também pode... pode trabalhar::: aí eu deixo::: aí não tem
problema nenhum...

DEPOIMENTOS - BAIRRO DE CLASSE MÉDIA

informante no.1

eu o que o senhor acha da mulher trabalhar fora?...

2175 H. bom... na minha... minha opinião ela não começa a partir do
momento que... que a MULHER que trabalha fora ela começa bem
desde antes do INÍCIO não é?... é como eu vejo a mulher como
eu estava dizendo pra você minha formação é uma formação
machista... eu quando eu me casei... por exemplo... eu::: eu...
2180 não aceitava que a mulher trabalhasse fora né?...

eu uhm...

H. mas::: tanto é que a verdade que ahm no... caso eu assumi... ela
é professora... e queria começar a lecionar mas::: com a vinda
DOS FILHOS a coisa mudou... então:::.... eu trabalhava e ela

2185 cuidava da casa... mas isso foi feito um acordo entre eu e ela...
que quando as crianças atinGissem uma idade de quinze anos...
aí::: sim... ela voltaria a lecionar... na minha vida deu tudo certo
porque nesse período ela prestou conCURso... né?.. ela passou
no Estado::: esperou vir a vaga e QUANdo ela comeÇOU... a
2190 trabalhar... ela já estava numa idade de trinta e cinco anos... aí...
eu volto pro lado machista::: quer dizer aonde.. onde o ciúmes...
já era mais controla:::do... entendeu? tanto de um lado como do
outro... porque na verdade... o lado do ciúmes existia também
por parte dela... no meu trabalho certo?.. existia por parte dela e
2195 muito grande... às vezes ela não aceitava o fato falava ah... mas
você tem secretária né?.. ah::: mas você levou ela pra casa dela
né?... então existia esse fato né?.. imaGIne se ELA trabalhasse e
eu sendo um camarada machista eu não iria aceitar esse fato...
HOJE eu aceito com tranqüilida:::de... hoje a minha opinião é de
2200 que o homem que prende uma mulher é assim um meio
assassino... um meio assassino... eu acho que a mulher DEVE
trabalhar deve trabalhar... por que ela é uma pessoa... é um ser
humano:::.... embora eu entenda né?... a coisa da seguinte
maneira... não DÁ CERTO entre o macho e a fêmea pra se
2205 entender a confusão toda que eu acho que muitos casais há esse
tipo de incompreensão... de separação é em razão disso daí::: é
vamos dizer eu... meu modo de ver... por que 50% disso É em

razão do trabalho... uma particularidade... hoje ela trabalha...
minha esposa trabalha de manhã e estuda à noite.... o horário é
2210 meio corrido... eu não estou jogando aí os::: os dois filhos
porque eles têm vida própria... eles trabalham e estudam... não
é?... mas vamos supor o lar e a casa como fica?... e o marido e
uma rotina como que fica?... é interessante... que embora eu
aceito hoje mas veja bem como é interessante... ela vai de
2215 manhã lecionar... volta a uma hora... não tem ninguém em
casa... a empregada... ela vai cuidar da casa e tudo mais...
quando é seis horas da tarde::: no momento que eu estou...
chegando::: e as crianças estão saindo pra depois ir pra
faculdade... ela está::: ela começa a fazer faculdade... ela está
2220 terminando a faculdade de Pedagogia... então no período de seis
horas à meia noite eu fico sozinho em casa... então::: veja... qual
é a minha rotina?... televisão::: geladeira::: né comer::: comer...
pipoca e esse... essa solidão que se sente pelo fato de estar:::
dentro de casa e ela estar fora... não É qualquer... pessoa que
2225 aceita não... daí a razão que como eu já falei pela própria idade
idade dela e minha hoje com quarenta e cinco anos vou ter que
ficar ali esperANDO... vendo a televisão... vou dormir mais um
pouQUInho você entendeu?... mas na verdade mesmo muito
poucos homens HOJE aceitariam uma situação assim... desse
2230 isolamento::: do lar... né?... então hoje sou dessa opinião acho

que a mulher é muito importante trabalhar... porque... é difícil
você segurar... segurar mesmo... um ser humano dentro de
casa... eu acho até meio crime isso daí... mas EU acho que NÃO
É FÁCIL um lar se manter com um isolamento dos dois...

2235 eu o que o senhor falou agora... o lado?...

H. o lado machista... o lado italiano... o lado de família não admite
que NENHUMA outra pessoa possa ahh... olhar os filhos em
função de tranquilidade... quer dizer... quando eu tinha um
trabalho de viagem... tinha que ficar fora de casa pra MIM era
2240 mais importante que ela ESTIVESSE no lar cuidando das
crianças pra me dar MAIS tranquilidade no trabalho... então em
COMUM acordo isso... ela deixOU de lecionar porque ela
esTAVA lecionando... partiu pras crianças pelo próprio
planejamento... bom dois anos depois vamos ter filhos...

2245 TEve... o filho cuidou dos filhos... zelou dos filhos... como uma
mãe DEve e preCisa zelar... só que chegou num ponto onde a
própria caBEça dela né?... as crianças com quinze anos... com
quatorze anos... a própria cabeça dela fala... bom e eu?... o
que... o que eu vou fazer agora?... então aí deu tudo certinho...

2250 né? quer dizer então ela passou no conCURso... e ela esperou...
veio né?... começar a lecionar... EU ACHO ATÉ que ela é uma
professora do modo antigo... é a PRÓpria professora que vive o
aluno entendeu?... que é uma professora que cumpre o que tem
que cumprir ela vive mesmo... acho que o ESTAdo está até

2255 bem servido nessa parte... no caso dela... então oh::: oh::: prá mim... eu SÓ admiti... admiti.. mesmo em razão disto... depois de uma certa idade ahn... o ciúmes já partiu... as crianças já estavam se virando sozinhas... né? quer dizer... então... né... não havia assim necessidade de tanta coisa... mas mesmo assim

2260 ESTÁ na cabeça dela a conscientização de que O L-A-R A-S C-R-I-A-N-Ç-A-S É R-E-S-P-O-N-S-A-B-I-L-I-D-A-D-E D-E-L-A... puramente DELA e eu CObro... cobro isso dela... entendeu?... ela PODE pedir dinheiro pra pagar isso... pra pagar aquilo.. isso é uma parte minha... mas DO lar... do lar por

2265 exemplo... se é uma torneira é responsaBilidade DELA... os FILHOS... é responsabilidade DELA... se o menino falou ah... vou vir às onze e chega à meia noite... então::: aí é::: É responsabilidade DELA...

eu uhum....

informante no.2

2270 M. bom o que eu acho né?.. ehm... eu acho importante::: eu acho imporTANTÍssimo... se eu tivesse que fazer novamente essa escolha... eu ia trabalhar fora de qualquer forma... se ia haver atrito?... é LÓgico que ia haver atrito porque... a... forma do homem pensar né?... o homem é egoísta nesse sentido né?...

2275 acha que a mulher tem que ficar à disposição... tudo... né?..
então... eu acho que aí acomoda mais o homem::: né?.. chega
num ponto também... na vida da gente né?... que as coisas
começam ficar mais difíceis... porque os filhos começam
sair... a ter a vida deles e você começa se sentir inútil... então eu
2280 acho que pra mulher é importanTÍssimo ela ter um trabalho e
isso sem dúvida:::... agora... né::: é LÓGICO que você vai
encontrar atrito com o marido ATÉ ele se acertar... o meu
mesmo... demorou muito tempo pra ele... sabe::: às vezes ele
também questiOna... ele reCLama e daí depois passa um tempo
2285 ele esquece... quer dizer isso vai ser sempre assim... mas mesmo
ELE.. eu sinto... que ah::: ah... tem uma valorização muito maior
da parte dele... com relação a MINHA pessoa:::... A partir do
momento que eu comecei trabalhar... porque aí:::... ELES
começam a senTIR... por exemplo:::... está faltando tal coisa
2290 porque a mulher não está em casa:::... né?.. se ela estivesse aqui
seria diferente... então SÓ... pensar dessa forma você já sente
que a sua ausência está sendo sentida... e que VOCÊ é
importante... você entende?... agora EU acho que eu me sinto
BEM melhor porque... por exemplo... eu parei muito TEmpo...
2295 né?... quando as crianças eram pequenas eu ficava em casa mas
eu acho que se eu fosse continuar naquele ritmo eu podia ATÉ
enlouquecer... porque você pensa assim mil coisas... sabe? você

entra assim numa paranóia que NEM existe... você fica assim pensando... né?... e quando você está fora... né?... você esquece totalmente esse lado:::... que você precisa se preocupar com o marido... o que ele possa estar fazendo... então começa te dar aquela angústia... aquela insegurança... o que será que ele está fazendo agora... então quando você passa a trabalhar... eu estou citando um dos fatores... certo?... você nem lembra o que que o marido está fazendo se deixa de... de... ou o que ele possa estar fazendo você nem se preocupa mais com::: esse lado porque as coisas que você aquilo que você está fazendo são muito mais importantes... você está se sentindo muito mais útil ali... então eu acho que ajuda MUITO também né?...nessa parte o fato de você estar fora de casa ajuda... e muito... eu acho que eu não conseguiria mais HOJE... por exemplo... mais ficar dentro de casa o tempo inteiro... por que eu vejo agora nas férias... eu estou sentindo que está faltando alguma coisa pra mim... a gente já começa pirar... você começa a ficar angustiada...

informante no.3

2315 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. acho que é uma boa... deve ehn... colaborar com as finanças do lar... na situação atual do Brasil pra muita gente isso aí provavelmente será até... um... um... uma coisa obrigatória...

informante no.4

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

2320 H. eu não tenho nada contra a mulher que trabalha fora... MAS eu não gosto de assumir as tarefas da mulher no lar... portanto eu acho que... SE o casal tiver condições de::: de ter uma BOA empreGAda e... e... de a mulher de certa forma ser substituída nas tarefas domésticas então tudo bem...

informante no.5

2325 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

M. acho que é bom trabalhar fora ahm... tanto do ponto de vista de realização pessoal::: como... pela necessidade econômica atual... quer dizer... esta crise que estamos vivendo que não é de hoje... agora:::... acho que às vezes é BEM difícil conciliar o papel de
2330 mãe... e de trabalho fora de casa... NÃO SÓ quando se tem filhos pequenos mas até quando eles são jovens... a ausência prolonGADA da mãe fora de casa acho que pode trazer danos...

informante no.6

eu e daí o que você acha da mulher trabalhar fora?...

M. porque a mulher bom... pelo menos eu vou dar a minha opinião

- 2335 no meu caso em particular... eu acho que... que seria bom... no meu caso se eu tivesse assim... um tempo em que eu trabalhasse fora... onde eu pudesse ter amizades e conversas e coisas alheias ao assunto caseiro e um tempo que eu pudesse ficar em casa... cuidando da casa e atividades... que eu gosto... por
- 2340 exemplo::: manuais::: coisas desse tipo... então eu gostaria de ter as duas atividades.... porque eu trabalho... mas trabalho em casa então... eu preciso de sair... de... de conversar... e eu acho que isso é importante... mas não que::: que o tempo todo... só trabalhe fora... eu acho que tem que ficar um pouco em casa
- 2345 pelo menos no meu... na minha maneira de ser::: eu gosto... de ficar um pouco em casa...

DEPOIMENTOS NA PERIFERIA

informante no.1

- eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- H. ah... bom... eu sou::: sou.... ah eu SOU:::..... contra...
- eu por que?...
- 2350 H. porque eu não sei... sei lá eu acho que desde que ela casa ela quer casa né? ela quer casa mesmo:::.... não sei bem... se ela quer emprego não:::.... acho melhor ela quer ficar em casa e

cuidar da casa mesmo... mulher trabalhar?... mesmo só em último caso né?...

2355 eu pra ajudar com o dinheiro?...

H. não sei se é pra ajudar com o dinheiro... tem umas que já é:::... que já trabalham de solteira né::: então continuam trabalhando né::: certo? mas acho que depois de casada::: depois... depois de um tempo parada em casa por exemplo depois de cinco anos sentir necessidade de trabalho? oh:::... oh né? talvez não seja assim... necessidade de trabalhar é::: enjoou de ficar em casa...

2360

eu uhum...

H. agora eu não sei né? o pensamento:::... né? tem que ver o pensamento da mulher... né?...

informante no.2

2365 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

M. na minha opinião eu gostaria de trabalhar fora... eu parei de trabalhar pra casar e depois nunca mais voltei né... porque meu marido não gosta... não aceita::: sabe de jeito nenhum::: mas se dependesse de mim eu gostaria de trabalhar sim...

2370 eu por que ele não aceita?...

M. porque ele acha assim né::: que toda mulher que trabalha fora é cantada sabe assim arruma outro homem ... essa é a opinião dele né? então ele acha que mulher tem que ficar dentro de casa a

OBRIGAÇÃO dela é ficar dentro de casa tem que trabalhar em
2375 casa... cuidar de filho... isso pra ele é importante...
eu jóia!...

informante no.3

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. dois sentidos...ela tem que ter uma profissão só pra ela trabalhar
fora... não arrumar uma profissão extra... e respeitar o horário
2380 pelo menos da casa... e... e o respeito pela família toda... ela é:::
é importante ela trabalhar mas uma vez que ela exerça uma
profissão SÓ não::: não misturar a dela com as extra... extra...

eu o que são essas extra extra?...

H. acho... ora... que a senhora é mais inteligente do que eu...

2385 eu uhm::: está bom...

H. PRINcipalmente... princípio de horário... é::: é... um sufrágio
muito forte muito grande... para o casal... a mulher começa
trabalhar um mês... no outro mês muda o horário... chega
depois de quatro ou cinco meses aí vem... aí se ela chega às
2390 sete... começa... é passa às nove da noite::: então ela mudou...
de profissão...

eu ahn...

H. ela emendou né... a profissão juntou dela... e... da... perso...
personalidade dela mesmo... ela está jogando tudo fora... tem

2395 que ter a cabeça muito no lugar... eu DOU direito da mulher
trabalhar fora e ser digna e ser respeitada... mas nas seguintes
condições... uma vez que ela resPElta... o próprio lar... o
próprio marido... ou seja companheiro... ou seja demasiado...
ou seja lá o que seja é muito importante... eu acho...
eu tudo bem....

informante no.4

2400 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. eu acho que não deveria... desde quando o homem tivesse
emprego certo tivesse um país que tivesse um governo... assim
né?... que ajudasse eu acho que não deveria a mulher trabalhar
que o marido daria pra sustentar... igual eu sou hoje... não sei o
2405 dia de amanhã... hoje graças a Deus eu ganho bem... da pra mim
viver né... mais ou menos... mas eu acho que se fosse um
governo que desse emprego pra todo mundo eu acho que a
mulher devia cuidar das crianças e do lar... NÃO trabalhar fora
mesmo... né?...

informante no.5

2410 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

- M. é muito importante...né?... é importante... assim não SÓ pelo dinheiro... mas... também pelo dinheiro... se dá certo da gente ajudar em casa... comprar umas coisinhas pra gente... pros filhos... né? porque o marido ganha... e mal dá pra sobreviver...
2415 né? então se a gente trabalhando... se o filho vê um doce... mãe eu quero....poder pegar e comprar... ((conta a história do filho))
eu não dá problema em casa?...
- M. no começo assim ele ficou meio... assim... porque a mulher que trabalha fora assim... não sei o que... porque esse negócio assim
2420 de paquera e tal... né?... e quem tem que sustentar a mulher é o homem e tal... você não está passando fome... ((conta a história do casal))... graças a Deus não está faltando nada é que ele começou a trabalhar por conta... né... não entra dinheiro e ele está apenas comprando material... né?... então quem está...
2425 praticamente sustentando o filho.... né.... sou eu né.... ((continua contando a história da vida))...

informante no.6

- eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- H. ah... do jeito que a gente está num país que não dá pra trabalhar e sobreviver então né a mulher tem que trabalhar APESAR de
2430 que pelo conceito da gente... do homem pela posição que a gente é machista... a gente fala não... não... não vai trabalhar

mas chega uma hora que você é obrigado:::... a própria situação
força você ahn... a você deixar a mulher trabalhar... não deixa
é... é... é o normal ela vai ter que trabalhar mesmo não tendo
2435 jeito...
eu pois é...

informante no.7

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

H. ah... a gente... pelo menos aqui no Brasil... a gente não gosta que
a mulher trabalhe fora... porque::: geralmente de berço... a gente
2440 já vem doutrinado... a bem dizer pra ser um machão... a gente
no começo... a gente não... não... gosta mas o problema é a
necessidade... a necessidade obriga a gente a aceitar... por
exemplo se eu tivesse condições... né... acho que eu não... não...
DEIXARIA no meu pensar eu não deixava MESMO...
2445 eu não deixava por quê?..
H. ah... sei lá assim né?... assim... a vivência que a gente vem... dos
passados da gente... dos pais... então... quer dizer... é uma coisa
que a gente quase::: que a gente pensa... eu levei ela pra casa...
eu casei com ela... eu tenho direito e eu sou dono dela... então
2450 quer dizer... que a gente pensa... eu sou... eu faço... o que na
realidade é completamente diferente... a gente acaba:::... acaba
concordando que a gente precisa da ajuda dela assim... no

2455 ensinamento... assim é parte da mulher as crianças... tudo... que nem esses tempos agora a gente está sem serviço... o que está segurando um pouco a barra é ela trabalhando...

informante no.8

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

2460 M. eu acho interessante assim... a mulher trabalhar fora... a gente fica mais independente... né? a gente... eu no começo... né... meu marido não gostava... né... ele achava que a mulher trabalhar fora né... que nunca ia dar certo... dar conta do serviço de casa e essas coisas:::.... mas eu::: eu... adoro trabalhar sempre gostei e eu enfim::: acho que eu sou independente... tenho meu dinheirinho...

eu e não dá problema em casa?...

2465 M. não::: quer dizer... no começo deu... no comecinho... deu problema... ah... porque ele achava que a gente ia sempre reclamar que estava cansada e as crianças iam ficar jogadas... aquelas coisas que homem pensa... que a gente não ia dar conta... ia chegar de noite a mulher ia falar ah::: estou cansada:::.... né... sabe né... e que isso acontece né... mas agora é o contrário::: ele dá graças a Deus porque o dinheirinho ajuda muito... porque só o homem só::: não dá não...

2470

informante no.9

- eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- H. ah::: eu acho normal né... desde que ela decide trabalhar e
2475 respeita... não porque acho que tem gente::: tem marido mesmo
que tem desconfiança... tem marido que não deixa a mulher
trabalhar porque não tem confiança... né::: na mulher.... né::: eu
acho que aquele que tem ou aquela que precisa acho que é
normal... é isso aí:::...

informante no.10

- 2480 eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- H o que que eu acho da mulher trabalhar fora?... bom... né ela
não costurando pra fora... né?..
- eu o que? como costurar pra fora?...
- H. deixa pra lá... depois eu explico... mas::: mas... a mulher
2485 trabalhando::: precisando::: sabe hoje não é igual como
antigamente que você saia de casa e falava pra mulher cuida da
casa::: que eu faço a outra parte... então hoje você é obrigado a
se sujeitar... você não PODE ser machista... porque machista
demais hoje::: ganha chifre... o que eu acho então que pra
2490 ajudar em casa... no orçamento tem que trabalhar fora...né?...
eu sua mulher trabalha fora?...
- H. não::: mulher minha não... não.... só em casa...

informante no.11

- eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- H a mulher que trabalha fora eu acho que é então pra ajudar o
2495 marido... às vezes o marido ganha pouco então né... vou dar
uma força pra você... eu acho que é uma coisa comum mesmo...
eu acho que isso aí está comum aqui como em todo lugar né?
- eu sua mulher trabalha fora?...
- H. NÃO... MULher minha não trabalha não... trabalha fora não...
2500 nunca trabalhou graças a Deus até hoje... nunca:: nunca
trabalhou...

informante no.12

- eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...
- M. ah... eu acho certo a mulher trabalhar fora... né? porque ela tem
que ajudar o marido né dentro de casa... porque hoje em dia:::
2505 né... o homem só:::... trabalhando né... né... não está dando né...
né... nas despesas da casa... né?... a mulher trabalhar fora eu
acho que é uma ajuda a mais para o marido...
- eu você trabalha fora?...
- M. não... acho que não dá problema em casa... desde que ela queira
2510 ajudar o marido em tudo... em todas despesas... eu acho que não
daria nenhum problema... ela trabalharia fora normalmente...
cuidaria de tudo normalmente também eu gostaria de trabalhar

fora... viji::: viji::: mais do que eu falo para o meu marido deixar eu trabalhar fora viji:::.... porque ele é assim... meio machista né? ele acha que a mulher trabalhar fora já vai colocar chifre no homem... já vai achar outro homem lá fora... mas eu não acho que daria problema::: não... isso depende da consciência de cada um...

informante no.13

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

2520 M. meu marido... no começo até trancava a porta pra eu não sair porque ele não queria que eu trabalhasse fora porque a menina ficava na creche e ele achava que o pessoal lá da creche judiava dela... então... pra mim não ir trabalhar ele fechava a porta e::: e escondia a chave... pra mim sair::: eu tinha que pedir pra dona

2525 L ((sogra)) ir lá falar pra ele abrir a porta pra mim sair... mas agora::: agora já está::: está liberado....

informante no.14

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

M. não há nenhum problema não desde que ele tenha confiança nela ((risadas...)) não tem problema:::.... porque tem homem

2530 que não tem confiança...

informante no.15

eu o que você acha da mulher trabalhar fora?...

- 2535 M. olha pra gente que tem filho::: ah... ah... trabalhar fora eu acho que não é uma boa::: deixar os filhos por aí::: tem que ficar mais é em casa.... igual aqui mesmo... tem dia que eu quero trabalhar sabe::: pra ajudar... né? até esses dias eu estava nervosa... falei pra ele eu quero trabalhar pra poder te ajudar daí ele falou por que?... está passando fome?... eu não estou deixando faltar nada aqui... então não tem necessidade de você ir trabalhar fora? agora quando a gente tem necessidade tem que ir trabalhar...
- 2540 eu acho que dá problema de marido e mulher... sempre tem alguma coisa pra falar.... aqui mesmo::: se eu for trabalhar fora dá a maior confusão... nada como a gente dentro de casa:::.... ele sempre fala que o lugar de mulher é dentro de casa cuidando dos filhos::: nada::: nada de trabalhar fora...
- 2545 eu que tipo de confusão?...
- M. briga:::.... sempre briga... meu sogro até HOJE... fala que minha sogra não pode nunca... sair pra trabalhar... é de família.....